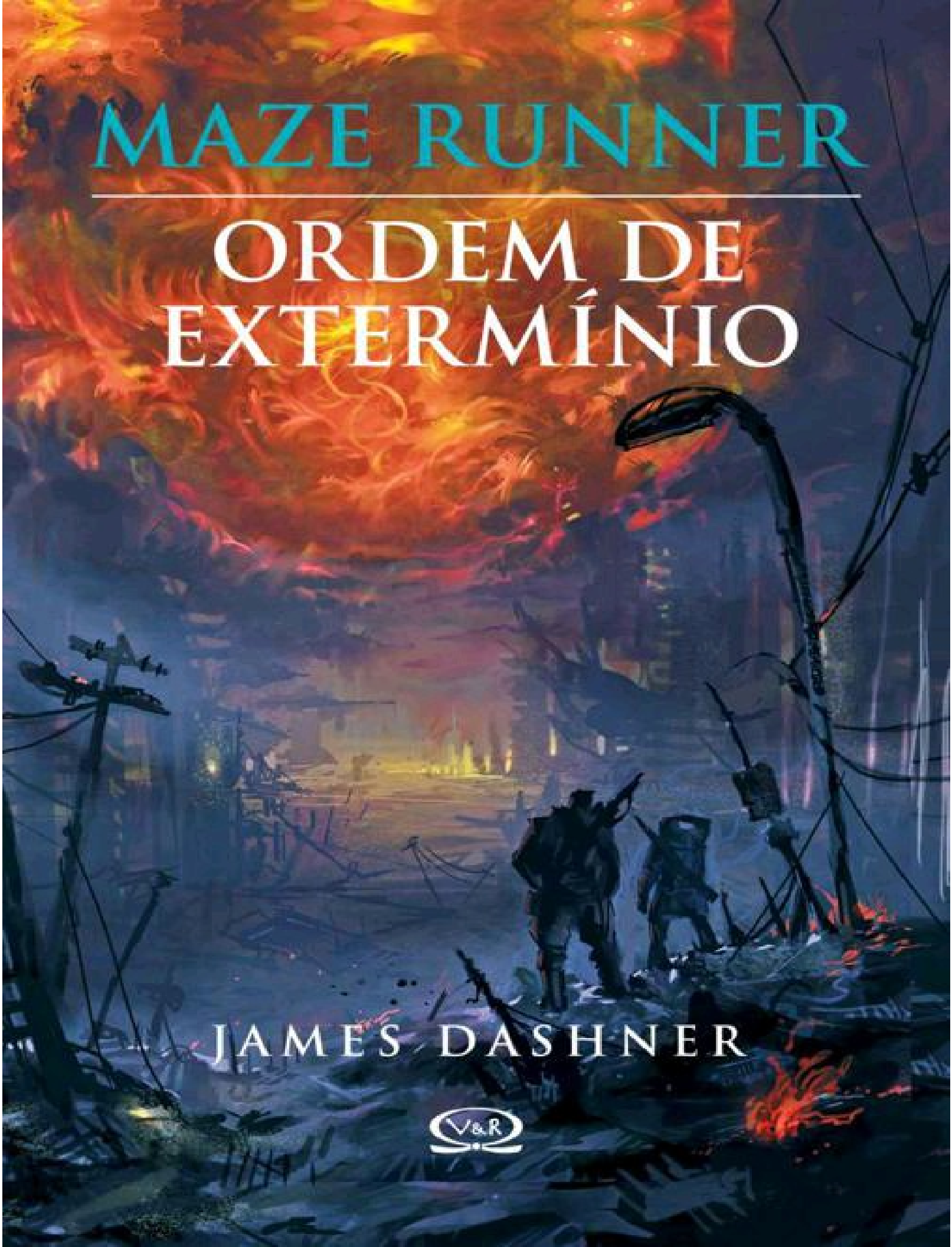

MAZE RUNNER
ORDEM DE EXTERMÍNIO
JAMES DASHNER
V&R

MAZE RUNNER

ORDEM DE EXTERMÍNIO

JAMES DASHNER

TRADUÇÃO: MAGDA LOPES

V&R EDITORAS

Editora: Flavia Lago
Editora assistente: Marcia Alves
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Bia Nunes de Sousa / Maria Alice Gonçalves
Direção de arte: Paula Fernández
Diagramação: Linea Editora Ltda.
Capa: Marcelo Orsi Blanco

Título original: *The Kill Order*

© 2011 James Dashner
© 2013 Vergara & Riba Editoras S/A
www.vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Capital Federal, 263
CEP 01259-010 | Bairro Sumaré | São Paulo | SP
Tel.| Fax: [55 11] 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-490-8

Impressão e acabamento: RR Donnelley
Impresso no Brasil • Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James
Maze runner : Ordem de extermínio / James Dashner ; tradução Magda Lopes. – São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2013.

Título original: Maze runner : The kill order.
ISBN 978-85-7683-490-8

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

13-02909 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Para Kathy Egan.
Sinto demais sua falta.

PRÓLOGO

Teresa olhou para seu melhor amigo e pensou como seria esquecê-lo.

A princípio, parecia ser impossível, embora já tivesse visto o efeito do Dissipador em dezenas de garotos antes de Thomas. Cabelos claros, olhos penetrantes e um constante olhar contemplativo – como aquele garoto poderia se transformar em alguém que não lhe fosse familiar? Como poderiam estar no mesmo lugar e comentar a respeito de algum cheiro desagradável ou zombar de alguém que tivesse um andar desengonçado nas proximidades? Como ela poderia ficar diante dele e não tomar a iniciativa perante a chance de se comunicarem telepaticamente?

Impossível.

E, no entanto, faltava apenas um dia.

Para ela. Para Thomas, era uma questão de minutos. Ele estava deitado na mesa de cirurgia, os olhos fechados, o peito subindo e descendo em uma respiração leve e regular. Já vestido com o uniforme obrigatório da Clareira, parecia uma foto do passado – um menino como tantos outros, tirando o cochilo habitual após um dia em uma escola comum, antes de as chamas solares e a doença terem transformado o mundo em qualquer coisa, *exceto* algo comum. Antes de a morte e a destruição tornarem necessário o roubo de crianças – e também de suas lembranças – e o envio delas a um lugar tão assustador quanto o Labirinto. Antes de se atribuir ao cérebro humano o nome de Zona de Conflito Letal e ele precisar ser observado e estudado – tudo pelo bem da ciência e da medicina.

Um médico e uma enfermeira haviam preparado Thomas e agora colocavam uma máscara em seu rosto. Ouviram-se cliques, silvos e apitos; Teresa observava enquanto os fios e os tubos de plástico deslizavam sobre a pele do amigo e eram inseridos nos canais auditivos de Thomas; viu quando as mãos dele se contraíram automaticamente nas laterais do corpo. De alguma maneira, devia sentir dor, apesar das drogas, mas jamais se lembraria disso. A máquina iniciou seu trabalho, extraindo imagens da memória de Thomas. Apagou sua mãe, seu pai e toda a sua vida. Apagou *Teresa*.

Uma pequena parte dela sugeria que se enfurecesse. Que berrasse, gritasse e se recusasse a ajudar um segundo a mais sequer. Mas a maior parte era tão sólida quanto as rochas fora dali. Sim, a maior parte dentro dela endurecera-se na certeza profunda do que sofreria logo depois, quando o mesmo fosse feito com ela. Ela e Thomas provavam sua convicção submetendo-se ao que havia sido solicitado aos demais. E, caso morressem, que assim fosse. O CRUEL encontraria a cura, milhões seriam salvos, e a vida na Terra algum dia voltaria ao normal. Teresa estava convicta disso bem dentro de si, tanto quanto como de que os humanos envelheceriam e as folhas cairiam das árvores no outono.

Thomas soltou um suspiro contido, depois emitiu um gemido e seu corpo se mexeu. Por um segundo aterrorizante, Teresa pensou que ele levantaria, histérico devido à agonia – havia substâncias fazendo sabe-se lá o quê com o cérebro dele. Mas o amigo se tranquilizou e voltou a respirar suavemente. Os cliques e silvos continuavam, as lembranças dos melhores amigos sumindo como ecos ao longe.

Tinham feito a despedida oficial, e as palavras "*Nos vemos amanhã*" ainda soavam em sua cabeça. Por alguma razão, Teresa ficara realmente abalada quando Thomas as proferira, tornando o que estava prestes a acontecer ainda mais surreal e triste. Eles se *veriam* no dia seguinte, embora ela fosse estar em coma e ele não fosse ter a menor ideia de quem era ela, além de uma inquietação

mental que talvez a tornasse familiar. Amanhã. Depois de tudo o que haviam passado – todo o medo, o treinamento e o planejamento –, a situação chegara a um ponto crítico. O que havia sido feito a Alby, Newt e Minho, e a todo o resto, seria feito a eles. Não havia volta.

Mas a calma era como uma droga dentro dela. Estava em paz, uma sensação tranquilizadora mantinha acuado o temor dos Verdugos e dos Cranks, por exemplo. O CRUEL não tinha escolha. Ela e Thomas... *eles* não tinham escolha. Como *alguém* poderia ter escolha? Não havia tempo para piedade, tristeza ou desejo. As coisas eram o que eram; o que estava feito estava feito; e o que estivesse por vir... viria.

Não tinha volta. Ela e Thomas haviam ajudado a construir o Labirinto; ao mesmo tempo, ela se esforçara muito para construir uma muralha que contivesse suas emoções.

Então esses pensamentos desapareceram, parecendo flutuar numa expectativa suspensa enquanto aguardava o procedimento de Thomas se completar. Quando enfim terminou, o médico pressionou vários botões na tela e os bipes e silvos ganharam um ritmo acelerado. O corpo de Thomas se agitou um pouco enquanto tubos e fios serpenteavam, saindo das posições invasivas até a máscara. Logo depois, ele voltou a ficar tranquilo e a máscara foi desativada, todo tipo de som e movimento cessou. A enfermeira se inclinou para a frente e retirou o objeto do rosto de Thomas. A pele dele estava vermelha e marcada com as linhas de apoio da máscara. Os olhos ainda se encontravam fechados.

Por um breve momento, a muralha que continha a tristeza de Teresa pareceu à beira de um desmoronamento. Se Thomas se levantasse agora, não se lembraria dela. Teresa sentia medo – quase pânico – de saber que logo se veriam na Clareira, mas que não se reconheceriam. Era um pensamento insuportável que lhe lembrava vivamente, antes de mais nada, de por que havia construído aquela muralha. Como um construtor empilhando tijolo após tijolo e arrematando a estrutura com cimento, ela fechou a fenda. Com solidez e consistência.

Não havia volta.

Dois homens da equipe de segurança vieram ajudar a mover Thomas. Levantaram-no da cama, erguendo-o como se fosse um saco de batatas. Um deles segurou o menino inconsciente pelos braços, o outro pelos pés, e o colocaram em uma maca. Sem dirigirem o olhar para Teresa sequer por um segundo, dirigiram-se à porta da sala de cirurgia. Todos sabiam para onde Thomas estava sendo levado. O médico e a enfermeira passaram ao trabalho da limpeza – o serviço deles tinha terminado. Teresa acenou com a cabeça para eles, embora nenhum dos dois estivesse olhando, e depois seguiu os homens pelo corredor.

Mal conseguiu olhar para Thomas enquanto percorriam a longa jornada através dos corredores e elevadores do quartel-general do CRUEL. A muralha havia enfraquecido de novo. Thomas estava muito pálido, e seu rosto, coberto de gotas de suor. Era como se estivesse, em algum nível de consciência, reagindo às drogas, sabendo das coisas terríveis que o aguardavam pela frente. Muralha estúpida aquela. Para que servia, afinal? Não seria retirada dela junto com todas as demais lembranças?

Atingiram o porão, sob o complexo do Labirinto, e andaram pela despensa ao longo das fileiras de prateleiras com suprimentos para os Clareanos. Estava escuro e frio ali, e Teresa sentiu os braços se arrepiarem. Estremeceu ao deslizar a mão sobre eles. Thomas se contorcia e dava solavancos na maca à medida que esta se aproximava da superfície de concreto, um semblante de terror ainda tentando romper a aparente tranquilidade do rosto adormecido.

Chegaram ao fosso do elevador, no qual havia o grande cubo de metal.

A Caixa.

Havia apenas poucos andares sob a estrutura da Clareira, mas seus habitantes eram manipulados a

acreditar que a viagem para cima era uma jornada impossível, longa e árdua. Tudo visava estimular uma série de emoções e padrões cerebrais, desde confusão até desorientação, passando pelo horror absoluto. Um início perfeito para aqueles que mapeavam a Zona de Conflito Letal de Thomas. Teresa sabia que ela mesma passaria pela experiência no dia seguinte, levando um bilhete amassado na mão. Mas pelo menos estaria em estado comatoso, poupada daqueles instantes de trevas em movimento. Thomas não; ele acordaria na Caixa, totalmente sozinho.

Os dois homens o conduziram para perto da Caixa. Houve um rangido terrível de metal contra cimento quando um deles arrastou uma escadinha para perto do cubo. Alguns momentos de dificuldade enquanto subiam juntos os degraus e ao mesmo tempo seguravam Thomas de novo. Teresa poderia ter ajudado, mas recusou-se, obstinada o bastante para apenas se manter em pé ali, olhando, enquanto reforçava ao máximo as fendas de sua muralha.

Com alguns resmungos, os homens conduziram Thomas até a extremidade da Caixa. O corpo dele foi posicionado de tal maneira que os olhos fechados se voltaram para Teresa uma última vez. Embora soubesse que ele não poderia ouvir, ela se aproximou e falou com o amigo mentalmente.

Estamos fazendo o que é certo, Thomas. Vejo você do outro lado.

Os homens se inclinaram e baixaram Thomas pelos braços até onde foi possível; depois, soltaram-no pelo restante da trajetória. Teresa ouviu o ruído do corpo desmoronando lá dentro no aço frio da superfície. Seu melhor amigo.

Deu meia-volta e se afastou. Atrás dela, o som distinto de metal deslizando sobre metal, depois um estrondo alto e vibrante quando as portas da Caixa se fecharam. O destino de Thomas, seja qual fosse, já estaria selado.

TREZE ANOS ANTES

1

Mark tremia de frio, algo que não acontecia com ele há muito tempo.

Tinha acabado de acordar, os primeiros sinais do amanhecer entraram pelas frestas das toras empilhadas que compunham a parede de sua pequena cabana. Quase nunca usava a manta. Sentia orgulho dela – fora feita com a pele de um alce gigantesco que ele mesmo havia caçado dois meses antes –, mas, quando a vestia, era mais pelo conforto do tecido que para se aquecer. Afinal, habitavam um mundo assolado pelo calor. Mas talvez aquele fosse um sinal de mudança; de fato, naquela manhã, sentia também um ar fresco penetrar as frestas, não apenas luz. Puxou a manta até o queixo e se virou para deitar de costas, vociferando um bocejo que durou uma eternidade.

Alec ainda dormia no catre do outro lado da cabana – a pouco mais de um metro de distância – e roncava como se emitisse uma série de trovões. Brusco e mais velho, era um ex-militar durão que raramente sorria – e, se o fazia, em geral tinha algo a ver com gases rugindo em seu estômago. Mas Alec tinha um coração de ouro. Após mais de um ano juntos, lutando para sobreviver em companhia de Lana, Trina e os demais, Mark não se sentia intimidado pelo veterano. E, só para provar esse fato, inclinou-se e pegou um sapato no chão, atirando-o no homem adormecido. O calçado o atingiu no ombro.

Alec rugiu e se sentou, anos de treinamento militar acordando-o instantaneamente.

– O que... – berrou o soldado, mas Mark o interrompeu, arremessando nele o outro sapato, desta vez atingindo em cheio o peito.

– Seu monte de titica – Alec respondeu com frieza. Não se esquivou nem se moveu depois do segundo ataque; apenas estreitou os olhos e encarou Mark. Mas havia um lampejo de humor por trás daquele olhar. – Gostaria que me desse uma boa razão por ter arriscado sua vida ao me acordar desse jeito.

– Hum... – retrucou Mark, esfregando o queixo como se considerasse o assunto seriamente. Então estalou os dedos. – Ah, já sei. Foi principalmente para deter os terríveis ruídos que saíam de dentro de você. Sério, cara, você precisa se deitar de lado ou algo parecido. Roncar desse jeito não pode ser saudável. Um dia desses você vai parar de respirar.

Alec rugiu e rosnou algumas vezes, murmurando palavras quase indecifráveis enquanto saltava do catre e se vestia. Proferiu alguns sons que Mark entendeu como "gostaria de nunca...", "é melhor você..." e "ano dos infernos", mas nada que fosse mais compreensível que isso. A mensagem, contudo, era clara.

– Vamos lá, sargento – completou Mark, sabendo que agora estava a três segundos de ter ido longe demais. Alec já estava há anos fora da vida militar e realmente, *realmente*, odiava quando Mark o chamava assim. Na ocasião do desastre das chamas solares, Alec trabalhava para o Departamento de Defesa. – Você nunca teria feito disso aqui uma moradia não fosse para tentarmos mantê-lo longe de suas confusões todos os dias. Que tal um abraço para fazermos as pazes?

Alec tirou a camiseta e encarou Mark. As sobrancelhas cerradas e grisalhas do homem mais velho estavam unidas, como insetos peludos tentando se acasalar.

– Gosto de você, garoto. Seria uma pena ter de colocá-lo sob sete palmos de terra. – A camiseta atingiu a lateral da cabeça de Mark, o gesto mais próximo de afeição que o soldado já havia demonstrado.

Soldado... Fazia tanto tempo, mas Mark ainda gostava de pensar naquele homem dessa maneira. Isso o fazia se sentir melhor, de algum modo mais seguro. Sorriu quando Alec saiu pisando duro da cabana para enfrentar mais um dia. Um sorriso de verdade. Algo que enfim se tornava um pouco mais comum após o ano de morte e terror que os levara àquele lugar, no alto dos Montes Apalaches, a leste da Carolina do Norte. Decidiu que, custasse o que custasse, deixaria de lado as coisas ruins do passado e teria um excelente dia. Custasse o que custasse.

O que significava inserir Trina naquele cenário antes que os próximos dez minutos passassem. Vestiu-se apressadamente e foi procurá-la.

Encontrou-a perto do riacho, um dos locais calmos aonde ela gostava de ir para ler um dos livros resgatados de uma velha biblioteca pela qual tinham passado em suas andanças. A garota adorava ler como ninguém e compensava agora os meses em que haviam corrido de um lado para outro a fim de salvar a própria vida, época em que os livros eram raros. Os de tipo digital havia muito não existiam mais, segundo Mark acreditava, destruídos quando todos os computadores e servidores tinham fritado com o calor. Trina lia os de papel, aqueles de antigamente.

A caminhada até onde estava foi vagarosa como sempre, cada passo enfraquecendo sua resolução de ter um bom dia. Olhar para aquele amontoado de cabanas e tocas subterrâneas que compunham o lugar onde viviam – tudo feito de toras, cordas e lama seca, construções que pendiam ora à esquerda, ora à direita – era responsável por isso. Não era possível passar pelas vielas e pelos caminhos sem se lembrar dos bons dias em que havia morado na cidade grande, quando a vida era próspera e repleta de promessas, tudo no mundo era de fácil alcance, pronto para ser tomado entre as mãos. E ele nunca tinha se dado conta disso.

Passou por hordas de pessoas esqueléticas e sujas que pareciam à beira da morte. Não tinha tanta pena delas quanto ódio por saber que sua aparência era exatamente igual. Eles tinham comida suficiente – recolhida das ruínas, caçada na floresta, trazida às vezes da Cidade das Cinzas –, mas racionamento era o termo em voga, e todos pareciam estar sempre com uma refeição a menos por dia. E não era possível morar na floresta sem ficar com um odor fétido de um jeito ou de outro, não importava com que frequência se banhasse no riacho.

O céu estava azul, com um indício do alaranjado que assombrava a atmosfera desde que as chamas devastadoras do sol haviam atacado sem aviso. Um ano tinha se passado, e ele ainda pairava por lá, um anúncio sombrio destinado a jamais deixá-los esquecer. Quem poderia afirmar quem algum dia as coisas voltariam ao normal? O ar fresco que Mark sentira ao se levantar parecia uma piada agora... já transpirava devido à temperatura que se elevava à medida que o sol brutal ascendia da escassa linha de árvores dos picos montanhosos.

Mas não era de todo ruim. Quando deixava a confusão do acampamento e adentrava a floresta, percebia vários sinais promissores. Novas árvores crescendo, velhas árvores se recuperando, esquilos correndo em meio aos pinheiros, brotos e botões de flor em toda parte. Chegou mesmo a ver a distância algo que se assemelhava a uma flor de laranjeira. Sentiu-se tentado a colhê-la para Trina, mas tinha certeza de que ela o repreenderia sem dó nem piedade se ousasse impedir de qualquer maneira o progresso da floresta. Quem sabe seu dia não seria, afinal, muito melhor do que esperava? Não haviam sobrevivido ao pior desastre da história humana? Talvez a crise tivesse sido superada.

Mark respirava pesadamente devido ao esforço de subir a encosta da montanha quando chegou ao local aonde Trina adorava ir para fugir de tudo, em particular pela manhã, quando a possibilidade de encontrar alguém lá em cima era muito pequena. Deteve-se atrás de uma árvore e a observou, sabendo que ela o tinha ouvido se aproximar, mas contente por fingir não tê-lo escutado.

Como era bonita! Encostada em uma enorme pedra de granito que parecia ter sido acomodada ali por um decorador gigante, tinha ao colo um livro grosso. Virou a página, os olhos verdes seguindo as palavras. Vestia uma camiseta preta e um jeans gasto, além de um tênis que aparentava ter cem anos. O cabelo loiro e curto balançava com o vento, e ela parecia a paz e o conforto personificados. Tal como quando pertencia ao mundo que existia antes de tudo ter sido queimado.

Mark sempre a considerara sua por uma simples questão de circunstância. Grande parte das pessoas que ela um dia conhecera estavam mortas; ele fora o que lhe restara, a única alternativa além de ficar sozinha para sempre. Mas Mark assumira o papel com satisfação, e até se considerava afortunado... Não sabia o que faria sem ela.

– Este livro seria muito melhor se não houvesse um sujeito me espiando enquanto tento seguir com a leitura – Trina comentou sem o mais leve vislumbre de um sorriso. Virou a página e continuou a ler.

– Sou eu – respondeu Mark. Metade do que dizia perto dela saía como uma belíssima tolice. Saiu detrás da árvore.

Ela riu e só então o encarou.

– Já estava na hora de vir aqui! Estava prestes a conversar comigo mesma. Estou lendo desde antes do amanhecer.

Ele se aproximou e largou-se no chão ao lado dela. Enlaçaram-se em um abraço apertado, quente e repleto da promessa que fizera ao se levantar.

Afastou-se e a fitou, sem se importar com o sorriso idiota que muito provavelmente estampava no rosto. – Sabe de uma coisa?

– O quê? – ela perguntou.

– Hoje vai ser um dia perfeito.

Trina sorriu, e as águas do riacho continuaram a correr, como se as palavras de Mark nada significassem.

2

— Não tenho um dia perfeito desde que fiz dezesseis anos – respondeu Trina. Dobrou o canto da página que lia e depositou o livro a seu lado. – Três dias depois, você e eu corríamos por um túnel mais quente que o próprio sol para salvar nossas vidas.

– Bons tempos aqueles... – ponderou ele e se acomodou melhor recostando-se na mesma pedra que ela, as pernas cruzadas à frente. – Bons tempos...

Trina o olhou de soslaio.

– Minha festa de aniversário ou o desastre das chamas solares?

– Nenhum dos dois. Você gostava daquele idiota do John Stidham. Lembra?

Uma expressão de culpa tomou o rosto dela.

– Hum... sim. Mas parece que isso aconteceu há três mil anos.

– Foi preciso metade do mundo ser devastado para que você finalmente prestasse atenção em mim. – Mark sorriu, mas era um sorriso vazio. A realidade era muito angustiante, mesmo que se brincasse com ela. Uma nuvem escura começou a tomar forma sobre sua cabeça. – Vamos mudar de assunto.

– De acordo. – Ela fechou os olhos e recostou-se. – Não quero pensar nesse assunto nem mais um segundo.

Mark concordou, embora Trina não pudesse ver. De repente, havia perdido o desejo de falar, e os planos para um dia perfeito tinham sido levados pelo rio. Lembranças. Elas nunca o deixavam, nem mesmo por meia hora. Sempre voltavam, trazendo de novo todo o horror.

– Tudo bem? – perguntou Trina. Estendeu a mão e segurou a dele, mas Mark a retirou, consciente do quanto estava suada.

– Sim, estou bem. Só queria que pudéssemos passar um dia sem algum detalhe que nos fizesse lembrar... Poderia ser perfeitamente feliz neste lugar se conseguíssemos *esquecer*. As coisas estão melhorando. Tudo o que precisamos é... deixar o passado para trás! – Ele quase berrou a última parte, mas não fazia ideia de para onde a raiva fora direcionada. Só odiava as coisas que povoavam sua mente. Imagens. Sons. Cheiros.

– Vamos conseguir, Mark. Sei que vamos. – Ela tornou a lhe estender a mão, e dessa vez ele aceitou o gesto.

– É melhor descermos. – Ele sempre agia assim. Quando as lembranças chegavam, mudava para o tema da obrigação. Cumprir com as tarefas, trabalhar e parar de usar o cérebro. Era a única coisa que ajudava. – Tenho certeza de que Alec e Lana têm umas quarenta tarefas para nós.

– E tudo tem de ser feito *hoje* – acrescentou Trina. – Hoje! Senão o mundo acaba!

Ela sorriu, o que tornou o clima mais leve. Pelo menos um pouco.

– Você pode continuar a ler seu livro entediante mais tarde. – Levantou-se, trazendo-a junto. Depois desceram a trilha da montanha, dirigindo-se à aldeia improvisada que chamavam de lar.

Foi o cheiro que atingiu Mark primeiro. Era sempre assim quando iam ao Barracão Central. Vegetação rasteira em decomposição, carne cozinhando, seiva de pinheiro. Tudo misturado ao fedor de queimado que definia o mundo após o ataque das chamas solares. Na verdade, não era desagradável; apenas assustador.

Ele e Trina seguiam pelas ruínas de construções, mais parecendo um assentamento primitivo. A maioria delas, naquele lado do acampamento, havia sido erigida nos meses anteriores, antes de encontrarem pessoas que tivessem exercido a função de arquitetos e empreiteiros e colocá-los à frente desse planejamento. Cabanas feitas de troncos de árvore e barro, além de cerdas de folhas de pinheiro. Orifícios vazios constituíam janelas e soleiras de portas em formatos bizarros. Em alguns lugares, não havia nada senão buracos no chão, a superfície coberta com uma lona, alguns troncos amarrados juntos para cobri-lo quando as chuvas chegassem. Bem diferente dos altíssimos arranha-céus e da paisagem de concreto onde havia crescido.

Alec saudou Mark e Trina com um grunhido quando passaram pela entrada disforme da estrutura de troncos do Barracão Central. Antes que pudessem dizer olá, Lana veio marchando com vigor na direção deles. Era uma mulher robusta de cabelos negros sempre puxados para trás e amarrados em um coque. Havia sido enfermeira do exército e era mais moça que Alec, embora mais velha que os pais de Mark; ela e Alec estavam juntos quando Mark os encontrara nos túneis sob a cidade de Nova York. Na época, ambos trabalhavam para o Departamento de Defesa. Alec era chefe dela, e naquele dia encaminhavam-se para uma reunião. Antes que tudo mudasse.

– Onde vocês dois estavam? – perguntou Lana ao se aproximar, a apenas alguns centímetros do rosto de Mark. – Hoje devíamos ter começado de madrugada. Temos de ir até o vale ao sul e procurar outro local para o assentamento. Mais algumas semanas e vai haver superlotação por aqui, e ficarei uma fera.

– Bom dia – disse Mark como resposta. – Você parece mais animada hoje.

Ela sorriu diante do comentário dele; Mark sabia que reagiria assim.

– Tenho tendência a ir direto ao ponto, não é? Embora falte muito para ficar tão ranzinza quanto Alec.

– O sargento? Sim, você tem razão.

Ouvindo a indireta, o velho soldado grunhiu.

– Desculpe por termos nos atrasado – respondeu Trina. – Tinha inventado uma grande desculpa, mas a honestidade é sempre a melhor alternativa. Mark me fez ir ao riacho e nós... você sabe.

Era preciso muito para surpreender Mark naqueles dias, e ainda mais para fazê-lo corar, mas Trina tinha capacidade de sobra para ambos. Ele fez menção de gaguejar uma resposta, enquanto Lana revirava os olhos.

– Oh, poupe-me dos detalhes – replicou ela, levantando a mão em um gesto de protesto. Em seguida, acrescentou: – Vão tomar café, se ainda não tomaram, e depois vamos embalar as coisas para partir. Quero estar de volta em uma semana.

Uma semana na floresta, vendo coisas novas, respirando um pouco de ar fresco... Isso tudo soava maravilhoso para Mark, exceto pelo seu humor, que havia despencado em algum buraco horas antes. Havia prometido manter a mente focada no presente enquanto viajassem e apenas desfrutar da caminhada.

– Viram Darnell e o Sapo? – perguntou Trina. – E a Sombria?

– Os Três Patetas? – perguntou Alec, entregando-se depois a um ataque de riso. O homem achava engraçadas as coisas mais esquisitas. – Pelo menos, eles se lembraram do plano. Já comeram e foram preparar a bagagem. Devem estar de volta num instante.

Mark e Trina estavam na metade das panquecas com salsicha de cervo quando ouviram o som familiar dos outros três amigos que haviam conhecido nos túneis de Nova York.

– Tire isso da cabeça! – ouviu-se uma voz queixosa, pouco antes de um adolescente aparecer à porta com uma cueca enfiada no cabelo castanho como se fosse um chapéu. Darnell. Mark estava

convencido de que o garoto jamais havia levado nada a sério em toda a vida, nem mesmo quando o sol tentara cozinhá-lo vivo um ano atrás. Ele parecia estar sempre com uma piada na ponta da língua.

– Mas eu gosto dela! – ele dizia ao adentrar o Barracão. – Ajuda a ajeitar meu cabelo e me protege de elementos-surpresa. Mato dois coelhos com uma cajadada só!

Uma garota entrou depois dele, alta, magra e com um longo cabelo ruivo, um pouquinho mais nova que Mark. Eles a chamavam de Sombria, embora nunca tivesse revelado qual era seu verdadeiro nome. Ela encarava Darnell com um misto de repugnância e divertimento. O Sapo, baixinho e atarracado, como sugeria o apelido, passou por ela correndo e tentou puxar a cueca da cabeça de Darnell.

– Me dá isso aqui! – gritou ele, dando um salto para mais uma investida. Era o jovem de dezenove anos mais baixinho que Mark já vira, mas troncudo como um carvalho, todo músculos, tendões e veias. O que, por alguma razão, fazia os outros acharem normal provocá-lo, uma vez que, se quisesse de verdade, ele podia fazê-los se borrar de medo. Mas Sapo gostava de ser o centro das atenções. E Darnell, de ser um bobo irritante.

– Por que você *sempre* quer colocar essas coisas nojentas na cabeça? – perguntou Sombria. – Você sabe onde essa peça de roupa deve ser colocada, não sabe? É para cobrir as partes baixas do Sapo.

– Excelente observação – replicou Darnell com ar fingido de nojo, quando Sapo, enfim, conseguiu arrancar a cueca da cabeça dele. – Realmente, foi um erro de julgamento de minha parte – disse Darnell, dando de ombros. – Na hora me pareceu engraçado.

Sapo enfiava na mochila o pertence recém-capturado.

– Bem, quem ri por último sou eu. Não lavo essa coisa há pelo menos duas semanas. – E começou a soltar aquele seu riso, um ruído que sempre fazia Mark pensar em um cachorro rosnando por um pedaço de carne. Quando Sapo começava a rir, ninguém ao redor conseguia deixar de se juntar a ele, muitas vezes achando graça apenas dos sons emitidos pelo rapaz. De qualquer maneira, esses momentos eram raros, e era bom rir daquele jeito, assim como ver o rosto de Sombria se iluminar.

Até Alec e Lana riam, o que fez Mark considerar que, afinal, talvez aquele fosse ser um dia perfeito.

Mas então os risos foram interrompidos por um som estranho, algo que Mark não ouvia havia um ano, e que certamente não esperava ouvir de novo.

O som de máquinas no céu.

3

O ruído estrondoso e inusitado abalou o Barracão de cima a baixo. Rajadas de poeira entraram pelas frestas entre os troncos empilhados e amarrados. Um retumbante espasmo sonoro perpassou a cabeça deles. Mark tampou os ouvidos até o som diminuir o suficiente para não sacudir mais o Barracão. Alec já estava de pé e se encaminhava para a porta antes que qualquer outra pessoa começasse a processar o que estava acontecendo. Lana o seguiu com rapidez, os demais atrás deles.

Ninguém disse uma palavra sequer até estarem todos do lado de fora, o sol brilhante da manhã agora baixando. Mark tentou avistar alguma coisa, a mão protegendo os olhos da claridade, enquanto procurava no céu a fonte do barulho.

– É um Berg – anunciou Sapo desnecessariamente. – Que diabos...

Era a primeira vez que Mark via uma daquelas enormes aeronaves desde o episódio das chamas solares, e a visão foi chocante. Não conseguia pensar em nenhuma razão para um Berg – um dos que tivessem sobrevivido ao desastre – sobrevoar as montanhas. Mas ali estava ele, enorme, reluzente e redondo, os propulsores azuis quentes e ruidosos, parecendo prestes a aterrissar no assentamento.

– O que esse negócio está fazendo aqui? – perguntou Trina, enquanto o pequeno grupo andava apressado pelas ruelas abarrotadas da aldeia, seguindo a trajetória efetuada pelo Berg. – Costumavam deixar suprimentos nos assentamentos maiores, como na Cidade das Cinzas.

– Talvez... – começou Sombria. – Será que eles vieram para recrutar alguns de nós ou algo assim? E nos levar para outro lugar?

– De jeito nenhum – zombou Darnell. – Se eles quisessem, já teriam feito isso há muito tempo.

Mark não comentou nada e se contentou em seguir o grupo, ainda impressionado pelo surgimento repentino do imenso Berg. Os demais continuaram a se referir a misteriosos *eles*, embora ninguém soubesse quem *eles* fossem. Havia rumores de que algum tipo de governo central se organizava, porém nenhuma notícia que fosse realmente confiável. E com certeza ainda não fora feito nenhum contato oficial. Era verdade que haviam trazido suprimentos e comida aos acampamentos nos arredores da Cidade das Cinzas, e as pessoas de lá em geral os compartilhavam com os assentamentos mais afastados.

O Berg parou, os propulsores azuis apontavam agora para baixo enquanto pairava cerca de trinta metros acima da Praça da Cidade – uma área em formato quadrado que tinham deixado vazia ao construir o assentamento. O grupo apressou o passo e chegou à Praça para descobrir ali uma multidão reunida, as pessoas olhando para a máquina voadora lá em cima como se fosse uma besta mítica. Com seu rugido e exibição ofuscante em luz azul, quase parecia mesmo uma figura mitológica. Em particular após tanto tempo desde terem visto qualquer sinal de tecnologia avançada.

A maior parte da multidão se reuniu no centro da Praça, os rostos estampando expectativa e excitação. E todos haviam chegado à mesma conclusão de Sombria: o Berg estava ali para resgatá-los ou, pelo menos, para lhes dar uma boa notícia. No entanto, Mark era todo desconfiança. Depois do ano que havia passado, fora levado seguidamente a não ter esperança.

Trina puxou a manga da camisa dele, depois se inclinou para falar:

– O que estão fazendo? Não há espaço suficiente para aterrissar aqui.

– Não sei. Não há nenhum sinal que nos diga de quem é esse Berg ou de onde ele vem.

Alec estava próximo e de algum modo ouviu a conversa deles em meio ao ruído estridente dos

propulsores. Provavelmente o fizera com a ajuda da audição superdesenvolvida de soldado.

– Dizem que aqueles que deixam suprimentos na Cidade das Cinzas têm as letras *CPC* pintadas bem grandes na aeronave. Coalizão Pós-Chamas. – Ele praticamente berrava. – Parece estranho que este não tenha nada escrito.

Mark encolheu os ombros em resposta ao que ele dissera, incerto sobre se a informação de Alec realmente significava alguma coisa. Sentia-se atordoado. Olhou de novo para cima, ponderando quem estaria dentro da nave e qual seria seu propósito. Trina apertou a mão dele, e ele retribuiu o gesto. Ambas as palmas estavam úmidas.

– Talvez Deus esteja lá dentro – anunciou Sapo em um tom agudo; sua voz sempre soava assim quando gritava. – Veio para dizer que lamenta muito pelo negócio das chamas solares.

Pelo canto do olho, Mark percebeu Darnell tomando fôlego, a boca semiaberta, provavelmente se preparando para retrucar com algo inteligente e engraçado ao comentário de Sapo. Mas a ação foi interrompida por um som lancinante vindo de cima, seguido pelo ronco e pelo guincho agudo do sistema hidráulico. Mark olhava fascinado enquanto um alçapão grande e quadrado ao fundo do Berg se abria, as dobradiças girando para baixar uma espécie de rampa. Estava escuro lá dentro, e pequenos filetes de névoa saíram do local, espiralando-se enquanto a abertura aumentava de tamanho.

Suspiros e gritos surgiram em ondas pela multidão; mãos se erguiam e dedos apontavam para cima. Mark desviou o olhar do Berg por um momento para captar a reação geral, impressionado pela sensação de pavor que o cercava. Haviam se tornado pessoas desesperadas, vivendo cada dia com a sensação opressiva de que o próximo poderia ser o último. E ali estavam todas eles, mirando o céu como se a piada de Sapo tivesse um fundo de verdade. Podia perceber a ansiedade nos olhares, como se a multidão realmente considerasse o fato de estarem sendo salvos por algum poder divino. Essa percepção fez Mark se sentir um pouco tonto.

Um novo burburinho percorreu a Praça, e Mark novamente olhou para cima. Cinco pessoas emergiram da escuridão do Berg, vestidas em trajes que provocaram um calafrio em sua espinha. Espécies de macacões em verde, emborrachados e volumosos, cobriam os estranhos da cabeça aos pés. As roupas tinham visores transparentes no capacete, pelos quais os seres que trajavam verde podiam vê-los, embora o brilho ofuscante e a distância impossibilitassem Mark de discernir o rosto deles. Desceram com cuidado, calçando grandes botas pretas sobrepostas ao traje inteiriço, até os cinco se enfileirarem na extremidade exterior da rampa, a linguagem corporal tensa mostrando o esforço requerido para manterem o equilíbrio.

Cada um segurava nas mãos um tubo preto, como se fosse um revólver. Mas os tubos não se pareciam com nenhum revólver já visto por Mark. Eram finos e compridos, com uma conexão na extremidade que os fazia se assemelharem a fragmentos de um encanamento que alguém houvesse arrancado de uma bomba industrial. E, quando os estranhos se acomodaram em suas posições, ergueram aqueles instrumentos e os direcionaram às pessoas abaixo.

Mark percebeu que Alec berrava a plenos pulmões, empurrando e se jogando contra a multidão para que se afastassem. Tudo ao redor havia se tornado um caos – gritos e pânico por todo lado –, mas Mark caíra em transe e observava os estranhos com seus trajes esquisitos e armas ameaçadoras postados no Berg enquanto os demais enfim acordavam para o fato de que as pessoas da aeronave não estavam ali para salvar ninguém. O que havia acontecido com aquele Mark que era tão ágil; que havia sobrevivido ao ano de inferno após as chamas terem devastado a Terra?

Ainda se encontrava paralisado, praticamente sem piscar, quando o primeiro tiro foi disparado lá de cima. Um movimento indistinto, um *flash* rápido de algo escuro, pequeno e rápido irrompeu de um

daqueles tubos. Os olhos de Mark seguiram sua trajetória. Ouviu um som abafado e assustador, a cabeça virando para o lado a tempo de ver que Darnell tinha um dardo de um metro e meio de comprimento saindo do ombro, a haste de metal fina inserida em profundidade dentro do músculo. Brotava sangue do ferimento. O garoto soltou um gemido estranho e despencou no chão.

Aquilo finalmente tirou Mark do transe.

4

Gritos rasgavam o ar enquanto pessoas em pânico fugiam em todas as direções. Mark se inclinou, agarrando Darnell e inserindo os braços sob as axilas do garoto. O som de dardos voando e cortando o ar à esquerda e à direita, caçando alvos, estimulou-o a se apressar, apagando quaisquer outros pensamentos que pudessem estar em sua mente.

Mark puxou Darnell, arrastando o corpo dele pelo chão. Trina havia caído, mas Lana já a ajudava a levantar. As duas correram para auxiliá-lo, cada uma pegando um dos pés de Darnell. Contando até três, ergueram-no e se afastaram da Praça, deixando o campo aberto. Era um milagre que ninguém mais de seu pequeno grupo tivesse sido atingido por um dardo.

– Ai!, oh!, ah! – *tum, tum, tum.* Gritos e corpos caindo.

Os projéteis continuavam a chegar, atingindo tudo ao redor, e Mark, Trina e Lana se afastavam o mais rápido possível, carregando Darnell desajeitadamente. Passaram por trás de um grupo de árvores – Mark ouviu fortes ruídos quando dardos se enterraram em ramos e troncos –, depois estavam de novo em campo aberto. Apressaram o passo ao atravessar uma pequena clareira e entraram em uma ruela entre várias cabanas de troncos construídas aleatoriamente. Havia gente por toda parte, cerrando freneticamente as portas, saltando através dos orifícios que eram janelas.

Então Mark ouviu o rugido dos propulsores e uma brisa morna soprou em seu rosto. O rugido ficou mais alto, e o vento, mais forte. Olhou para cima, seguindo o ruído, e observou que o Berg havia mudado de posição, perseguindo a multidão fugitiva. Avistou Sapo e Sombria. Ambos estimulavam as pessoas a fugir, os gritos se perdendo no ruído estrondoso do Berg em funcionamento.

Mark não sabia o que fazer. Encontrar abrigo era a melhor saída, mas havia gente demais tentando fazer a mesma coisa, e, se se juntassem ao caos levando Darnell, só iriam conseguir ser atropelados. O Berg deteve-se de novo, e mais uma vez os estranhos em seus trajes esquisitos ergueram as armas e abriram fogo.

– Ai!, oh!, ah! – *tum, tum, tum.*

Um dardo passou raspando a camisa de Mark e atingiu o chão; alguém pisou nele, fincando-o ainda mais na superfície. Outro dardo atingiu o pescoço de um homem quando passava correndo por eles – ele gritou e tombou para a frente, sangue em abundância esguichava do ferimento. Depois de ir ao chão, ficou imóvel, e três pessoas saltaram sobre ele. Mark só percebeu que havia parado, horrorizado com o que acontecia à sua volta, quando Lana berrou com ele para ir em frente.

Os atiradores acima obviamente haviam melhorado a pontaria. Os dardos atingiam mais pessoas, e o local foi invadido por gritos de dor e terror. Mark se sentia indefeso – não havia como se abrigar daquele bombardeio. Tudo o que podia fazer era tentar, imponderavelmente, correr mais rápido que a máquina voadora – uma tarefa impossível.

Onde estaria Alec? O cara durão, com todos os instintos aguçados para a batalha? Para onde havia fugido?

Mark continuou a se mover, puxando com força o corpo de Darnell e obrigando Trina e Lana a acompanharem seu ritmo. Sapo e Sombria corriam ao lado deles, tentando auxiliar, no entanto, sem ficar no caminho. Os dardos continuavam a chover lá de cima; mais gritos, mais corpos tombaram. Mark virou e tomou uma rua, descendo pela viela que conduzia de volta ao Barracão. Mantinha-se

próximo à construção à direita para conseguir cobertura parcial. Não tinha muita gente seguindo por aquele caminho, e ali havia um número menor de dardos dos quais se esquivar.

O pequeno grupo capengava na maior velocidade possível, levando com ele o amigo inconsciente. As construções eram apinhadíssimas naquela parte do assentamento, quase uma em cima da outra, e não havia como cortar caminho e escapar para a floresta ao redor das montanhas.

– Estamos quase no Barracão! – gritou Trina. – Depressa, antes que o Berg nos alcance.

Mark girou o corpo, relanceando o olhar para a frente, enquanto agarrava Darnell pela camisa. Correr de costas havia deixado os músculos de sua perna exaustos, e agora eles ardiam e ameaçavam sofrer cãimbras. Mas não havia nada no caminho para retardá-los naquele trecho, então Mark aumentou a velocidade, Lana e Trina acompanharam seu passo, cada uma segurando uma das pernas do garoto. Sapo e Sombria se enfiaram no meio e cada um deles agarrou um dos braços de Darnell, aliviando parte do peso. Conseguiram passar por caminhos e ruelas estreitas, sobre raízes proeminentes e lixo mal acondicionado, virando à esquerda, à direta, e depois à esquerda de novo. O ronco do Berg vinha na direção deles, abafado pelas construções e árvores entremeadas.

Mark enfim dobrou uma esquina e avistou o Barracão em frente a uma pequena clareira. Apressou-se para vencer o trecho final, no exato momento em que uma horda de moradores fugitivos surgiu, vinda do lado oposto, frenética e selvagem, espalhando-se em todas as direções e se encaminhando para qualquer porta à vista. Um frio na barriga tomou Mark quando o Berg se precipitou sobre a cabeça deles, mais perto do solo do que nas investidas anteriores. Agora existiam apenas três pessoas de pé na rampa da nave, e o trio abriu fogo assim que o Berg estabilizou sua posição no céu.

Pequenos fios prateados cortavam o ar, chovendo sobre as pessoas que surgiam na clareira. Cada um dos projéteis parecia encontrar seu alvo, atingindo pescoço e braços de homens, mulheres e crianças. Eles berravam e desabavam no chão quase instantaneamente, outros saltavam os corpos na pressa insana em busca de abrigo.

Mark e seu pequeno grupo mantiveram-se grudados à lateral da construção mais próxima e colocaram Darnell no chão. A dor e o cansaço tomavam conta dos braços e das pernas de Mark, fazendo-o desejar desmoronar ao lado do amigo inconsciente.

– Devemos deixá-lo aqui – disse Trina, as mãos nos joelhos, lutando para recuperar o fôlego. – Ele está nos retardando e, de qualquer maneira, está mal.

– Morto, ao que parece – resmungou Sapo.

Mark lançou um olhar duro para ele, mas era bem provável que estivesse certo. Podiam ter colocado em risco a própria vida para salvar alguém que já não tinha a mínima chance.

– O que vai acontecer agora? – perguntou Lana, enquanto se encaminhava a um dos cantos da construção para espiar a clareira. Olhou para eles por sobre o ombro. – Estão atingindo gente pela esquerda e pela direita. Por que estão usando dardos em vez de balas?

– Não faz sentido – replicou Mark.

– Não podemos *fazer* alguma coisa? – perguntou Trina, o corpo estremecendo mais de frustração que de medo, ao que parecia. – Por que permitimos que fizessem isso?

Mark se juntou a Lana para espreitar a clareira. Vários corpos jaziam ali agora, dardos empalados apontavam para o céu como uma floresta em miniatura. O Berg ainda pairava pela área, os propulsores rugindo em calor azulado.

– Onde está nosso pessoal da segurança? – sussurrou Mark, para ninguém em particular. – Tiraram o dia de folga ou algo parecido?

Ninguém respondeu, mas um movimento na porta do Barracão chamou a atenção de Mark e ele

soltou um suspiro de alívio. Era Alec, acenando freneticamente, chamando-os para se juntarem a ele. O homem portava o que pareciam ser dois enormes rifles com ganchos de imobilização nas extremidades, anexados a grandes extensões de corda.

Como todo soldado – mesmo após todos aqueles anos –, o sujeito tinha um plano e precisava de ajuda. Lutaria contra aqueles monstros. E Mark também.

Mark se afastou um pouco da parede e olhou ao redor. Viu um pedaço de madeira no outro lado da viela. Sem explicar aos outros o que pensava fazer, correu e o pegou, depois se apressou em direção à clareira, a fim de levá-lo ao Barracão, para Alec, enquanto usava a madeira como escudo no caminho.

Mark nem precisou olhar para cima – conseguia ouvir o ruído dos dardos dirigidos a ele. Um deles resultou em um estampido considerável, atingindo a madeira. Ele não se deteve.

5

Mark tentou variar o ritmo de seus passos, acelerando e reduzindo a velocidade, desviando para a esquerda e a direita, abrindo caminho até onde Alec se encontrava. Alguns dardos atingiram o chão, bem perto de seus pés; uma segunda leva atingiu o escudo de madeira outra vez. Enquanto Mark corria em campo aberto, Alec – ainda segurando os rifles – se dirigia para a clareira. Os dois quase se chocaram exatamente sob o Berg, e Mark, de imediato, inclinou-se para proteger ambos com o escudo.

Os olhos de Alec brilhavam de vitalidade. Com ou sem cabelos grisalhos, ele de repente parecia vinte anos mais moço.

– Vamos ter de nos apressar! – gritou. – Antes que essa coisa decida ir embora.

Os atiradores miravam na cabeça dos dois, e os dardos continuavam a atingir as pessoas ao redor deles. A gritaria era terrível.

– O que eu faço? – gritou Mark. Uma familiar mistura de adrenalina e terror havia invadido seu corpo, e ele aguardava as instruções do amigo.

– Quero cobertura. Use isto.

Alec colocou os rifles sob um dos braços e tirou um revólver – preto e esquisito, uma arma que Mark nunca tinha visto antes – da parte de trás da calça. Não havia tempo para hesitação. Mark pegou a arma com a mão livre e, pelo peso, soube que estava carregada. Mais um dardo atingiu a madeira enquanto levantava o cano do revólver. Depois outro. Os estranhos tripulantes do Berg haviam percebido as duas pessoas que confabulavam na clareira. Mais uma saraivada de dardos veio ao solo, como uma repentina tempestade de granizo.

– Dispare, garoto – rosnou Alec. – E mire bem, porque você só tem doze balas. Não perca nenhuma. Agora!

Com aquela ordem, Alec se virou e correu para um ponto a cerca de três metros de distância. Mark apontou a arma para o trio na rampa do Berg e disparou dois tiros seguidos. Sabia que era preciso chamar a atenção deles, para que não percebessem as próximas ações de Alec. Os três de traje verde recuaram e se ajoelharam, baixando o corpo na rampa de metal que os separava do atirador. Um deles desapareceu nave adentro.

Mark lançou o escudo de madeira para o lado. Agarrou a arma com as duas mãos, preparou-se e se concentrou. Uma cabeça despontou na rampa, e Mark agilmente firmou a vista e disparou. As mãos saltaram com o coice da arma, mas ele avistou uma névoa vermelha, um esguicho de sangue no ar; um corpo caiu da rampa e se chocou com um grupo de pessoas abaixo. Uma nova onda de gritos partiu de todas as direções quando as pessoas se deram conta do que acontecia.

Um braço se estendeu acima da rampa do Berg, segurando o tubo nocivo para disparar dardos aleatórios. Mark atirou mais uma vez, ouvindo um ruído agudo quando a bala atingiu o dispositivo de metal, e em seguida viu a arma cair ao chão. Uma mulher a pegou e passou a examiná-la, tentando descobrir como usá-la contra os próprios tripulantes. Aquela seria uma grande ajuda.

Mark arriscou desviar os olhos para Alec. Ele segurava a arma com o gancho de imobilização, como se fosse um marinheiro prestes a fisgar uma baleia. Ouviu-se um ruído e, de repente, o gancho voou na direção do Berg, a corda em seu rastro como um risco de fumaça. O gancho colidiu com uma das engrenagens hidráulicas que mantinham aberta a rampa e aninhou-se ao redor delas, girando e as

contendo. Alec puxou a corda com firmeza.

– Jogue o revólver para mim! – gritou-lhe o soldado.

Mark olhou para cima a fim de se certificar de que ninguém lá dentro havia reaparecido para lançar outra série de dardos; em seguida, correu a toda velocidade para onde Alec se encontrava e lhe entregou o revólver. O homem mal a pegara, quando Mark ouviu um clique e Alec se lançava em pleno céu rumo ao Berg, sustentando-se na corda. Ele segurou o gancho de imobilização com uma das mãos e apontou o revólver para a rampa da aeronave. Três tiros soaram em rápida sucessão. Mark viu o tripulante subir a rampa, os pés foram a última coisa a desaparecer de vista. Alguns segundos mais tarde, outro corpo trajando verde esgueirou-se da aeronave, atirando no vazio.

– O outro gancho! – berrou Alec. – Depressa, antes que mais deles apareçam ou eles decolem! – Não esperou pela resposta de Mark antes de se virar para encarar o Berg.

O coração de Mark acelerou, quase ferindo-o ao bater com rapidez contra as costelas. Olhou ao redor e visualizou o outro dispositivo volumoso no chão, onde Alec o havia deixado. Mark o pegou, examinou-o e sentiu uma onda de pânico ao perceber que não sabia como usar aquela porcaria.

– Só mire aqui em cima! – gritou Alec. – Se não atingir o alvo, eu amarro no meu corpo. Depressa!

Mark ergueu o dispositivo como se fosse um rifle e o apontou para a rampa da aeronave. Puxou o gatilho. O coice foi forte, e ele se inclinou na direção da arma, sentindo uma pontada de dor no ombro. O gancho com a corda que o acompanhava disparou rumo ao Berg, rampa adentro. Ele ricocheteou e voltou para trás, mas Alec o agarrou a tempo. Mark observou Alec se deslocar para um dos dispositivos hidráulicos e prender com firmeza o gancho em torno dele.

– Tudo certo! – gritou Alec. – Aperte o botão verde do retrator...

Suas palavras foram abafadas quando os motores do Berg roncaram com um estrondo e o veículo se agitou no ar. Mark agarrou a extremidade do dispositivo de combate no momento em que este o ergueu do chão e o arremessou ao ar. Ouviu Trina gritar seu nome lá embaixo, mas em um segundo o solo se afastava e as pessoas se tornavam menores. O medo invadiu Mark enquanto subia, e ele cerrou os punhos com tanta força que os dedos se tornaram brancos como um pedaço de osso. Olhar para baixo lhe dava tonturas e fazia o estômago revirar, portanto fixou o olhar na rampa do Berg.

Alec recuava na extremidade da rampa, quase fora enviado para a morte. Arrastou-se em busca de segurança, usando a mesma corda à qual Mark se agarrava para sobreviver. Então, caiu de barriga no chão e encarou Mark com os olhos arregalados.

– Encontre o botão verde, Mark! – gritou. – E aperte!

O ar envolvia o corpo de Mark, o vento mesclado à potência dos propulsores. O Berg subia, agora a sessenta metros do chão, e avançava na direção das árvores. Alcançariam Mark em segundos e fariam picadinho dele, ou cortariam a corda que segurava. Ele se agarrou a ela enquanto vasculhava freneticamente o dispositivo em busca do botão.

Ali estava ele, a alguns centímetros do detonador que havia disparado o gancho e a corda. Ele odiava a ideia de se soltar, mesmo por um segundo, mas concentrou toda a força em sua mão direita, cerrando mais ainda os punhos, e estendeu a mão esquerda para o botão. Todo o seu corpo se agitava para frente e para trás no ar, oscilando contra o vento e balançando a cada solavanco do Berg. Não conseguia se estabilizar o suficiente para pressionar o botão.

De repente, ouviu um ruído: um som agudo de metal em movimento acima dele. Olhou para cima. A rampa do Berg se fechava.

6

– Depressa! – gritou Alec lá de cima.

Mark tentava de novo alcançar o botão quando atingiram as árvores. Tornou a levar a mão esquerda ao botão, agarrando-se à corda com o máximo de firmeza possível. Encolheu o corpo e cerrou os olhos com força. Os ramos do pinheiro mais alto tocaram seu corpo, enquanto o Berg o balançava. As folhas feriam sua pele, as pontas agudas dos ramos da árvore esbarrando na roupa e arranhando seu rosto. Eram como mãos de um esqueleto tentando libertá-lo, impulsionando-o para a morte. Cada pedacinho de seu corpo parecia ser tocado por alguma coisa.

Mas ele sobreviveu, os solavancos do Berg e a corda livrando-o do contato com as árvores. Relaxou as pernas e depois impulsionou-as com violência enquanto a nave girava, fazendo-o prescrever no ar a trajetória de um arco. A rampa já estava fechada pela metade, e Alec se inclinava para fora dela, tentando puxar a corda, o rosto quase roxo de tanto gritar. As palavras se perdiam em meio a todo aquele barulho.

O estômago de Mark deu um nó, mas ele sabia que só tinha mais uma chance. Soltou a mão esquerda do dispositivo e tateou ao longo da lateral do corpo, até encontrar de novo o detonador, arrastando os dedos até onde supunha estar o botão verde. Sua visão periférica mostrou mais árvores vindo em sua direção, o Berg agora baixando para evitar que sobrevivesse de novo.

Encontrou o botão, pressionou-o, mas os dedos escorregaram. Os ramos o alcançaram, mas ele tentou de novo mesmo assim, enrodilhando-se à corda para se estabilizar ainda mais, e apertou com força o botão. Este produziu um som seco, e ele foi arremessado para cima, o corpo indo de encontro à espessa folhagem das árvores. Passou voando por elas, rumo à rampa lá em cima, os ramos açoitando seu rosto. Ouviu-se um zumbido quando a corda se recolheu para o dispositivo, lançando-o para onde estava Alec, que tinha uma das mãos estendida. A placa de metal da porta estava a apenas meio metro de se fechar.

Mark soltou o dispositivo pouco antes de atingir uma das quinas da rampa, que se erguia devagar, impulsionando-se para pegar a mão de Alec e agarrar o metal com a outra. Perdeu o ponto de apoio, mas Alec o agarrou com firmeza, alçando-o pelo espaço que se estreitava. Era uma passagem apertada, e Mark se contorceu e desferiu alguns chutes, mas enfim conseguiu entrar a tempo, embora tenha precisado puxar à força a sola do sapato das mandíbulas da rampa que se fechava. A porta foi selada com um ruído estrondoso, que ecoou pelas paredes sombrias do interior do Berg.

Estava frio lá dentro e, quando o eco desapareceu, a única coisa que Mark conseguia ouvir era o som da própria respiração pesada. A escuridão era completa, pelo menos para os olhos não adaptados depois de estar lá fora sob o sol ofuscante. Sentiu a proximidade de Alec, também inspirando profundamente para retomar o fôlego. Cada pedacinho do corpo de Mark doía, e ele sentia escorrer sangue de vários pontos. O Berg estacou, zumbindo ao apenas pairar no lugar.

– Não consigo acreditar que acabamos de fazer isso – disse Mark, a voz ecoando lá dentro. – Mas por que será que não há um exército por aqui, só esperando para nos arremessar lá embaixo? E o ataque com aqueles dardos...

Alec soltou um suspiro pesado.

– Não sei. Eles podem ter uma tripulação de cadáveres, mas acho que há pelo menos mais um sujeito aqui esperando por nós.

– Ele pode estar apontando uma daquelas armas de dardos pra minha cabeça neste exato momento.

– Ah – protestou Alec. – Em minha opinião, aqueles caras eram de quinta categoria, enviados pra realizar o trabalho que deveria ter sido executado por profissionais. Talvez tenhamos exterminado a tripulação. Todos, exceto o piloto.

– Ou talvez tenha dez caras armados esperando do outro lado da porta – murmurou Mark.

– Bem, será uma coisa ou outra – respondeu Alec. – Vamos, vamos. – O soldado foi para frente; Mark só conseguia acompanhá-lo pelos sons que ele fazia. Alec parecia rastejar.

– Mas... – começou Mark, e logo percebeu que na verdade não havia o que dizer. O que mais poderiam fazer? Ficar ali sentados e brincar de esconde-esconde no escuro até que alguém se aproximasse para recebê-los com biscoitos e um copo de leite? Apoiou as mãos nos joelhos, relaxando por um instante da surra que seu corpo havia acabado de levar, e se pôs a seguir o amigo.

Uma luz fraca apareceu alguns centímetros à frente e, quando chegaram mais perto, o que os circundava começou a entrar em foco. Pareciam estar em algum tipo de depósito com prateleiras ao longo das paredes, com correias para sustentá-las e manter tudo no lugar. Mas pelo menos a metade das prateleiras estava vazia.

A luz vinha de um painel brilhante acima de uma pequena porta metálica com ferrolhos nas extremidades.

– Será que nos trancaram aqui? – perguntou Alec, quando enfim se levantou. Caminhou até a porta e testou a maçaneta. É claro que ela não se moveu.

Mark se sentiu aliviado por poder levantar – a superfície rígida machucava os joelhos –, mas os músculos protestaram quando ele se pôs de pé. Fazia pouco tempo que havia despendido muita energia, e ter escapado de ser aniquilado por um monte de árvores fora algo realmente inusitado.

– O que está acontecendo, afinal? – perguntou ele. – O que esse pessoal quer com nossa aldeia? E atirando *dardos* em nós? O que foi *aquilo*?

– Bem que eu gostaria de saber. – Alec puxou a maçaneta com mais força, mas sem sucesso. – Aquelas pessoas caíram feito moscas mortas com aqueles troços enfiados nelas. – Ele se afastou da porta com uma expressão frustrada, depois colocou as mãos nos quadris, como uma velha.

– Caíram como moscas – repetiu Mark baixinho. – E um deles foi Darnell. Você acha que ele ficará bem?

Mark lançou-lhe um olhar que dizia: *Você costuma ser mais inteligente*... E Mark concordava com ele. Seu coração se apertou um pouco. Haviam sido envolvidos por uma loucura tal desde o aparecimento do Berg que só agora ele se dera conta: era muito provável que Darnell estivesse morto.

– Por que estamos aqui? – perguntou Mark.

Alec se voltou para ele, o dedo em riste.

– Porque é o que você faz quando alguém chega à *sua* casa e ataca a *sua* gente. Você resiste. Não vou deixar esses vampiros escaparem impunes.

Mark pensou em Darnell, em todas aquelas pessoas feridas e confusas, e percebeu que Alec tinha razão.

– Está bem. Estou com você. E então, o que faremos?

– Primeiro temos de conseguir abrir esta maldita porta. Ajude-me a examinar melhor o local; quem sabe não encontramos algo que possa abri-la.

Mark perambulou pelo aposento à procura, embora a luz fosse deplorável.

– Por que a aeronave está pairando no mesmo lugar neste exato momento?

– Você gosta de fazer perguntas para as quais não temos resposta. Por enquanto, abra bem os

olhos e continue procurando.

– Está bem, está bem.

De início, Mark só via lixo e mais lixo. Peças sobressalentes, ferramentas, caixas repletas de suprimentos... Tinha de tudo: desde sabão até papel higiênico. Então avistou um objeto amarrado à parede que Alec adoraria: uma marreta.

– Ei, aqui! – gritou Mark. Desvencilhou a marreta das correias, segurando-a nas mãos. – É bem pesada; perfeita pra você derrubar a porta com seus braços colossais de soldado.

– Não são mais tão fortes como costumavam ser.

O velho soldado soltou um risinho forçado, a luz fraca cintilando em seus olhos ao segurar o cabo de madeira do objeto. Partiu para a porta trancada e começou a desferir golpes. Não havia a mínima chance de a porta não ceder, mas Mark considerou que Alec poderia demorar um ou dois minutos para derrubá-la. Só esperava que, quando a abrissem, não houvesse um exército de brutamontes com trajes verdes esperando por eles do outro lado.

Péeeeeeee... Alec continuava golpeando a porta, os amassados aumentando de tamanho.

Mark perambulou por ali, esperando encontrar algum tipo de arma para quando aquela porta enfim cedesse. Alec, pelo menos, tinha uma enorme marreta nas mãos para se defender. Algo no canto mais escuro do aposento chamou a atenção de Mark – uma seção repleta de caixas de madeira com cerca de sessenta centímetros de comprimento e trinta de altura e profundidade, que pareciam ter sido feitas para proteger algo importante. Algumas estavam abertas e vazias; outras, fechadas.

Correu para lá e estreitou os olhos a fim de enxergar melhor, mas estava escuro demais para distinguir qualquer coisa. Pegou uma das caixas fechadas – era mais leve do que havia imaginado – e a levou para uma zona mais iluminada, depois depositou-a sobre a superfície de metal. Inclinando-se, pôde enfim dar uma boa olhada.

Havia um símbolo de advertência colado sobre a tampa, do tipo que indica que o conteúdo tem alguma espécie de risco biológico. Um rótulo abaixo do símbolo dizia:

Vírus VC321xb47
Altamente Contagioso
24 Dardos; Manusear com Extremo Cuidado

Mark se arrependeu de ter tocado naquela coisa.

7

Mark endireitou o corpo e se distanciou alguns centímetros da caixa. Não conseguia acreditar que havia tocado nela. Correra até o risco de tê-la aberto se não a houvesse trazido para um local mais iluminado primeiro. Pelo que imaginava, aqueles dardos bem poderiam ter se quebrado durante o voo do Berg. Talvez o vírus tivesse escapado pelas pequenas frestas da caixa. Sem mencionar as outras abertas nas prateleiras, embora estivessem vazias.

Esfregou as mãos na calça, afastando-se ainda mais.

Péeeeee...

Alec parou de bater, respirando pesadamente.

– Mais um ou dois golpes e acho que esta joça vai ceder. Precisamos estar prontos. Encontrou alguma arma?

Mark sentia-se nauseado. Como se insetos microscópicos houvessem saltado da caixa direto para sua pele e agora abrissem caminho até seu sangue enquanto estava ali de pé.

– Não; apenas uma caixa que contém dardos infectados com um vírus mortal. Será que podemos disparar alguns neles? – Pretendia que a informação soasse como uma piada, mas de algum modo aquelas palavras o fizeram se sentir ainda pior.

– O quê? Um vírus? – repetiu Alec em tom duvidoso. Dirigiu-se para onde Mark se encontrava e se inclinou para a caixa que estava no chão. – Aposto que... Então era *isso* que estavam disparando em nós? Quem *são* estas pessoas?

Mark estava em pânico.

– E se estiverem esperando pela gente do outro lado da porta? – perguntou. – Só aguardando para enfiar esses dardos em *nosso* pescoço? Afinal, o que estamos fazendo aqui em cima? – Ele podia perceber o tom de alarme crescente na própria voz e se envergonhou disso.

– Calma, garoto. Já estivemos em situações muito mais difíceis que esta – respondeu Alec. – Encontre alguma coisa, qualquer coisa, que possa pegar e dar na cabeça de alguém que vier nos atacar. Quer deixar estas pessoas escaparem impunes, mesmo tendo atirado esses dardos em alguns dos nossos amigos? Estamos aqui agora. Não tem volta.

O espírito de combate na voz de Alec fez Mark se sentir melhor, mais seguro de si.

– Está bem. Vou procurar.

– Apresse-se!

Mark havia visto uma chave-inglesa amarrada na parede perto da marreta. Correu até lá e a pegou. Esperava encontrar uma arma de verdade, mas aquela peça de metal com aproximadamente trinta centímetros de comprimento teria de funcionar.

Alec tinha a marreta nas mãos, pronto para golpeá-la mais uma vez contra a maçaneta.

– Tem razão quando diz que eles podem disparar contra nós assim que esta porta se abrir. Não vamos cruzá-la como uma dupla de gorilas idiotas. Fique ali e espere meu comando.

Mark fez o que ele pedira, pressionando as costas contra a parede do outro lado da porta. Segurava com firmeza a chave-inglesa.

– Estou pronto. – O medo pulsava dentro dele.

– Tudo bem, então.

Alec levantou bem alto a marreta e depois a baixou contra a maçaneta. Precisou dar mais dois

golpes para aquela coisa enfim se quebrar com um ruído. Mais um golpe, e a porta foi totalmente aberta, indo para o lado de fora e batendo na parede. Quase imediatamente três dardos cortaram o ar: *vupt*, *vupt*, *vupt*, atingindo a parede mais distante. Depois ouviu-se o som de algo colidindo com o chão e passos se afastando. Tratava-se apenas de uma pessoa.

Alec ergueu uma das mãos como se pensasse que Mark fosse atacar o sujeito. Em seguida, espiou pela beirada do batente da porta.

– Tudo livre. Esse rato deve ter ficado sem dardos, porque jogou a arma no chão. Começo a achar que este Berg tem uma tripulação mínima. Venha, vamos caçar essa doninha.

Alec se inclinou passagem adentro, dirigindo o olhar de um lado para o outro. Depois se deslocou para a área pouco iluminada à frente. Mark respirou fundo e o seguiu, chutando, enojado, a arma para longe. Quando ela deslizou pela superfície, atingindo uma das paredes, pensou em Darnell e naquele dardo que lhe atravessara o ombro. Mark desejava ter mais que uma chave-inglesa nas mãos.

Alec segurava a marreta com as duas mãos, um pouco inclinado para frente enquanto atravessava o corredor estreito. Ligeiramente curvado assim, parecia seguir o contorno arredondado da nave. Painéis brilhantes como o que tinham visto antes encontravam-se colocados a alguns centímetros de distância um do outro, apenas para proporcionar iluminação. Passaram por várias portas, mas nenhuma se abriu quando Alec testou as maçanetas.

Mark tentava controlar a tensão enquanto andavam, desejando, contudo, estar pronto se alguma coisa saltasse sobre ele. Estava prestes a perguntar a Alec sobre a disposição espacial de um Berg – lembrava-se de que ele havia sido piloto antes – quando ouviu o som de uma porta se abrindo à frente, e depois sons de passos.

– Vamos! – gritou Alec.

O coração de Mark deu uma guinada e ele passou a correr a toda velocidade no encalço de Alec, ambos atravessando a porta curvados. Mark só conseguiu captar o vislumbre de um vulto correndo à frente, parecendo alguém naqueles trajes verdes que haviam visto antes, mas sem o capacete. A pessoa berrou alguma coisa, mas as palavras tornaram-se indecifráveis ao ecoarem corredor afora. Com certeza, era um homem. Muito provavelmente aquele que havia disparado contra eles.

O ruído de motores entrando em ação os atingiu, e o Berg sacolejou, avançando com um solavanco. Mark perdeu o equilíbrio, bateu contra a parede, deu um salto com o impacto e depois tropeçou em Alec, que se encontrava esparramado no chão. Os dois se esforçaram para ficar em pé, ainda com as armas na mão.

– A cabine do piloto fica lá na frente – gritou Alec. – Apresse-se! – Ele não aguardou resposta; saiu correndo pelo corredor, Mark atrás dele.

Chegaram a uma área mais ampla com cadeiras e uma mesa, no momento em que o homem que perseguiam desapareceu por uma escotilha redonda que só podia ser a cabine do piloto. Ele passou a puxar a porta para fechá-la, mas Alec lançou a marreta naquele exato momento. O objeto atingiu a parede próxima à escotilha e caiu no chão, emperrando a porta e a impedindo de fechar. Mark não se deteve: desviou de Alec e chegou primeiro à cabine, inclinando-se para dentro sem parar para pensar direito no que fazia.

Lançando um rápido olhar para o local, avistou duas cadeiras de piloto, janelas acima de amplos painéis repletos de botões, visores e telas com informações. Uma das cadeiras estava ocupada por uma mulher que pressionava freneticamente alguns botões, fazendo o Berg avançar, as árvores desaparecendo abaixo deles a uma velocidade crescente. Mark mal havia processado todos aqueles dados, quando alguém o atacou pela direita, ambos os corpos caindo ao chão.

Mark perdeu o fôlego quando o oponente tentou imobilizá-lo. Mas então o homem foi golpeado no

ombro pela marreta de Alec e arremessado longe. Aterrissou no chão com um gemido de dor, e Mark se pôs de pé, lutando para inspirar e levar ar aos pulmões. Alec agarrou o homem pelo traje verde e o trouxe para perto do próprio rosto.

– O que está acontecendo por aqui? – gritou o ex-soldado, gotas de saliva voando pela boca.

A mulher que pilotava continuava a acionar os controles, ignorando a cena caótica atrás dela. Mark se aproximou, incerto sobre o que fazer. Recompôs-se e colocou toda a autoridade que conseguiu na voz.

– Pare esta coisa imediatamente. Retorne e nos leve para casa.

Ela continuou a agir como se não o tivesse ouvido.

– Fale alguma coisa! – gritava Alec para o homem capturado.

– Não somos ninguém! – respondeu o sujeito em meio a um resmungo patético. – Fomos enviados apenas para executar o trabalho sujo.

– Enviados? – repetiu Alec. – Quem os enviou?

– Não posso lhe dizer.

Mark ouvia o diálogo entre os dois. E estava aborrecido pelo fato de a mulher ter ignorado suas ordens.

– Já lhe disse para parar esta coisa! Agora! – Ele ergueu a chave-inglesa, mas se sentiu completamente ridículo com aquele gesto.

– Apenas sigo ordens, filho – replicou a moça. Não havia nenhum vislumbre de emoção em sua voz.

Mark tentava encontrar uma resposta à altura quando o barulho de Alec socando o homem no chão desviou sua atenção.

– Quem os mandou? – repetia ele. – O que havia naqueles dardos que vocês dispararam contra nós? Algum tipo de vírus?

– Eu não sei – o homem respondeu em meio a um gemido. – Por favor, não me machuque mais. – A atenção de Mark estava agora toda concentrada no homem de traje verde, e uma coloração cinzenta de súbito lhe cobriu o rosto, como se tivesse sido possuído por alguma presença fantasmagórica.

– Faça o que tem de ser feito – disse o homem, quase mecanicamente. – Derrube-a.

– O quê? – perguntou Alec. – O que está dizendo?

A mulher virou a cabeça e olhou para Mark, que agora a encarava, perplexo. Ela tinha os mesmos olhos vazios, parecendo os de um zumbi, que o sujeito de macacão verde.

– Estamos apenas obedecendo a ordens.

Ela estendeu a mão e empurrou uma alavanca, pressionando-a para frente até o limite. O Berg deu uma guinada e mergulhou rumo ao solo, as janelas da cabine de repente repletas de uma paisagem verde.

Mark voou pela cabine e se chocou contra os painéis de controle. Ouviu-se um ruído horrível de algo sendo destruído, e o ronco dos motores encheu seus ouvidos. Depois, um barulho alto, seguido de uma explosão. O Berg se agitou violentamente antes de se deter, e algo maciço passou voando pela cabine e bateu contra a cabeça de Mark. Ele sentiu uma dor imensa e fechou os olhos antes que o sangue cobrisse sua visão. Então, lentamente, foi deixando a consciência, enquanto ouvia Alec chamando seu nome em um túnel escuro e infinito.

Um túnel... Que apropriado, pensou, antes de perder por completo os sentidos. Afinal, fora nele que tudo começara...

8

Mark reclina a cabeça para trás contra o assento do Subtrans, enquanto este parte a toda velocidade. Ele fecha os olhos e sorri. A escola vinha sendo um fardo nos últimos dias, mas aquilo tinha acabado. Por duas semanas. Agora ele podia relaxar e se acalmar – só ficar na dele. Jogar o Virtualbox e comer tudo o que tinha vontade. Sair para passear com Trina, conversar com Trina, implicar com Trina. Talvez ele dissesse adeus aos pais e raptasse Trina para fugir com ela. Ótima ideia.

Ele abre os olhos.

Ela está sentada à sua frente, ignorando-o por completo. Não tem ideia de que está sonhando acordado com ela, ou sequer de que está louco por ela. São amigos há muito tempo, mais pelas circunstâncias que por qualquer outra coisa. Quando você mora na casa vizinha à de um garoto, ele é seu amigo segundo as regras do universo. Homem, mulher, alienígena... não importa. Mas como ele poderia ter adivinhado que Trina se transformaria nesta coisa linda com um corpo atraente e olhos deslumbrantes? O único problema, é claro, era que todos os outros caras da escola também gostavam dela. E Trina gostava de ser admirada. *Isso* era óbvio.

– Ei – diz ele. Através dos túneis sob a cidade de Nova York, os trens da rede do Subtrans correm com um ruído baixo, o movimento sendo quase relaxante. Isso o faz fechar os olhos de novo. – O que você está pensando sobre aquilo lá?

Os olhos dela encontram os dele; então seu rosto se abre num sorriso.

– Absolutamente nada. E é isso que farei durante duas semanas. Não pensar. Se começar a pensar, vou pensar sem parar em não pensar, até parar de pensar.

– Uau. Parece um grande esforço.

– Não. Só é divertido. Apenas mentes geniais sabem como fazer isso.

Este é um daqueles momentos em que Mark sente o ímpeto ridículo de dizer que gosta dela; de convidá-la para um encontro de verdade; de estender sua mão e segurar a dela. Em vez disso, saem as tolices confusas de costume. – Oh, mais sábia entre as sábias, talvez você possa me ensinar este método de pensar em não pensar.

O rosto dela se franze um pouco.

– Você é tão idiota.

Oh, sim. Com certeza Trina o está manipulando. Ele se vê soltando um suspiro, talvez desejando socar o próprio rosto.

– Mas eu gosto de idiotas – diz ela, para suavizar o golpe.

E ele se sente bem de novo.

– E então... quais são seus planos? Vão pra algum lugar, vai ficar em casa ou fazer o quê?

– Talvez a gente vá para a casa de minha avó por alguns dias, mas logo estaremos de volta. Talvez eu saia com o Danny em algum momento, mas não há nada certo. E você?

Faltou pouco para ser nocauteado. São muitos altos e baixos com esta garota.

– Humm... sim. Quero dizer, não. Apenas... Nada. Vou ficar sentado em algum lugar comendo salgadinhos. E soltando muitos arrotos. Quero passar bastante tempo vendo minha irmãzinha ser estragada com presentes. – Madison. Sim, ela é mimada, e metade da culpa é do próprio Mark.

– Bem, talvez possamos dar uma volta por aí.

O humor dele volta a melhorar.

– Seria fantástico. O que me diz de fazermos isso todos os dias? – Esta é a declaração mais direta que já fez para ela.

– Tudo bem. Talvez a gente possa até... – Ela olha ao redor com cautela exagerada, depois volta a se concentrar nele. – Trocar um beijo no seu porão.

Durante um longo segundo ele acha que Trina fala sério, e seu coração para completamente, os pelos se eriçando como soldados perfilados em sua pele. Uma onda de emoção arde em seu peito.

Mas depois ela começa a rir como louca. Na verdade, não com malícia, e talvez não dê para identificar nem mesmo um sinal de flerte real por ali. O máximo que ele pode afirmar é que ela os vê apenas como amigos de toda uma vida, nada mais. E que a sugestão do beijo no porão é pura tolice. Mark decide oficialmente abandonar por um tempo as ideias que vem tendo.

– Você é hilária – diz ele. – Estou me matando de rir por dentro.

Ela para com as risadas e usa a mão para abanar o rosto.

– Eu realmente toparia, sabe?

A última palavra mal é pronunciada e as luzes se apagam.

O trem perde toda a potência e passa a reduzir a velocidade; Mark quase despenca do assento e vai parar no colo de Trina. Em qualquer outro momento, talvez aquela fosse uma boa coisa, mas agora ele se sente apavorado. Ouvira histórias sobre esse tipo de situação ter ocorrido antigamente, mas durante seu tempo de vida a energia do Subtrans jamais havia falhado. Estão em uma escuridão absoluta, completa. As pessoas começam a gritar. O cérebro não está preparado para imergir em tal escuridão sem aviso prévio. É apavorante. Enfim, a iluminação proveniente de alguns telefones de pulso a abranda um pouco.

Trina agarra a mão dele e a aperta.

– O que está acontecendo? – pergunta ela.

Mark se sente tranquilizado, porque na verdade Trina não parece tão apavorada. E isso o faz readquirir o controle dos sentidos. Embora nunca tivesse passado por qualquer situação semelhante, por certo o Subtrans podia falhar às vezes.

– Falha mecânica, eu acho. – Ele pega o *palmphone*; não é rico o bastante para ter uma daquelas coisas luxuosas de pulso. Estranhamente, está sem serviço. Coloca-o de volta no bolso.

Luzes de emergência amareladas se acendem, formando uma trilha no teto do vagão. São fracas, mas ainda assim é um alívio bem-vindo após a completa cegueira de antes. Ao redor, as pessoas estão todas de pé, olhando para cima e para baixo, sussurrando furiosas umas com as outras. Sussurrar parece ser o que se deve fazer em uma ocasião como aquela.

– Pelo menos não estamos com pressa – diz Trina. Sussurrando, é claro.

Mark não tem mais a sensação inicial de pânico. Agora, tudo o que deseja é lhe perguntar o que ela quis dizer quando falou: "Eu realmente toparia, sabe?". Mas aquele momento passou, morreu. Todo o encanto fora quebrado.

O vagão balança. Por um breve instante. Em seguida, começa a tremer muito, sob efeito de uma vibração forte. Isso é inquietante, e as pessoas gritam de novo e passam a andar de um lado para outro. Mark e Trina trocam um olhar cheio de curiosidade, com um lampejo de medo.

Dois homens correm para as portas de saída, esforçando-se para abri-las. Elas enfim cedem, e eles saltam para fora, tomando o caminho que percorre a extensão do túnel. Como um monte de ratos fugindo de um incêndio, o restante dos passageiros os segue, acotovelando-se, atropelando-se e praguejando até que todos estejam fora. Em cerca de dois ou três minutos, Mark e Trina estão sozinhos no vagão do Subtrans, as luzes pálidas refletindo sobre eles.

– Não tenho certeza de que esse seja o certo a fazer – diz Trina, por alguma razão ainda sussurrando. – Estou certa de que esta coisa logo vai voltar a se movimentar.

– Pode ser – Mark responde. O vagão continua a balançar um pouco, o que começa a preocupá-lo um pouco mais. – Não sei. Na verdade, algo realmente parece estar errado.

– Acha que devemos sair daqui?

Ele reflete durante um instante.

– Acho. Se ficarmos sentados aqui, vou acabar enlouquecendo.

– Certo. Talvez você tenha razão.

Mark se levanta, Trina também. Caminham em direção às portas abertas e depois saltam para fora. O caminho é estreito e não tem corrimão, o que o faz parecer muito perigoso no caso de o veículo voltar a se movimentar. As luzes de emergência iluminam parcialmente o túnel, mas pouco fazem para romper a escuridão quase palpável de um lugar tão subterrâneo.

– Eles foram naquela direção – diz Trina, apontando para a esquerda. E algo em seu tom o faz desconfiar de que ela pensa em seguir a direção oposta. Ele concorda.

– Então... vamos pela direita – responde, chamando-a com um aceno de cabeça.

– Certo. Não quero ficar perto de nenhuma daquelas pessoas. Não sei explicar por quê.

– Bem, parecia uma multidão furiosa...

– Vamos.

Ela o puxa pelo braço e segue pelo caminho estreito. Os dois correm com uma das mãos apoiada na parede, quase se inclinando na direção dela para se certificarem de que não cairão nos trilhos. A parede tem certa vibração, mas não como a do Subtrans. Talvez o que quer que tenha causado a pane elétrica enfim comece a se estabilizar. Talvez fosse apenas um terremoto e tudo volte logo ao normal.

Caminham por uns dez minutos, sem falar nada um com o outro, quando ouvem gritos à frente. Não apenas gritos. Algo *além* de gritos. Um som de genuíno terror, como o de pessoas sendo abatidas. Trina para e se vira para encarar Mark atrás dela. Quaisquer dúvidas – ou melhor, esperanças – desaparecem.

Algo horrível está acontecendo ali.

O instinto de Mark é se virar e correr na direção oposta, mas fica envergonhado quando Trina abre a boca e mostra o quanto é corajosa:

– Precisamos subir e ver o que está acontecendo... Talvez a gente possa ajudar.

Como ele poderia dizer não a isso? Correm, tão cautelosa e rapidamente quanto podem, até chegar à ampla plataforma de uma subestação. Então, param. A cena diante deles é terrível demais para a mente de Mark registrar. Mas ele tem consciência de que nada em sua vida, nunca, jamais, será igual.

Corpos forram o chão, despidos e queimados. Gritos e lamentos de dor perfuram seu tímpano e ecoam pelas paredes. Pessoas se arrastam de um lado para o outro, braços estendidos, roupas flamejantes e rostos se derretendo como cera. Há sangue por toda parte. E uma horrível onda de calor impregna o ar, como se estivessem dentro de um forno.

Trina se vira, agarra a mão dele com tal expressão de horror no rosto, que ele considera por um momento se ela não ficará gravada na mente dele para sempre. Ela o puxa pela mão, correndo de volta para o lugar de onde vieram.

O tempo todo ele pensa em seus pais. E na irmãzinha.

Em sua mente, ele os vê com o corpo em chamas em algum lugar. Vê Madison gritando.

Seu coração fica dilacerado.

9

– Mark!

A visão se foi, mas a lembrança do túnel ainda escurecia a mente dele como se uma espécie de lodo se infiltrasse nela.

– Mark! Acorde!

Era a voz de Alec. Sem dúvida. Berrando com ele. Por quê? O que havia acontecido?

– Acorde, droga!

Mark abriu os olhos, momentaneamente cego sob a luz brilhante penetrando pelos ramos acima dele. Então distinguiu o rosto de Alec, que cobria a luz, e pôde enxergar com mais clareza.

– Já era hora – comentou o velho soldado, soltando um suspiro exagerado. – Estava começando a entrar em pânico, garoto.

Foi quando Mark se deu conta da dor na cabeça. Por isso demorara para acordar. A dor dentro do crânio era lancinante, parecia ocupar todo o seu cérebro. Grunhiu e colocou as mãos na testa, tocando a superfície úmida de sangue coagulado.

– Ai! – foi tudo o que conseguiu dizer antes de soltar um lamento.

– É, você bateu a cabeça quando caímos. Tem sorte de estar vivo. Sorte de ter um anjo da guarda como eu para cuidar de você.

Mark achou que aquilo poderia matá-lo, mas tinha de fazê-lo. Tomado pela agonia, sentou-se. Piscou para que as manchas sumissem de seu campo de visão e esperou que a dor na cabeça e no resto do corpo diminuísse. Depois, olhou em volta.

Estavam em uma clareira cercada por árvores. Raízes retorcidas abriam caminho através das folhas pontiagudas dos pinheiros e de folhas caídas. Cerca de trinta metros longe dali, os destroços do Berg jaziam entre dois carvalhos gigantescos, quase como se houvessem germinado ali como algum tipo de flor metálica gigantesca. Retorcido e inclinado, ele desprendia fumaça, embora não houvesse nenhum sinal de fogo.

– O que aconteceu? – perguntou Mark, ainda desorientado.

– Você não se lembra?

– Bem... não, desde que o que quer que seja esmagou minha cabeça!

Alec ergueu as mãos para o alto.

– Não foi nada de extraordinário. Caímos, e arrastei você até aqui. Depois me sentei e fiquei observando você se agitar como se estivesse tendo um pesadelo. Lembra disso?

Mark concordou com um aceno de cabeça. Não queria mais pensar naquilo.

– Inspecionei o Berg o máximo que pude – contou Alec, mudando de assunto. Mark agradeceu o fato de ele não insistir no assunto. – Mas a fumaça dos motores era demais. Quando conseguir andar sem que seus olhos saiam das órbitas, quero vasculhar um pouco mais. Vou descobrir quem eram aquelas pessoas e por que fizeram o que fizeram. Nem que seja a última coisa que eu faça.

– Certo – respondeu Mark. Então um pensamento o atingiu, seguido por uma onda de alarme. – E quanto àquela coisa de vírus que vimos? E se as caixas de madeira e os dardos tiverem quebrado e aquilo estiver por toda parte agora?

Alec levantou a mão e deu um tapinha amigável no peito de Mark.

– Eu sei, eu sei. Não se preocupe. Tive de passar por aquele lugar para sair da nave e vi as caixas

ainda lacradas e em segurança.

– Como um vírus se manifesta? Quero dizer... há alguma chance de o termos contraído? Seríamos capazes de notar? – Ele não gostava daquela situação incerta. – Que tipo de vírus você acha que é?

Alec soltou uma breve risada.

– Filho, são ótimas perguntas, para as quais não tenho nenhuma resposta. Temos de perguntar à especialista quando voltarmos. Talvez Lana já tenha ouvido falar desse vírus antes. Mas acho que, a menos que você tenha um resfriado muito forte, não me preocuparia muito com isso. Lembre-se: o tal do vírus nocauteou os outros imediatamente, e você continua de pé.

As palavras da caixa voltaram, luminosas, à mente de Mark, embora tentasse relaxar. *Altamente contagioso*. – Vou levar isso em conta – respondeu devagar. – A que distância você acha que estamos do assentamento?

– Não tenho ideia. Talvez precisemos enfrentar uma longa caminhada, mas nada que seja impossível.

Mark deitou no chão e fechou os olhos, colocando seu braço sobre eles.

– Dê-me apenas alguns minutos. Depois podemos dar uma busca na nave. Quem sabe o que poderemos encontrar...

– É isso aí.

Meia hora mais tarde, Mark estava de novo dentro do Berg, chutando escombros, só que agora caminhava sobre uma das paredes, em vez de sobre a superfície metálica.

Andar no Berg inclinado daquela maneira era desorientador... confundia a mente e perturbava o estômago já embrulhado. Mas estava tão determinado quanto Alec a encontrar algo que esclarecesse a quem o Berg pertencia. Era óbvio que não se encontravam mais em segurança nas pequenas cabanas da montanha.

O maior desafio seriam os sistemas de computador, mas Alec os testou sem nenhum resultado. Estavam desativados, embora houvesse uma chance de que ele e Alec encontrassem um telefone ou um *workpad* em algum lugar entre os destroços. E, se tivessem sorte, estaria funcionando. Fazia um século desde que Mark havia visto tecnologia como aquela. Depois do episódio das chamas solares, tinham ficado apenas com o que não fora fritado, e as baterias não duraram muito. Mas, como já sabiam, era possível que houvesse baterias dentro do Berg.

Um Berg. Ele estava dentro de um Berg. E começava a se dar conta de quanto o mundo havia mudado em apenas um ano. Houvera uma época em que ver um Berg era tão excitante quanto ver uma árvore. E apenas no dia anterior ele imaginava que jamais veria outro de novo. Agora encontrava-se ali, vasculhando um que ajudara a destruir, buscando seus segredos. Era estimulante, embora tudo o que houvesse visto até agora fosse lixo, roupas, destroços da nave e mais lixo.

Então descobriu um tesouro. Um *workpad* em perfeito estado de funcionamento. Estava ligado, e a tela brilhante foi o que mais chamou a atenção de Mark. Encontrava-se entre um colchão e o estrado de um beliche em uma das pequenas cabines. Desligou-o assim que o tirou dali; se a bateria descarregasse, não haveria como recarregá-la.

Encontrou Alec em outra cabine, inclinado sobre uma mala, praguejando enquanto tentava abri-la.

– Ei, olhe o que encontrei – anunciou Mark com orgulho, levantando o *workpad* para Alec ver. – E você?

Alec endireitou o corpo, os olhos cintilando diante da descoberta do amigo.

– Não achei porcaria nenhuma e já estou ficando cansado de procurar. Vamos dar uma olhada nisso.

– Tenho receio de que a bateria descarregue – falou Mark.

– Eu sei, mas essa é mais uma razão para examinarmos essa coisa agora mesmo, não acha?

– Vamos fazer isso lá fora. Estou cansado deste monte de lixo.

Mark e Alec se curvaram juntos sobre o *workpad*, sentados sob a sombra de uma árvore, enquanto o sol continuava a se arrastar pelo céu. Mark podia jurar que o tempo transcorria mais devagar quando aquela coisa estava lá em cima, arremessando neles seus raios medonhos e poderosos. Tinha de ficar enxugando o suor das mãos para conseguir controlar as funções da tela do *workpad*.

Workpad. Jogos, livros, programas novos e antigos que tinham antecedido o ataque das chamas solares. Havia um diário pessoal que podia proporcionar uma tonelada de informações interessantes caso tivesse sido atualizado recentemente. Mas no dispositivo não havia muita coisa relacionada à área profissional.

Encontraram, por fim, a apresentação do mapeamento. Era óbvio que funcionava pelos satélites do antigo GPS; todos haviam sido destruídos no holocausto de radiação das chamas solares. Mas este parecia ter um *link* com o rastreador do Berg, talvez controlado por um antigo radar ou outra tecnologia de ondas curtas. E havia ainda um registro de todas as viagens que a nave agora destruída tinha realizado.

– Olhe para isso – pediu Alec, apontando para um ponto no mapa. Toda linha que rastreava os voos do Berg acabavam convergindo para ele. – Esse deve ser o quartel-general, base ou seja lá o nome que se dê a isso. E, a julgar pelas coordenadas e pelo que sei sobre esta cadeia de montanhas que chamamos de lar, não pode estar a mais de oitenta ou cem quilômetros de distância.

– Talvez seja uma antiga base militar – sugeriu Mark.

Alec refletiu por alguns instantes.

– Talvez uma casamata. Ter algo desse tipo nas montanhas faria sentido. E nós vamos até lá, garoto. Antes tarde do que nunca.

– Agora? – Mark sabia que seu cérebro ainda estava confuso por ter sido atingido durante a queda, mas certamente o velho soldado não desejava caminhar toda aquela distância antes de voltar ao assentamento.

– Não, não exatamente neste momento. Precisamos ir para casa e descobrir o que aconteceu lá. E ver se Darnell está bem. Além dos outros.

O coração de Mark apertou diante da menção a Darnell.

– Sabe o que vimos naquele Berg? As caixas de dardos? Não há como aquelas pessoas terem tido todo aquele trabalho para nos infectar com gripe.

– Você tem razão. Odeio dizer isso, mas você tem razão, garoto. Não espero boas notícias em nosso retorno grandioso. Mas, de qualquer maneira, precisamos ir até lá. Portanto, vamos em frente.

Alec se levantou e Mark o seguiu, guardando o *workpad* no bolso traseiro da calça. Preferia mil vezes voltar a seu povoado a procurar uma casamata.

Partiram. Mark ainda se sentia meio zonzo e com a cabeça um pouco dolorida. Mas, quanto mais ganhavam distância, mais seu pulso acelerava e melhor ele se sentia. Árvores, sol, arbustos, raízes, esquilos, insetos e cobras. O ar estava quente, mas fresco, recendendo a seiva e torrada queimada, e aquele aroma enchia seus pulmões.

O Berg os havia levado para muito mais longe de casa do que tinham imaginado, e terminaram acampando duas noites na floresta, descansando apenas o suficiente para renovarem as forças. O pequeno animal caçado por Alec e sua faca era a única refeição. Enfim aproximaram-se do assentamento no fim da tarde do terceiro dia após o ataque do Berg.

Mark e o velho soldado estavam a cerca de um quilômetro e meio da aldeia quando o fedor da morte os atingiu como uma nova onda de calor insuportável.

10

O sol estava a poucas horas de se pôr quando chegaram à base da encosta, abaixo dos afastados casebres e cabanas.

Mark rasgou uma larga tira da camisa para cobrir o nariz e a boca. Pressionou a mão contra o tecido ao chegarem perto da última colina antes do povoado. O cheiro era terrível. Podia senti-lo na língua, úmido, podre e venenoso, descendo até o estômago como se houvesse engolido algo que tinha começado a se decompor. Lutando contra a vontade de vomitar, foi andando, um pé diante do outro, esperando, quase sem fôlego, ver que horrores haviam se instalado como consequência do ataque.

Darnell.

Mark não tinha esperanças quanto a ele; aceitara, com o coração pesado, que o amigo estava morto. Mas e quanto a Trina? E Lana? Sombria e Sapo? Estariam vivos? Ou doentes, devido a algum vírus maluco? Parou a um gesto de Alec, que estendeu a mão e lhe tocou o peito.

– Muito bem, escute – disse o velho, a voz abafada atrás de sua faixa de tecido protetora. – Precisamos estabelecer alguns pontos antes de chegarmos lá. Não podemos deixar que as emoções dominem tudo. Não importa o que vejamos, a prioridade é salvar o máximo possível de pessoas.

Mark fez um aceno com a cabeça e depois fez menção de continuar a caminhar, mas Alec o deteve.

– Mark, preciso saber se estamos do mesmo lado. – Alec exibia uma carranca austera, expressão que fez Mark se lembrar de um professor preocupado. – Se chegarmos lá e começarmos a abraçar as pessoas e a chorar, tentando fazer coisas sem sentido por gente que não tem chance, tudo porque estamos perturbados... isso só vai prejudicar mais as pessoas a longo prazo. Entende? Precisamos pensar a longo prazo. E, por mais egoísta que pareça, precisamos sobretudo nos proteger. Percebe o que quero dizer? Proteger a nós mesmos. Salvar o maior número de pessoas significa que não poderemos ajudar ninguém se estivermos mortos.

Mark olhou dentro dos olhos de Alec e viu neles algo tão duro quanto pedra. Sabia que o amigo estava certo. Com o *workpad*, o mapa e as coisas que sabiam sobre as pessoas que haviam estado no Berg, era evidente que algo maior estava acontecendo.

– Mark? – chamou Alec, estalando os dedos para atrair a atenção do garoto. – Fale comigo, companheiro.

– Então, está dizendo que, se as pessoas parecerem doentes... se aqueles dardos realmente deixaram as pessoas doentes... devemos ficar longe delas?

Alec recuou um passo, o rosto tomado por uma expressão que Mark ainda não havia captado por completo.

– Quando você fala dessa maneira, não parece muito fraternal, mas está certíssimo. Não podemos correr o risco de adoecer, Mark. Não sabemos o que vamos encontrar lá... nem com o que estamos lidando. Tudo que digo é que precisamos estar preparados. Se houver qualquer dúvida em relação a alguém...

– Deixamos a pessoa para trás, para ser devorada pelos animais – Mark respondeu com frieza, esperando magoar Alec.

O ex-soldado apenas balançou a cabeça.

– Não sabemos o que esperar, garoto. Vamos até lá ver como estão as coisas. Quero encontrar

nossos amigos. Mas não seja estúpido, é isso que estou dizendo. Não chegue perto de ninguém e, é claro, não toque em ninguém. Mantenha esse pano amarrado em torno da sua bela cabecinha. Está me entendendo?

Mark estava. No mínimo, fazia sentido manter distância das pessoas que haviam sido atingidas pelos dardos. *Altamente contagioso*. As palavras se iluminaram de novo em sua mente. Alec tinha razão. – Estou entendendo. Tomarei cuidado, prometo. Seguirei suas ordens.

Uma expressão de compaixão percorreu o rosto de Alec, algo que Mark não via com frequência.

– Fomos ao inferno e retornamos, garoto. Mas isso nos fez mais fortes, certo? Podemos fazer o que for necessário para enfrentar mais um desafio. – Ele se voltou para o caminho que ia dar no assentamento. – Vamos torcer para que nossos amigos estejam bem.

– Sim, vamos torcer – repetiu Mark. E apertou a máscara de tecido ao redor do rosto.

Alec acenou com a cabeça – agora um gesto firme e impessoal – e passou a subir a colina. Mark se recompôs, jurando, pelo menos por ora, colocar as emoções de lado, e o seguiu.

Mal haviam chegado ao topo e a fonte daquela terrível emanação de fedor entrou no campo de visão de ambos.

Eram corpos demais.

Nos arredores da aldeia havia uma estrutura de madeira grande, embora simples, destinada a princípio a proporcionar abrigo em uma tempestade; mais tarde, quando construções mais sólidas foram erigidas, ela servia para armazenar coisas temporariamente. Tinha três paredes e a parte da frente toda aberta. Um teto de palha havia sido assentado com lama para manter o interior o mais seco possível. Todos chamavam o lugar de Pavilhão Inclinado, porque, apesar de ser bastante firme, parecia tombar na encosta da montanha.

Alguém havia tomado a decisão de inserir a morte no Pavilhão Inclinado.

Mark estava horrorizado. Não deveria estar, pois havia visto mais pessoas mortas no último ano do que uma centena de coveiros do passado teria visto em toda uma vida. Mas a visão era, ainda assim, chocante.

Havia pelo menos vinte corpos, estendidos um ao lado do outro, cobrindo todo o chão. A maioria deles tinha sangue cobrindo o rosto – em torno do nariz, da boca, dos olhos e das orelhas. E, levando em conta a cor da pele e o odor, estavam mortos há um ou dois dias. Um exame rápido revelou que Darnell não estava no grupo. Mas Mark não ousou se permitir ter esperança. Pressionou a faixa com mais firmeza sobre o nariz e a boca e se obrigou a desviar o olhar da carnificina. Não conseguiria comer nada em qualquer momento do futuro próximo.

Aquilo, no entanto, não pareceu intimidar Alec. Ele fitava os corpos com uma expressão mais de frustração que de indignação. Talvez sentisse vontade de entrar no pavilhão, para examinar os corpos e tentar descobrir o que acontecera, mas sabia que seria uma grande tolice.

– Vamos entrar no povoado – disse Mark. – Temos de procurar nossos amigos.

– Está certo – foi a resposta de Alec.

O lugar era uma aldeia fantasma. Tudo se resumia a poeira, madeira seca e ar quente.

Ninguém podia ser visto nos caminhos ou nas vielas, mas Mark continuava captando vislumbres de olhos espreitando pelas janelas, através das ripas de madeira e pelas fendas nas estruturas irregulares. Não conhecia todos os habitantes do acampamento – pelo menos até aquele momento –, mas tinha certeza de que àquela altura já deveriam tê-lo reconhecido.

– Ei! – gritou Alec, surpreendendo-o. – Sou o Alec. Alguém venha aqui fora e nos informe sobre o

que aconteceu desde que saímos daqui!

Uma voz respondeu, levemente abafada, vinda de algum lugar mais acima.

– Todos estão trancados desde a manhã seguinte à chegada do Berg. Aqueles que ajudaram quem foi atingido pelos dardos... a maioria deles adoeceu e também morreu. Só levou um pouco mais de tempo.

– Foram os dardos – gritou Alec em resposta, certificando-se de que todos nas proximidades poderiam ouvi-lo. – Pode ser um vírus. Nós subimos naquele Berg; ele caiu a cerca de dois dias daqui. Encontramos uma caixa dos dardos que atiraram sobre nós. Provavelmente eles infectaram essas pessoas, que desenvolveram... algum tipo de doença.

Agora havia pessoas murmurando e sussurros provenientes do interior dos abrigos, mas ninguém respondeu diretamente a Alec.

Ele se voltou para Mark.

– Devemos nos dar por satisfeitos por terem tido inteligência suficiente para se enfiarem dentro de casa. Se houver algum tipo de vírus, talvez isso impeça a coisa de se espalhar como rastilho de pólvora. Quem sabe? Se todos foram para dentro e ninguém mais estiver doente, o vírus pode ter morrido com aqueles pobres coitados que estão lá no Pavilhão Inclinado.

Mark lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Espero mesmo que esteja certo...

Um ruído de passos interrompeu as palavras de Alec, antes que começasse a responder. Ambos voltaram o olhar para o centro da aldeia, bem a tempo de ver Trina vir na direção deles. Ela estava suja e suada, exibindo uma expressão transtornada. Mas seus olhos se iluminaram ao ver Mark, e ele soube que os dele também haviam se iluminado. Ela parecia saudável, o que o encheu de alívio. Corria para ele, sem demonstrar nenhuma intenção de reduzir a velocidade, até Alec detê-la. O velho soldado se postou entre a moça e o amigo, estendendo ambas as mãos. Trina se deteve.

– Muito bem, garotos – disse Alec. – Vamos ter cuidado antes de sairmos por aí nos abraçando. Toda cautela é pouco.

Mark esperou que Trina protestasse, mas ela aquiesceu, respirando profundamente.

– Está certo. Estava apenas... Só estou contente por vê-los aqui. Mas apressem-se, preciso lhes mostrar uma coisa. Vamos! – Ela agitou as mãos, chamando-os, depois se virou e correu de volta pelo mesmo caminho.

Mark e Alec seguiram-na sem hesitar, correndo pelas principais ruelas da vila. Mark ouviu suspiros e sussurros e viu dedos em riste para fora das casas nos quarteirões pelos quais passavam. Depois de vários minutos, Trina enfim se deteve na frente de um pequeno casebre que tinha sido lacrado com três tábuas de madeira atravessadas na porta.

Pelo lado de fora.

Alguém fora aprisionado.

E esse alguém gritava a plenos pulmões.

11

Os gritos não pareciam humanos.

Trina recuou alguns passos quando chegou ao casebre trancado, depois se virou para encarar Mark e Alec. Lágrimas fluíam de seus olhos e, enquanto ficou ali parada, inspirando profundamente, Mark achou que nunca vira alguém parecer tão triste. Mesmo depois das catástrofes pelas quais haviam passado.

– Sei que é terrível – ela falou, elevando a voz acima dos gritos do prisioneiro. Mark podia ver que se tratava de um homem ou de um garoto, mas não tinha ideia se era alguém que conhecia. Os sons eram aterrorizantes. – Mas ele nos obrigou a fazer isso. Disse que cortaria os pulsos se não o fizéssemos. E desde então vem piorando a cada dia. Não sabemos por que ele não morreu como os outros. Mas Lana se certificou desde o começo para que fôssemos cuidadosos. Ela estava preocupada de que houvesse uma chance de algo contagioso ter se espalhado no ar. Assim que mais pessoas começaram a adoecer, ela o colocou em quarentena. Tudo aconteceu muito depressa.

Mark estava impressionado. Fez menção de perguntar algo, mas abandonou a ideia. Acreditava já saber a resposta.

Alec falou por ele.

– É Darnell quem está ali, não é?

Trina aquiesceu, e uma nova onda de lágrimas escorreu pelo seu rosto. Mark não queria fazer nada além de abraçá-la, abraçá-la pelo resto do dia e da noite. Mas agora tudo o que tinha para oferecer eram suas palavras.

– Tudo bem, Trina. Tudo bem. Vocês duas fizeram o que era certo. Como disse Lana, Darnell sabia que eles podiam tê-lo infectado com alguma coisa. Todos nós precisamos ter cuidado até sabermos que esta coisa, seja lá o que for, parou de se disseminar.

Novos gritos surgiram do casebre, atravessando as frestas. Darnell parecia rasgar a própria garganta, e a única coisa que Mark queria era tampar os ouvidos.

– Minha cabeça!

Mark se virou com rapidez, fitando o casebre. Era a primeira vez que Darnell usava palavras. Mark não resistiu; correu até uma janela vedada por uma tábua com uma fresta de uns cinco centímetros de largura.

– Mark! – gritou Alec. – Volte aqui!

– Tudo bem! – replicou Mark. – Não vou tocar em nada.

– Não vou ficar nem um pouco feliz se você pegar alguma doença nojenta. Nem um pouco.

Mark tentou lhe enviar um olhar tranquilizador.

– Só quero ver meu amigo. – Ele pressionou com firmeza o pano contra o nariz e ergueu as sobrancelhas para Alec em um gesto dramático.

O homem grunhiu e olhou para o outro lado. Mas Trina o encarava, obviamente hesitando entre impedir Mark e se juntar a ele.

– Fique aí – disse-lhe ele, antes que ela pudesse esboçar qualquer movimento. A voz estava abafada pela máscara de tecido, mas Trina o ouviu claramente. Concordou com um aceno de cabeça; depois, cravou o olhar no chão.

Mark mirou a fresta entre as tábuas da janela. Os gritos haviam parado lá dentro, e agora ele ouvia

Darnell suspirando com suavidade, murmurando as mesmas duas palavras a cada poucos segundos.

– Minha cabeça, minha cabeça, minha cabeça.

Mark deu outro passo para a frente, depois mais um. A fenda estava agora a poucos centímetros de seu rosto. Ajustou a faixa de pano atrás do pescoço, certificando-se de que a boca e o nariz estivessem inteiramente cobertos. Depois se inclinou e espiou lá dentro.

Feixes entrecortados da luz do sol, que desaparecia, apontavam como setas para o chão sujo, mas a maior parte do interior estava na penumbra. Avistou os pés e as pernas de Darnell sob um feixe de luz, encolhidos fortemente contra o corpo, mas o rosto permanecia oculto. Ao que parecia, o garoto se encontrava com a cabeça enterrada entre os braços.

Os lamentos e murmúrios prosseguiam. E ele tremia dos pés à cabeça, como se houvesse sido assaltado de súbito por uma nevasca.

– Darnell? – chamou Mark. – Ei... é o Mark. Sei que está passando por uma experiência terrível, cara. Eu... realmente... sinto muito. Ei, pegamos os desgraçados que fizeram isso com você. Derrubamos o Berg deles.

O amigo não respondia; só permanecia ali, envolto em sombras, tremendo e gemendo. E continuava a murmurar aquelas duas palavras:

– Minha cabeça, minha cabeça, minha cabeça.

As entranhas de Mark mergulharam em um lago escuro, e ele se sentiu vazio por dentro. Já havia visto muito terror e morte, mas olhar para seu amigo ali, sofrendo sozinho... aquilo o aniquilava. Especialmente porque era algo sem sentido. Desnecessário. Por que alguém faria isso a outras pessoas depois de todo o inferno que havia se abatido sobre o mundo? A situação não estava ruim o suficiente?

Uma raiva repentina tomou conta dele. Mark deu um soco na madeira rústica do casebre, tirando sangue das articulações. Esperava que um dia alguém pagasse por tudo aquilo.

– Darnell? – Mark chamou de novo. Tinha de dizer algo, tornar aquilo menos pior. – Talvez... talvez você seja mais forte que os outros... por isso não morreu. Aguente firme, cara. Aguente. Você vai... – Palavras vazias. Era isso que aquele discurso tinha. Era como se estivesse mentindo para o amigo. – Seja como for, o sargento e eu, Trina, Lana e quem mais puder... vamos consertar isso, de alguma maneira. Só aguente...

O corpo de Darnell de repente se enrijeceu, as pernas se esticaram e os braços se tornaram rígidos, grudados na lateral do corpo. Outro grito, pior que os anteriores, saiu de sua garganta devastada... como o rugido de um animal furioso. Mark saltou para trás, surpreso, mas rapidamente se inclinou de novo, o olho o mais próximo possível da fenda, embora sem tocá-la. Darnell havia rolado para o chão, o rosto agora totalmente visível sob um feixe de luz solar enquanto tremia sem poder se conter.

Havia sangue sobre a testa, as bochechas, o queixo e o pescoço. Empapado no cabelo. E escorrendo dos olhos e das orelhas, e ainda gotejando dos lábios. O garoto enfim readquiriu o controle dos braços e os pressionou contra a lateral da cabeça, girando-a de um lado para o outro, como se tentasse expulsar alguma coisa lá de dentro. Os gritos continuavam, interrompidos apenas pelas únicas duas palavras que ele parecia conhecer:

– Minha cabeça! Minha cabeça! Minha cabeça!

– Darnell – sussurrou Mark, sabendo que não havia como falar com o amigo agora. E, apesar de toda a culpa e mal-estar que aquela situação provocava nele, Mark também tinha consciência de que não podia entrar lá para tentar ajudá-lo. Seria um ato mais que estúpido.

– Minha cabeeeeeeça! – gritou Darnell em um longo e persistente uivo, com tal ferocidade, que

Mark recuou de novo. Não sabia se conseguiria continuar olhando.

Ouviu sons de movimentação lá dentro, um arrastar de pés. Então um baque alto contra a porta. Depois outro. E mais outro.

Tunc. Tunc. Tunc.

Mark fechou os olhos. Sabia o que significava aquele som. Trina de repente se postara a seu lado e o puxava para seus braços, apertando-o fortemente enquanto o próprio corpo se agitava com seus soluços. Alec protestou, mas foi apenas um resmungo desanimado. Era tarde demais.

Ouviram mais baques na porta, e depois um último, longo e penetrante grito que terminou em uma explosão gorgolejante. Depois disso, Mark ouviu Darnell cair ao chão com um último suspiro.

Mark estava com vergonha de si mesmo, mas tudo o que sentia naquele momento de silêncio era alívio pelo suplício ter enfim terminado. E por aquilo não ter acontecido com Trina.

12

Mark nunca havia pensado em Alec como um homem gentil. Nem remotamente. Mas, quando o soldado se aproximou e separou Mark de Trina, ele o fez com um olhar cordial no rosto. Em seguida, falou:

– Sei que passamos muito tempo juntos. – Alec piscou várias vezes ao olhar para o casebre onde Darnell estava. – Mas isso podia ter sido ainda pior, considerando o que acabamos de ouvir. – O homem fez uma pausa antes de continuar. – Não podemos desistir agora. Desde o primeiro dia, tudo que temos feito é sobreviver.

Mark acenou com a cabeça e olhou para Trina.

Ela enxugou uma lágrima, lançando um olhar frio para Alec.

– Estou meio cansada de sobreviver. Darnell pelo menos se livrou deste mundo.

Em todos esses anos desde que Mark a conhecia, ela nunca parecera tão furiosa.

– Não fale assim – disse ele. – Tenho certeza de que não falou isso de coração.

O olhar dela se voltou na direção dele e se suavizou.

– Quando tudo isso vai acabar? Sobrevivemos durante meses com o sol assolando o planeta e descobrimos um lugar onde podemos construir abrigo e encontrar comida. Até alguns dias atrás, estávamos rindo! E então vêm uns sujeitos em um Berg, atiram dardos na gente e as pessoas morrem? O que é isso, algum tipo de piada? Alguém lá em cima está zombando de nós, jogando com a gente em algum tipo de videogame?

Sua voz falhou e ela se entregou a novos soluços, cobrindo o rosto com as mãos enquanto se sentava na terra batida. Seus ombros sacudiam, motivados pelo choro silencioso.

Mark fitou Alec, cujos olhos se estreitaram, devolvendo-lhe o olhar como se dissesse: *Ela é sua amiga... diga alguma coisa.*

– Trina? – Mark chamou baixinho. Encaminhou-se para onde ela estava e se ajoelhou atrás dela, depois estendeu os braços e lhe apertou os ombros. – Sei que tem razão... Justo quando pensamos que as coisas não podiam piorar... Sinto muito. – Ele sabia que era inútil fazer as coisas parecerem menos terríveis do que realmente eram. Esse era um truque que todos haviam prometido parar de usar há muito tempo. – Mas prometo que vamos passar por tudo isso juntos – continuou. – E vamos fazer tudo o que pudermos para não contrair o que quer que seja que matou Darnell e os outros. Porém, para conseguir isso... – Ele fez um carinho nas costas dela e se voltou para Alec pedindo ajuda.

– Precisamos ser vigilantes – continuou o velho soldado. – Precisamos ser cautelosos, inteligentes e implacáveis para enfrentar essa porcaria.

Mark sabia que corria riscos ao tocar Trina, mas não se importava. Se Trina morresse, não tinha certeza de que conseguiria ir adiante.

Ela tirou as mãos do rosto e encarou Alec.

– Mark, levante-se agora e se afaste de mim.

– Trina...

– Faça o que estou dizendo. Agora. Fique perto de Alec, para que eu possa ver os dois.

Mark fez o que ela pediu. Tornou a se juntar ao homem a cerca de trinta metros de distância e se virou para constatar que qualquer vestígio da Trina chorosa, desamparada e desconsolada havia desaparecido, substituído pela mulher resoluta que Mark estava acostumado a ver. Ela ficou de pé e

cruzou os braços.

– Tenho sido muito cuidadosa desde que vocês dois entraram naquele Berg. Os trajes que aqueles idiotas vestiam, os dardos, a rapidez com que as pessoas atingidas adoeceram... Mesmo antes de Lana nos dizer qualquer coisa, era óbvio que algo muito estranho havia acontecido. A única pessoa com quem interagi foi Darnell, mas ele soube manter distância. Foi ele quem se fechou naquele casebre e me obrigou a vedá-lo com tábuas.

Ela fez uma pausa para tomar fôlego e olhou para os dois.

– Minha opinião é de que não estou doente. Principalmente porque tive uma reação muito rápida em relação aos demais que estavam.

– Posso ver isso, mas... – começou Alec, mas Trina o cortou.

– Não terminei – ela prosseguiu, o olhar penetrante. – Sei que precisamos ser cuidadosos. Eu *poderia* estar infectada. Sei que nos tocamos, mas vamos tentar não fazê-lo mais. Não até estarmos totalmente seguros. E nós três precisamos confeccionar novas máscaras e lavar as mãos e o rosto como loucos obsessivos.

Mark gostou de ela ter tomado a iniciativa.

– Parece uma boa ideia.

– Com certeza – concordou Alec. – Agora, onde estão os outros: Lana, Sombria e Sapo?

Trina apontou para diferentes direções.

– Cada um deles está entocado em algum lugar, mantendo distância do restante. Apenas por segurança, até que ninguém mais mostre qualquer sinal de doença. Talvez mais uns dois dias.

Ficar por ali sentado durante um dia ou dois parecia a pior sugestão possível para Mark.

– Vou pirar se fizermos isso. Encontramos um *workpad* com um mapa do local de onde veio o Berg. Vamos pegar suprimentos e dar o fora daqui... Quem sabe não conseguimos descobrir alguma coisa.

– De acordo – respondeu Alec. – Devemos ficar o mais longe possível deste lugar.

– Esperem... e quanto a Darnell? – indagou Mark. Embora soubesse o que os dois diriam, o simples fato de perguntar fez com que se sentisse melhor. – Devemos enterrá-lo?

Os olhos de Trina e Alec lhe deram a resposta. Não poderiam se arriscar a sequer chegar perto do corpo dele.

– Leve-nos até Lana e os demais – Alec pediu a Trina. – Vamos.

Enquanto procuravam pelos amigos no povoado, Mark ficou preocupado de que outras pessoas tentassem se unir a eles. Mas o medo estava tão profundamente arraigado nelas que ninguém se atreveu a se aventurar fora de casa. O lugar estava tão silencioso que chegava a ser assustador, mas podia sentir os olhares seguindo-o ao longo do percurso. Quanto mais pensava a respeito, menos se surpreendia. O mundo já havia punido as pessoas o suficiente... Por que elas deveriam se arriscar a causar mais algum dano por vontade própria?

Encontraram Sombria e Sapo no segundo andar de uma cabana de madeira, nos arredores da aldeia, do lado oposto ao Pavilhão Inclinado e aos corpos que abrigava em seu interior. Trina não tinha certeza de onde Lana estaria. Encontraram-na mais de uma hora depois, dormindo atrás de alguns arbustos ao lado do rio. Ela ficou angustiada por terem-na encontrado dormindo, mas estava totalmente exausta. Desde que Mark e Alec haviam partido com o Berg e desaparecido na floresta, ela assumira o controle de tudo. Colocar pessoas em quarentena e depositar os corpos em um único lugar; depois instruíra as pessoas a usar luvas e máscaras e ajudara a entregar alimentos de casa em casa. Ninguém no assentamento sabia exatamente o que havia acontecido, mas Lana insistira desde o início que deviam tomar cuidado, no caso de estarem lidando com algo contagioso.

– Não estou doente – concluiu quando estavam prontos para deixar o riacho e voltar à aldeia. – Tudo aconteceu tão depressa... e quem ficou doente depois já morreu. Acho que, se eu estivesse doente, a essa altura já estaria apresentando os sintomas.

– Depressa como? – perguntou-lhe Mark. – Quanto tempo demorou para surgirem os efeitos?

– Todos, com exceção de Darnell, estavam mortos em doze horas – ela respondeu. – Começaram a mostrar os sintomas em duas ou três horas. Realmente acredito que, se alguém ainda está vivo e sem sintomas a esta altura, está livre dessa coisa.

Mark observou seu grupo: Sapo, inquieto e nervoso; Sombria, olhando para o chão; Alec e Lana, entreolhando-se intensamente, em uma aparente conversa silenciosa; e Trina, fitando Mark. Os olhos dela diziam tudo... Passariam por aquela catástrofe da mesma maneira que tinha feito com todo o resto.

Estavam de volta ao Barracão uma hora depois, enchendo as mochilas com o máximo de comida que conseguiam carregar. Enquanto trabalhavam, mantinham distância um do outro. A cautela parecia natural agora. Mark lavou as mãos pelo menos três vezes enquanto arrumava as coisas freneticamente.

Haviam terminado, cada um deles portando uma mochila nas costas, quando Sombria soltou um gemido. Mark se voltou para lhe dar apoio – as mochilas estavam *mesmo* pesadas –, mas quando viu o rosto dela, seu estômago deu um nó.

Ela estava pálida e se apoiava em uma mesa com as duas mãos. Mark ficou perplexo; a última vez que havia olhado para Sombria, ela parecia ótima. Mas agora suas pernas falhavam, e ela caiu de joelhos no chão. Tocou a lateral do rosto em um gesto hesitante, quase como se se preocupasse com o que sentiria ali.

– Minha cabeça... está doendo – sussurrou.

13

– Todos pra fora daqui! – gritou Lana. – Fora! Agora!

Mark estava sem fala. Tudo nele desejava o oposto do que ela havia acabado de ordenar. Ele queria ajudar a amiga.

– Vão lá pra fora. Depois conversamos! – insistiu Lana. E apontou para a porta.

– Vão – pediu Sombria, a voz fraca. – Façam o que ela está dizendo.

Mark e Trina se entreolharam, mas Trina só hesitou um segundo antes de se encaminhar para a porta. Alec saiu logo atrás dela, seguido por Lana.

Mark ia fazer o mesmo, mas percebeu que Sapo não se movera.

– Ei... vamos, cara. Lá fora a gente conversa. Sombria, diga a ele.

– Ele está certo, Sapinho – ela falou. Colocou a mochila no chão e se sentou ao lado dele. Mark não conseguia acreditar na rapidez como ela passara de absolutamente ótima para literalmente subjugada, fraca demais até para se manter em pé. – Vá e deixe-me descobrir o que está acontecendo. Talvez eu apenas tenha comido algo que não me fez bem. – Porém, Mark sabia que ela mesma não acreditava naquilo.

– Não podemos abandonar as pessoas desse jeito – protestou Sapo, olhando fixamente para Mark.

– Quem se importa com o que você faz, se o que fizer vai acabar matando-o? – reagiu Sombria. – Como você se sentiria se fosse o inverso? Ia querer que eu saísse, tenho certeza. Agora, vá! – Aquilo pareceu sugar boa parte de sua energia. Ela desmoronou e caiu prostrada.

– Vamos – disse Mark. – Não vamos abandoná-la. Apenas vamos lá fora para conversar.

Sapo saiu pisando duro do Barracão, resmungando durante todo o caminho.

– Isso tudo é tão confuso. Muito confuso.

Mark relanceou o olhar para Sombria, mas ela fitava o chão, respirando pesadamente.

– Sinto muito – foi tudo o que conseguiu dizer. Em seguida, juntou-se aos outros.

Decidiram lhe dar uma hora. Veriam então o que se passaria. Se ela ia melhorar ou piorar. Ou se continuaria na mesma.

Foi uma hora enlouquecedora. Mark não conseguia ficar quieto. Caminhava do lado de fora do Barracão, preocupado com milhares de coisas. A hipótese de que um vírus pudesse estar tomando seu corpo naquele momento era... insuportável. E também a ideia de que estivesse no corpo de Trina. Ele tinha de *saber*. Agora. Era tão devastador que tivesse se esquecido sequer por um instante de que Sombria talvez tivesse contraído o vírus e logo poderia estar morta!

– Acho que precisamos reajustar nossa perspectiva aqui – disse Lana, quando se aproximava o fim do tempo que tinham estabelecido. Sombria não havia melhorado nem piorado. Continuava deitada no chão do Barracão, respirando regularmente. Não se movia. Nem falava.

– O que quer dizer? – perguntou Mark. Sentia-se grato pelo fato de o silêncio ter sido rompido.

– Darnell e Sombria provam que, seja lá o que isso for, não age necessariamente de imediato.

Alec se manifestou:

– Acho que devemos usar o tempo que temos. Devemos ir até aquele lugar que está no mapa. E precisamos fazer isso o mais rápido possível. – Ele baixou a voz e acrescentou: – Sinto muito, mas temos de sair daqui, e que lugar melhor para ir do que um local onde poderemos descobrir o que está

acontecendo? O que quer que aqueles dardos contivessem causou isto... Precisamos ir ao local de onde vieram os dardos. Talvez haja alguma alternativa, alguma medicação, que possa curar esta doença. Quem sabe?

Aquilo tudo soou um tanto frio. Duro. Mas Mark não conseguia discordar dele. Achava que tinham de sair dali para ver se havia algo a ser feito.

– Não podemos abandonar Sombria – disse Trina. Mas as palavras dela não apresentavam nenhuma convicção.

– Não temos escolha – replicou Alec.

Lana se levantou de onde estava, apoiada contra a parede, e bateu a poeira das calças. – Não precisamos suportar a culpa dessa decisão – murmurou ela. – Vamos perguntar a Sombria. Ela merece isso. E faremos o que ela decidir.

Mark arqueou as sobrancelhas e trocou olhares com os demais, que faziam o mesmo.

Lana encarou aquilo como gesto de anuência e se encaminhou para a porta aberta do Barracão. Sem entrar, bateu no batente e falou em voz alta:

– Sombria? Como vão as coisas por aí?

Mark se ajeitou de maneira que pudesse enxergar o que ocorria lá dentro. Sombria estava de costas para a porta, mas se virou devagar para encará-los.

– Vocês precisam partir – ela respondeu, a voz fraca. – Tem algo muito errado com a minha cabeça. É como se houvesse insetos lá dentro, devorando meu cérebro. – Ela respirou fundo várias vezes, como se aquelas suas últimas palavras tivessem esgotado suas forças.

– Mas, querida, como podemos deixá-la aqui? – perguntou Lana.

– Não me façam falar mais. Vão embora, só isso. – Outra inspiração profunda. Mark podia enxergar a dor em seus olhos.

Lana se voltou para os demais.

– Sombria está pedindo que a gente vá.

Todos eles estavam mais endurecidos – fora preciso, para sobreviverem ao mundo após o desastre das chamas solares. Mas esta era a primeira vez que eram obrigados a deixar alguém que ainda estava vivo. Decisão de Sombria ou não, Mark achava que a culpa iria consumi-lo.

Quando olhou para Trina, sua resolução se firmou. Mais uma vez, deixou a Alec o papel de sujeito mau. O ex-soldado havia ficado de pé e pendurara a mochila no ombro.

– A melhor maneira de honrar Sombria neste momento é sairmos daqui e descobrirmos algo que possa nos ajudar.

Mark fez que sim com a cabeça e o seguiu, apertando bem as tiras da própria mochila. Trina hesitou, depois se dirigiu à porta do Barracão e fitou Sombria.

– Querida... – começou, mas não saiu mais nada.

– Vá! – gritou a garota, quase fazendo Trina tombar para trás. – Vá, antes que as coisas que estão dentro do meu cérebro saltem daqui e mordam você. Vá! Vá! – Ela ergueu o corpo para se apoiar sobre os cotovelos e berrou com tal ferocidade, que Mark achou que ela houvesse ferido a si mesma de tanta angústia. Provavelmente havia compreendido que estava prestes a enfrentar o horror pelo qual Darnell passara.

– Está bem – disse Trina com tristeza. – Está bem.

Sapo era sem dúvida o amigo mais próximo de Sombria e não havia dito uma única palavra. Só ficara ali de pé, os olhos cravados no chão, com lágrimas nos olhos. Mas, quando Mark e os outros fizeram menção de partir, o robusto rapaz não se moveu. Alec por fim lhe perguntou qual era o problema.

– Eu não vou – respondeu ele.

Assim que disse aquilo, Mark se deu conta de que já esperava por aquela atitude. Não era nenhuma surpresa. E também tinha consciência de que não seria possível fazê-lo mudar de ideia. Agora se despediam de dois de seus amigos.

Alec e Lana tentaram argumentar com ele. Trina não se deu o trabalho, evidentemente chegando à mesma conclusão que Mark. E, tal como Mark havia previsto, Sapo não se moveu de onde estava.

– Ela é minha melhor amiga. Não vou deixá-la.

– Mas ela *quer* que você vá – contrapôs Lana. – Ela não quer que permaneça aqui e venha a morrer como ela. Sombria deseja que você viva.

– Não vou deixá-la – repetiu ele e lançou um olhar frio para Lana. Sombria não se manifestou lá dentro; ou não ouvia o que diziam, ou estava fraca demais para falar.

– Muito bem – retrucou Lana, sem se dar o trabalho de ocultar seu aborrecimento. – Venha atrás de nós se mudar de ideia.

Tudo que Mark queria era sair dali. A situação havia se tornado insuportável. Olhou uma última vez para Sombria através da porta antes de se pôr em marcha. Ela se encontrava encolhida em posição fetal, murmurando algo com uma voz estranha, embora fosse baixa demais para que pudesse entender o que dizia. Mas, enquanto se afastavam, teve certeza de que a garota cantava.

Ela enlouqueceu, pensou ele. Definitivamente, enlouqueceu.

14

Eles haviam caminhado cerca de cinco quilômetros, até que ficou escuro demais para continuarem. E Mark estava mais que pronto para parar, exausto pelas experiências daquele dia maluco. Alec sabia que não conseguiriam avançar muito, mas permanecer naquela aldeia não era mais uma opção. Enfim se encontravam longe daquilo tudo, em meio às árvores e ao ar fresco da floresta, o que ajudou a liberar parte da tensão e dos altos e baixos emocionais daquelas últimas horas.

Ninguém falou muito enquanto montavam um acampamento simples e comiam os alimentos embalados provenientes das fábricas na Cidade das Cinzas. Lana insistia em que mantivessem distância um do outro e, por isso, Mark permaneceu a seu lado, a alguns metros de Trina, os dois se entreolhando e desejando que, pelo menos, pudessem se abraçar. Mark quase se aproximou dela uma centena de vezes, mas conseguiu se conter. De todo modo, ela não o deixaria se aproximar. Não haviam falado muito; apenas sustentavam o olhar um do outro.

E Mark tinha certeza de que ela pensava as mesmas coisas que ele. Em como o mundo deles havia desmoronado uma vez mais. Em como tinham acabado de perder três amigos que haviam sobrevivido à jornada de horror que haviam enfrentado – desde a devastação da cidade de Nova York até as Montanhas Apalaches. E, é claro, ela também pensava no vírus. Não eram pensamentos muito positivos.

Alec ignorava todos, estudando o *workpad* que haviam resgatado do Berg. Fizera uma cópia grosseira do mapa que haviam encontrado com um lápis e um papel, mas queria ver se conseguia descobrir alguma outra coisa útil. Estava com sua bússola na mão, fazendo anotações, e Lana, próxima dele, oferecia sugestões.

Mark percebeu que suas pálpebras estavam pesadas. Trina lhe lançou um sorriso. Ele retribuiu. Patéticos ou não, pelo menos eram só sorrisos. Adormeceu, e então as lembranças começaram mais uma vez a visitá-lo. Jamais o deixavam esquecer.

Alguém está atrás deles.

Só faz algumas horas desde que aquilo aconteceu na cidade acima. Mark não tem ideia do que foi, mas supõe ter sido uma bomba lançada por terroristas ou uma explosão decorrente de um vazamento de gás. Algo que pudesse queimar.

O calor é insuportável. Assim como os gritos. Ele e Trina fogem pelos túneis do Subtrans, encontrando ramificações abandonadas, embrenhando-se cada vez mais naquele espaço. Mas há pessoas por toda parte, a maioria enlouquecida pelo terror. Coisas ruins estão acontecendo – roubos, saques, coisas piores. É como se os únicos que tivessem escapado à catástrofe acima deles fossem criminosos implacáveis.

Trina encontra uma caixa de comida enlatada, largada por alguém em meio ao caos. Mark a carrega agora, ambos já passaram para algum tipo de modo instintivo de sobrevivência. Mas outros obviamente também fazem o mesmo, e todos para os quais olham enquanto correm parecem saber que Mark e Trina têm algo que eles desejam. Talvez não seja apenas comida.

Não importa quantas voltas deem no labirinto subterrâneo de caminhos imundos, quentes e abafados, não conseguem se livrar do homem atrás deles. Ele é grande, veloz e se tornou uma espécie de sombra. Todas as vezes que Mark olha para trás, ele parece desaparecer em algum canto ou

esconderijo.

Estão correndo por um longo corredor cheio de água que cobre até os tornozelos, tropeçando a cada passo que dão. O *palmphone* de Mark proporciona a única iluminação, e ele teme pelo momento em que a bateria descarregue. A ideia de se encontrarem ali, sozinhos e sem nenhuma perspectiva de para onde ir, na completa *escuridão*, o apavora. Trina de repente para, agarra o braço de Mark e o arrasta para uma passagem à direita que ele não vira. Estão em uma sala pequena – parece ser um velho armário de suprimentos de quando aquele parte do sistema ainda funcionava, nos velhos tempos do metrô.

– Desligue o celular! – ela diz em um sussurro feroz, enquanto o arrasta mais para dentro da sala e se coloca atrás dele.

Mark desliga o telefone, lançando ambos na escuridão que ele tanto temia enfrentar. O primeiro instinto dele é sentir pânico, gritar e tatear às cegas por ali. Mas esse é um breve momento de insanidade que logo passa. Ele tenta recobrar o fôlego e se sente agradecido por conseguir sentir o toque da mão de Trina nas costas.

– Ele não estava perto de nós o suficiente para nos ver entrar aqui – ela sussurra em seu ouvido, atrás dele. – E não conseguiria se aproximar sem fazer barulho ao andar nessa água. Vamos esperar até que vá embora.

Mark faz um aceno com a cabeça, mas depois se lembra de que ela não pode vê-lo.

– Está bem – diz baixinho. – Mas, se de alguma maneira ele entrar aqui, agiremos depressa. Vamos nos juntar e derrubá-lo.

– Certo. Vamos lutar.

Trina aperta os braços dele e se inclina em sua direção. Apesar do absurdo de sentir algo parecido num momento como aquele, sob tais circunstâncias, ele se sente ruborizado da cabeça aos pés, e um formigamento percorre todo o seu corpo. Se pelo menos aquela garota soubesse o quanto ele gosta dela... Mark sente uma pontada de culpa ao perceber que, em algum nível inconsciente, ele se sente agradecido por qualquer que seja a tragédia que tenha ocorrido, porque isto os obrigou a ficarem juntos.

Mark ouve à distância alguns passos na água. Depois mais alguns, evidentemente do lado de fora da sala onde estão. Depois um som mais forte desses mesmos passos, aumentando à medida que o perseguidor – ele supõe que seja o perseguidor – se aproxima. Mark pressiona o corpo contra Trina e a parede que está atrás dela, desejando que fosse possível, de alguma maneira, desaparecerem tijolos adentro.

Uma luz pisca à direita de Mark, quase fazendo-o soltar um grito de surpresa. Os passos que se aproximam se detêm. Mark fixa o olhar à frente – os olhos já estão mais acostumados à escuridão – e tenta ver a fonte da luz. Ela se move e brilha pela sala, depois focaliza diretamente os olhos de Mark, cegando-o. Ele olha para baixo. Tem de ser alguém com uma lanterna.

– Quem é você? – pergunta Trina. Ela está sussurrando, mas para Mark a voz dela parece ter saído de um megafone, tal o nervosismo que toma conta dele.

A lanterna se move de novo, enquanto alguém se esgueira para fora de um buraco na parede e se levanta. Mark não consegue distinguir os detalhes, mas parece ser um homem. Um homem imundo, com o cabelo desgrenhado e as roupas esfarrapadas. Outro homem aparece atrás dele, e depois outro. Eles todos parecem a mesma pessoa – sujos, desesperados e perigosos. Três deles.

– Acho que nós é que vamos fazer as perguntas – diz o primeiro estranho. – Estávamos aqui antes de vocês, e não gostamos muito de visitantes. Afinal, por que as pessoas estão correndo por aqui como ratos? O que aconteceu? Vocês dois não parecem do tipo que vêm atrás de gente como nós.

Mark está totalmente apavorado. Nada nem remotamente parecido com aquilo aconteceu antes com ele. O garoto procura as palavras certas, achando que precisa responder, mas Trina se antecipa a ele:

– Olhem, usem a cabeça. Não desceríamos aqui a menos que algo terrível tivesse acontecido lá em cima. Na cidade.

Mark recupera a voz.

– Não perceberam como está quente? Achamos que foi uma bomba, uma explosão de gás, ou algo assim.

O homem dá de ombros.

– Por acaso vocês acham que a gente se importa? Tudo o que interessa é minha próxima refeição. E... talvez algo bom tenha caído hoje no colo da gente. Uma pequena surpresa para mim e os rapazes. – Ele olha Trina de cima a baixo.

– Não se atrevam a tocar nela – diz Mark, a expressão que vira nos olhos do sujeito enchendo-o da coragem que ele não conseguia encontrar minutos antes. – Temos alguma comida... Podem ficar com ela se nos deixarem em paz.

– Não vamos dar a eles a nossa comida! – corta Trina.

Mark se vira para encará-la e sussurra:

– É melhor que termos a garganta cortada.

Ele ouve o som de um clique, depois outro. Quando olha de novo para o homem, vê o brilho cintilante de lâminas prateadas.

– Há uma coisa que devem aprender sobre nós – fala um dos homens. – Neste lugar, não estamos abertos a negociações. Vamos pegar a comida e qualquer outra coisa que a gente queira.

Passam a avançar e, então, uma figura surge de repente à esquerda, através da porta de entrada. Mark respira fundo enquanto observa uma breve, mas violenta explosão de caos ocorrendo bem diante dos olhos. Corpos girando, braços descontrolados, facas sendo arremessadas ao ar, socos e grunhidos. É como se algum tipo de super-herói houvesse entrado na sala, usando velocidade e força para derrotar os três intrusos. Em menos de um minuto, o trio jazia no chão, grunhindo e praguejando. A lanterna também havia caído, iluminando as botas de um homem muito grande.

Aquele que os seguia.

– Podem me agradecer mais tarde. – A voz dele era profunda e estridente. – Meu nome é Alec. E acho que temos um problema muito maior que estes coitados aqui.

15

Mark acordou com uma profunda dor na lateral do corpo. Ficara deitado sobre uma pedra durante horas. Girou o corpo e ficou de barriga para cima, soltou um grunhido e fitou o céu reluzente por entre os ramos no alto. Lembrou-se vividamente do sonho, como se houvesse assistido um filme em uma tela.

Alec os havia salvado naquele dia, e inúmeras vezes depois disso. Mas Mark estava convicto de que ele havia lhe retribuído o favor em mais de uma ocasião. A vida deles estava tão conectada quanto as rochas e a terra da montanha onde haviam acabado de dormir.

Meia hora depois todos já tinham se levantado. Alec havia preparado um café da manhã rápido usando alguns ovos que trouxera do Barracão. Deveriam prosseguir sem demora; Mark estava satisfeito por não ser o especialista para aquela tarefa, embora tivesse feito sua parte. Enquanto se sentavam e comiam, ainda relativamente silenciosos e fazendo o máximo para evitar tocar um no outro, ou tocar em coisas que haviam sido tocadas, Mark ponderava. Angustiava-o pensar que alguém havia arruinado tudo justamente quando estavam prestes a experimentar uma sensação de normalidade.

– E então, todos prontos para prosseguir? – perguntou Alec quando toda a comida havia acabado.

– Sim – respondeu Mark. Trina e Lana concordaram apenas com um aceno de cabeça.

– Esse *workpad* foi um presente dos deuses – comentou Alec. – Com este mapa e a bússola, tenho certeza de que chegaremos lá. E quem sabe o que vamos encontrar?

Partiram em meio às árvores semiqueimadas, pisando na grama recém-crescida.

Caminharam o dia todo, descendo a encosta de uma montanha e subindo a de outra. Mark pensava na possibilidade de se depararem com outro acampamento ou povoado – havia boatos de que existiam assentamentos por todos os Apalaches. Aquele era o único lugar em boas condições depois do pesadelo das chamas solares, do aumento do nível do mar e da destruição maciça de todas as cidades, metrópoles e qualquer tipo de vegetação. Mark só esperava que um dia tudo voltasse ao normal. Talvez até mesmo enquanto ainda vivesse.

Pararam para uma pausa à tarde ao lado de um pequeno riacho, quando Trina estalou os dedos e chamou a atenção dele. Ao fitá-la, ela fez um aceno de cabeça em direção à floresta. Depois se levantou e anunciou que usaria o banheiro. Após sair, Mark esperou dois longos minutos e então disse que faria o mesmo.

Encontraram-se a cerca de cem metros de distância, ao lado de um grande carvalho. O ar ali tinha um odor mais fresco, que não sentiam há um longo tempo, uma área quase verde e palpitante de vida.

– O que foi? – perguntou ele. Ficaram a uma distância de mais ou menos um metro e meio um do outro, seguindo as ordens, embora não houvesse ninguém por perto para vê-los.

– Estou cansada de ficar deste jeito – disse ela. – Olhe pra nós. Mal nos abraçamos desde que o Berg atacou a aldeia. Parecemos bem e nos sentimos bem; portanto, parece uma tolice que fiquemos tão separados.

As palavras dela o encheram de alívio. Embora soubesse que as circunstâncias não podiam ser piores, ficou contente em ouvir que ela ainda desejava ficar perto dele. Sorriu.

– Então... que se dane essa droga de quarentena. – As palavras pareceram uma grande tolice

quando Mark as disse.

– Mas vamos manter isso em segredo para que Lana não tenha um ataque. – Ela se aproximou de Mark, colocou os braços em torno da cintura dele e o beijou. – Como eu disse, acho que toda essa cautela é inútil. Não estamos apresentando sintomas, portanto devemos estar livres dessa coisa.

Mark não conseguiria falar, mesmo que quisesse. Ele se inclinou e a beijou, e desta vez o beijo foi muito mais demorado.

Seguiram de mãos dadas até bem perto do acampamento e só então se separaram. A julgar pelos sentimentos que invadiam Mark no momento, ele não sabia quanto tempo conseguiria fingir. Mas, por ora, não queria enfrentar a fúria de Lana ou de Alec.

– Acho que conseguiremos chegar lá depois de amanhã – anunciou Alec quando retornaram. – Talvez não antes do pôr do sol, mas é possível que cheguemos amanhã. Depois descansaremos e tentaremos resolver o que fazer na manhã seguinte.

– Parece uma boa ideia – concordou Mark em tom um tanto indiferente, enquanto reempacotava suas coisas. Sentia-se flutuar, pelo menos por um tempo aliviado de toda aquela porcaria.

– Bem, vamos parar de falar e seguir em frente – disse Alec.

A declaração não fazia muito sentido para Mark, mas ele encolheu os ombros e olhou para Trina. Ela tinha um sorriso estampado no rosto. Realmente, esperavam que Alec e Lana dormissem cedo aquela noite. Teria de resistir ao ímpeto de ficar novamente de mãos dadas com ela quando voltassem a caminhar atrás do velho soldado e de Lana.

Naquela noite, o acampamento estava escuro e quieto, exceto pelo ronco de Alec e os suspiros suaves da respiração de Trina sobre o peito de Mark. Haviam esperado até que Alec e Lana apagassem, para em seguida se abraçarem.

Mark olhou por entre os ramos das árvores, encontrando um ponto vazio que revelava estrelas brilhantes acima deles. A mãe havia lhe mostrado as constelações quando ainda era pequeno, e ele passara aquelas valiosas informações para sua irmãzinha, Madison. As histórias que havia por trás das constelações eram sua parte favorita, e ele adorava compartilhá-las. Em particular porque era uma raridade ver um céu estrelado quando se vivia em uma cidade enorme como Nova York. Cada viagem que faziam para o campo era um imenso prazer. Passavam horas apontando para os diferentes mitos e lendas que pendiam bem acima deles.

Localizou Órion, seu cinturão mais brilhante do que jamais vira. Órion. Era a constelação preferida de Madison, por ser muito fácil de identificar, e tinha uma história realmente interessante – o caçador e sua espada, seus cães, todos eles combatendo um touro demoníaco. Mark enriquecia um pouquinho a história cada vez que a contava. Aquele pensamento lhe produziu um nó na garganta, e seus olhos ficaram marejados. Sentia muita saudade de Madison. Muita mesmo. Uma parte sombria dele desejava esquecê-la, pois a recordação o fazia sofrer profundamente.

Ouviu o ruído de ramos partidos na floresta.

Os pensamentos sobre a irmã mais nova evaporaram quando endireitou o corpo, praticamente atirando Trina para longe do peito, antes que pudesse pensar no que fazia. Ela murmurou alguma coisa, depois rolou para o lado, tornando a cair em seu sono profundo quando soou outro ruído proveniente do interior da floresta.

Ele colocou uma das mãos no ombro dela enquanto ficava de joelhos e examinava a área ao redor. Estava muito escuro para ver qualquer coisa no emaranhado de árvores, mesmo sob o luar e o brilho das estrelas. Mas sua audição havia se aprimorado de modo considerável desde que a energia e as

luzes artificiais tinham se tornado, em grande parte, coisa do passado. Acalmou-se e se concentrou. *Escutou.* Podia ser um cervo, um esquilo, inúmeras outras coisas. Mas não havia sobrevivido durante um ano em um mundo devastado pelas chamas fazendo suposições.

Ouviram-se mais estalos de galhos e ruídos de ramos quebrados. Era algo pesado e, definitivamente, com dois pés.

Estava prestes a gritar por Alec quando um vulto assomou à sua frente, saindo de trás de uma árvore. Ouviu o chiado de um fósforo sendo riscado antes de se acender, revelando o homem que o segurava.

Sapo.

– O que... – disse Mark, aliviado, os batimentos cardíacos voltando ao normal. – Sapo... Puxa, cara, você quase me matou de susto.

Sapo caiu de joelhos e segurou o fósforo o mais perto que pôde do rosto. Parecia abatido, os olhos úmidos e assustados.

– Você... está bem? – perguntou Mark, achando que o amigo estivesse extenuado pela caminhada.

– Não – respondeu ele, o rosto se contorcendo como se estivesse prestes a chorar. – Não estou, Mark. Não estou bem mesmo. Tem coisas vivendo dentro da minha cabeça.

16

Mark sacudiu Trina para que acordasse e ficou em pé de um salto, puxando-a para cima com ele. Sem sombra de dúvida, Sapo estava doente, e se encontrava a poucos metros do acampamento. Não sabiam nada sobre o vírus, o que só o tornava mais apavorante. Trina parecia desorientada, mas Mark não demonstrou piedade, praticamente arrastando-a para o outro lado das cinzas da fogueira que haviam acendido no início da noite.

– Alec! – gritou ele. – Lana! Acordem!

Como se os dois ainda fossem soldados na ativa, estavam de pé em três segundos. Mas nenhum deles viu o visitante.

Mark não perdeu tempo com explicações.

– Sapo, estou satisfeito por ter vindo, por estar em segurança. Mas... está se sentindo doente?

– Por quê? – perguntou ele, ainda de joelhos. Seu rosto exibia uma expressão fantasmagórica. – Por que me abandonaram assim, depois de tudo por que passamos juntos?

O coração de Mark estava em pedaços. A pergunta não tinha nenhuma boa resposta.

– Eu... eu... tentamos convencê-lo a vir com a gente.

Sapo agia como se não tivesse ouvido.

– Tenho coisas dentro do meu cérebro. Preciso de ajuda para tirá-las daqui. Antes que elas devorem meu crânio e comecem a se encaminhar para o coração. – Ele choramingava, um som que, para Mark, parecia mais ter vindo de um cão ferido do que de um ser humano.

– Que sintomas está tendo? – perguntou Lana. – O que aconteceu com Sombria?

Mark observou Sapo erguer as mãos e pressioná-las contra a lateral da cabeça. Sua silhueta era horripilante ao fazer esses gestos.

– Há... há... *coisas* na minha cabeça – repetiu ele devagar. Deliberadamente. Sua voz estava carregada de raiva. – De todas as pessoas deste planeta renegado, achei que meus amigos de mais de um ano estivessem dispostos a me ajudar a me livrar delas. – Levantou-se e começou a berrar. – Tirem essas coisas da minha cabeça!

– Acalme-se, Sapo – disse Alec, a ameaça clara em sua voz.

Mark não queria que a situação culminasse em algo que todos lamentariam.

– Sapo, escute-me. Vamos ajudá-lo da maneira que pudermos. Mas precisamos que você se sente e pare de gritar. Gritar conosco não vai melhorar sua situação.

Sapo não respondeu; mantinha uma postura rígida. Mark observou que ele estava de punhos cerrados.

– Sapo? Precisamos que se sente. E que nos conte tudo o que aconteceu desde que saímos da aldeia.

O rapaz não se moveu.

– Vamos – insistiu Mark. – Queremos ajudá-lo. Mas sente-se e relaxe.

Depois de alguns segundos, Sapo obedeceu, caindo no chão de uma vez, prostrando-se ali como se tivesse sido baleado. Vários gemidos escaparam dele enquanto mudava de posição, rolando de um lado para o outro.

Mark respirou fundo, sentindo que a situação havia voltado a ficar parcialmente sob controle. Notou que ele e Trina estavam de pé bem perto um do outro, mas nem Alec nem Lana pareciam ter

percebido. Mark avançou alguns passos, aproximando-se da fogueira apagada, e se sentou.

– Pobre garoto – ouviu Alec murmurar atrás dele, felizmente não alto o suficiente para Sapo escutar. Às vezes o velho dizia exatamente o que pensava. E, felizmente, os instintos de enfermeira de Lana vieram à tona e ela tomou as rédeas da conversa.

– Muito bem – começou ela. – Sapo, você parece sentir muita dor. Lamento por isso. Mas, para ajudá-lo, precisamos saber mais coisas. Você está se sentindo bem o suficiente para falar sobre isso?

Sapo continuou rolando no chão e gemendo baixinho. Mas respondeu:

– Vou fazer o possível, gente. Mas não sei por quanto tempo essas coisas na minha cabeça vão me deixar falar. É melhor nos apressarmos.

– Bom – falou Lana. – Muito bom. Vamos começar do momento em que o deixamos no povoado. O que você fez?

– Fiquei sentado na porta conversando com Sombria – explicou Sapo com voz cansada. – O que mais eu poderia fazer? Ela é minha melhor amiga... a melhor amiga que já tive. Não me importo com mais nada. Como alguém pode abandonar seu melhor amigo?

– Certo. Posso compreender isso. Estou contente por ela ter tido alguém que ficasse com ela.

– Ela precisava de mim. Percebi quando as coisas ficaram ruins para ela, então entrei lá e a abracei, segurei-a junto ao meu peito e beijei sua testa. Como se ela fosse um bebê. Como se fosse meu bebê. Nunca me senti tão feliz como quando a abracei, assistindo-a morrer lentamente em meus braços.

Mark se contorceu, sentindo-se mal com as palavras de Sapo. Esperava que Lana conseguisse levantar alguma informação relevante em meio a tudo aquilo.

– Como ela morreu? – perguntou Lana. – Ela sentiu muita dor, como Darnell?

- Sim. Sim, Lana. Ela sentiu muita dor. Ela gritou e gritou, até as coisas saírem da cabeça dela e entrarem na minha. Então nós a livramos de seu sofrimento.

A floresta pareceu cair em um silêncio mortal diante daquele último comentário, e a respiração de Mark congelou nos pulmões. Ele percebeu Alec se movendo atrás dele, mas Lana o deteve.

– *Nós?* – ela repetiu. – O que você quer dizer com isso, Sapo? E que história é essa de as coisas saírem da cabeça de Sombria e entrarem na sua?

Sapo pressionou as mãos contra a própria cabeça.

– Como podem ser tão burros? Quantas vezes tenho de lhes dizer? Nós! Eu e as coisas que estão na minha cabeça! Eu não sei o que elas são! Estão me ouvindo? Eu... não... sei... o que elas são! Garoto estúpido, garoto estúpido!

Um uivo escapou de sua boca, animalesco e agudamente alto, crescendo em altura e volume. Mark se levantou de um salto e recuou alguns passos. Até as árvores pareciam chocadas com o uivo que explodira de Sapo, e todas as criaturas vivas a uma distância de um quilômetro dali fugiram para um lugar seguro. Só se ouvia o eco daquele ruído horrível.

– Sapo! – berrou Lana, mas a palavra se perdeu nos gritos dele.

Sapo balançava a cabeça para frente e para trás, as mãos grudadas nela, enquanto continuava a gritar. Mark trocou olhares com os amigos, embora sem distinguir em detalhes a expressão de cada um. Não sabia o que fazer, nem Lana, era evidente.

– Chega – ele ouviu a voz de Alec, enquanto o homem se movia para a frente, passando por Mark, antes de trombar com ele no caminho. Mark cambaleou, em seguida recuperando o equilíbrio, e imaginou o que o ex-soldado havia planejado.

Alec se dirigiu para onde Sapo estava, agarrou-o pela camisa, colocou-o a seus pés e o arrastou floresta adentro. Os gritos não pararam; apenas se tornaram mais contidos e esporádicos enquanto ele

sugava o ar e lutava para se desvencilhar. Logo ambos se perderam na penumbra das árvores, mas Mark conseguia ouvir o corpo de Sapo sendo arrastado pelo chão. O som dos lamentos foi desaparecendo à medida que se afastavam mais.

– O que esse homem planeja fazer? – perguntou Lana em seu tom firme.

– Alec! – Mark berrou. – Alec!

Não houve resposta, apenas os gritos e gemidos de Sapo. E então, de repente, eles pararam. Foram interrompidos como se Alec o houvesse atirado em um quarto à prova de som e fechado a porta.

– O que... – sussurrou Trina atrás de Mark.

Logo ouviram passos voltando na direção deles, o andar determinado. Por um segundo Mark entrou em pânico, achando que Sapo de algum modo havia se livrado e ferido Alec, e, levado à completa loucura, voltava para acabar com os demais. Sedento de sangue.

Mas então Alec surgiu da penumbra escura das árvores, o rosto oculto pelas sombras. Mark só podia imaginar a tristeza que devia estampar sua fisionomia naquele momento.

– Não podia arriscar que fizesse nenhuma loucura – disse o velho soldado, a voz surpreendentemente abalada. – Não podia permitir. Não se isto tem algo a ver com o vírus. Eu... preciso me lavar no riacho.

Ele estendeu as mãos diante do rosto, fitando-as durante um longo tempo. Depois se dirigiu para o riacho próximo dali. Mark pensou tê-lo ouvido fungar, pouco antes de desaparecer em meio às árvores.

17

Depois de tudo aquilo, deveriam voltar a dormir. Ainda faltavam horas para amanhecer.

Ninguém disse uma palavra depois de Alec ter feito... o que quer que tenha feito com Sapo. Mark achou que poderia explodir a qualquer momento, tão perturbado estava pelo que havia acontecido na última meia hora. Ele queria *muito* conversar. Mas Trina se afastou dele quando trocou um olhar com ela. Caiu no chão e se enrolou numa manta, soluçando. Aquilo partiu o coração de Mark. Tinham passado vários meses sem lágrimas, e agora acontecia de novo.

Trina era um enigma para Mark. Desde o início, ela havia sido mais forte, mais resistente e mais corajosa do que ele. De início, isso o constrangia e o envergonhava, mas ele amava tanto essa característica dela, que conseguira superar. Mas por certo também escondia as próprias emoções e não tinha medo algum de extravasá-las em um bom acesso de choro.

Lana voltou a cuidar de suas coisas em silêncio, enfim se deitando perto de uma árvore numa extremidade do pequeno acampamento. Mark tentou se acomodar em uma posição confortável, mas sentia-se completamente desperto. Por fim, Alec retornou. Ninguém tinha nada a dizer, e os sons da floresta lentamente voltaram à consciência de Mark: insetos e uma brisa suave entre as árvores. Mas seus pensamentos giravam em um turbilhão, sem freios.

O que havia acabado de acontecer? O que Alec fizera com Sapo? Era o que Mark estava pensando? Havia sido doloroso? Como as coisas haviam chegado àquele ponto?

Pelo menos conseguiu a bênção de um sono sem sonhos depois de finalmente adormecer.

*

– Esse vírus dos dardos... – disse Lana na manhã seguinte, quando todos se sentaram, como zumbis, em volta de um fogo crepitante. – Acho que há algo de errado com ele.

Era uma declaração estranha. Mark a fitou. Ele havia observado fixamente as chamas, relembrando os acontecimentos da noite anterior, até que ela falasse e ele fosse de súbito arremessado ao presente.

Alec expressou o que pensava sem meias palavras:

– Acho que há algo de errado com a maioria dos vírus.

Lana lançou-lhe um olhar fulminante.

– Você sabe o que quero dizer. Vocês não perceberam?

– Perceber o quê? – perguntou Mark.

– Que ele parece afetar as pessoas de maneira diferente? – perguntou Trina.

– Exato – respondeu Lana, apontando para ela como se estivesse orgulhosa de seu comentário. – As pessoas que foram atingidas por aqueles dardos morreram depois de algumas horas. Depois, Darnell e as pessoas que ajudaram os atingidos demoraram mais alguns dias para morrer. O principal sintoma é uma intensa pressão no crânio; os infectados agiam como se o cérebro estivesse sendo comprimido. Depois veio Sombria, que não apresentou sintoma nenhum durante vários dias.

Mark se lembrava muito bem do momento em que a haviam deixado.

– É – murmurou ele. – Ela estava cantando a última vez que a vi. Encolhida como uma bola no chão. E dizia que a cabeça doía.

– Aconteceu algo diferente com ela – comentou Lana. – Vocês não estavam lá quando Darnell

adoeceu. Ele não morreu tão depressa quanto os outros, mas começou a agir de maneira estranha de uma hora para outra. Sombria parecia bem até que a cabeça começasse a doer. Mas deve haver algo em comum nos dois casos. – Ela bateu várias vezes nas têmporas.

– E todos vimos Sapo a noite passada – acrescentou Alec. – Quem sabe quando ele contraiu o vírus... se já havia contraído antes, como Sombria, ou se o contraiu depois de ficar ao lado dela quando morreu... Mas ele ficou maluco, como se estivesse com a doença da vaca louca.

– Tenha pelo menos respeito – respondeu Trina, repreendendo-o.

Mark esperou que Alec reagisse ou se defendesse, mas ele pareceu deprimido com o comentário dela.

– Sinto muito, Trina. Realmente sinto. Mas Lana e eu tentamos apenas avaliar da melhor maneira possível nossa situação. Queremos entender as coisas. E Sapo obviamente não estava lúcido a noite passada.

Trina não recuou.

– Então você o matou.

– Isso não é justo – tornou Alec com frieza. – Se Sombria morreu com tanta rapidez após os sintomas a atingirem, é justo dizer que Sapo também morreria. Ele era uma ameaça a todos nós, mas era também um amigo. Fui misericordioso com ele e espero que isso tenha dado *a nós* mais um dia ou dois.

– A menos que tenha contraído algo dele – tornou Lana, a voz quase sem vida.

– Tomei cuidado. E imediatamente depois me lavei.

– O que parece ser um procedimento inútil – completou Mark. A cada segundo, afundava mais um pouco no poço da depressão. – Talvez todos tenhamos contraído o vírus, e ele apenas demore mais tempo para nos matar, dependendo do sistema imunológico de cada um.

Alec se ajeitou, encolhendo as pernas.

– Estamos nos desviando da ideia apresentada por Lana. Há algo de errado com este vírus. Ele não é consistente. Não sou cientista, mas poderia se tratar de um vírus mutante ou algo assim? Ele se modifica quando passa de uma pessoa para outra?

Lana aquiesceu.

– Mutante, adaptável, fortalecido... quem sabe? Mas é algo do gênero. E parece que demora mais para matar as pessoas à medida que se dissemina, o que, ao contrário do que eu presumia, realmente significa que o vírus está se espalhando. Você e Mark não estavam aqui, mas deviam ter visto como as primeiras vítimas morreram depressa. Não foi nem de longe como Sombria. Foi algo sangrento, brutal e terrível por uma ou duas horas, e depois já estava acabado. Os corpos convulsionavam e sangravam, o que, pelo jeito, só ajudou a disseminar o vírus para mais incubadoras humanas.

Mark estava satisfeito por ter perdido aqueles acontecimentos. Mas, considerando o que vira Darnell passar no final, considerava aquelas pessoas mais felizes por terem tido um fim tão rápido. Com clareza assustadora, Mark se lembrou do som do garoto batendo o crânio contra a porta do casebre.

– Bem, tem algo a ver com a cabeça das pessoas – murmurou Trina.

Todos os olhares se voltaram para ela. Trina havia apenas expressado o óbvio, mas era uma informação vital.

– Definitivamente, tem algo a ver com a cabeça – concordou Mark. – Todos eles têm uma dor enlouquecedora. E perda da sanidade. Darnell estava alucinando, maluco por completo. Depois Sombria. E Sapo...

Trina formulou uma pergunta:

– Talvez eles tenham atingido as pessoas com coisas diferentes. Como ter certeza de que tudo começou do mesmo jeito?

Mark balançou a cabeça em negativa.

– Eu vi as caixas no Berg – respondeu. – Todas pareciam ter o mesmo número de identificação.

Alec se levantou.

– Bem, se *isso* é mutante, e se todos nós o contraímos, vamos esperar que nos dê mais uma ou duas semanas antes de perdermos completamente o juízo. Vamos. Vamos andando.

– Ótimo – murmurou Trina ao ficar de pé.

Alguns minutos mais tarde, retomaram a marcha.

Em algum momento no meio da tarde, tiveram a visão de outro povoado. Ele estava fora do trajeto que Alec havia traçado em seu mapa feito à mão, mas Mark avistara várias estruturas de madeira através das árvores; grandes estruturas. Seu coração se iluminou diante da ideia de ver de novo um grande grupo de pessoas.

– Devemos ir até lá? – perguntou Lana.

Alec parecia considerar os prós e os contras antes de responder.

– Hum... Não sei. Estou ansioso para continuar e seguir nosso mapa. Não sabemos nada sobre estas pessoas.

– Talvez devêssemos saber – tornou Mark. – Elas podem ter informações sobre a casamata, o quartel-general ou seja lá qual o nome que se dê ao lugar de onde veio o Berg.

Alec o fitou, obviamente considerando todas as opções.

– Acho que vale a pena checar – concordou Trina. – Se não por outro motivo, pelo menos para adverti-los sobre o que aconteceu com a gente.

– Está certo – cedeu Alec. – Por uma hora, apenas.

O cheiro os atingiu quando o vento mudou de direção, justamente quando se aproximavam das primeiras construções – pequenas cabanas feitas de toras com telhados de palha.

Era o mesmo fedor que havia assaltado Mark e Alec ao se aproximarem do próprio povoado após terem derrubado o Berg e retornado – fedor de carne em decomposição.

– Alto lá! – gritou Alec. – Basta. Vamos dar meia-volta imediatamente.

Justo quando falou isso, tornou-se evidente de onde vinha o odor. Adiante no caminho, vários corpos haviam sido empilhados um sobre o outro. Então um vulto apareceu. Uma garotinha se aproximava deles, vindo de onde estavam os mortos. Devia ter cinco ou seis anos de idade, cabelos escuros emaranhados e roupas imundas.

– Pessoal – avisou Mark. Quando os olhares convergiram para ele, Mark fez um sinal indicando a menina que vinha na direção do grupo. Ela se deteve a cerca de uns seis metros. O rosto estava sujo e exibia uma expressão triste, mas não falou nada. Só os observou com um olhar vazio. O cheiro de podridão pairava no ar.

– Ei, você aí – chamou Trina. – Tudo bem, querida? Onde estão seus pais? E as outras pessoas do povoado? Elas estão... – Não era preciso concluir; a pilha de corpos falava por si.

A menina respondeu com voz calma, apontando para a floresta atrás de Mark e dos outros.

– Todos foram para a floresta. Eles fugiram.

18

Mark não soube o quê nas palavras dela o fizera estremecer, mas elas tiveram esse efeito, e ele não conseguiu se conter, olhando por cima do ombro para trás, na direção para a qual a menina olhava fixamente. Não havia nada lá, exceto árvores, arbustos e a luz do sol refletindo no chão.

Tornou a virar o rosto para a menina. Trina fez menção de se aproximar dela, o que evidentemente fez Alec protestar:

– Não pode fazer isto – disse ele, mas a censura firme não teve nenhuma força. Uma coisa era deixar adultos para trás, pessoas capazes de cuidarem de si. Talvez fosse um pouco diferente livrar um adolescente, quase um adulto, da própria miséria, como Alec havia feito com Sapo. Mas aquela era uma criança, o que tornava tudo diferente. – Pelo menos não toque nela, pelo bem de todos nós.

A menina se encolheu e recuou alguns passos quando Trina se aproximou.

– Tudo bem – falou Trina, detendo-se. Abaixou-se, apoiando-se em um dos joelhos. – Somos amigos, eu juro. Viemos de um povoado parecido com o seu, onde havia muitas crianças. Você tem amigos aqui?

A menina fez que sim com a cabeça, depois pareceu se lembrar de alguma coisa. Em seguida, balançou a cabeça com tristeza.

– Estão mortos agora?

Outro aceno.

Trina lançou um olhar para Mark, o coração partido refletindo-se em seu olhar, depois voltou a atenção para a menina.

– Qual é seu nome? – perguntou Trina. – O meu é Trina. Você pode me dizer o seu?

Depois de uma longa pausa, a menina falou:

– Didi.

– Didi, hein? Adoro esse nome. É realmente lindo.

– O nome do meu irmão é Ricky.

Parecia uma coisa infantil de dizer, mas, por alguma razão, a informação fez Mark se lembrar de Madison. Seu coração se apertou. Desejou que aquela menina fosse sua irmãzinha. E, como sempre, tentou ao máximo evitar que a mente ficasse perambulando pelo caminho mais escuro de todos: imaginar o que poderia ter acontecido com ela quando as chamas solares assolaram o mundo...

– Onde está o Ricky? – perguntou Trina.

Didi deu de ombros.

– Não sei. Ele foi com os outros. Para a floresta.

– Com sua mãe e seu pai?

A menina balançou a cabeça em negativa.

– Não. Eles foram atingidos pelas flechas do céu. Os dois. Morreram de um jeito horrível. – As lágrimas brotaram, abundantes, até escorrerem pelo rosto da menina e lavarem as bochechas sujas.

– Sinto muito ouvir isso, querida – respondeu Trina, a voz repleta da mais profunda sinceridade. Mark tinha certeza de que nunca gostara dela mais do que naquele momento. – Alguns de nossos amigos foram... feridos pelas mesmas pessoas. Foi horrível, como você disse. Eu sinto muito, muito mesmo.

Didi chorava agora, enquanto se balançando para frente e para trás, apoiando-se nos calcanhares,

algo que mais uma vez fez Mark se lembrar de Madison.

– Tudo bem – Trina respondeu. Havia tanta doçura em sua voz, que Mark se perguntou até quando conseguiria suportar aquilo. – Sei que não foi culpa de vocês. Foi culpa dos homens maus. Aqueles que usam aquelas roupas verdes engraçadas.

A imagem daquele dia voltou à mente de Mark; lembrava-se de ter olhado para cima, para aquelas mesmas pessoas em trajes verdes que haviam destruído o povoado da garota. Ou para companheiros de trabalho das pessoas em trajes verdes. Quem saberia dizer quantos Bergs havia por aí, sobrevoando povoados com dardos infectados com sabe-se lá o quê. Mas por quê? Por quê?

Trina continuava a insistir, da maneira mais terna que podia, para obter mais informações.

– Por que os outros foram embora? Por que não foi com eles?

Didi levantou o braço direito, a mão fechada. Então puxou a manga esfarrapada para revelar um ferimento circular perto do ombro, uma crosta já cobrindo-o, embora parecesse malcuidado. Ela não disse nada; apenas estendeu o braço para os demais o inspecionarem.

Mark tomou fôlego.

– Parece que ela foi atingida por um dardo!

– Sinto muito pelo seu machucado – continuou Trina, lançando um olhar rápido para Mark. – Mas... você sabe por que eles foram embora? E para onde foram? Por que não foi com eles?

A garota estendeu o braço de novo, apontando o ferimento. Mark trocou um olhar com Alec e Lana, certos de que ambos haviam entendido, tanto quanto ele, o significado profundo daquilo. Por que a menina estava bem se havia sido atingida?

– Realmente sinto muito que tenham ferido você – repetiu Trina. – Mas parece que você é uma menina de sorte. Não quer mais responder a nenhuma pergunta? Tudo bem se não quiser.

Didi soltou um gemido de frustração e apontou mais uma vez para o ferimento.

– Foi por isso! Por isso eles me deixaram aqui! Eles são malvados, como os homens verdes.

– Sinto muito, querida.

Mark não conseguiu mais se conter.

– Vou lhes dizer o que aconteceu. Provavelmente acharam que ela estava doente porque foi atingida pelo dardo e partiram sem ela. – No entanto, as palavras soaram ofensivas. Como alguém podia fazer isso? Com uma criancinha?

– Foi isso que aconteceu? – perguntou-lhe Trina. – Eles a deixaram aqui porque você podia estar doente? Como os outros?

Didi fez que sim com a cabeça, e novas lágrimas lhe escorreram pelo rosto.

Trina se levantou e se virou para encarar Alec. O soldado ergueu a mão.

– Vou impedi-la antes que sequer comece. Pode parecer que fui mastigado e cuspido pela fera mais maligna da selva, mas não sou uma pessoa desalmada. Vamos levar a menina conosco.

Trina fez que sim com a cabeça e sorriu pela primeira vez naquele dia.

– É provável que ela esteja infectada *mesmo* – acrescentou Lana. – Só que a doença vai demorar mais tempo para se manifestar.

– Há a probabilidade de todos nós estarmos doentes – resmungou Alec, enquanto reajustava as tiras da mochila.

– Vamos ter cuidado com ela – falou Trina. – Precisamos apenas manter as mãos limpas e distantes do nariz e da boca. Usar uma máscara sempre que possível. Mas não vou deixar esta coisinha doce fora da minha vista até... – Ela não terminou, e Mark se sentiu aliviado por isso.

– É mais uma boca para alimentar – acrescentou Alec –, mas imagino que ela não deva comer muito. – Ele sorriu para mostrar que estava brincando, algo que não ocorria com muita frequência. –

Parte de mim quer esquadrinhar este lugar em busca de suprimentos e alimentos, mas, seja o que for que aconteceu aqui, com certeza quem abandonou o povoado pegou tudo o que valia a pena de cada canto sujo deste local. Vamos dar o fora.

Trina fez um sinal para Didi acompanhá-los e, surpreendentemente, ela concordou sem nenhuma discussão. Alec olhou para trás, para o caminho pelo qual haviam vindo, o trajeto que mapeara com tanto cuidado. Enquanto andavam, Mark tentou não pensar no fato de que seguiam exatamente para o lugar que Didi havia apontado anteriormente.

*

Não depararam com ninguém, fosse vivo ou morto, durante as horas que se seguiram, e Mark quase se esqueceu das pessoas que tinham deixado Didi para trás. A menina permaneceu calada durante a jornada e jamais se queixou quando aceleravam o passo, subindo e descendo terrenos rochosos, e depois subindo e descendo outra vez. Trina permanecia ao lado dela, usando um pano ao redor do próprio rosto.

Didi devorou com ansiedade o jantar, provavelmente a primeira refeição decente que fazia em algum tempo. Depois caminharam por mais uma hora ou duas, antes de montar acampamento. Alec anunciou que, segundo seus cálculos, só restava mais um dia de viagem.

O olhar de Mark se voltou para Trina e Didi. Ela cuidava da menina com tanto carinho... Havia lhe preparado um lugar para dormir e a ajudou a se lavar no riacho, contando-lhe uma história enquanto a escuridão se assentava sobre a floresta.

Mark esperava que um dia, quando a vida fosse boa e segura novamente, quando os horrores tivessem terminado e o tédio se tornasse o pior de seus problemas, uma menina como Didi pudesse correr à vontade e rir, como as crianças devem fazer.

Acomodou-se perto de Trina e da menina, recordando o passado, e foi levado pelo sono, apenas para as lembranças mais tristes voltarem e acabarem com suas tolas esperanças.

19

Mark demora cerca de uns dez minutos para entender que Alec é a pessoa com quem ele quer estar até voltar à sua casa, em segurança e saudável. Ele não só desarma três homens e os coloca fora de combate em menos de trinta segundos, mas também é um ex-soldado que não perde tempo dizendo quem é ao assumir o controle da situação.

– Às vezes, pode-se acreditar em boatos e fofocas – diz o homem mais velho, ao caminharem em meio à água da parte externa à sala de armazenamento, onde haviam encontrado os perigosos homens armados. – Na maioria das vezes, é algum idiota tentando impressionar uma ou duas mulheres. Mas, quando a maioria dos rumores fala da mesma coisa, é melhor você mostrar interesse e prestar atenção. É provável que estejam imaginando que diabos estou tentando dizer.

Mark lança um olhar para Trina. Ele mal consegue enxergar o rosto dela sob o brilho mortiço da lanterna que Alec segura à frente deles. Ela lhe lança um olhar que diz: *Quem é este sujeito?* Trina leva a caixa de comida que havia encontrado anteriormente. É sua maneira de manter a segurança, ou algo assim... Não vai deixar ninguém tocar nela. Pelo menos por enquanto.

– Sim, estamos pensando nisso – responde Mark depois de alguns instantes.

Alec para e dá um giro, rápido como uma cobra em ataque. De início, Mark acha que sua resposta saiu ofensiva, sarcástica e que o homem vai agredi-lo com a lanterna que tem nas mãos. Mas, em vez disso, o vigoroso senhor só levanta um dos dedos.

– Temos uma hora no máximo para sair destes túneis de ratos. Vocês me ouviram? Uma hora. – Ele se vira de novo e recomeça a marcha.

– Espere... o quê? – pergunta Mark, enquanto se apressam para acompanhar o passo dele. – O que quer dizer com isso? Por quê? Não é uma má ideia subir lá até... bem, não sei...

– Chamas solares.

Ele diz aquelas palavras como se não precisasse falar mais nada. Como se os outros devessem, de imediato, saber o que se passava em sua mente.

– Chamas solares? – repete Trina. – É isso que você acha que aconteceu lá em cima?

– Certamente, minha jovem. Certamente.

O mau pressentimento de Mark sobre aquela situação aumenta consideravelmente após receber a notícia. Se não se trata de um incidente isolado; se é algo tão global quanto chamas provenientes do sol, então a pouca esperança que mantém em relação à família desaparece. – Como você sabe?

Ele percebe o tremor na voz do garoto. Alec responde sem nenhum sinal de abalo:

– Porque havia muitas pessoas, de muitos lugares diferentes, descrevendo a mesma coisa antes de eu me afastar da multidão. E, ao que parece, as agências de notícias fizeram advertências pouco antes de elas assolarem o planeta. São chamas solares, certo? Calor e radiação extremos. Praga em dose dupla. Foi algo para o qual o mundo achava estar treinado e preparado para enfrentar. Em meu humilde julgamento, o mundo estava errado.

Os três caem em silêncio. Alec continua se movendo, Mark e Trina continuam atrás dele. Viram para lá e para cá, entram em túneis diferentes, evitam outras pessoas quando elas se aproximam. Enquanto isso, o coração de Mark afunda cada vez mais em um poço escuro. Ele não sabe lidar com uma coisa desse tipo. Recusa-se a acreditar que sua família morreu e jura a si mesmo que não vai descansar até descobrir que se encontram seguros e saudáveis. Enfim, Alec se detém em um longo

corredor que se parece muito com todos os outros.

– Tenho alguns outros amigos aqui – diz ele. – Eu os deixei aqui e saí para procurar comida e obter algumas informações. Trabalhei com Lana por muitos anos. Éramos contratados do Departamento de Defesa. Ela é ex-militar, assim como eu. Enfermeira do exército. Os outros são gente perdida que resgatamos por aí. Com vocês, nosso limite máximo foi atingido. Não podemos levar nem uma pessoa a mais, ou jamais conseguiremos.

– Conseguiremos o quê?

– Ir para o mundo lá em cima – repete Alec, a última coisa que Mark esperava ouvir. – De volta à cidade, por mais infernal que possa ser. Se ficarmos aqui por um tempo, estaremos bem. Mas temos de subir, antes que a água inunde este lugar e mate todos nós.

Mark acordara e se virara para o lado. Olhos totalmente abertos, respiração pesada. E não havia nem chegado à parte ruim do sonho. Não queria se lembrar de nada daquilo. Não desejava reviver o terror daquele dia.

Por favor, pensou ele. *Por favor, não. Por favor. Não esta noite. Não posso suportar.*

Não sabia com quem falava. Será que conversava com a própria mente? Talvez tivesse contraído a doença do Sapo e estivesse começando a enlouquecer.

Caiu prostrado de barriga para cima, olhando entre os ramos para as estrelas lá em cima. Não havia sequer o mais leve sinal do amanhecer surgindo no céu. Estava escuro, muito escuro. Ele queria que já fosse de manhã; queria estar livre da ameaça dos sonhos por pelo menos algumas horas. Talvez conseguisse de algum modo se manter acordado. Sentou-se e olhou ao redor. Mas não conseguia enxergar muita coisa; apenas os contornos das árvores e as silhuetas dos amigos deitados em volta dele, no chão.

Considerou acordar Trina. Ela entenderia que ele precisava de companhia. E nem precisaria lhe contar sobre o sonho. Mas ela parecia tão tranquila naquele momento, respirando com suavidade. Com um resmungo baixo para si mesmo, desistiu da ideia, sabendo que se sentiria culpado demais por privá-la de seu valioso sono. Não só teriam de andar muito no dia seguinte, como ela adquirira agora a carga adicional de cuidar da pequena Didi.

Mark tornou a se deitar e mudou de posição até se sentir confortável. Não queria sonhar. As águas furiosas, os gritos de pessoas afundando. O medo frenético e insuportável daquilo tudo. Mesmo desperto, podia ver o trecho subterrâneo da cidade de Nova York onde havia se encontrado pela primeira vez com Lana e os outros. O rosto cansado de Alec enquanto lhes explicava que, depois de sobreviver àquelas chamas solares intensas, sua preocupação maior e mais imediata era a explosão de um tsunami. As chamas deviam ter sido devastadoras, infligindo um dano catastrófico ao mundo todo ao liberar o próprio calor infernal.

O que significava um rápido derretimento das camadas de gelo polar. O que significava aumento do nível das águas em ritmo alarmante e apocalíptico. O que significava que, dentro de poucas horas, a ilha de Manhattan ficaria cerca de quatro metros submersa. Ele lhes explicou, enquanto se amontoavam em uma sala soterrada no fundo da terra, que a água iria invadir e inundar tudo o que estivesse em seu caminho.

De volta ao presente, esses pensamentos atormentaram Mark por pelo menos mais uma hora. Sabia que, se sonhasse com tudo aquilo, seria ainda pior. Tinha pavor de voltar a sentir tudo aquilo.

Apesar dos esforços, adormeceu. O sono tomou conta dele como ondas frias e turbulentas.

20

Edifício Lincoln: um dos maiores, mais altos e mais novos prédios de Nova York. Um dos poucos com acesso direto ao subterrâneo.

É para onde Alec continua insistindo que precisam ir. Ele diz que tem um mapa completo do Subtrans salvo no telefone, mas está visivelmente preocupado de que não consigam sair dali a tempo. Mark consegue perceber, mesmo à luz fraca, antes de começarem a jornada no lado exterior, que Alec reflete sobre questões humanas e importantes – o que é contrário à personalidade comum do homem endurecido que ele parece ser. Mark teria imaginado que o sujeito poderia ficar preso em uma jaula com uma dúzia de leões famintos e ainda assim só exibiria um sorrisinho, enquanto decidia qual deles mataria primeiro.

O Edifício Lincoln, disse Mark para si mesmo. *Chegue lá; depois, você poderá procurar sua família.*

Todos eles correm por um dos incontáveis e aparentemente infinitos túneis sob a cidade. Alec na liderança, depois a mulher com quem ele dissera ter tido o prazer de trabalhar durante doze anos: Lana. Um garoto da idade de Mark chamado Darnell é o próximo, depois uma garota chamada Sombria – outra adolescente, mas mais velha, talvez com dezoito anos – e ainda um cara, também mais velho que Mark, mas baixinho e troncudo. Sombria o chama de Sapo, e ele realmente parece gostar do apelido. Mark e Trina são os próximos, com um garoto chamado Baxter na retaguarda. Baxter é o mais jovem de todos, com talvez uns treze anos, mas Mark percebe que ele é um sujeitinho resistente. Insistira em ir atrás, dizendo que queria proteger os demais dos ataques-surpresa.

Enquanto correm, Mark espera ter tempo suficiente na vida para se tornar amigo do garoto.

– Espero que ele saiba o que está fazendo – sussurra Trina para ele. Estão correndo ao lado um do outro, e Mark se flagra tendo o pensamento ridículo de que seria bom se estivessem em uma praia, o sol se pondo na água. Em seguida, agradece os poderes que impedem Trina de ler seus pensamentos.

– Ele sabe sim – insiste Mark. Também não quer que ela descubra que está tremendo de medo, apavorado com o que pode acontecer a qualquer momento e que fica mais difícil correr a cada segundo. Ele tem quase dezessete anos e nunca se dera conta do covarde que é.

– Tsunami. – Trina diz a palavra como se fosse a pior coisa que já houvesse saído de sua boca. – Estamos em pleno sistema do Subtrans de Nova York, e essa deveria ser nossa maior preocupação. Mas um tsumani...?

– Estamos debaixo da terra – retruca Mark. – E nossa cidade está bem ao lado do oceano, caso você tenha se esquecido. A água escoa para baixo. Sabe como é, a gravidade e tudo o mais...

Sente que ela lhe lança um olhar desagradável, e ele sabe que o merece. Seus nervos enfim devem estar sofrendo as consequências, fazendo-o dar uma de sabichão. Ele tenta se justificar da única maneira que conhece: com honestidade.

– Desculpe – murmura. A corrida o afeta cada vez mais, e ele respira pesadamente. – Só estou apavorado. Sinto muito.

– Tudo bem. Na verdade, nem pretendia receber uma resposta à minha pergunta. Eu só... não sei. Acho que apenas queria expressar como tudo isso parece loucura. Chamas solares e um tsunami. Algumas horas atrás, estas palavras não estariam sequer em meu vocabulário. Nem de longe.

– É uma droga mesmo – é o máximo que Mark consegue dizer. Não quer mais falar sobre aquilo.

Quanto mais conversam a respeito, mais suas entranhas se contorcem de agonia e preocupação.

Alec diminui a velocidade quando chegam ao fim do último túnel. Ele para e se vira para olhar os outros. Todos respiram pesadamente, e o corpo de Mark está ensopado de suor.

– Agora temos de atravessar uma das mais novas estações do Subtrans – declara Alec. – Com certeza haverá pessoas lá fora, e quem sabe com que tipo de humor podem estar agora. As pessoas podem se tornar bem desagradáveis quando acham que o mundo está prestes a acabar.

Agora que o pequeno grupo tenta recobrar o fôlego, Mark consegue ouvir sons fracos ao longe. O rumor de uma multidão, pessoas falando e se movimentando perto dali. Alguns ruídos perturbadores também se misturam: gritos, choros e lamentos distantes. O isolamento do depósito pequeno e mofado não parece tão ruim agora.

Lana restabelece o diálogo com o grupo.

– Só precisamos atravessá-la. Andem depressa, mas não deem a impressão de que sabem para onde estão indo. Não podemos levar nada... Deixem os bolsos vazios, ou poderemos ser atacados. Levaremos apenas a esperança de achar suprimentos no Edifício Lincoln.

Alguns deles carregam pacotes de comida, como os que Trina havia encontrado antes. Largaram tudo no chão. O ato parece sugar um pouco da esperança de Trina.

– Vamos passar por esta porta – diz Alec, enquanto observa o celular. A bateria não deve durar muito mais. – Depois, atravessaremos os trilhos. Quando estivermos longe da plataforma, talvez deparemos com menos gente. Continuem em linha reta por cerca de oitocentos metros; então sairemos ao pé da escadaria que vai dar no Edifício Lincoln. Essa droga tem noventa andares. É nossa única esperança.

Mark dá uma rápida olhada ao redor e vê que os outros estão inquietos e nervosos. Sapo fica mexendo o corpo sem parar, dando pulinhos de ansiedade, o que parece ridiculamente apropriado.

– Vamos – diz Alec. – Permaneçam todos bem juntos. Protejam uns aos outros da morte.

Trina estremece diante dessas palavras, e Mark deseja nunca tê-las ouvido.

– Vamos, vamos, vamos! – grita Lana. Se é por pura frustração ou para levantar o moral deles, Mark jamais saberá.

Alec abre a porta e passa para o outro lado. Os outros o seguem, e então uma explosão de ondas de calor passa por eles e os inunda. Mark sente que o oxigênio sumiu de seu peito; luta por cada inspiração, até se acostumar com aquilo.

Entra no túnel maior, logo atrás de Trina. Eles estão em uma saliência estreita, quase um metro acima dos trilhos de trem. Alec e Lana já saltaram e estendem as mãos para ajudar os demais. Um por um, eles seguram nas mãos de quem está embaixo, saltam e aterrissam com um baque surdo e um solavanco nas pernas. Mark olha para cima. A luz se derrama, vinda das escadas que os conduzirão ao devastado mundo acima deles. Mark observa as pessoas que se movem de um lado para outro na plataforma acima do lugar onde está, cada uma delas com os olhos fixos nos recém-chegados.

O que Mark vê lá em cima faz seu coração quase parar de bater.

O local está apinhado de gente. Pelo menos metade da multidão tem algum tipo de ferimento. Cortes e talhos. Queimaduras terríveis. Há pessoas deitadas no chão aos gritos. Crianças de todas as idades, muitas delas também feridas. É isso que mais machuca Mark por dentro. Dois homens lutam brutalmente em um canto, socando-se e se arranhando. Ninguém faz sequer menção de separá-los. Há uma senhora caída em outro canto, mas seu rosto desapareceu, substituído por pele derretida e sangue. Mark se sente como se estivessem no inferno.

– Andem – ordena Alec, quando todos já saltaram dos trilhos.

Eles obedecem, ficando o mais próximos possível. Mark está com Trina à esquerda e o garoto

chamado Baxter à direita. O garoto parece aterrorizado, e Mark quer dizer algo para ajudá-lo a se sentir melhor, mas não consegue encontrar as palavras certas. De qualquer maneira, elas soarão vazias. Alec e Lana estão bem à frente de Mark, a postura rígida de ambos é um alerta para que ninguém ouse ser estúpido a ponto de confrontá-los.

Já tinham avançado um pouco, quando dois homens e uma mulher saltam do outro lado dos trilhos, postando-se no caminho deles e os obrigando a se deter. Os estranhos estão sujos, mas não parecem feridos. Pelo menos fisicamente. Os olhos estão assombrados pelas coisas que viram.

– Para onde pensam que vão? – pergunta a mulher.

– É isso aí – acrescenta um dos amigos dela. – Vocês parecem poderosos e importantes. Sabem de algum lugar para ir que nós desconhecemos?

O outro homem se aproxima de Alec.

– Não sei se vocês perceberam, mas o sol decidiu arrotar sobre todos nós. Há pessoas mortas, senhor. Milhares delas. E não gosto da maneira como o senhor acha que pode simplesmente andar por aqui e fingir que está tudo bem.

Outras pessoas se aproximam, saltando e juntando-se atrás dos três primeiros estranhos. Bloqueando a passagem deles.

– Vamos ver se eles têm comida! – grita alguém.

Alec recua e dá um soco no homem que está de pé diante dele. A cabeça do sujeito pende para trás e jorra sangue de seu nariz; ele vai ao chão. É tudo tão repentino e chocante que por um segundo ninguém se mexe. Depois de alguns instantes, no entanto, as pessoas atacam o grupo de Mark, gritando e berrando.

Segue-se o caos. Punhos voam, pés desferem golpes, dedos puxam e arrancam cabelos. Mark recebe um soco no rosto no momento em que vê Trina ser arrastada por um homem. A raiva explode dentro dele, e ele devolve o soco a quem quer que seja que o atingiu, agitando loucamente os braços até acertar duas vezes. Depois empurra o sujeito e vê um homem em cima de Trina – ele luta com ela no chão, tentando prender os braços dela, enquanto Trina tenta desesperadamente tirá-lo de cima de seu corpo.

Mark dá um salto, lançando-se sobre o homem. Trina fica livre, e os dois rolam no chão. O homem soca Mark e Mark responde com outro golpe, mal sentindo onde foi atingido. Então ficam emaranhados um no outro, contorcendo-se, braços descontrolados e trocando pontapés. Mark se liberta, arrasta-se para longe e verifica se Trina está bem. Ela consegue se levantar, corre até o homem que a atacou e chuta o rosto dele, mas escorrega ao fazê-lo e cai de costas. O estranho a persegue, mas Mark já está sobre ele de novo, atingindo em cheio seu estômago. O homem solta um grunhido e se contorce, parecendo uma bola, enquanto Mark se levanta e agarra Trina pela mão. Ambos conseguem abrir caminho em meio à multidão, depois olham ao redor para localizar os outros do grupo.

Todos estão brigando, mas pelo menos a multidão que bloqueava o caminho deles não aumentou. Mark vê Sapo socar um homem; Alec e Lana lutam com um homem e uma mulher para tirá-los de cima de Sombria e Baxter. Duas outras pessoas se afastam correndo do grupo deles. A confusão está quase terminada.

É então que algo acontece.

Ouve-se um baque surdo, de início baixo, mas que começa a aumentar em volume. O chão treme ligeiramente. Todas as brigas cessam de imediato; as pessoas se levantam e olham ao redor. Mark faz o mesmo, tentando encontrar a fonte do ruído. Ainda segura a mão de Trina.

– O que é isso? – grita ela.

Mark balança a cabeça em negativa e continua a olhar ao redor. O chão vibra sob seus pés, e o som abafado fica mais alto, transformando-se em um estrondo. Os olhos dele recaem nas escadas do Subtrans que os conduziria acima assim que surgem os gritos – há inúmeros, incontáveis lamentos e gemidos, e o borrão do movimento de uma multidão em pânico.

Uma monstruosa parede de água imunda desce pelos degraus.

21

Mark acordara. Não com um grito ou devido a algum tumulto, e não ficara de pé em um salto, engasgara ou qualquer coisa assim dramática. Apenas abrira os olhos e percebera de imediato que estavam marejados, o rosto úmido. O sol havia nascido, brilhando vivamente através das árvores.

A parede de água.

Ele nunca, jamais se esqueceria da imagem da água vindo abaixo por aquelas escadas como uma espécie de besta furiosa. E o horror de testemunhar como ela acabara com as primeiras pessoas naquele nível subterrâneo.

– Tudo bem?

Trina. Que maravilha.

Com um gesto rápido, enxugou o rosto e a encarou, esperando que de algum modo ela não houvesse percebido que tinha chorado enquanto dormia. Mas assim que encontrou o olhar dela essa esperança ruiu. Ela parecia uma mãe preocupada.

– Hum. Oi – murmurou ele. Sentia-se muito constrangido. – Bom dia. Como vão as coisas?

– Mark, não sou idiota. Diga-me: o que há de errado?

Ele a fitou, tentando comunicar com seu olhar que não desejava conversar a respeito. Então seus olhos se desviaram para Didi, encostada em uma árvore a cerca de um metro dali, retirando a casca de um galho. Seu rosto não exibia necessariamente felicidade, mas pelo menos aquele olhar de total melancolia havia desaparecido. Já era um bom começo.

– Mark?

Ele tornou a olhar para Trina.

– É que... tive um pesadelo.

– Sobre o quê?

– Você sabe.

Ela franziu a testa.

– Mas de qual parte? Falar sobre isso pode ajudar.

– Acho que não. – Mark suspirou, depois percebeu que não estava sendo muito delicado. Trina só tentava ajudá-lo a se sentir melhor. – Foi pouco antes de a água se precipitar pelas escadas. Quando lutávamos com os aspirantes a gângsteres. Acordei justamente quando começou a pior parte. – A pior parte. Como se tudo o que ocorrera antes tivesse sido um piquenique no parque com a vovó.

Trina cravou os olhos no chão.

– Gostaria que esses seus pesadelos parassem. Conseguimos sobreviver, e isso é tudo o que importa. De alguma maneira, você precisa se livrar do passado. – Ela o fitou, e uma expressão de arrependimento inundou o rosto dela. – Quer dizer, é mais fácil dizer do que fazer. Acho que eu *gostaria* que você pudesse se livrar do passado. É isso.

– Eu sei, eu sei. Eu também gostaria.

Ele estendeu a mão e tocou o joelho dela, o que lhe pareceu um gesto estúpido naquela situação. Ainda bem que Alec e Lana tinham ido pegar água fresca no riacho e já voltavam, livrando-o do constrangimento.

– Como ela está indo? – perguntou a Trina, lançando um olhar para Didi.

– Realmente bem, eu acho. Ainda não falou sobre muita coisa, mas pelo menos parece se sentir à

vontade perto de mim. Não consigo imaginar o terror pelo qual esta pobre menina passou depois que foi abandonada.

Isso desencadeou um acesso de raiva dentro de Mark.

– Como puderam fazer isso? Quer dizer... que tipo de cretinos...

Trina fez um aceno de cabeça, concordando.

– Pois é... não sei. São tempos desesperadores estes em que estamos vivendo.

– Eu sei, mas ela não pode ter mais que quatro anos de idade! – Usava um misto de sussurro e voz alta ao mesmo tempo. Não queria que Didi ouvisse, mas não podia se controlar. Aquilo o deixava absolutamente furioso.

– Eu sei – tornou Trina com suavidade. – Eu sei.

Lana se aproximou deles, os olhos demonstrando que ela compreendia como Mark se sentia.

– É melhor nos colocarmos a caminho – disse ela. – Vamos descobrir o que está havendo.

O dia se arrastou infinitamente.

De início, Mark estava temeroso em encontrar as pessoas da aldeia de Didi, ainda preocupado com a direção que ela havia apontado quando tinham lhe perguntado para onde o povo seguira. Se a menina estivesse certa, significava que estariam em algum lugar nas imediações, fazendo sabe-se lá o quê. Ele não tinha nenhuma razão real para temê-los... Eram apenas pessoas, como quaisquer outras, fugindo de um ataque, de uma doença. Mas havia algo sinistro na maneira como Didi se referira a eles. Podia recordar com clareza como ela apontara para o próprio ferimento com um olhar magoado. Tudo aquilo o perturbava.

Após algumas horas sem ter sinal deles, relaxou, concentrando-se no esforço de andar, andar e andar. Através da floresta, cruzando riachos e abrindo caminho em meio aos arbustos, ponderava se havia mesmo algum propósito em ir ao lugar que procuravam.

Era tarde já avançada quando se detiveram para descansar um pouco. Comeram barras de granola e beberam água de um rio próximo. Mark pensava constantemente em como pelo menos uma coisa não lhes faltava: fontes de água.

– Estamos perto – comentou Alec enquanto comia. – Precisamos ser mais cautelosos... Eles podem ter guardas cercando o local. Aposto que há um monte de gente que gostaria de ter uma bela casamata ou seja lá o que essa construção for como seu novo assentamento. Aposto que o lugar tem um estoque repleto de comida para situações de emergência.

– Com certeza, temos uma situação de emergência – murmurou Lana. – Quem quer que sejam estas pessoas, é melhor que tenham uma ótima explicação.

Alec mordeu outro pedaço da barra de granola e o alojou em um dos lados da boca.

– É esse o espírito da coisa.

– Não lhe ensinaram boas maneiras no exército? – perguntou Trina. – Você sabe, é tão fácil morder um alimento *depois* de dizer algo quanto antes de dizê-lo.

Alec mastigou ruidosamente.

– É mesmo? – Soltou uma risada, e pequenos pedaços de granola voaram de sua boca. O que o fez rir ainda mais. Então engasgou, se recompôs e, após alguns instantes, recomeçou a rir.

Era algo tão raro ver Alec agir assim, que Mark a princípio não soube como reagir. Mas então se entregou à leveza da situação, também rindo, embora já tivesse esquecido o que havia ocorrido de tão engraçado. Trina também exibia um sorriso em seu rosto, e Didi praticamente rolava de rir. O som dessa manifestação de alegria animou Mark e afastou seu estado depressivo.

– Pela maneira como estão agindo, pode-se pensar que alguém peidou – arrematou Lana, a

fisionomia impassível.

Isso conduziu todos a um ataque de riso ainda maior, que durou vários minutos, sendo reativado pelos ruídos de gases emitidos por Alec toda vez que começava a diminuir. Mark riu até o rosto doer, o que o fazia tentar conter o riso, mas em vão.

Enfim, as coisas se assentaram, terminando com um grande suspiro do ex-soldado. Ele se levantou.

– Sinto-me como se pudesse correr trinta quilômetros – foi seu comentário. – Vamos embora.

Enquanto se afastavam dali, Mark percebeu que o sonho da noite anterior parecia de novo uma lembrança distante.

22

Alec e Lana se tornaram muito mais cautelosos durante a parte seguinte da jornada, detendo-se a mais ou menos cada quinze minutos para escutar atentamente, procurar por sinais que revelassem guardas ou armadilhas, quando possível mantendo-se sob a cobertura das árvores.

O sol baixava, faltando talvez umas duas horas para se pôr completamente, quando Alec parou e fez todos se reunirem em torno dele. Aquela altura, ele e Lana pareciam ter decidido parar de se preocupar sobre as pessoas manterem distância umas das outras. Estavam em uma pequena clareira totalmente cercada por grossos carvalhos e altíssimos pinheiros, árvores mais antigas que não haviam sido consumidas por completo pelas chamas solares, esgueirando-se acima da vegetação rasteira seca e frágil. Mark ainda mantinha o bom humor e estava curioso sobre o que o velho soldado tinha planejado.

– Tenho tentado fazer essa operação o mínimo possível – explicou ele –, mas é hora de dar uma olhada no *workpad* e me certificar de que o mapa que desenhei ainda está preciso. Vamos esperar que meu cérebro idoso não tenha falhado.

– Certo – acrescentou Lana. – Vamos torcer para que a essa altura não estejamos no Canadá ou no México.

– Muito engraçado – ele devolveu.

Alec ligou o dispositivo e acionou a exibição de mapas, encontrando aquele que tinha documentadas as viagens do Berg, todas as linhas convergindo para o mesmo ponto. Também pegou sua bússola. Enquanto os demais permaneciam quietos e observavam, ele passou cerca de um minuto estudando o *workpad*, correndo o dedo de um lado para o outro e comparando-o com a cópia feita à mão, fazendo uma pausa de vez em quando para fechar os olhos e refletir. Mark pensou ser provável que Alec estivesse reconstituindo em sua mente o caminho que haviam seguido, tentando compará-lo com o que lia nos mapas. Por fim, ele se levantou e prescreveu com o corpo um giro completo, olhando para o sol e depois checando a bússola.

– Isso – resmungou ele. – Isso mesmo.

Então tornou a se agachar e estudou os mapas por mais um minuto, fazendo pequenas alterações na versão em papel. Mark já se impacientava, preocupado em particular com que o homem houvesse concluído que estavam fora da rota. Mas suas palavras seguintes foram tranquilizadoras:

– Ora, não é que ainda estou em forma? Sério... Depois de todos esses anos, era de esperar que eu me decepcionasse comigo mesmo de vez em quando. Mas aqui estou eu, ainda realizando feitos como este.

– Oh, meu amigo – disse Lana.

Alec deu um tapinha no mapa, bem à esquerda do ponto que marcava o centro das rotas do Berg na tela do *workpad*.

– A menos que o vírus esteja devorando meu cérebro e eu não saiba o que estou dizendo, nos encontramos exatamente aqui. É provável que a menos de oito quilômetros do local onde o Berg aterrissou todas as noites.

– Tem certeza? – perguntou Trina.

– Sei ler mapas e sei como ler a topografia da terra. Também sei como interpretar uma bússola e a posição do sol. Todas estas montanhas, colinas e vales parecem exatamente os mesmos para seus

olhos descuidados, mas confiem em mim. Não são os mesmos. E olhem aqui. – Ele apontou um ponto no mapa. – Aqui fica a Cidade das Cinzas, a poucos quilômetros a leste. Estamos perto. Acho que os próximos dias podem ser bem interessantes.

Mark teve a sensação de que o bom humor dele não duraria muito.

Aproximaram-se mais um quilômetro e meio do lugar, penetrando em uma das zonas florestais mais compactas que já haviam atravessado. Alec queria cobertura no caso de as pessoas que planejavam confrontar enviarem exploradores à noite. Pararam, jantaram rapidamente e depois se sentaram em torno de um espaço vazio em meio às árvores compactas, mas sem acender nenhuma fogueira, por medo de que pudesse ser vista. Não haveria chance se fossem descobertos tão perto do quartel-general do Berg.

Sentaram-se em círculo, olhando um para o outro enquanto a luz natural diminuía e os grilos começavam a trinar na floresta. Mark perguntou sobre os planos para o dia seguinte, mas Alec insistiu em que ainda não tinha nada pronto. Desejava pensar melhor e depois discutir algumas coisas com Lana, antes de expor tudo ao grupo.

– Não acha que podemos contribuir? – perguntou Trina.

– Mais cedo ou mais tarde – respondeu ele em tom ríspido. E isso foi tudo.

Trina soltou um suspiro exagerado.

– Justamente quando você começava a se tornar um ser humano agradável...

– Isso mesmo... – Ele se reclinou contra uma árvore e fechou os olhos. – Agora, deixem-me usar o cérebro um pouco.

Trina lançou um olhar a Mark em busca de consolo, mas só recebeu um sorriso como resposta. Havia muito ele já tinha se acostumado com o jeito do velho soldado. Além disso, de certa maneira, concordava com ele. Mark não tinha a menor ideia sobre o que deveriam fazer pela manhã. Como iriam coletar informações de um lugar – e de pessoas – sobre os quais nada sabiam?

– Como vão as coisas, Didi? – perguntou ele. A menina estava sentada, as pernas cruzadas, o olhar perdido no chão. – O que está se passando nessa cabecinha?

Ela deu de ombros e esboçou um sorriso tímido.

Mark pensou que talvez ela estivesse preocupada com os planos do dia seguinte.

– Ei, escute, não precisa ficar preocupada com amanhã. Não vamos deixar de maneira alguma que algo ruim aconteça com você, está bem?

– Promete?

– Prometo.

Trina inclinou o corpo para frente e deu um abraço na menina. Se havia qualquer dúvida antes de que Alec e Lana haviam desistido da batalha com relação às pessoas ficarem próximas umas das outras – que dirá se tocarem –, esta se dissolveu. Nenhum deles disse uma palavra sequer.

– Isto tudo são coisas de adultos – Trina explicou à menina. – Não se preocupe, está bem? Vamos colocar você em algum lugar seguro e depois tudo o que faremos é tentar conversar com algumas pessoas. Mais nada. As coisas vão correr perfeitamente bem.

Mark está prestes a acrescentar mais alguma coisa às palavras de conforto de Trina quando ouviu um ruído à distância. Parecia alguém cantando.

– Ouviram isso? – sussurrou ele.

Os outros prestaram atenção – especialmente Alec. Seus olhos se abriram e ele se sentou mais ereto.

– O quê? – perguntou Trina.

– Escutem – Mark levou o indicador aos lábios e acenou com a cabeça em direção à voz distante.

O som era fraco, mas definitivamente era real. O som de uma mulher cantando, e não tão distante quanto pensara no início. Sua pele ficou arrepiada – aquilo lhe trouxera a recordação de Sombria cantando quando começara a sucumbir à doença.

– Que diabos é isso? – sussurrou Alec.

Ninguém respondeu; apenas continuaram ouvindo. Era um som agudo e alegre, e quase pareceria belo, se não parecesse tão completamente sem sentido. Se havia alguém lá cantando assim, bem... era algo muito estranho. Uma voz masculina se juntou à da mulher, e depois as de algumas outras pessoas, até que se formou um coro completo.

– Mas o que é isso? – perguntou Trina. – Há algum tipo de igreja lá ou o quê?

Alec inclinou-se para frente com uma expressão grave no rosto.

– Detesto dizer isto, mas precisamos checar o que está acontecendo. Eu vou. Fiquem aqui e se mantenham quietos. Em minha opinião, é algum tipo de armadilha.

– Vou com você – disse Mark de súbito, quase falando alto demais. Não conseguiria esperar ali sentado. Além disso, estava louco de curiosidade.

Alec pareceu hesitar. Olhou para Lana e depois para Trina.

– O quê? – perguntou-lhe Trina. – Acha que nós, mulheres, não conseguiremos nos cuidar? Podem ir... ficaremos perfeitamente bem. Não ficaremos, Didi?

A menininha não parecia muito bem; o canto parecia tê-la emocionado. Mas ela concordou com a cabeça e fez um esforço para sorrir.

– Muito bem, então – concordou Alec. – Vamos, Mark. Vamos checar o que é isto.

Didi pigarreou e estendeu as mãos como se quisesse dizer algo.

– O que é? – perguntou-lhe Trina. – Sabe de alguma coisa?

A garota fez um aceno vigoroso com a cabeça, o semblante ainda uma máscara de medo, e então se pôs a falar, dizendo mais coisas do que tudo que havia dito desde que tinham se encontrado.

– São as pessoas com quem eu vivia. São elas. Sei que são. Elas ficaram estranhas; começaram a... fazer coisas. A dizer que as árvores, as plantas e os animais são mágicos. Elas me deixaram lá porque disseram que eu era... o mal. – Ela começou a choramingar ao dizer a última palavra. – Porque fui atingida e não fiquei doente.

Mark e os demais se entreolharam. As coisas por ali estavam bem estranhas.

– É melhor darmos uma olhada, então – disse Lana. – Vocês precisam pelo menos se certificar de que eles estão bem distantes de nós; que não estão seguindo a mesma direção que nosso grupo. Mas tomem cuidado!

Alec fez que sim com a cabeça, parecendo ansioso para verificar logo a situação. Bateu de leve no ombro de Mark e já começava a se afastar, quando Didi falou uma última coisa:

– Tomem cuidado com o homem feio sem orelhas.

Ela se apoiou no ombro de Trina e começou a soluçar. Mark olhou para Alec, que balançou a cabeça em negativa, indicando-lhe que não pressionasse a menina. Fez um gesto para o amigo e, sem dizer mais nenhuma palavra, ambos adentraram a floresta.

23

O canto não parou enquanto caminhavam pela mata. Tentaram ao máximo não fazer nenhum ruído, mas de vez em quando Mark pisava em um galho ou em um ramo caído e o quebrava, o estalo da madeira parecendo uma pequena bomba no silêncio relativo da floresta. Alec lançava-lhe um olhar carrancudo a cada vez que isso acontecia, como se um ato desse tipo fosse a coisa mais idiota que um ser humano pudesse fazer. Mark então se desculpava; fazia o máximo para pisar com cuidado, mas parecia ser atraído para cima de coisas que produziam ruídos terríveis.

Quase não havia mais sinal de luz solar quando rastejaram entre as árvores, cada vez mais próximos do coral sinistro. As árvores tornaram-se sombras eretas, ameaçadoras, altas e opressivas, quase como se se curvassem na direção de Mark, não importando se estivesse parado ou em movimento. E era difícil para ele permanecer quieto, o que provocava mais olhares de censura por parte de Alec. Pelo menos, ele não conseguia distinguir a expressão do homem no escuro. Continuou se movendo, seguindo a liderança do velho soldado.

Abriram caminho pela floresta mais algumas centenas de metros à frente, quando ficou óbvio que havia uma fonte de luz diante deles. Era alaranjada e trêmula. Uma fogueira. Uma grande fogueira. E o canto tornava-se cada vez mais alto. Como também sua intensidade. Aquelas pessoas estavam de fato envolvidas no que quer que estivessem fazendo.

Alec se arrastou até uma árvore frondosa e antiga e se agachou atrás dela. Mark estava em seu encalço, fazendo o possível para permanecer calado. Mantiveram-se ajoelhados lado a lado, com muito espaço livre ao redor.

– O que você acha das coisas que Didi falou? – sussurrou Mark.

Ele deve ter dito aquilo alto demais, porque o homem lhe lançou seu olhar "fique quieto" de costume, quase invisível à luz fraca. Depois, sussurrando, respondeu:

– Essas podem ser as pessoas que deixaram a menina para trás. E parecem ter ovos mexidos no lugar do cérebro. Agora, tente não fazer nenhum barulho, certo?

Mark revirou os olhos, mas Alec já havia se virado e agora se inclinava para frente, para examinar a área em meio aos troncos de árvores. Depois de alguns segundos, voltou-se de novo para Mark.

– Não consigo enxergar todos eles – falou –, mas há pelo menos quatro ou cinco brutamontes dançando em volta daquela fogueira como se evocassem os mortos.

– Talvez seja exatamente o que estejam fazendo – comentou Mark. – Isso me parece um culto.

Alec fez que sim com a cabeça, concordando.

– Talvez tenham sido sempre assim.

– Didi falou que a chamaram de "o mal". Talvez o vírus ou o que quer que seja apenas tenha piorado a condição deles. – Um culto aliado a uma doença que os tornava ainda mais malucos. Soava engraçado. – Deixe-me rastejar um pouco mais para frente. Ainda não os vi.

– É melhor nos aproximarmos mais. Quero dar uma última olhada; me certificar de que não serão motivo de preocupação.

Avançaram um pouco, saindo do esconderijo, e andaram lentamente de uma árvore para outra, Alec verificando a todo momento o espaço ao redor para ter certeza de que era seguro se mover até a árvore seguinte. Mark estava orgulhoso de si... fazia um bom tempo que não produzia nenhum ruído

alto.

Continuaram até chegar a cerca de uns cem metros do local. O canto era bem nítido agora, e as sombras das chamas circulavam e iluminavam as copas das árvores acima deles. Mark desta vez se escondeu atrás de uma árvore diferente da de Alec e inclinou a cabeça para dar uma olhada no terreno.

O fogo rugia em uma extensão de pelo menos três metros, com suas línguas incandescentes lambendo bem alto o ar, quase ameaçando os galhos mais baixos das árvores que o cercavam. Mark não conseguia acreditar em como aqueles imbecis imprudentes corriam o risco de queimar toda a mata. Especialmente com tudo ainda tão seco em consequência das chamas solares.

Cinco ou seis pessoas dançavam e giravam ao redor da fogueira, lançando os braços para cima e os baixando de novo, arqueando-se em direção à terra e depois se arrastando para o lado, quando começavam tudo de novo. Mark meio que esperava que usassem mantos esquisitos ou estivessem completamente nus, mas vestiam roupas comuns – camisetas, regatas, jeans, shorts e tênis. Cerca de outras doze pessoas alinhavam-se em duas fileiras do outro lado da fogueira, entoando o canto estranho que Mark há algum tempo ouvia. Ele não entendia uma única palavra sequer.

Alec deu um tapinha no ombro do amigo, fazendo-o se sobressaltar. Virou-se para encará-lo e teve de se conter para manter a voz baixa.

– Você quase me matou de susto.

– Desculpe. Olhe, estou com um mau pressentimento sobre estas pessoas. Se são uma ameaça ou não, não posso afirmar. Mas as pessoas da casamata para onde nos dirigimos com certeza já sabem da presença delas e devem estar em estado de total alerta.

Mark ponderou se talvez esse não fosse um fato positivo.

– Mas, se forem uma distração, não será mais fácil entrarmos lá? Você não acha?

Alec pareceu considerar as palavras de Mark.

– É. Pode ser. Talvez devêssemos...

– *Quem está aí?*

Mark congelou. Alec também. Agora se entreolhavam, boquiabertos. Mark conseguia ver a fogueira cintilar no reflexo dos olhos de Alec.

– Perguntei quem está aí? – Era uma mulher, do grupo que estava diante do fogo. – Não pretendemos lhe fazer mal. Só queremos convidá-lo para se juntar a nós em nossos louvores à natureza e aos espíritos.

– Ei, cara – sussurrou Alec. – Não acho uma boa ideia.

– Definitivamente, não é – reiterou Mark.

Ouviram um ruído de passos e, antes que pudessem fazer qualquer coisa, duas pessoas estavam de pé diante deles. Como estavam de costas para o fogo, Mark não conseguia distinguir o rosto dos dois estranhos. Mas pareciam ser um homem e uma mulher.

– Serão bem-vindos para dançar e cantar conosco – falou a mulher. O tom parecia exageradamente calmo diante das circunstâncias. Naquele novo mundo, deviam ser encarados com mais cautela.

Alec se levantou – não havia razão para ficarem ali agachados como crianças espreitando na penumbra –, e Mark fez o mesmo. Alec cruzou os braços e estufou o peito, como um urso tentando defender seu território.

– Olhem – começou ele em seu típico tom vociferante –, fico lisonjeado por virem nos convidar, mas vamos respeitosamente declinar do convite. Sem ofensas, é claro.

Mark fez uma careta, achando aquelas duas pessoas diante deles imprevisíveis demais – talvez até

mesmo instáveis – para se arriscarem a ser sarcásticos ou rudes com elas. Gostaria de poder ver os rostos com clareza para perceber a reação, mas continuavam ocultos nas sombras.

– Por que estão aqui? – perguntou o homem, como se não tivesse ouvido os comentários de Alec. – Por que estão aqui nos espionando? Achei que ficariam honrados por lhes fazermos um convite.

Alec deixou escapar um suspiro entrecortado, e Mark percebeu que ele começava a ficar tenso.

– Ficamos curiosos – respondeu Alec com calma.

– Por que abandonaram Didi? – explodiu Mark de repente, sem ter ideia de onde vinha aquela onda de raiva. Sequer tinha certeza de que aquelas pessoas eram do mesmo povoado que a menina. – Ela é apenas uma garotinha. Por que a deixaram para trás como um cachorro sem dono?

A mulher não respondeu à pergunta dele.

– Estou com um mau pressentimento em relação a vocês dois – replicou ela. – E não podemos nos arriscar. Prenda-os.

Antes que Mark pudesse processar as palavras dela, havia uma corda em volta de seu pescoço, muito apertada, arrastando-o para o chão. Ele resmungou e ergueu as mãos, tentando aliviar a pressão que sentia sobre as costas, e o ar sumiu de seus pulmões. Alec havia sido contido da mesma maneira; Mark podia ouvi-lo praguejar em meio a engasgos. Mark desferia chutes e se contorcia, tentando se virar e encarar seu oponente, mas mãos fortes o agarraram pelos braços e o ergueram do chão.

Começaram a arrastá-lo para frente.

Em direção à fogueira.

24

Mark enfim parou de resistir quando alguém lhe deu um soco no rosto, enviando uma onda de dor por toda a sua face. Percebeu que o esforço para fugir era inútil. Relaxou e deixou que o arrastassem para onde quisessem levá-lo. Viu Alec esbravejar contra dois homens enormes e observou quando apertaram ainda mais a corda em torno de seu pescoço. Os ruídos emitidos pelo velho enquanto sufocava fizeram o coração de Mark se apertar, parecendo prestes a se romper.

– Pare com isso! – gritou ele. – Alec, pare! Eles vão matá-lo!

É claro que o velho soldado não lhe deu atenção; apenas continuou lutando.

Enfim foram arrastados para a clareira, onde o fogo ainda ardia. Mesmo diante dessa imagem assustadora, Mark percebeu uma mulher se adiantar e atirar mais dois troncos em cima das labaredas infernais. O fogo flamejava e cuspia brilhantes centelhas avermelhadas. Seu captor o arrastou para perto da fogueira e o atirou ao chão diante de duas fileiras de pessoas. Elas pararam de cantar, e todos os olhos se concentraram em Mark e em Alec.

Mark tossia e cuspia, o pescoço ardendo em função da corda apertada, e depois de alguns instantes tentou se sentar. Um homem alto – provavelmente o sujeito que o arrastara até ali – colocou sua grande bota sobre o peito de Mark e o pressionou para que voltasse a se deitar.

– Fique assim – ele ordenou. Não parecia zangado nem perturbado; apenas falou aquelas palavras sem rodeios, como se achasse que Mark sequer consideraria desobedecer.

Foram necessários dois homens para arrastar Alec até ali, e Mark ficou chocado por terem conseguido. Depositaram-no ao lado de Mark. O soldado gemia e berrava, mas não resistiu mais, porque ainda mantinham nas mãos a outra extremidade da corda amarrada ao redor de seu pescoço. Teve um longo acesso de tosse, depois cuspiu uma bola de sangue na terra.

– Por que estão fazendo isto? – perguntou Mark, para ninguém em particular. Estava deitado de costas e olhava para a camada de ramos e o reflexo das chamas nas folhas. – Não estamos aqui para machucá-los. Só queremos saber quem são e o que estão fazendo!

– Por isso nos perguntou sobre Didi?

Ele se voltou notou uma mulher em pé, a mais ou menos um metro de distância. Pela sua silhueta, podia quase afirmar que era a mesma que falara com eles quando estavam escondidos.

Mark ficou incrédulo diante da ausência de emoção em sua voz.

– Então foram *vocês* que a deixaram lá? Por quê? E por que nos fizeram prisioneiros agora? Só queremos algumas respostas!

Alec de repente irrompeu em um alvoroço de movimentos, agarrando a corda e puxando-a ao se levantar. A corda se desvencilhou das mãos dos homens que a seguravam, e Alec se lançou sobre eles, empurrando com violência seu ombro, como se fosse uma flecha. Atingiu um dos homens, atirando-o ao chão. O outro também tombou com um ruído pesado, e Alec investiu contra ele, acertando uns dois golpes antes que mais dois homens estivessem sobre ele, afastando-o do sujeito. Outro ainda se aproximou, e os três conseguiram atirar Alec de costas no chão e imobilizar seus braços e pernas. O sujeito no qual desferira os dois golpes conseguiu se arrastar até onde estava o velho e o chutou três vezes seguidas nas costelas.

– Parem! – gritou Mark. – Parem!

Ele deu um safanão na própria corda e fez menção de se levantar, mas a bota voltou a agir,

pressionando-o de novo contra a terra.

– Não repita isso; não se mova mais – disse seu captor, mais uma vez usando aquele tom vazio e monótono.

Os outros ainda socavam e chutavam Alec, mas o ex-soldado se recusava a desistir, esforçando-se para desferir golpes, apesar de estar em desvantagem.

– Alec – suplicou Mark –, você precisa parar de revidar, ou vão matá-lo. Como poderá nos ajudar se estiver morto?

As palavras enfim penetraram no cérebro obstinado do homem. Ele se acalmou, depois lentamente encolheu o corpo em posição fetal, o rosto contraído em uma feroz careta de dor.

Quase tremendo de raiva, Mark voltou a atenção para a mulher de pé à sua frente, que observava, imóvel, tudo com aquela ausência de emoção perturbadora.

– Quem são vocês? – perguntou ele. Foi tudo o que conseguiu dizer, mas tentou injetar o máximo de raiva que podia nas palavras.

A mulher o encarou durante alguns segundos, antes de responder:

– Vocês são intrusos indesejados. E agora me fale sobre Didi. A menina está com vocês? No acampamento de vocês, em algum lugar?

– Por que você se importa? Não a deixaram para trás? Será que estão com medo de que ela se esgueire até este acampamento e os faça adoecer? Ela está *ótima*. Não há nada de errado com ela!

– Temos nossas razões – replicou a mulher. – Os espíritos falam, e nós seguimos as ordens deles. Desde a chuva de demônios que se abateu do céu, abandonamos o povoado, buscando locais mais sagrados. Muitos companheiros nossos se desligaram, recusando-se a se juntar a nós. Estão perambulando por aí, provavelmente conspirando com os próprios demônios. Talvez *você* seja um espião deles.

Mark não conseguia acreditar nas palavras absurdas que saíam da boca da mulher.

– Vocês deixaram uma doce menininha para morrer porque ela *talvez* estivesse doente? Não espanta que outras pessoas de sua aldeia não quisessem seguir com vocês.

A mulher parecia genuinamente confusa.

– Escute, garoto. Os outros são muito mais perigosos que nós. Eles atacam sem avisar, matam sem consciência. O mundo está sendo assaltado pelo mal em suas diversas manifestações. E nós não podemos nos arriscar, em particular porque você invocou o nome de Didi. Vocês são prisioneiros e serão tratados como tal. Libertá-los seria como alertar aqueles que querem nos prejudicar.

Mark a encarou, a mente girando em um turbilhão. Tivera uma repentina sensação de mau presságio. Quanto mais aquela mulher falava, mais ele a sentia.

– Didi nos falou que os dardos vieram do céu. Nós vimos os corpos mortos em seu pequeno assentamento. O mesmo aconteceu conosco. Tudo o que tentamos fazer agora é descobrir *por quê*.

– Aquela menina *trouxe* o mal para perto de nós. Seus atos maléficos conduziram a essa situação. Por que você acha que a deixamos para trás? Se vocês a resgataram e a trouxeram para perto de nós novamente, fizeram algo mais abominável do que podem imaginar.

– O que quer dizer com este monte de besteiras que está falando? – gritou Alec por fim. – Estamos com problemas maiores do que *você* pode imaginar, mulher.

– Precisa nos deixar partir – acrescentou Mark com rapidez, antes que Alec dissesse qualquer outra coisa. O homem podia ser o sujeito mais valente do grupo, mas era a última escolha quando o caso era negociar. – Desejamos apenas encontrar um lugar seguro para viver. Por favor, eu lhe prometo que vamos nos afastar daqui. Não falaremos com ninguém sobre vocês e não traremos Didi para perto desse acampamento, se não for do desejo de vocês. Podemos cuidar dela.

– Fico triste ao ver como você é pouco perceptivo – respondeu a mulher. – Triste de verdade.

Mark queria berrar com ela, mas se obrigava a se controlar.

– Olhe, vamos nos revezar explicando coisas uns aos outros. Não é justo? Eu *quero* compreender vocês. E preciso realmente que me entendam também. Vocês são capazes de conversar em vez de nos tratar como animais? – Diante do silêncio dela, Mark se apegou a algo para manter a conversa fluindo. – Então... que tal começarmos do início? Contaremos como chegamos a estas montanhas.

Ela agora tinha uma expressão ainda mais indiferente no olhar.

– Sempre acreditei que os demônios tentariam ser bons quando viessem atrás de nós. Vocês nos enganaram para que os trouxéssemos até aqui, para que os amarrássemos. Para que pudessem se fingir bons e tentassem nos enganar de novo. Demônios. Todos vocês são demônios. – Ela fez um aceno decidido para um dos homens que estavam de pé perto de Mark e Alec.

O homem levantou o pé e desferiu um chute nas costelas de Mark. A dor explodiu ao longo de toda a lateral de seu corpo e ele gritou, incapaz de se conter. O homem o chutou de novo, desta vez nas costas, bem nos rins. Uma dor profunda assaltou Mark, e lágrimas escorreram de seus olhos enquanto ele berrava ainda mais alto.

Alec protestou.

– Pare com isso, seu filho de uma... – As palavras foram interrompidas quando um dos captores se abaixou e desferiu um soco em seu rosto.

– Por que estão fazendo isto? – gritou Mark. – Não somos demônios! Vocês enlouqueceram! – Outro chute o atingiu nas costelas, provocando uma dor insuportável. Ele berrou e protegeu o próprio corpo com os braços. Preparava-se para mais golpes, sabendo que não havia chance alguma de escapar.

– *Parem!*

A palavra retumbou no ar, proveniente do outro lado da fogueira, na voz profunda e marcante de um homem. Os homens que espancavam Mark e Alec imediatamente recuaram e se ajoelharam, o rosto voltado para o chão. A mulher também ficou de joelhos, os olhos para baixo.

Mark, ainda encolhido devido à dor, esticou as pernas, tentando ver quem havia dado aquele comando simples mas eficiente. Percebeu movimento em meio às chamas e seguiu o vulto, enquanto o homem entrava em seu campo de visão, aproximando-se dele. Quando estava a mais ou menos um metro de distância, deteve-se, e os olhos de Mark deslizaram das botas que calçavam seus pés, passando pelas pernas vestidas em um jeans, pela camisa xadrez apertada, até chegar ao rosto, que era horrivelmente coberto de cicatrizes, quase inumano. O primeiro ímpeto de Mark foi desviar o olhar, mas ele não se permitiu. Fitou o estranho desfigurado, encarando os olhos penetrantes e rancorosos.

O homem não tinha cabelo. Nem orelhas.

25

– Meu nome é Jedidiah – disse o homem. Os lábios eram amarelados e deformados, retorcidos para um dos lados. Ele tinha um jeito estranho de falar, como se tivesse a língua presa, havia uma atonicidade em sua voz, e as frases tinham uma cadência monótona. – Mas meus seguidores me chamam de Jed. *Vocês* vão me chamar de Jed, porque posso ver que foram maltratados e agora serão meus amigos. Entendido?

Mark fez um aceno de cabeça em concordância, mas tudo o que Alec soltou foi um grunhido ininteligível. Desafiador até o fim, o velho soldado havia se sentado, embora os captores tivessem ordenado aos dois que ficassem deitados de costas. Os homens que os haviam espancado apenas momentos antes agora estavam ajoelhados, como se orassem. Mark se sentou, esperando que esse gesto não tivesse consequências. Na verdade, Jed pareceu satisfeito.

– Muito bem – disse o homem. – Enfim, acho que estamos conseguindo algum tipo de paz. – Avançou alguns passos e se sentou entre eles e o fogo, as chamas às suas costas. A luz cintilante fazia o contorno de sua cabeça parecer úmido e reluzente, como se seu rosto estivesse prestes a derreter. Fogo; derreter. Mark concluiu que fora isso que acontecera ao pobre sujeito.

– As chamas solares fizeram isso com você? – perguntou ele.

Jed riu por alguns segundos, mas não havia nada de agradável ou alegre naquele som. Em vez disso, parecia perturbador.

– O meu cotovelo sempre coça quando alguém se refere dessa maneira à praga do demônio. Quando isso ocorreu, sim, eu achei que fosse apenas um evento celestial que havia ocorrido por acaso na rota da Terra. *Coincidência. Fatalidade. Má sorte*. Essas foram palavras que passaram pela minha cabeça na época.

– E agora você acha que foram grandes demônios maléficos que choveram do céu? – perguntou Alec, o tom deixando evidente o que ele achava daquela ideia. Mark lançou-lhe um olhar e sentiu um nó no estômago. O rosto de Alec estava todo coberto de sangue, e vergões e outros ferimentos causados pelo espancamento brutal já se faziam visíveis.

– Isso já aconteceu duas vezes – replicou Jed, sem demonstrar nenhum sinal de que tivesse captado o sarcasmo de Alec. – Nas duas vezes, veio do céu: uma vez do sol, outra vez de naves. Achamos que eles podem nos visitar anualmente, só para nos punir por termos nos tornado complacentes e para nos lembrar do que precisamos nos tornar.

– Duas vezes... sol e naves – repetiu Mark. – Você fala das chamas solares e dos dardos do Berg?

A cabeça de Jed tombou para a direita e para a esquerda, depois tornou a se fixar em Mark. *Que raios era aquilo?*

– Sim, duas vezes – tornou o homem, como se o que houvesse acabado de fazer fosse algo perfeitamente normal. – E, mais uma vez, ao mesmo tempo me entristece e me diverte que vocês não enxerguem a importância dos fatos. Isso significa que a mente de vocês não evoluiu a ponto de conseguirem vê-los como realmente são.

– Demônios – completou Mark, quase revirando os olhos, mas se contendo a tempo.

– Demônios. Sim, demônios. Eles queimaram meu rosto, derreteram-no e o transformaram no que vocês veem hoje. Dessa maneira, jamais poderei me esquecer do meu objetivo. E depois vieram os pequenos dardos das naves, infectados com o ódio deles. Já faz dois meses que isso aconteceu e

ainda choramos por aqueles que perderam a vida naquele dia. Por isso acendemos fogueiras, entoamos canções e dançamos. Também tememos aqueles de nossa aldeia que decidiram não se juntar a nós. Eles, sem dúvida alguma, agem em cumplicidade com os demônios.

– Espere... dois meses? – perguntou Alec. – O que quer dizer com dois meses?

– Isso mesmo – replicou Jed lentamente, como se falasse com uma criança confusa. – Contamos os dias solenemente, cada um deles. Faz dois meses e três dias.

– Alto lá! – exclamou Mark. – Não pode fazer tanto tempo. Com a gente isso aconteceu há apenas alguns dias.

– Não gosto nada disso... quando as pessoas duvidam das minhas palavras – respondeu Jed, o tom se alterando de modo dramático no meio da frase. Aquilo de repente se tornou ameaçador. – Como você pode ficar aí sentado e me acusar de estar mentindo? Por que eu mentiria sobre uma coisa dessas? Tentei estabelecer a paz com vocês, dar-lhes uma segunda chance nesta vida, e é assim que me agradecem? – O volume da voz aumentava a cada palavra que proferia, até chegar aos berros, o corpo todo tremendo. – Isso... isso faz minha cabeça doer.

Mark podia ver que Alec estava prestes a explodir; então, rapidamente estendeu a mão e apertou o braço dele.

– Não diga nada – sussurrou. – Não diga nada. – Voltou sua atenção para Jed. – Não, escute, por favor. Não é desse jeito. Só queremos entender. Nossa aldeia foi atacada pelos dardos da nave, que choveram sobre nós, há menos de uma semana. Então supusemos que o mesmo houvesse ocorrido com vocês. E você comentou que as pessoas morreram no mesmo dia em que isso aconteceu. Mas nós vimos corpos de pessoas que pareciam ter morrido há pouco tempo. Por favor, ajude-nos a entender.

Mark teve a sensação de que havia informações importantes a serem obtidas daquelas pessoas. Não achava que o homem estivesse mentindo sobre o intervalo de tempo. Havia alguma coisa a ser descoberta ali.

Jed havia levantado as mãos e as pousado onde deveriam estar suas orelhas, e agora balançava a cabeça devagar de um lado para o outro.

– Algumas morreram imediatamente. Outras, um pouco mais tarde. Mais sofrimento à medida que o tempo passava. Mais mortes. Nossa aldeia se dividiu em facções. Tudo obra dos demônios. – Ele começou a gemer, um lamento que era quase uma canção.

– Acreditamos em você – afirmou Mark. – Só queremos compreender. Por favor, fale com a gente; diga-nos o que aconteceu, fato por fato. – Ele tentava manter o tom de frustração afastado de sua voz, mas não estava obtendo muito sucesso. Como poderia?

– Você fez a dor voltar – disse Jed com severidade, ainda balançando a cabeça. Seus braços estavam rígidos, os cotovelos apontando para frente enquanto apoiava as mãos na cabeça. Parecia tentar esmagar o próprio crânio. – Isso dói muito. Não posso... Tenho de... Vocês devem ser enviados dos demônios. É a única explicação.

Mark sabia que seu tempo estava acabando.

– Não somos, juro. Estamos aqui porque queremos informações de vocês. Talvez sua cabeça esteja doendo porque vocês têm um conhecimento que podiam compartilhar com a gente.

Alec deixou a cabeça pender para frente.

– Eles vieram há dois meses – falou Jed, a voz parecendo distante. – Em seguida, a morte chegou em ondas. Demorando mais a cada vez. Dois dias. Cinco dias. Duas semanas. Um mês. E há pessoas da própria aldeia, pessoas que antigamente considerávamos como amigos, tentando nos matar. Não entendemos o que os demônios querem. Não entendemos. Não... entendemos. Dançamos, cantamos,

fazemos sacrifícios...

Ele caiu de joelhos, depois desmoronou no chão, ainda pressionando as mãos contra a cabeça. Então soltou um longo gemido, repleto de dor.

Mark havia chegado ao fim de sua paciência. Em sua opinião, aquilo era uma completa loucura, e não havia como lidar com os fatos de maneira racional. Olhou para Alec e pôde ver, pelo brilho no olhar do homem, que ele estava pronto para tentar a fuga outra vez. Seus captores ainda se encontravam ajoelhados, a face voltada para o chão em algum tipo de adoração doentia ao homem que se contorcia de dor. Era agora ou nunca.

Mark estava prestes a considerar o próximo movimento, tentando se concentrar nos gemidos e grunhidos que vinham de Jed, quando novos sons surgiram na floresta atrás deles. Pessoas gritando, berrando, rindo. Imitando o canto de pássaros e outros ruídos de animais. Tudo acompanhado pelo som de passos que esmagavam a vegetação rasteira e seca da floresta. Os sons sinistros continuavam, ficando mais altos à medida que as pessoas se aproximavam. Depois, de maneira ainda mais alarmante, os ruídos se disseminaram em um círculo em torno da clareira onde estavam, até que fosse cercada por completo por um coral de vacas e cucos, rugidos e risos histéricos. Devia haver várias dezenas de pessoas emitindo ruídos.

– E agora? – perguntou Alec, o desgosto evidente no tom de voz.

– Nós os advertimos sobre eles – disse a mulher, ainda ajoelhada. – Eram nossos amigos, nossa família. Agora os demônios assumiram o controle deles e tudo o que desejam é nos atormentar; nos matar.

De súbito, Jed se colocou ajoelhado, gritando a plenos pulmões. Violentamente, lançou a cabeça para baixo, depois para a esquerda e a direita, como se tentasse soltar algo de dentro de seu crânio. Mark não conseguiu mais se conter. Deu um salto para trás, movendo-se como um caranguejo até a corda em seu pescoço ficar esticada. A outra extremidade ainda estava nas mãos de um dos homens ajoelhados.

Jed emitiu um som penetrante, aterrorizante, que se impôs a todos os novos sons que vinham da floresta ao redor.

– Eles me mataram! – gritou ele, as palavras rasgando-lhe a garganta. – Os demônios... enfim... me mataram!

Seu corpo ficou rígido, os braços esticados ao longo do corpo, e ele tombou para frente, exalando um último suspiro. O corpo relaxou, e o sangue começou a verter de sua boca e seu nariz.

26

Mark ficou paralisado, sem conseguir desgrudar os olhos do corpo de Jed, que jazia naquela posição antinatural e horrenda. Em toda a vida, Mark tinha plena certeza de nunca ter vivido uma hora tão estranha quanto aquela que passara ao chegar àquele local de loucura. E, como se não fosse bizarro o bastante, agora outras pessoas loucas os cercavam na floresta, emitindo sons animais e rindo histericamente.

Mark se virou em um gesto brusco para olhar Alec. O homem estava boquiaberto, mudo e imóvel, tão petrificado quanto ele ao assistir à morte de Jed.

O movimento e os ruídos na floresta continuavam. Urros, zunidos, aclamações e assovios. E os estalos provocados por passos.

Os homens ainda ajoelhados, que antes haviam espancado Mark e Alec, levantaram-se, olhando para as cordas sem muita certeza do que fazer com elas. Lançaram um olhar para os prisioneiros, depois se entreolharam, e uma vez mais observaram as cordas. As duas fileiras de pessoas que entoavam cantos atrás deles faziam mais ou menos a mesma coisa, olhando ao redor, como se procurassem alguém que as instruísse sobre como agir. Era como se Jed houvesse sido uma espécie de figura para a qual os demais se voltavam, e agora que o vínculo fora cortado os seguidores estavam confusos e incapazes de ter qualquer reação.

Alec agiu primeiro, no desejo evidente de tirar vantagem da situação. Começou a tatear a corda amarrada ao redor do pescoço, enfim conseguindo colocar os dedos sob ela o suficiente para soltá-la. Mark estava temeroso de que aquela iniciativa tirasse os homens do estado de torpor e provocasse uma retaliação, mas na verdade eles soltaram a outra extremidade da corda. Mark seguiu o exemplo de Alec e se movimentou para desfazer o próprio nó, enfim soltando-o. Puxou a corda por cima da cabeça até se livrar dela, justamente no momento em que Alec atirava a sua no chão.

– Vamos dar o fora deste lugar – resmungou o velho soldado.

– E quanto aos amigos deles que estão fora daqui? – perguntou Mark. – Eles nos cercaram.

Alec soltou um grande suspiro.

– Bem, só temos que lutar para passar por eles, caso tentem nos deter. Vamos deixá-los tomar conta destes brutos aqui.

A mulher que havia falado com eles primeiro aproximou-se com um andar apressado e o rosto tomado pela preocupação.

– Tudo o que fizemos foi tentar manter os demônios afastados de nós. Nada mais. E olhe como vocês destruíram nossos esforços. Como puderam guiar nossos inimigos até aqui?

Ela se encolheu após dizer essas palavras e caiu de joelhos, colocando uma das mãos na têmpora.

– Como puderam fazer isso? – sussurrou ela.

– Realmente, sinto muito – grunhiu Alec ao se afastar dela, encaminhando-se à fogueira. Havia uma longa tora de madeira com uma das extremidades fora das chamas. Alec pegou o lado não incandescente e levantou-a como se fosse uma tocha. – Isso deverá fazê-los pensar duas vezes antes de tentarem qualquer coisa. Vamos, garoto.

Mark olhou para a mulher lá atrás, que obviamente sentia dores horríveis na cabeça, e então as peças começaram a se encaixar.

– Eu disse *vamos*! – gritou Alec.

Naquele momento, dezenas de pessoas chegaram, precipitando-se da floresta que os cercava agitando os punhos no ar, aos gritos. Havia mulheres, homens e crianças, todos com a mesma expressão enlouquecida de raiva mesclada à satisfação. Mark – certo de nunca ter visto nada parecido antes – não perdeu mais tempo, seguindo a liderança de Alec e agarrando, ele próprio, outra tora de madeira flamejante. As chamas irrompiam para cima quando balançava a madeira no ar, e ele a carregava como se fosse uma espada.

A horda de malucos foi de encontro às fileiras de pessoas que entoavam cantos, saltando sobre eles com gritos animalescos de batalha. Dois homens saltaram no ar e caíram direto na fogueira. Enquanto Mark assistia àquilo, horrorizado, as roupas e os cabelos dos recém-atirados ao fogo começaram a se incendiar. Gritos escapavam da garganta de ambos enquanto tentavam se livrar das chamas, mas era tarde demais. Aniquilados e queimando em vida, correram para a mata, certos de que incendiariam toda a floresta. Mark se voltou para os aldeões cantores. Estavam sendo espancados e sufocados. Ele estava cercado pelo caos. Era quase demais para suportar.

– Mark! – gritou Alec próximo dele. – Não sei se percebeu, mas estamos sendo atacados.

– Por favor – gritou uma mulher atrás de Mark –, leve-me com você.

Ele se virou depressa e viu a mulher que havia ordenado o espancamento deles, e, na rapidez do gesto, quase a queimou com a extremidade da tocha. Ela parecia transformada, dócil. Antes que pudesse responder, no entanto, viram-se em meio a uma guerra de socos entre mil pessoas. Mark foi empurrado de um lado a outro. Para sua surpresa, percebeu que não eram apenas os aldeões que já conhecia contra os desconhecidos. Muitos dos oponentes que antes partilhavam do mesmo lado socavam-se também. Avistou uma mulher cair na fogueira, seus gritos invadindo o ar.

Alguém agarrou Mark pela camisa e o puxou para o lado. Ele estava pronto para revidar com a tocha, quando deparou com Alec.

– Você tem um talento especial para ficar à beira da morte! – gritou o homem.

– Não sei por onde começar nem o que fazer! – respondeu Mark.

– Às vezes é só agir! – Ele largou a camisa de Mark e partiram na mesma direção, encosta acima, para longe do fogo. Mas havia pessoas por toda parte.

Mark balançava sua tocha diante dele enquanto corria. Mas então alguém o atacou por trás; a tocha ardente caiu ele deu de cara no chão. Um instante depois ouviu um baque surdo, um grito de dor e um corpo voando por cima dele. Olhou para cima e viu Alec se recompondo, após ter desferido um violento chute.

– Levante-se! – gritou o homem. Mas a última palavra mal saíra de sua boca, quando *ele* foi golpeado por um homem e uma mulher e caiu no chão.

Mark levantou-se com rapidez, agarrou a tocha que havia deixado cair e correu para onde Alec lutava contra os dois oponentes. Dirigiu a extremidade flamejante para a nuca do homem, que gritou e agarrou a própria garganta, libertando Alec. Em seguida Mark direcionou a tora de madeira à lateral da cabeça da mulher. Tudo o que Mark pôde ouvir foi o fogo ardendo enquanto ela soltava Alec.

Mark se inclinou, agarrou a mão do amigo e o ajudou a se levantar.

Mais pessoas corriam na direção deles. Pelo menos cinco ou seis.

Mark girava sua tocha, ignorando qualquer tipo de controle e se movendo apenas por instinto, motivado pela adrenalina. Atingiu um homem, depois o nariz de uma mulher. Depois avançou contra um oponente que vinha em sua direção, enfiou a tocha em seu estômago e observou as roupas dele se incendiarem.

Alec estava perto de Mark. Socava, chutava, desferia cotoveladas e lutava com as pessoas, atirando-as longe como se fossem sacos de lixo. A certa altura, perdeu a tocha que havia agarrado,

ocupado demais em usar as duas mãos para se livrar dos oponentes. O homem incorporara dos pés à cabeça o soldado que fora um dia.

Um braço desconhecido envolveu o pescoço de Mark por trás e o ergueu do chão, deixando-o sem fôlego. Mark agarrou a tora com as duas mãos e depois a lançou para trás em desespero. Falhou, puxou-a de volta e investiu de novo, agitando-se com o resto de forças que conseguia reunir enquanto o oxigênio fugia de seus pulmões. Sentiu o golpe sólido quando a tocha entrou em contato com o oponente, o som do rompimento de uma cartilagem e o grito do homem. Um ar doce inundou seu peito quando o braço afrouxou a pressão.

Mark tombou no chão, sugando a vida de novo para os pulmões. Alec inclinou-se para recuperar o fôlego. Sentiram alívio por um breve momento, mas um rápido olhar ao redor lhes mostrou que mais pessoas vinham na direção deles.

Alec ajudou Mark a se levantar. Passaram a subir uma encosta no caminho de retorno, quase agachados, seguindo rumo ao emaranhado mais cerrado de árvores. Mark ouviu os berros dos perseguidores atrás deles – essas pessoas não desejavam que ninguém escapasse. Ele e Alec atingiram um ponto que era um pouco mais plano e começaram a correr a toda velocidade. Foi quando Mark viu aquilo, aproximadamente uns cem metros à frente.

Uma parte enorme da floresta fora envolvida em chamas.

Inclusive o acampamento deles. Onde haviam deixado Trina, Lana e Didi.

27

As árvores e os arbustos da floresta já estavam secos. Tratava-se de uma zona altamente inflamável, pronta para se incendiar. Fazia algumas semanas desde a última tempestade torrencial, e qualquer coisa que houvesse voltado a crescer desde as chamas estava estorricada. Espirais escuras de fumaça chegavam a seus pés, e o cheiro de madeira queimada tomava o ar.

– Isso vai se espalhar como um incêndio florestal – gritou Alec.

Mark achou que ele estivesse brincando, mas o homem parecia falar sério.

– *É* um incêndio florestal! – Mark retrucou.

Mas Alec já havia começado a correr em direção às chamas, que pareciam ter aumentado em instantes desde que haviam se iniciado. Mark saiu em seu encalço, sabendo que era preciso alcançar o outro lado daquele inferno antes que o incêndio se alastrasse demais. Teriam de alcançar Trina, Didi e Lana. Os dois foram rompendo a vegetação rasteira, chutando grossos arbustos, desviando de grandes árvores e de ramos baixos. O som dos perseguidores ainda soava atrás deles, mas diminuíra, como se houvessem entendido que era loucura se encaminharem *para* um incêndio na floresta. Mas Mark ainda conseguia ouvir assovios e protestos assombrando a mata.

Ele continuou correndo, focando em como conseguir voltar para Trina.

O fogo estava mais próximo, crepitando, cuspindo e rugindo. Um vento se ergueu, alimentando as chamas; um enorme ramo caiu lá do alto e passou pelas copas das árvores, atirando centelhas por toda parte antes de enfim atingir o chão. Alec continuou a se dirigir ao centro flamejante da mata, sem reduzir a velocidade, como se seu único objetivo fosse correr para os braços da morte ardente e acabar com tudo aquilo.

– Não devíamos desviar? – gritou Mark para ele. – Para onde você está indo?

Alec respondeu sem se virar, e Mark teve de se esforçar para ouvi-lo.

– Quero seguir o mais perto possível! Correr ao longo das margens, para saber exatamente onde estamos! E talvez escapar desses loucos enquanto fizermos isso!

– Você sabe exatamente onde estamos? – Mark se movia o mais rápido que podia, mas o soldado ainda continuava à frente.

– Sei – foi a resposta curta. Mas tirou a bússola do bolso e olhou para ela enquanto corria.

A fumaça havia ficado mais espessa, dificultando a respiração. O fogo agora tomara todo o campo de visão de Mark, as chamas próximas e altas iluminando a noite. O calor vinha em ondas, soprando o rosto de Mark e sendo carregado pelo vento.

Mas, quando se aproximaram mais, as ondas desapareceram. A temperatura havia subido vertiginosamente; Mark estava ensopado de suor e o ar estava tão quente que ele achou que sua pele derreteria. Quando pensava que Alec podia afinal ter perdido o juízo, o homem de repente deu uma guinada aguda para a direita, correndo em paralelo ao trajeto de expansão das chamas. Mark permanecia o mais próximo possível dele, colocando sua vida nas mãos do ex-soldado pela enésima vez desde que haviam se conhecido nos túneis do subtransporte.

Um intenso calor pulsava pelo seu corpo enquanto corria; e soprava o vento abafado vindo da esquerda somado ao ar mais frio proveniente da direita. Suas roupas estavam tão quentes contra a pele que pareciam prestes a entrar em combustão, embora estivessem ensopadas de suor. No entanto, seu cabelo estava seco, qualquer umidade sendo sugada pelo ar abrasador. Imaginou os folículos

prestes a secar totalmente e caindo ao chão como folhas de pinheiro. Seus olhos pareciam estar sendo assados nas órbitas; ele os fechava e esfregava, tentava forçar a chegada das lágrimas, mas não acontecia nada.

Correu, imitando Alec a cada passo, esperando que contornassem o fogo e se afastassem dele antes que morressem de sede ou pela exaustão provocada pelo calor. O som das chamas era a única coisa que ouvia agora, um rugido constante, como os propulsores de mil Bergs em funcionamento.

De repente, uma mulher abriu caminho pela mata à direita, bem à frente, o fogo proporcionando um brilho enlouquecido em seu olhar. Mark preparou-se para lutar, esperando que a mulher se virasse e os atacasse. Mas ela atravessou o caminho deles, entrando na frente de Alec – se ela estivesse um pouco mais devagar, teria colidido com ele. A mulher corria, silenciosa e determinada, os pés estraçalhando a vegetação rasteira. Ela tropeçou e caiu, mas conseguiu se levantar. E então desapareceu na parede de chamas e seus gritos logo cessaram.

Alec e Mark continuavam correndo.

Enfim atingiram a extremidade do inferno em expansão, o caminho do fogo mais visível do que Mark teria esperado. Mantinham a mesma distância, e ele quase se sentia bem, uma explosão de adrenalina sendo enviada através de seu corpo por estar virando à esquerda, voltando para Trina e os outros novamente. Mark correu ainda mais depressa, quase tropeçando nos pés de Alec ao alcançá-lo. Então prosseguiram um ao lado do outro.

Cada inspiração era um suplício para Mark. O ar escaldava-lhe a garganta quando entrava em seus pulmões, e a fumaça era como veneno.

– Temos de... nos afastar... desta coisa.

– Eu sei! – gritou Alec, tendo um longo ataque de tosse. Olhou rapidamente para a bússola agarrada na palma da mão. – Estamos quase... lá.

Logo contornaram outra extremidade do corpo principal das chamas, e desta vez Alec virou à direita, afastando-os do fogo. Mark o seguiu, percebendo que ele próprio se encontrava completamente desorientado. Não contestou a decisão; confiava no velho. Pisoteavam a mata com energia renovada, indo mais depressa do que nunca. Mark podia sentir o ar mais fresco a cada inspiração que atingia seus pulmões. O volume do rugido do inferno também diminuiu o suficiente para poder ouvir de novo os sons de seus pés esmagando as folhas.

De repente, Alec parou.

Mark deu mais alguns passos à frente dele antes que pudesse fazer o mesmo. Voltou até onde Alec estava e lhe perguntou se estava bem.

O homem estava encostado contra uma árvore, o peito arfante e respirando com rapidez. Fez um sinal de aquiescência, depois enterrou a cabeça na altura do cotovelo e soltou um alto gemido.

Mark se inclinou, as mãos nos joelhos, desfrutando a chance de retomar o fôlego. O vento havia parado e o fogo parecia estar agora a uma distância segura.

– Cara, por um momento você me preocupou. Não tenho certeza de que tenha sido a coisa mais brilhante do mundo correrrmos tão perto de um inferno assim furioso.

Alec o encarou, mas a maior parte de seu rosto estava oculta pelas sombras.

– É provável que você tenha razão. Mas é fácil errar o caminho em um lugar como este à noite. Estava firme na decisão de manter nós dois no caminho que havíamos seguido antes. – Checou a bússola, depois apontou para um ponto sobre o ombro de Mark. – Nosso pequeno acampamento fica para lá.

Mark olhou ao redor e não viu nada que distinguisse aquela parte da floresta.

– Como você sabe? Tudo o que vejo é um amontoado de árvores.

– Simplesmente sei.

Ruídos estranhos tomavam a noite, misturados ao rugido constante do fogo. Gritos e risos. Era impossível determinar de que direção vinham.

– Parece que aqueles malucos desgraçados ainda estão correndo por aí, procurando encrenca – disse Alec em meio a um grunhido.

– Malucos desgraçados mesmo... Tive a esperança de que todos morreriam queimados – respondeu Mark, antes de perceber como aquilo soava horrível. Mas havia uma parte dele que desejava sobreviver a todo custo; que tinha se tornado implacável durante aquele último ano. Estava sendo sincero. Não queria mais ter de se preocupar com aquelas pessoas. Não queria passar o resto da noite e do dia seguinte olhando por sobre o ombro.

– Seu desejo *não* é uma ordem... – disse Alec. Ele respirou fundo. – Muito bem. É melhor nos apressarmos e nos encontrarmos logo com aquelas três mulheres.

Recomeçaram a correr, um pouco mais devagar do que antes, mas não muito. O retorno daqueles sons, embora não parecessem muito próximos no momento, obviamente os deixara inquietos.

Alguns minutos mais tarde, Alec mudou o curso, depois mudou outra vez. Parou em determinado trecho, consultou seu senso de orientação, deu uma olhada ao redor e depois apontou para uma encosta.

– Ah – falou. – É lá embaixo.

Seguiram naquela direção, escorregando ou deslizando quando a descida ficava mais íngreme. O vento havia mudado de direção, soprando de novo contra o fogo e enchendo os pulmões de ambos de ar fresco, serenando as preocupações – pelo menos por um tempo. Mark havia ficado tão acostumado com a luz das chamas que não percebera que a madrugada chegava, o céu através das árvores acima dele ganhando agora um tom arroxeado em vez de negro, e ele podia enxergar ligeiramente para onde iam. A paisagem foi ficando familiar e, de repente, estavam de volta ao local do acampamento. As coisas do grupo ainda estavam lá, exatamente onde as tinham deixado.

Mas não havia sinal de Trina nem das outras duas.

Uma pequena semente de pânico brotou dentro do peito de Mark.

– Trina! – gritou ele. – Trina!

Ele e Alec vasculharam a área ao redor, chamando o nome das mulheres ao procurarem por elas.

Mas tudo continuava silencioso.

28

Mark estava prestes a desabar. Apesar de todo o inferno pelo qual haviam passado, pelo menos ele e Trina nunca haviam realmente se separado. Só tinham se passado dez minutos do desaparecimento dela, e a mais profunda sensação de desamparo se apoderou dele.

– Não tem como – disse ele a Alec enquanto procuravam em círculos cada vez mais amplos ao redor do acampamento. Ele ouviu o desespero na própria voz. – Não tem como elas terem decidido partir enquanto estávamos fora. Não sem pelo menos nos deixar um bilhete ou algo assim. – Ele passou uma das mãos pelos cabelos, depois soltou um grito sem outra razão senão raiva e frustração.

Alec conseguia se manter mais eficiente devido ao sangue-frio.

– Calma, garoto. Você precisa se lembrar de duas coisas: primeiro, Lana é tão durona quanto eu e muito mais inteligente; segundo, você está se esquecendo dos detalhes.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Mark.

– De certa maneira, você tem razão. Em circunstâncias normais, elas permaneceriam aqui até voltarmos. Mas estas circunstâncias não são normais. Há um incêndio na floresta próximo daqui e pessoas loucas correndo pela mata e emitindo ruídos de filmes de terror. Você ficaria sentado aqui sem fazer nada?

Aquelas palavras não fizeram Mark se sentir melhor.

– Então... você acha que elas foram procurar por nós? E se passamos por elas quando voltávamos para cá? – Ele cerrou os punhos e os levantou à frente dos olhos. – Elas podem estar em qualquer lugar!

Alec se aproximou e agarrou os ombros do amigo.

– Mark! O que há com você? *Calma*, filho.

Mark deixou as mãos penderem e olhou bem dentro dos olhos de Alec, que estavam determinados e cinzentos à luz fraca da madrugada, mas também repletos de genuína preocupação.

– Desculpe. Acho que estou... pirando aqui. O que vamos fazer?

– Vamos manter nossa sanidade mental, permanecer calmos e *pensar*. Depois sairemos daqui e encontraremos Lana e as outras duas.

– Elas têm uma menininha com elas – Mark sussurrou. – E se aquelas pessoas que nos atacaram passaram por aqui primeiro? E as levaram?

– Bem, teremos de resgatá-las. Mas preciso que se controle, ou isso nunca vai acontecer. Você entendeu?

Mark fechou os olhos e fez que sim com a cabeça, esforçando-se ao máximo para acalmar os batimentos cardíacos e conter o pânico que havia explodido dentro dele. Alec ia dar um jeito nas coisas. Ele sempre dava.

Depois de alguns instantes, tornou a olhar para o soldado.

– Certo. Estou bem agora. Desculpe.

– Bom. Assim é melhor. – Alec recuou um passo e estudou o terreno. – Agora já há luz suficiente. Precisamos encontrar alguma pista do caminho que elas tomaram. Ramos partidos, pegadas, vegetação rasteira pisada, qualquer coisa. Comece a procurar.

Mark obedeceu, desesperado para ter a mente ocupada com alguma outra coisa além de imaginar cada terrível cenário possível. Os sons do incêndio e gritos ou risadas ocasionais ainda pairavam no

ar, mas pareciam distantes. Pelo menos no momento.

Ele esquadrinhou a área, estudando com cuidado cada local antes de ousar dar outro passo, a cabeça se movendo para cima e para baixo, de um lado para o outro, como algum tipo de mecanismo robótico coletor de detritos. Tudo o que precisavam era um indício importante para poderem seguir a trilha com mais facilidade. Mark sentia um vigor estimulante tomar conta dele; desejava ser o primeiro a encontrar alguma coisa. Tinha de fazer isso, tentar se sentir melhor, comprovar que haviam tomado o caminho certo, tudo para aliviar os pensamentos sombrios.

Não podia perder Trina. Não agora.

Alec examinava o terreno cerca de uns seis metros além do acampamento, na verdade apoiado nas mãos e nos joelhos, literalmente farejando o terreno como um cachorro. Ele parecia ridículo, mas havia algo naquilo que emocionou Mark. O velho soldado raramente mostrava o mais leve sinal de emoção – a menos que estivesse gritando, berrando ou socando algo... ou *alguém* –, mas com frequência mostrava o quanto realmente se importava com as pessoas. Mark não tinha dúvida de que o homem daria a própria vida se isso significasse salvar uma das três amigas perdidas. Será que Mark poderia dizer o mesmo sobre si próprio?

Tanto Mark quanto Alec depararam com sinais óbvios de passos – galhos quebrados, marcas de sapatos na terra, ramos deslocados em árvores ou arbustos –, mas cada vez mais concluíam que haviam sido eles próprios que os tinham causado. Depois de mais ou menos meia hora, isto fez Mark compreender que vasculhavam a área entre o acampamento e a direção que haviam seguido na noite anterior. Ele se deteve e se levantou.

– Ei, Alec – Mark chamou.

O homem estava de quatro, enfiando o rosto em um arbusto; ele grunhiu algo que se parecia com "O que é?".

– Por que estamos passando tanto tempo deste lado, que foi de onde nos afastamos delas?

Alec se afastou do arbusto e o encarou.

– Tem lógica. Achei que ou elas teriam seguido nosso trajeto, para nos encontrar, ou haviam sido levadas pelos mesmos imbecis que nos atacaram. Ou... talvez tivessem ido investigar o incêndio.

Mark sentia que estavam no caminho errado.

– Ou correram para se *afastar* do incêndio. Nem todas as pessoas na Terra têm um cérebro tão estranho quanto o seu, caro senhor. A maioria das pessoas, ao ver um enorme inferno rugindo e vindo em sua direção, decide fugir dele. É o que eu acho.

– Eu discordo. – Alec tinha deslocado todo o peso do corpo para os joelhos, esticando as costas. – Lana não é covarde. Ela não pensaria em se salvar e deixar que morrêssemos.

Mark já balançava a cabeça em discordância antes de o soldado ter terminado de falar.

– Você tem de considerar o seguinte: Lana tem o mesmo complexo de adoração por você que *você* tem por ela. Ela iria pensar que você estaria seguro e cuidando muito bem de si mesmo. Também deve ter considerado as circunstâncias do início ao fim e decidido o melhor curso de ação a tomar. Estou certo ou errado?

Alec encolheu os ombros, depois se voltou para ele.

– Então, depois disso tudo, você acha que Lana teria deixado que morrêssemos nas mãos de alguns loucos e fugisse para salvar a própria vida?

– Ela não *sabia* que estávamos nas mãos de pessoas como aquelas. Nós dissemos que íamos apenas dar uma olhada, lembra? Provavelmente, elas ouviram mais barulhos, ouviram e viram um incêndio se aproximando e, aposto, usando a lógica, que decidiram ser melhor seguir na direção do quartel-general do Berg. Devem ter pensado que faríamos a mesma coisa. Que as encontraríamos lá.

Você indicou a direção que precisávamos seguir.

Alec acenava com a cabeça em discordância e resmungava algo impossível de compreender.

– Sem mencionar que ela tem uma civil – ele fez o sinal de aspas no ar ao dizer a última palavra – e uma menininha que provavelmente ficou aterrorizada. Duvido muito que Lana fosse deixá-las sozinhas para ir atrás de nós ou levá-las para mais perto do perigo.

Alec levantou-se e limpou a poeira dos joelhos.

– Está certo, garoto, pode parar por aí. Você me convenceu. Mas qual é sua ideia? – Ele tinha um sorriso discreto no rosto, quase imperceptível. E Mark sabia por quê. O urso estava gostando daquilo: ver seu pupilo descobrir as coisas por si mesmo.

Mark apontou para o outro lado do acampamento, na direção que Alec identificara na véspera como o caminho que precisavam seguir: o lugar onde se encontrava o quartel-general daquele Berg; o local onde encontrariam as pessoas que haviam arruinado mais uma vez a vida deles.

– Como eu disse – tornou Alec com um suspiro exagerado –, você me convenceu. Vamos, começaremos a investigar aquele caminho. – Ele deu uma piscadela para Mark ao passar por ele, mas depois fechou o semblante em uma carranca.

Mark riu.

– Você é um homenzinho estranho.

Alec parou e o encarou.

– Era isso o que minha mãe costumava dizer. Ela me acordava de manhã, me dava um beijinho e um abraço, e dizia: "Meu doce Alec. Você é um homenzinho estranho". Isso me tocava todas as vezes bem aqui. – Ele deu uma batidinha no coração, depois revirou os olhos dramaticamente. – Vamos trabalhar.

– Está vendo? – disse Mark ao segui-lo. – Preciso de mais alguma prova? Homenzinho estranho. Oficialmente provado.

– Você só mencionou uma palavra certa. Sou definitivamente um homem. Totalmente homem, mocinho. – E emitiu um som abafado que poderia ter sido uma risada.

Caminharam mais lentamente ao explorar a área que Mark havia indicado, e logo faziam uma nova busca, esquadrinhando cada centímetro quadrado à procura de um rastro revelador. Mark fez uma pausa para captar os sons, que tinham se tornado um ruído ao fundo, dificilmente perceptível até que se concentrasse nele. O rugido e a crepitação do incêndio na floresta ainda estavam a uma distância segura, embora se aproximando, bem como alguns assovios, gritos ou risadas dos novos companheiros hostis, embora, quanto a este último caso, fosse difícil afirmar de onde vinham os sons. O ar se tornara enevoado devido à fumaça, agora que o sol havia surgido para revelá-la.

– Achei algo – anunciou Alec. – Tome cuidado! – gritou, quando Mark avançou correndo para ver também.

– Oh, desculpe. – Ele se conteve e seguiu devagar, parando próximo do soldado.

Alec havia se agachado. Tinha um graveto em uma das mãos e o usava como indicador.

– Há cerca de três arbustos em sequência pelos quais pessoas passaram, e mais de uma pessoa, com certeza. Veja aquela parte esmagada ali, o ramo quebrado lá, as pegadas aqui e ali. – Ele apontou o graveto para um lugar próximo.

Mark se inclinou para frente e a viu. Pequena. Do tamanho exato dos pés de Didi.

– Só há um problema – continuou Alec, um tom pesado marcando sua voz.

– O quê? – tornou Mark com rapidez.

Alec usou o graveto de novo para apontar um local – logo acima da pegada que tinha mostrado – em que havia algumas folhas agrupadas. A superfície verde e brilhante encontrava-se salpicada com

gotículas de sangue.

29

Desta vez, Mark não se permitiu ter o mesmo ataque de pânico. Mas caiu num silêncio mortal, sentindo-se gelado por dentro e as mãos escorregadias de suor. Imaginava que seu rosto também estivesse pálido. No entanto, obrigou-se a permanecer calmo enquanto Alec se levantava e vagarosamente percorria a trilha que haviam encontrado.

Com um crescente horror, Alec apontou mais áreas com sangue ao longo do caminho. Não era muito, mas o bastante para ser visto.

– É difícil perceber a extensão de um ferimento por estes indícios. Já vi um nariz jorrar tanto a ponto de deixar esse tipo de rastro, e também uma pessoa com o braço amputado por uma explosão sangrar pouquíssimo, pela própria explosão o ter cauterizado.

– Não ajudou muito – murmurou Mark.

Alec o encarou.

– Desculpe, garoto. Estou tentando lhe dizer que esse rastro de sangue não precisa ser necessariamente má notícia. Quem quer que esteja ferido pode ter apenas se cortado. As pessoas têm sobrevivido a muito mais perda de sangue do que essa quantidade que vejo, na maioria das vezes. E essas gotas podem pelo menos nos ajudar a seguir o rastro das garotas.

Alec voltou a andar, a cabeça indo de um lado a outro, prestando atenção a todos os detalhes. Mark o seguia, esforçando-se para não fixar o olhar na trilha de sangue. Não conseguiu, pelo menos até que seus nervos se acalmassem um pouco. Esperava que aquela não fosse uma espécie de busca impossível, ou, ainda pior, uma armadilha.

– Há qualquer outro sinal que indique que essas gotas de sangue são de algumas das nossas amigas? – perguntou ele.

Alec deteve-se e se inclinou para examinar algo em um arbusto pisoteado.

– Baseado no padrão das gotículas, diria que foi nosso pequeno e belo grupo que passou por aqui. Consigo visualizar bem três conjuntos de pegadas. E... – Ele lançou um olhar ansioso para trás.

– E o quê?

– Bem... não vejo as pegadas de Didi há algum tempo, portanto, suponho que alguém tenha começado a carregar a pobrezinha ali atrás. – Ele apontou o polegar por cima do ombro.

– Então talvez seja ela quem se feriu – concluiu Mark, o pensamento dando um nó em seu estômago. – Talvez... talvez ela tenha apenas caído e arranhado um joelho ou algo assim.

– É – replicou Alec, a voz quase mecânica. – Mas há outra coisa...

Mark nunca tinha visto o velho soldado tão hesitante para falar antes.

– Pode me contar o que está vendo, cara? O que foi?

– Quando elas passaram por aqui – disse Alec baixinho, parecendo ter ignorado a censura de Mark –, com certeza estavam correndo. E de maneira desordenada. Todos os sinais indicam isso. A extensão das passadas, as moitas esmagadas, os arbustos e os ramos partidos. – Os olhos dele encontraram os de Mark. – Como se estivessem sendo perseguidas.

A informação provocou outro nó em Mark, desta vez na garganta, até que se lembrou de uma coisa.

– Mas você disse que tinha conseguido ver três conjuntos de pegadas. Há algum sinal de que alguém pudesse estar atrás delas?

Alec olhou para cima, depois apontou para lá.

– As coisas voam por aqui, lembra?

Como se o que já tivessem para se preocupar não fosse suficiente...

– Você não acha que teríamos ouvido se um Berg descesse por aqui e perseguisse as garotas montanha abaixo?

– Em meio à loucura que acabamos de passar? Pode ser que não. Seja como for, pode ter sido outra coisa além de um Berg.

Mark lançou um olhar cansado para o céu.

– Vamos em frente.

Os dois continuaram pelo caminho, Mark esperando o tempo todo que não encontrassem mais sangue. Ou algo pior.

Os sinais da passagem de Trina, Lana e Didi prosseguiram ao longo de uma ravina longa e baixa que se dirigia a um cânion surpreendentemente oculto. Mark não havia percebido as montanhas ficarem cada vez mais altas em relação a ele, além de a encosta ser bem constante, a ponto de não ter sentido o quanto haviam descido, nem a que velocidade. Ainda mais cercados pela mata como estavam e na maior parte do tempo examinando o solo para encontrar indícios e vestígios das amigas. Mas em um minuto percorriam um bosque denso e, no seguinte, adentravam uma ampla clareira cercada pelas rochas acinzentadas do cânion. O vale era tão escarpado, que só uma vegetação leve sobrevivia em pequenas moitas aqui e ali.

Alec puxou o mapa traçado à mão e parou.

– Estamos aqui. – Ele fez Mark recuar, e os dois se esconderam atrás de um grande tronco de carvalho.

– É mesmo?

– É quase certo que este é o vale para o qual o Berg retornava após cada viagem.

Mark espreitou ao redor, examinou as encostas altas e sinistras.

– É um pouco perigoso descer neste lugar, você não acha?

– Talvez, mas também é perfeito para se esconder. Tem de haver alguma zona de aterrissagem em algum lugar próximo, e uma entrada para o que quer que eles chamem de lar. Ainda acho que pode ser uma velha casamata do governo. Principalmente por estar tão perto da Cidade das Cinzas. A cidade fica do outro lado deste cânion.

– É. – Algo perturbava Mark. – Mas... qual seria a probabilidade de Lana e as outras terem sido perseguidas até tão longe? Estou realmente preocupado de que tenham sido capturadas.

– Talvez não. Lana sabe que perambular pelas montanhas procurando por nós não seria um mar de rosas. Seria melhor se encaminhar para um lugar que todos considerariam um ponto de encontro. Aqui.

– Então, onde elas estão?

Alec não respondeu. Algo havia chamado sua atenção na clareira.

– Nós dois podemos estar certos – sussurrou ele. A voz grave soava sombria.

– O que é isso?

– Fique abaixado e me siga.

Alec se apoiou em mãos e joelhos e engatinhou em volta do carvalho, mantendo-se abaixo da linha das moitas e dos arbustos. Mark fez o mesmo, seguindo-o pela clareira, certo de que a qualquer segundo um Berg chegaria em alta velocidade com armas de dardos apontadas para a cabeça deles. Limitavam-se ao caminho pelo qual Mark supunha que Trina e as outras duas haviam seguido. De

início, ele pensara que talvez os Bergs aterrissassem na clareira, mas não havia sinal desse fato em lugar algum. Pelo contrário, a vegetação ali havia crescido bem espessa.

Alec abriu caminho por cerca de uns dez metros adiante, depois se deteve. Mark espiou o trajeto à frente e notou que existia um grande ponto em que os arbustos haviam sido pisoteados e esmagados. Sinal óbvio de luta. Seu coração desmoronou.

– Oh, não – foi tudo o que conseguiu dizer.

A cabeça de Alec pendia para baixo. Ele se aproximou ainda mais do solo.

– Você está certo. Alguém as pegou aqui, sem dúvida. Olhe... os arbustos estão totalmente destruídos do outro lado. Como se vinte pessoas tivessem caminhado sobre eles.

Mark mais uma vez tentou conter o pânico.

– O que faremos agora? Voltamos e nos escondemos, ou vamos atrás deles?

– Não fale tão alto, garoto. Ou logo eles estarão em cima de nós também.

– Vamos voltar – sussurrou Mark. – Para nos organizarmos e decidirmos o que fazer. – Tivera o ímpeto de continuar a seguir o rastro, mas seu lado mais racional lhe alertava de que era preciso ponderar sobre isso primeiro.

– Não temos tempo para...

Um som vibrante e alto interrompeu a frase do homem, um ruído metálico que atravessou o ar como um tiro de canhão. Mark se jogou ao chão, talvez esperando que as rochas do cânion começassem a desmoronar em cima dele.

– O que foi isso? – perguntou Mark.

Mas, antes que Alec pudesse responder, o som surgiu de novo. Um estrondo rápido e ensurdecedor que fez o chão vibrar mesmo depois que o barulho cessou, causando tanto tremor que os arbustos ao redor dançavam. Mark e Alec se entreolharam, ambos sem saber o que acontecia.

O ruído cortou o ar uma vez mais, e a terra sob eles de súbito passou a se elevar em direção ao céu.

30

Mark ficou de pé de um salto, agarrando o braço de Alec. Toda a área em volta deles tremeu enquanto se elevava, e isso exigiu de Mark o máximo de esforço para conseguir se equilibrar. O que estava acontecendo era algo impossível, o que o fez duvidar de sua sanidade mental. Mas o solo sob seus pés se erguia devagar, inclinando-se ao se elevar. Olhou de um lado para outro freneticamente, tão chocado e confuso que não sabia o que fazer. Alec parecia compartilhar o mesmo estupor. Mark, no entanto, foi o primeiro a sair daquele estado.

Sua mente clareou e ele percebeu várias coisas ao mesmo tempo.

Em primeiro lugar, o vale não subia em direção ao céu devido a um terremoto ou deslocamento maciço da crosta terrestre. Era apenas uma pequena área – a clareira onde estavam. As árvores que os cercavam continuavam no mesmo lugar, imóveis, apenas os galhos se moviam ao sabor do vento. Em segundo lugar, a inclinação lenta mas em gradativo progresso da terra o fez compreender que metade dela *realmente* afundava solo adentro. E aquela coisa toda parecia ter uma forma circular. Em terceiro lugar, havia um som baixo, de metal rangendo.

– Isso é algo feito pelo homem! – gritou ele, já correndo com Alec. – Esse negócio está se abrindo.

Alec acenou ligeiramente para ele, concordando, e apressou o passo; ambos corriam para uma porção da clareira que não se movia, uma área para onde poderiam saltar do disco de terra que se inclinava. O solo se movia suficientemente devagar para que o ataque de pânico inicial de Mark desaparecesse e fosse substituído por curiosidade. Era óbvio que se encontravam sobre um tipo de alçapão maciço. Mas por que ele era tão...

Ele e Alec avançavam agora os últimos metros, quase atingindo o limite da parte giratória, tendo apenas de saltar meio metro para se verem em segurança. Arrastaram-se para a borda e pularam, escorregando atrás do mesmo grande carvalho que haviam usado antes como esconderijo. Mark esticou a cabeça para observar o desenrolar do espetáculo. A extremidade superior do círculo de terra estava agora cerca de dez metros no ar, a extremidade inferior inteiramente afundada solo adentro e fora do campo de visão. Continuava o movimento, dado o ruído das engrenagens, que agora soava mais alto.

– Parece uma moeda girando – murmurou Alec.

– Uma moeda realmente enorme. E girando em câmera lenta – concordou Mark.

Depois de mais ou menos um minuto, a porção redonda de terra encontrava-se exatamente na vertical, metade solo adentro e metade solo acima, ainda girando. Logo a terra e os arbustos começaram a se inclinar, ficando de ponta-cabeça, e Mark pôde enfim avistar o lado oposto da grande moeda: uma superfície plana e acinzentada, parecendo de concreto, com pequenas ranhuras ao longo dela, prescrevendo linhas perfeitamente retas. Não demoraria muito e o enorme círculo repousaria, plano, na superfície do vale, encarando o céu e esperando que algo aterrissasse sobre ele. Ganchos e correntes espalhavam-se pelo círculo cinzento, para garantir a segurança do que quer que aterrissasse ali.

Um ponto de aterrissagem, pensou Mark. Um ponto de aterrissagem para o Berg. Ou Bergs.

– Por que a terra e as plantas não despencam solo adentro? – perguntou ele. – Parece mágica.

– Provavelmente são falsas – respondeu o soldado. – Não seria uma boa ideia se tivessem de sair

e replantar tudo isso a cada vez que fizessem essa inversão, seria?

– Mas é incrível como parecem reais. Pelo menos, pareciam. – Mark continuava a olhar, fascinado. A porção de terra que se girava possuía cerca de sessenta metros de diâmetro. – Acha que eles nos viram? Com certeza têm câmeras lá.

Alec deu de ombros.

– Não me surpreenderia. Tudo o que podemos fazer é torcer para que não estejam funcionando muito bem.

A moeda de terra agora encontrava-se em um ângulo de quarenta e cinco graus e, dentro de minutos, lacraria o buraco de terra por completo. Mark ponderou se Alec imaginava o mesmo que ele.

– O que você acha? – perguntou-lhe. – Um Berg pode estar para aterrissar a qualquer segundo. Essa é nossa chance.

De início, o homem pareceu surpreso, como se Mark houvesse lido sua mente. Em seguida, um sorriso se abriu em seu rosto.

– Pode ser a única maneira de entrar lá, não é?

– Talvez. É agora ou nunca.

– E quanto às câmeras e aos guardas? É um risco grande.

– Mas eles estão com o nosso grupo.

Alec concordou, a cabeça acenando vagarosamente.

– Agora você falou como um verdadeiro soldado.

– Vamos, então.

Mark permaneceu agachado, até se afastar um pouco do carvalho. Tinha de começar a se mover antes que mudasse de ideia, e sabia que Alec estaria logo atrás dele. Ainda havia um espaço de cerca de cinco metros entre a extremidade do disco que girava e o solo que os cercava. Após respirar fundo para se preparar psicologicamente, Mark correu para o lado esquerdo, imaginando se não encontraria tiros ressoando pelo ar ou soldados se esgueirando das sombras, esperando por eles. Mas nada aconteceu.

Atingiram a lateral do círculo. Mark parou e seguiu ajoelhado por mais alguns metros, depois rastejou para frente a fim de espiar por sobre a beirada do círculo. Alec fez o mesmo, os dois se inclinando sobre a abertura. Isso provocou certa sensação de náusea em Mark. A porção de terra artificial descia sobre a cabeça deles. Se de repente o mecanismo baixasse o último trecho com rapidez, aquela coisa os cortaria ao meio.

Estava escuro lá embaixo, mas Mark conseguiu distinguir uma plataforma de metal – na maior parte, oculta pela penumbra –, que circundava o enorme espaço subterrâneo. Não havia fonte de luz nem qualquer sinal de pessoas. Olhou para cima e ficou alarmado ao ver como a extremidade do círculo estava próxima deles. Tinham no máximo poucos minutos.

– Precisamos colocar os pés para baixo e dar um impulso na direção daquela plataforma – disse Mark, apontando para o local. – Acha que consegue fazer isso? – acrescentou com um risinho forçado.

Alec já estava em movimento.

– Muito melhor que você, garoto – respondeu ele, dando-lhe uma piscadela.

Mark girou o corpo para ficar de barriga no chão e lançou os pés abismo abaixo, enquanto se segurava na extremidade. Agarrou com firmeza a beirada do círculo, depois começou a balançar as pernas. Alec estava a dois passos de distância dele. O homem largou o corpo, voando na direção da plataforma; atingiu a superfície com um gemido, mas parecia bem. Mark lutava contra o pensamento

que tentava invadir sua mente, ele errando o alvo e aterrissando desajeitadamente, ou desviando da plataforma para despencar na escuridão. Contou mentalmente até três, coordenando os números com o balanço das pernas, depois se permitiu cair enquanto se impulsionava para frente.

O reflexo fez seu olhar se desviar para cima assim que largou o corpo, espreitando a última vez pela pequena abertura. Viu os propulsores de chamas azuladas de um Berg e sua parte inferior metálica descendo do céu. Então a visão se perdeu e caiu sobre Alec.

31

Demorou um momento para desvencilharem braços e pernas. Alec praguejava e resmungava, e a certa altura Mark passou a deslizar para fora da plataforma, tendo o velho puxado seu corpo para cima, apenas para retomar os xingamentos. Depois de alguns instantes estavam em pé, recompondo-se. Então ouviram um enorme ruído por toda a câmara quando o mecanismo acima deles se fechou. Uma escuridão completa os envolveu.

– Que ótimo – Mark ouviu Alec dizer. – Não consigo enxergar nada.

– Pegue o *workpad* – replicou Mark. – Sei que a bateria está quase no fim, mas não temos muita escolha.

Depois de um resmungo em concordância e de um ruído abafado, o aposento se iluminou com o brilho da tela do *workpad*. Por um segundo Mark foi transportado de volta aos túneis do subtransporte, correndo com Trina, guiados pela luz do celular. As lembranças começaram a se introduzir, tragando-o totalmente no horror daquele dia, mas ele as afastou. Tinha a sensação de que, de alguma maneira, os próximos dias produziriam o bastante para provê-lo de recordações mais recentes. Suspirando, imaginou se algum dia teria de novo uma boa noite de sono.

– Vi um Berg aterrissar um segundo antes de pular para cá – avisou Mark, trazendo a mente ao presente e à tarefa que tinha pela frente. – Bem, agora sabemos que havia pelo menos dois antes de acabarmos com um deles.

Alec conduzia a tela do *workpad* a direções diferentes, examinando a área.

– É, ouvi os propulsores. Suponho que, assim que o Berg aterrissar, a superfície vá girar de novo para cima. É melhor nos apressarmos antes de deparar com companhias indesejáveis.

Alec parou de mover o *workpad*, mantendo-o virado para cima a fim de iluminar os trilhos que conduziam a outra câmara do lado oposto ao que estavam. Ranhuras mostravam os pontos onde o Berg seria preso com correntes e ganchos na plataforma de aterrissagem. Havia dois espaços vazios no local por enquanto.

A plataforma que circundava o abismo na câmara central tinha cerca de um metro e vinte de largura e, enquanto avançavam, ela rangia e protestava. A estrutura era capaz de sustentá-los, mas o coração de Mark só voltou a bater em ritmo normal depois que a atravessou. Soltando um suspiro de alívio, Mark se encaminhou a uma porta redonda com uma roda giratória no meio, algo semelhante ao mecanismo que abre as portas de um submarino.

– Este lugar foi construído muito tempo atrás – disse Alec, enquanto entregava o *workpad* a Mark. – Provavelmente para proteger executivos do governo no caso de uma catástrofe mundial. Pena que nenhum teve tempo suficiente para conseguir chegar aqui. Tenho certeza de que a maioria deles fritou, como todo o resto.

– Ótimo – respondeu Mark, erguendo o *workpad* para poder examinar a porta. – Acha que está trancada?

Alec já havia dado um passo à frente e agarrava a roda firmemente com as duas mãos, preparando-se para o caso de ela não se mover. Mas, quando fez uma tentativa, ela girou com facilidade, provocando um solavanco que levou Alec a quase se chocar com Mark. Os dois cambalearam e caíram na plataforma, Mark por cima do amigo.

– Garoto – disse Alec –, estive mais perto de você hoje do que esperava ficar em toda a minha

vida. Agora, tome cuidado para não despencar nesse abismo. Preciso de sua ajuda aqui.

Mark riu enquanto se levantava, pressionando o corpo de Alec um pouco mais do que o necessário.

– É uma vergonha você nunca ter tido filhos, velho. Pense no avô maravilhoso que poderia ter sido.

– Com certeza – replicou o ex-soldado em meio a um resmungo, ele também se levantando. – Teria sido muito divertido imaginá-los queimando até morrer no desastre das chamas solares.

Aquilo destruiu o bom humor de ambos instantaneamente. Mark sentiu as próprias feições se transformarem quando as palavras o fizeram se lembrar dos pais e de Madison. Embora nunca tivesse confirmado o que havia acontecido com eles, sua mente possuía um enorme talento para imaginar o pior cenário.

Alec se deu conta do que acabara de falar.

– Oh, droga, desculpe. – Ele estendeu a mão e apertou o ombro de Mark. – Garoto, vou lhe dizer aqui e agora, com toda a sinceridade que um velho falcão como eu consegue reunir: sinto muito pelo que acabei de dizer. Não desejaria nem de longe passar pelo que você passou naquele dia. Nem de longe. O trabalho era minha família, mas não é a mesma coisa, sei disso.

Mark jamais o ouvira falar algo parecido.

– Tudo bem. De verdade. Obrigado. – Ele fez uma pausa, depois acrescentou: – Vovô.

Alec fez um aceno com a cabeça, depois voltou para a roda e a girou até ouvir um clique alto. Abriu-a, e ela ressoou ao encostar na parede.

O outro lado não revelava nada senão escuridão, embora um zumbido semelhante ao som de um maquinário soasse mais alto agora.

– O que é isso? – sussurrou Mark. – É como se houvesse uma fábrica ou coisa do gênero aqui embaixo. – Dirigiu a luz do *workpad* porta de entrada adentro, revelando um longo corredor que desaparecia na penumbra.

– É um gerador, tenho certeza – respondeu Alec.

– Tem razão. Não poderiam viver aqui embaixo sem pelo menos um mínimo de eletricidade. De que outra maneira esta coisa funcionaria? – Ele estendeu o *workpad* à frente dele.

– Exatamente. Temos vivido no mato ou em assentamentos há tempo demais. Isso traz recordações.

– Bergs, geradores... Acha que eles têm uma tonelada de combustível armazenada aqui ou trazem de outro lugar?

Alec refletiu por alguns instantes.

– Bem, isso já tem pelo menos um ano e requer um monte para manter esses Bergs voando. Minha opinião é de que eles trazem o combustível para cá.

– Vamos em frente? – perguntou Mark, embora a resposta fosse óbvia.

– Vamos.

Mark foi o primeiro a avançar para o corredor, aguardando que Alec se juntasse a ele.

– O que vamos fazer se alguém nos vir? – Ele sussurrava, mas a voz soava alta naquele ambiente confinado. – Deveríamos ter armas com a gente agora.

– Nem me fale... Olhe, não temos muita escolha aqui. Nem muita coisa a perder. Vamos continuar e enfrentar o que vier pela frente.

Avançavam pelo corredor, quando algo retiniu atrás deles, seguido de zunidos e ruídos de engrenagem. Mark não precisava se virar para saber que a plataforma de aterrissagem – presumivelmente com um Berg empoleirado em cima dela – havia começado a girar solo adentro.

Alec parecia calmo. Teve de se inclinar para ser ouvido acima do barulho.

– Vamos esperar para ver em que câmara ele vai entrar e então nos esconderemos na outra. É melhor não sermos surpreendidos neste corredor.

Recuaram, passaram pela porta e a fecharam. Depois se agacharam na penumbra, enquanto o imenso Berg descia. Felizmente, a cabine do piloto dava para o outro lado e, portanto, havia pouca chance de serem vistos. Quando o Berg desceu até o limite, ouviram mais ruídos e zunidos, e a nave passou a se mover nos trilhos para a câmara da direita. Alec e Mark correram para a câmara oposta e se esconderam em um canto, desaparecendo nas trevas.

A espera era agonizante, mas enfim o Berg chegou ao destino. Quando parou de se mover, a gigantesca plataforma de aterrissagem recomeçou a se mover para cima, de maneira lenta, mas constante. Quem quer que estivesse na nave já havia desembarcado, porque Mark pôde ouvir vozes fracas acima dos ruídos e depois o som da porta redonda se abrindo.

– Vamos – sussurrou Alec a seu ouvido. – Vamos segui-los.

Deslizaram para fora da câmara e se esgueiraram pelo caminho à frente. Os passageiros do Berg haviam deixado a porta entreaberta, e Alec se agachou perto dela, inclinando-se para escutar. Deu uma olhada lá dentro. Aparentemente satisfeito por estarem no claro, acenou com firmeza para Mark e se esgueirou mais uma vez corredor afora. Mark o seguiu. A plataforma de aterrissagem acima continuava a girar, os arbustos, a terra e as pequenas árvores voltando a apontar para o céu.

Vozes ecoaram adiante, mas estavam distorcidas demais para as palavras serem compreendidas. Alec pegou o *workpad* das mãos de Mark e o guardou no bolso traseiro da calça. Em seguida, agarrou o braço de Mark e o arrastou para frente, caminhando ambos junto à parede, Alec com os olhos estreitados. Logo tudo estaria de novo imerso em escuridão.

Caminharam pelo corredor com cautela, passo a passo. Fosse quem fosse, alguém decidira parar e conversar, porque as vozes tornavam-se mais claras à medida que Mark e Alec avançavam. Pareciam ser apenas dois. Alec de repente se deteve, e Mark conseguiu ouvir cada palavra.

–... bem ao norte daqui – dizia uma mulher. – Queimados como em um forno de tijolos. Aposto que isso teve alguma coisa a ver com aquelas pessoas que capturaram a noite passada. Logo saberemos.

Um homem respondeu:

– É melhor mesmo. Porque as coisas não estariam tão ruins se não tivéssemos perdido nosso outro Berg. Aqueles sujeitos do Alasca não poderiam se importar menos conosco. Agora que as coisas deram no que deram, aposto que não vamos sequer ouvir falar neles de novo.

– Sem dúvida – respondeu a mulher. – Pode-se dizer que são inteiramente dispensáveis.

– Pois é. Mas isso não tem nada a ver com a gente. Não é culpa nossa se o vírus está sofrendo mutação.

A plataforma de aterrissagem ressoou atrás deles, provavelmente chegando ao limite de rotação. Breu completo. Os recém-chegados recomeçaram a andar, os passos audíveis e pesados como se usassem botas. Um deles ligou uma lanterna, o clarão do facho apontado para cima. Alec agarrou Mark novamente e eles os seguiram, mantendo uma distância segura.

Os dois tripulantes não tornaram a conversar até se aproximarem de uma porta. Mark ouviu o rangido das dobradiças enquanto a porta se abria. Então o homem comentou algo ao adentrarem um aposento que Mark não conseguiu distinguir com clareza.

– De qualquer modo, já arranjaram um nome para isso. Estão chamando de Fulgor.

A porta se fechou com um baque.

32

Eles não tinham ouvido muito da conversa, mas Mark não havia gostado nada do pouco que escutara.

– Fulgor. Ele disse que começaram a chamar esse negócio de Fulgor. O vírus.

– É – Alec ligou de novo o *workpad*. O brilho revelou seu rosto. O rosto de um homem que parecia nunca ter sorrido na vida. Todo flacidez e rugas. – Não há como ser uma boa notícia. Se algo ganha um apelido, significa que é grande e está sendo comentado. Definitivamente, não é boa notícia.

– Precisamos descobrir o que aconteceu. Aquelas pessoas dançando em torno do fogo foram atacadas antes de nós. Pelo menos o assentamento deles foi. Será que foram uma espécie de cobaias?

– Bem, temos dois objetivos, garoto: primeiro, encontrar Lana, Trina e aquele pedaço de gente; segundo, descobrir o que está havendo por aqui.

Mark não podia estar mais de acordo.

– Vamos lá, então.

Alec desligou o *workpad*, tateando o corredor na escuridão.

– Vá deslizando a mão ao longo da parede – sussurrou ele. – E tente não pisar em mim.

Avançaram. Mark mantinha os passos silenciosos e a respiração leve, tentando fazer o mínimo possível de ruído. O zumbido do maquinário distante havia ficado mais alto, e a parede vibrava enquanto seus dedos traçavam uma linha invisível ao longo da superfície fria. Atingiram um ponto em que um leve contorno de luz retangular marcava a porta que os dois tripulantes do Berg haviam transposto. Alec hesitou diante dela, depois recuou na ponta dos pés – a manobra menos militar que Mark já o vira fazer.

Mark decidiu ser um pouco mais corajoso. Parou na frente dela e se inclinou, pressionando a orelha contra a porta.

– Não é uma coisa inteligente – disse Alec, a voz áspera.

Mark não respondeu, concentrando-se no que conseguia ouvir. Palavras abafadas, impossíveis de serem entendidas. Mas a discussão pareceu um tanto inflamada.

– Por favor – pediu Alec –, eu quero explorar o local antes que alguém nos tranque em uma cela e jogue a chave fora.

Mark concordou com um gesto de cabeça, embora duvidasse de que o homem houvesse enxergado esse movimento. Afastou-se da porta e reassumiu sua posição próximo da parede, a mão deslizando ao longo dela. Continuaram a andar, de novo na escuridão, enquanto se afastavam da luz fraca que escapava do contorno da porta.

O corredor se estendia, o mundo em silêncio, exceto pelo zumbido do maquinário. Mark não conseguiria precisar quando aconteceu exatamente, mas ele na verdade podia enxergar de novo. Havia um brilho vermelho e difuso no ar, suficiente para Alec parecer um demônio se arrastando diante dele. Mark ergueu a mão e agitou os dedos. Eles pareciam cobertos de sangue. Supondo que Alec também percebera, não comentou nada, e prosseguiram.

Enfim alcançaram uma grande porta do lado esquerdo, ligeiramente entreaberta. Uma lâmpada vermelha recoberta por uma armação de arame pendia acima dela. Alec estacou, como se aguardasse alguém lhe explicar o que o esperava lá dentro. Os zumbidos do maquinário haviam aumentado e agora invadiam o ar a ponto de Mark sussurrar e não conseguir ser ouvido.

– Imagino que isso responda à pergunta sobre os geradores – disse ele. Seus olhos ficaram pesados pela leve dor de cabeça que se iniciava, mostrando-lhe como estava exausto. Haviam passado a noite toda acordados e a metade do outro dia. – Talvez elas estejam aqui. Vamos abrir logo esta porta estúpida.

Alec o encarou.

– Paciência, garoto. Cautela. Soldado precipitado é soldado morto.

– Soldado lento significa que Trina e as outras podem estar mortas.

Em vez de responder, Alec estendeu a mão e abriu a porta, que se abriu para o corredor. Os sons do maquinário aumentaram de volume, e uma onda de calor emanou do interior do ambiente, acompanhada do fedor de queima de combustível.

– Garoto... – comentou Alec. – Havia me esquecido de como isso cheira mal. – Ele fechou a porta com cuidado. – Espero que encontremos logo algo mais útil.

Dirigiram-se à próxima porta, que ficava a uns vinte metros dali, havendo mais três depois dela, e enfim uma que ficava à frente deles, onde o corredor terminava. Todas elas encontravam-se entreabertas, aproximadamente uns oito centímetros, e iluminadas por uma lâmpada envolta em uma armação de arame, como a da sala do gerador, exceto pelo fato de serem amareladas e iluminarem menos.

– Há realmente algo sinistro neste monte de portas entreabertas – sussurrou Mark. – E também o fato de estar escuro lá dentro.

– O que você acha? – perguntou Alec. – Está pronto para dar meia-volta e ir pra casa?

– Não. Só estou dizendo que você deve ir na frente.

Alec riu. Estendeu o pé e abriu a primeira porta, que avançou para o interior do aposento. Aquilo provocou um rangido metálico, e viram a fraca luz amarelada se derramar lá dentro, embora não em quantidade suficiente para revelar qualquer coisa. A porta parou com um ruído abafado; depois, apenas silêncio.

Alec soltou um resmungo que parecia um ruído animal e caminhou rumo à terceira porta, em vez de se encaminhar para a seguinte. Também empurrou-a levemente, com resultado similar. Escuridão; nenhum sinal de pessoas nem de sons. Foi para a próxima e fez o mesmo procedimento, e depois para a última, no fim do corredor. Nada.

– Adivinhe aonde vamos agora – disse ele. Deu as costas para Mark e acenou com a cabeça, uma ordem clara para segui-lo ao aposento que faltava. Mark rapidamente se aproximou dele, pronto para fazer o que mandasse. Alec deslizou a mão próximo ao batente, procurando por um interruptor, mas não encontrou nada; então entrou no aposento, com Mark em seu encalço. Ficaram ali por alguns instantes, aguardando que seus olhos se adaptassem, para vasculhar na escuridão.

Alec suspirou e tornou a tirar o *workpad* do bolso.

– Qual a necessidade dos geradores se nenhuma das luzes está acesa? Esta coisa não vai funcionar por muito mais tempo – disse ele. Alec o inicializou.

A luz do dispositivo gerou um brilho azulado estranho no grande aposento – maior do que Mark havia imaginado –, revelando duas longas séries de beliches alinhados às paredes, provavelmente dez de cada lado. Estavam todos vazios, com exceção de um, quase no final, no qual uma figura esquálida estava sentada de costas para eles; a silhueta parecia mostrar o contorno dos ombros curvados de um velho senhor. Um arrepio percorreu Mark ao ver aquela imagem. A luz fraca, o aposento quase vazio, o silêncio opressivo... sentia como se olhasse para as costas de um fantasma que só aguardava para anunciar seu destino maldito. A pessoa não se movia, não pronunciava sequer um som.

– Olá? – chamou Alec, a voz soando como um estrondo no silêncio.

Mark virou a cabeça para encará-lo, chocado.

– O que está fazendo?

O rosto de Alec estava semioculto pela penumbra, o *workpad* apontado para o interior do aposento.

– Tentando ser amável – sussurrou ele. – Vou fazer algumas perguntas a este companheiro. – Depois, mais alto: – Olá, você aí? Importa-se de nos ajudar um pouquinho?

Ouviram um murmúrio baixo e áspero, que fez Mark pensar no lamento de um homem em seu leito de morte. Suas palavras eram uma profusão de sílabas desencontradas.

– O que quer dizer? – perguntou Alec.

O homem não se moveu, tampouco respondeu. Continuou sentado no beliche, mirando o nada, uma estátua em um corpo humano. A cabeça baixa, os ombros caídos.

Mark de repente tinha de saber – *tinha* – o que o sujeito havia dito. Começou a caminhar pelo corredor entre os beliches, ignorando o protesto por parte de Alec. Enquanto abria caminho na direção do homem, o espaço entre os beliches iluminado, ouviu Alec se apressando para alcançá-lo, a luz do *workpad* flutuando e provocando sombras estranhas nas paredes.

Mark foi mais devagar conforme se aproximava do homem curvado, sentindo um formigamento gelado lhe percorrer a pele. O estranho tinha ombros largos e peito amplo, mas sua atitude o fazia parecer frágil e patético. Mark avançou mais alguns passos, até ficar ao lado do homem, e viu um rosto semioculto em sombras, o olhar perdido no chão.

– O que você disse? – perguntou Mark, agora diante do homem. Alec chegou ao lado dele e ergueu o *workpad* para iluminar o estranho, evidentemente alguém em profunda depressão. O homem estava inclinado para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos unidas, todo o seu aspecto dava a impressão de que a qualquer momento poderia derreter e escorrer pelo chão.

O homem lentamente levantou os olhos e os fitou, a cabeça inclinada sobre o pescoço como uma parte de uma máquina enferrujada. A expressão era de gravidade no rosto comprido e enrugado, mais do que deveria estar. Os olhos eram cavernas escuras em que a luz parecia incapaz de penetrar.

– Não queria entregá-la – disse num tom áspero. – Oh, meu Deus, não queria. Não a esses selvagens.

33

Mark tinha tantas perguntas na cabeça que não conseguia formulá-las com rapidez suficiente.

– Como assim? – perguntou. – Quem você entregou? Pode nos dizer alguma coisa sobre este lugar? E quanto ao vírus? O senhor sabe de alguma coisa sobre duas mulheres e uma menininha capturadas lá fora? – Ele fez uma pausa para engolir o bolo que havia se formado em sua garganta e passou a falar mais devagar: – O nome de minha amiga é Trina. Ela tem cabelos loiros e é da minha idade. Havia também outra mulher e uma garotinha. Sabe alguma coisa sobre elas?

O homem tornou a baixar os olhos para o chão e soltou um suspiro pesado.

– São perguntas demais.

Mark estava tão frustrado que levou alguns instantes para se recompor. Respirou fundo, andou de um lado para o outro, depois se sentou no beliche em frente ao estranho homem de voz áspera. Talvez o velho estivesse caduco. Bombardeá-lo com perguntas provavelmente não era a abordagem mais inteligente. Mark olhou para cima e viu que Alec estava um pouco surpreso diante de seu bombardeio de perguntas, mas balançou a cabeça e foi se juntar a Mark no beliche. O ex-soldado colocou o *workpad* no chão para que o brilho alcançasse a todos, proporcionando-lhes, no entanto, aquele aspecto ligeiramente monstruoso que uma pessoa assume quando coloca uma lanterna sob o queixo.

– O que pode nos contar? – perguntou Alec em um de seus tons mais gentis. Obviamente havia chegado à mesma conclusão que Mark: o sujeito estava no limite e precisava ser abordado com cuidado. – O que aconteceu aqui? Todas as luzes estão apagadas; não há ninguém por perto. Onde estão todos?

O homem se limitou a gemer em resposta, depois cobriu o rosto com ambas as mãos.

Alec e Mark se entreolharam.

– Deixe-me tentar de novo – falou Mark. Ele se inclinou para frente, arrastando-se para a beira do beliche e apoiando as mãos nos joelhos. – Ei, cara... qual é o seu nome?

O estranho deixou as mãos penderem e, mesmo à luz fraca, Mark pôde ver que seus olhos estavam úmidos de lágrimas.

– Meu nome? Você quer saber meu nome?

– Sim, quero. Nossas vidas estão tão arruinadas quanto a sua, posso lhe jurar. Sou Mark, e este é meu amigo Alec. Você pode confiar em nós.

O homem emitiu um risinho zombeteiro, depois sofreu um breve acesso de tosse. Por fim, falou:

– Meu nome é Anton. Não que isso importe.

Mark temia continuar. Aquele homem poderia dar tantas respostas a tantas perguntas, e não desejava estragar tudo.

– Escute, viemos de um dos assentamentos. Três de nossas amigas foram trazidas ao cânion que fica em cima deste lugar. E achamos que nosso povoado foi atacado por alguém daqui. Só queremos entender o que está acontecendo. E resgatar nosso grupo. É isso.

Ele percebeu que Alec estava prestes a dizer algo, mas lhe lançou um olhar que era um pedido de silêncio.

– Há alguma coisa que possa nos dizer? Por exemplo... o que é este lugar? O que está acontecendo lá fora com os Bergs, os dardos e o vírus? O que aconteceu *aqui*? Qualquer coisa que tenha percebido serve. – Um cansaço pesado instalava-se em seu corpo, mas ele se obrigou a se concentrar

no homem à frente, esperando obter respostas.

Anton respirou fundo algumas vezes e uma lágrima escorreu de seu olho direito.

– Escolhemos um assentamento dois meses atrás – ele começou. – Era um teste. Não que os resultados desastrosos tenham mudado o plano geral. Mas a garotinha mudou tudo para mim. Tantos mortos, e foi aquela quem sobreviveu e me fez entender a coisa horrível que havíamos feito. Como eu disse, não desejava entregá-la de novo ao pessoal dela hoje. Foi quando fiquei realmente acabado. Literalmente acabado.

Didi, concluiu Mark. Tinha de ser Didi. Mas e quanto a Trina e Lana?

– Conte-nos o que aconteceu – insistiu Mark. Sentia-se mais culpado a cada segundo que passava por não buscarem ativamente as amigas, mas precisavam de informações, ou poderiam jamais encontrá-las de novo. – Desde o início.

Anton passou a narrar em um tom distante:

– A Coalizão Pós-Chamas no Alasca queria algo que se disseminasse depressa, que matasse com rapidez. Um vírus que alguns monstros tinham desenvolvido nos bons e velhos tempos antes de as chamas solares queimarem tudo. Eles diziam que o vírus aniquilava a mente. Segundo eles, provocava comas instantâneos, tornando os corpos inúteis, mas causando hemorragias maciças que disseminariam a doença para os que estivessem próximos. A transmissão é pelo sangue, mas também pelo ar, se as condições forem propícias. Uma boa maneira de acabar com os assentados obrigados a viver em locais apertados.

As palavras do homem saíam de sua boca sem nenhum tropeço de palavras ou oscilação de volume. A mente de Mark aos poucos ia ficando enfraquecida devido à exaustão, e ele estava tendo dificuldade para acompanhar os detalhes. Sabia que o que ouvia ali era importante, mas não conseguia relacionar as informações. Àquela altura, há quanto tempo estaria acordado? Vinte e quatro horas? Trinta e seis? Quarenta e oito?

– ... antes de perceberem que haviam feito um grande estrago.

Mark balançou a cabeça em discordância. Havia acabado de perder parte do que Anton falara.

– Como assim? – perguntou Alec. – Que estrago foi esse?

Anton tossiu, depois fungou e esfregou a mão no nariz.

– O vírus. Deu tudo errado. Ele não funcionou direito nos indivíduos testados nos últimos dois meses, mas, de qualquer maneira, foram em frente com o plano, dizendo que o que havia restado dos recursos do planeta já se esgotava. Tudo o que fizeram foi aumentar a dosagem naqueles dardos. Aqueles bastardos estão tentando exterminar a metade da população. A metade!

– E quanto à garotinha? – Mark quase gritou. – Ela estava com duas mulheres?

Anton não parecia ouvir as palavras que Mark ou Alec diziam.

– Disseram que nós cuidaríamos dela quando o trabalho estivesse terminado. Que levariam todos nós de volta ao Alasca e nos dariam casas, alimentos e proteção. Faríamos a metade do mundo morrer e começaríamos de novo. Mas eles falharam, não é mesmo? Aquela menininha sobreviveu, mesmo tendo sido atingida por um dardo. Mas tem mais. O vírus não é o que eles pensavam. Ele se dissemina como um incêndio na floresta. E o pior é que vem adquirindo vida própria.

Ele emitiu algo que lembrava vagamente uma risada, mas que logo se transformou em uma tosse seca. De repente, soluçava. Por fim, tombou de lado na cama e puxou as pernas para cima, encolhendo-se em posição fetal, os ombros sacudindo enquanto chorava.

– Eu o contraí – falou em meio a soluços. – Tenho certeza disso. Todos nós o contraímos. Vocês o contraíram também. Não tenham dúvida, meus amigos. Vocês contraíram o vírus. Eu disse aos meus colegas que não queria ter mais nada a ver com eles. Nunca mais. Então me deixaram aqui sozinho.

Para mim, foi ótimo.

Mark sentia como se observasse toda aquela cena através da neblina. Não conseguia se concentrar. Tentou sair daquele torpor.

– Tem alguma ideia de onde nossas amigas possam estar? – perguntou ele, mais calmo desta vez. – Onde estão seus companheiros de trabalho?

– Estão todos lá embaixo – sussurrou Anton. – Eu não conseguia mais suportar aquilo. Vim aqui para cima para morrer, ou enlouquecer. As duas coisas, eu acho. Mas estou satisfeito por me deixarem aqui.

– Lá embaixo?

– Bem lá embaixo, na casamata – respondeu Anton, a voz ficando mais baixa à medida que o choro diminuía. – Estão lá embaixo confabulando. Planejam uma revolta na Cidade das Cinzas, para fazê-los saber que não estamos contentes com a maneira como as coisas terminaram. Querem compartilhar isso de todo jeito com o Alasca.

Mark relanceou o olhar para Alec, que mantinha os olhos fixos em Anton. Tudo o que o pobre estranho dizia parecia ficar cada vez mais bizarro.

– Revolta? – perguntou Mark. – E por que a Cidade das Cinzas? Quem são estas pessoas?

– A Cidade das Cinzas é o último porto seguro do Leste – replicou o homem, as palavras agora quase imperceptíveis, nada além de fracos sons ásperos e secos. – Os muros e tudo o mais, por mais arruinados que possam estar. São esses meus companheiros de trabalho, todos contratados pela CPC, a todo-poderosa Coalizão Pós-Chamas. Meus estimados colegas querem matar seus chefes antes que eles fujam. Antes que voltem ao Alasca pelo Transportal.

– Anton – disse Alec –, escute-me. Há alguém mais com quem possamos falar? Tem alguma ideia de como podemos encontrar as amigas que procuramos? A garotinha e as duas mulheres.

O homem tossiu; então sua voz adquiriu um pouco mais de vida.

– Essas pessoas com quem trabalho começaram a enlouquecer. Entende? Elas não... estão... em seu juízo perfeito. Ficarão aqui embaixo por horas, planejando e maquinando. Vão para a Cidade das Cinzas e, se precisarem, vão reunir um exército ao longo do caminho. Fala-se em um antídoto, mas é tudo besteira. No fim, meu pessoal vai se assegurar de que os outros não recuperem o que lhes foi tirado: a vida. E vocês sabem o que vem depois disso, não sabem?

– O quê? – Mark e Alec perguntaram ao mesmo tempo.

Anton apoiou o corpo em um dos cotovelos. O ângulo de luz do *workpad* fazia com que metade de seu rosto estivesse na penumbra do beliche, e a outra ganhara uma tonalidade azul-clara. O olho da metade iluminada parecia ter dentro uma centelha no lugar da pupila.

– Eles vão todos para o Alasca com aquele Transportal que está na Cidade das Cinzas – disse o homem. – Vão para onde os governos se reuniram, para garantir que o mundo acabe, embora não seja essa a intenção deles. Vão continuar procurando um antídoto e derrubarão o governo provisório. Mas tudo o que *realmente* farão é disseminar o vírus de uma vez por todas. Eles se certificarão de terminar o que as chamas solares iniciaram. Tolos, todos eles.

Anton tornou a deixar o corpo cair no beliche, e alguns segundos depois o som de roncos invadiu o aposento.

34

Mark e Alec ficaram durante um longo tempo sentados em silêncio, ouvindo a respiração pesada de Anton enquanto ele dormia.

– Não tenho certeza se podemos confiar muito nas coisas que saíram da boca desse sujeito – falou Alec depois de algum tempo. – Mas, para dizer o mínimo, estou bastante preocupado.

– É – respondeu Mark enfaticamente. Sua cabeça latejava e ele se sentia nauseado. Não conseguia se lembrar da última vez em que se sentira tão cansado. Mas eles tinham de se levantar, sair daquele quarto, encontrar Trina e as outras duas.

Mas não se moveu.

– Garoto, você está parecendo um zumbi – comentou Alec após virar o rosto em sua direção. – Também me sinto assim.

– É – murmurou Mark novamente.

– Não vai gostar do que estou prestes a dizer, mas não haverá discussão.

Mark arqueou as sobrancelhas. Até esse pequeno gesto requeria toda a energia que possuía.

– O que é?

– Precisamos dormir.

– Mas... Trina... Lana... – De repente, não conseguia se lembrar do nome da garotinha. Impossível. A cabeça doía como se uma tempestade houvesse irrompido dentro de seu crânio.

Alec se levantou.

– Não resultará em nenhum benefício se não conseguirmos agir porque estamos cansados demais. Vamos tirar apenas um cochilo. Talvez uma hora cada um enquanto o outro fica acordado. Anton disse que os colegas dele estariam reunidos durante algumas horas. – Levantou-se da cama e se dirigiu com rapidez à porta do quarto. Fechou-a e a trancou. – Só por segurança.

Mark deitou-se de lado, lentamente erguendo as pernas para colocá-las sobre a cama. Dobrou os braços sob a cabeça. Queria protestar, mas não saía nada.

Alec prosseguiu:

– Vou fazer o primeiro turno de vigilância, por isso...

Mas Mark já caíra no sono antes de ouvir qualquer outra palavra.

Vieram os sonhos. As lembranças. Mais reais que nunca. Como se a profundidade de sua exaustão houvesse criado a tela perfeita para se manifestarem.

35

Aquele breve momento parece durar uma vida quando Mark vê a parede de água se precipitar degraus abaixo na estação do subtransporte, como um estouro de cavalos brancos e sedosos. Ele pensa em milhares de coisas. Em como chegou ali. O que aconteceu lá em cima, na cidade. Será que sua família está morta? O que o futuro lhe reserva? Como é se afogar?

Todos estes pensamentos passam por sua mente no único segundo que resta para a água atingir o fim dos degraus. Então alguém agarra seu braço, arrastando-o na direção oposta, obrigando sua mente a se desligar do desastre iminente. Ele vê Trina puxando-o, enquanto um terror genuíno ilumina seus olhos de maneira tão doentia, que o coloca em movimento.

Ele inicia uma rápida jornada para sair dali, desta vez agarrando o braço *dela*, certificando-se de que permaneçam juntos. Alec e Lana estão à frente deles, movendo-se com rapidez, passando pelos brutamontes que os abordaram, algo que agora parece uma tolice tão ultrajante que deixa Mark de novo espumando de raiva. O momento passa; ele continua seguindo pelo túnel, Trina a seu lado. Lança um olhar rápido para trás, e vê Baxter, Darnell, Sapo, Sombria, todos correndo, os olhos tingidos com o mesmo medo que vira nos de Trina, o mesmo medo que ele próprio sente.

Há um grande ruído se precipitando no ar, que leva Mark de volta à visita da família às Cataratas do Niágara. As pessoas gritam e coisas quebram; vidros se estilhaçam. Alec não parece nada velho ao passar correndo pela extremidade oposta da plataforma da estação e ao voltar de novo à escuridão do túnel. Com certeza eles não têm muito tempo, e Mark percebe, com um choque de horror, que confiou toda a sua vida às duas pessoas que estão na frente dele. É isso. Dentro de minutos estará vivo ou morto.

Alguém grita atrás dele; então ele é atingido com força no ombro e tropeça. Endireita-se, desvencilhando-se de Trina, que não consegue conter o ímpeto e continua a correr. Mark olha para trás e vê duas coisas. Sombria foi ao chão, e uma grande onda de água alcança os trilhos do subtransporte, vinda da estação. O dilúvio nas ruas lá em cima lava a terra e penetra no amplo canal do túnel, e isso acontece apenas alguns metros atrás dele.

Quando passa sobre o corpo de Sombria, o fluxo não tem tanta profundidade. Ela se apoia no chão para se levantar. Mark inclina-se para frente a fim de ajudá-la, quando Sombria de repente grita e se levanta como se a água lhe houvesse dado um choque elétrico.

– Está quente! – berra, e ela estende a mão e aperta a de Mark.

Eles se viram e passam a correr de novo, a água agora cobrindo os pés de ambos. Inunda os sapatos e as meias de Mark, a barra de suas calças, e ele sente o aquecimento gradativo, depois é engolfado pelo calor. Salta, como alguém que tivesse entrado em uma banheira com a temperatura alta demais. A água é intimidadora, e quente o suficiente para queimar a pele.

O grupo continua a correr pelo túnel, fazendo o possível para se afastar do rio que se avoluma. De repente, já está com sessenta centímetros de altura, e Mark não consegue acreditar na velocidade em que isso aconteceu. A água está acima de seus joelhos e agora flui mais depressa – ele tem de plantar os pés com mais firmeza para evitar que sejam arrastados pela pressão da água. Alcança Trina. Os outros estão apenas pouco mais de um metro à frente. Não correm mais. Lutam para avançar, empurrando com cuidado um pé e outro para frente. A água bate quase no alto das coxas de Mark, e ele sabe que a corrente está prestes a vencer a batalha contra todos eles.

E ela queima, escaldando a pele das pessoas. Ele sente uma coceira devido à dor.

– Por aqui! – grita Alec. Está lutando contra o rio sujo e furioso, contra a corrente, e patina ao tomar o caminho à esquerda. Há ali um pequeno grupo de degraus com uma grade de ferro de ambos os lados, como um corrimão. Eles conduzem a uma plataforma com uma porta.

– Precisamos chegar lá em cima!

Mark se move naquela direção, plantando os pés na superfície, um de cada vez, e se recompondo a cada passo. Trina faz o mesmo. Lana já está lá. Baxter, Sombria, Darnell e o Sapo estão no encalço de Mark, também abrindo caminho. Não poderão suportar por muito mais tempo aquela corrente. O rugido da água é ensurdecedor, rompido apenas pelas palavras de Alec e os gritos vindos da estação, que ecoam pelas paredes do túnel. Esses ruídos diminuíram dramaticamente, e Mark sabe por quê. A maioria das pessoas está morta.

Como se o pensamento se materializasse, um corpo se choca contra o joelho de Mark e depois continua sua jornada com o rio – uma mulher. O rosto dela está com uma coloração azulada de morte, emoldurado por um emaranhado de fios de cabelo flutuantes. Ela gira lentamente enquanto se precipita no túnel que está à frente. Depois surgem mais pessoas. Algumas vivas, embora a maioria não se mexa – provavelmente todas mortas, conclui Mark. Os vivos agitam braços e pernas, tentando nadar ou se firmar no chão. Passa rapidamente pela mente de Mark que eles deveriam ajudá-los, estendendo-lhes as mãos. Mas é tarde demais – terão sorte se eles próprios conseguirem se salvar.

Alec chega à escada, agarra a grade de ferro e sobe dois degraus. Mark consegue dar mais um passo lento para frente; a água está agora na altura de sua cintura. Queimando, ardendo. Alec se inclina e ajuda Lana a subir a escada. Depois Trina consegue alcançá-la e segura a mão dele. Ela sobe. Mark é o próximo; ele dá o último passo trêmulo e de repente seus braços são agarrados pelo velho que continua salvando sua vida. Seu corpo é arremessado para frente quando Alec o puxa, e ele está na escada, quase caindo em cima dela, não fosse a água. Trina se aproxima e o abraça.

Sapo também consegue chegar lá, depois Darnell e Sombria. Todos eles, com exceção de Alec, sobem o curto lance de escadas até a plataforma, reunindo-se à frente da porta. O garoto mais moço, Baxter, ainda se debate para chegar. Mark de repente é assaltado pela vergonha ao perceber que o menino está no meio da água – ele está dois metros além do alcance de Alec, a água batendo na lateral de seu corpo e subindo, subindo, respingando no rosto apavorado.

Mark corre de volta à escada, embora Trina grite seu nome em protesto. Fica de pé ao lado de Alec, pensando no que fazer. Corpos passam rápido por Baxter; Mark vê um pé perdido atingir o garoto no ombro. Uma cabeça surge no rio perto dele, respingando água, depois desaparece lá embaixo.

– Dê mais um passo! – grita Alec para Baxter.

O menino obedece; faz o que lhe dizem para fazer. Depois dá outro. Agora está quase ao alcance deles, mas a água bate com força nas costas, tornando inacreditável, até, ele ainda não ter sido arrastado dali.

Mark grita para encorajá-lo:

– Só mais dois passos.

Baxter se move para frente e de repente perde o equilíbrio, caindo com a cara na água. Alec salta na direção dele e agarra o braço do garoto no momento em que a corrente atinge ambos, pronta para carregá-los rumo à escuridão do túnel. Mark vê tudo isso acontecer rápido demais e reage antes de ter tempo para pensar melhor. Agarra a grade com a mão esquerda e se arremessa para frente com a direita, agarrando a manga da camisa de Alec, antes de ele ser arrastado para longe de seu alcance. A mão do homem se ergue e agarra o braço de Mark, assim que tecido da camisa começa a se rasgar.

O corpo de Mark é pressionado pela corrente, mas ele se mantém seguro na grade. O corpo se agita para um lado e para o outro, batendo na parede de concreto próximo ao trilho. Alec e Baxter dão continuidade à corrente humana, o corpo dos três ligados. Mark tem a sensação de que seu braço está prestes a ser arrancado do ombro, os músculos inteiramente tensionados, e solta um grito. Concentra-se apenas em não desistir, em resistir à dor. A água invade sua boca e ele a cospe. Tem gosto de sujeira e óleo, e queima sua língua.

Sente mãos agarrando seu braço, agarrando a camisa e o cotovelo, fazendo pressão. Pode ver então que Alec o escala como se fosse uma corda, usando as duas mãos. O que significa que Baxter deve ter morrido. Mark não pode fazer nada; não tem mais forças; cada parte do seu corpo dói e arde. Ele só consegue segurar firme, manter o braço intacto. Sua cabeça desliza sob a água e ele fecha os olhos, obrigando-se a resistir ao ímpeto de sugá-la em inspiração, o que o mataria.

Perde todo o senso de movimento. Só há água e calor, e sons distantes. E dor, que explode pelo corpo todo.

Então volta à superfície, sentindo mãos sobre seu peito, sob seu braço. Está sendo arrastado escada acima. Alec está diante dele, segurando na grade com firmeza. Baxter está preso entre as pernas do homem, como em um golpe vencedor de uma luta livre. Mark lança um olhar para o garoto e vê que o rosto de Baxter entra e sai do rio, e o menino respira, cospe, grita.

Conseguiram. Todos eles.

Não demora muito e estão na plataforma. O grupo todo. A água subiu até os trilhos e começa a verter na própria plataforma.

Alec é um homem que emana exaustão em cada centímetro do corpo. Ensopado, sua respiração é entrecortada. Ele corre em direção à porta e a abre. Mark pensa por um instante como seria se ela estivesse trancada. Sua história poderia ter acabado ali. Mas está aberta, e Alec a escancara.

Ele faz um gesto para que todos a transponham.

– Preparem-se para subir – diz o velho.

36

Mark havia acordado trêmulo na mais completa escuridão.

Seu corpo estava rígido; virou-se no beliche e ele rangeu, enquanto Mark tentava arranjar uma posição confortável, encontrar um jeito de os músculos não doerem. Ouviu Alec e Anton roncando alto. Era óbvio que Alec não havia conseguido se manter acordado no primeiro turno de vigilância.

Mark enfim se acomodou melhor deitado de costas. O sono havia oficialmente desaparecido e não havia nada a fazer senão esperar que o amigo acordasse. Deixou o homem descansar o máximo possível – aquele descanso com certeza seria mais que necessário.

O sonho lhe pareceu muito vívido, como se fosse real. O coração ainda batia forte devido ao tumulto da experiência, como se acabasse de revivê-la. Ainda conseguia sentir o gosto de água podre; sentir a água queimando na pele. Lembrou-se da escalada exaustiva dos infinitos degraus da escada após a plataforma, da falta de fôlego, do cansaço extremo. Com as forças minadas e sofrendo com a queimadura da água, não sabia como havia conseguido acompanhar os outros. Mas, subindo sem parar, haviam vencido a água, que ficara abaixo deles. Nunca se esqueceria da sensação de olhar para a água suja e agitada embaixo, enquanto ela subia devagar, e refletir que sua vida quase havia terminado em suas profundezas.

Alec os tinha salvado naquele dia. Passaram as duas semanas seguintes naquele arranha-céu, percebendo com rapidez que ainda não poderiam sair em busca dos entes queridos. O calor, a radiação e o aumento do nível das águas eram intempéries demais para suportar. Foi quando as esperanças de Mark em encontrar a família realmente começaram a se desvanecer.

O Edifício Lincoln. Um lugar que abrigava grande parte de seus pesadelos. Tinham permanecido o mais próximo possível do centro do prédio, nos corredores centrais da estrutura, para se protegerem da radiação implacável do sol. Mesmo assim, todos haviam ficado um pouco doentes durante aqueles primeiros meses.

Ouviu um gemido proveniente do beliche de Alec, e seus pensamentos desapareceram, soterrados no fundo da mente, só para atormentá-lo mais tarde. Mas aquela sensação de terror que experimentara nos últimos instantes no túnel do subtransporte não o haviam deixado, permaneceram como fumaça após o fogo extinto.

– Ah, mas que droga! – resmungou Alec.

Mark apoiou-se em um dos cotovelos, fitando o amigo.

– O que foi?

– Não pretendia dormir. Que belo soldado eu sou. E deixei a droga do *workpad* ligado. Pode esquecer de usar essa coisa de novo.

– Ora, de qualquer maneira, a bateria já estava no fim – respondeu Mark. Embora fosse verdade, naquele momento, teria dado qualquer coisa por mais cinco minutos da luminosidade daquele dispositivo.

Alec grunhiu, e Mark ouviu o beliche ranger enquanto o velho se levantava.

– Precisamos encontrar os companheiros deste sujeito. Ele disse que estavam reunidos lá embaixo, na casamata. Precisamos encontrar alguma escada para descer – concluiu Alec.

– E o que fazemos com ele? – Mark apontou para Anton, esquecendo por um segundo que Alec não poderia vê-lo na escuridão.

– Vamos deixá-lo dormir com sua tristeza. Venha.

Mark demorou alguns segundos para recuperar o senso de orientação, depois se levantou e tateou o caminho, apoiando-se no beliche.

– Quanto tempo você acha que dormimos? – perguntou Mark.

– Não tenho a menor ideia – respondeu Alec. – Talvez duas horas?

Passaram os minutos seguintes caminhando devagar pelo quarto, rumo à saída. A luz acima da porta ainda piscava, mas mal dava para enxergar as proximidades. Por fim, encontraram a escada que Alec procurava. Apesar de ser uma visão enevoada, principalmente de seu contorno em meio à penumbra, ainda assim a escada trouxe de volta a Mark a lembrança da inundação e de sua louca escalada nos degraus do arranha-céu. Parecia ter acontecido no dia anterior. Se ele soubesse tudo o que viria depois, será que teria lutado tanto para sobreviver?

Sim, disse a si mesmo. Sim, teria lutado. E agora iria encontrar Trina e tornaria a sair da água escaldante.

– Vamos logo com isso – sussurrou Alec, assim que começou a descer os degraus. Mark o seguiu, determinado a deixar o passado para trás. Agora era o momento de se concentrar no futuro, ou nunca o alcançaria.

O lance de escadas só descia três níveis, e o caminho só surgiu no último deles. Transpuseram uma porta e saíram em um corredor. Pelo menos a casamata justificava os desvairados geradores em funcionamento lá de cima: uma fileira de luzes ao longo do teto iluminava a passagem. Diferentemente do corredor de onde tinham vindo, este era sinuoso.

Mark e Alec se entreolharam, e em seguida os dois avançaram pelo corredor. Havia portas ao longo da parede, mas Alec sugeriu que explorassem todo o corredor antes de tentarem entrar em cada uma. Foram em frente, o mais silenciosamente possível, e não demorou muito para ficar claro que o corredor era uma gigantesca estrutura crescente.

Tinham atravessado cerca de metade do que podiam ver de seu comprimento, quando Mark ouviu vozes, e depois percebeu de onde vinham. Bem à frente, à esquerda, havia um conjunto de portas duplas, uma delas totalmente aberta. Os sons vinham dali, fosse o que estivesse acontecendo naquele aposento. Talvez fosse algum tipo de reunião. Homens e mulheres falavam ao mesmo tempo, com tanto vigor que Mark não conseguia discernir uma palavra sequer do que estava sendo dito. Era a reunião que Anton mencionara, a de seus companheiros.

Alec diminuiu o passo à medida que se aproximavam do aposento e se colocou cuidadosamente à frente dele, até chegar bem perto, as mãos pressionadas contra a porta fechada. Virou-se para olhar Mark e encolheu os ombros como se dissesse: "É agora ou nunca". Então, esticou o pescoço em direção à porta aberta e se inclinou para dar uma espiada. Mark prendeu a respiração, lembrando-se muito bem de que nenhum dos dois portava uma arma.

Alec desviou a cabeça para trás e se moveu alguns passos, aproximando-se de Mark.

– É um auditório. Bem grande, talvez com cerca de uns duzentos lugares. Estão todos sentados ouvindo um cara lá na frente.

– Quantos são? – sussurrou Mark.

– Pelo menos quarenta. Talvez cinquenta. Nenhum sinal de nossas amigas, pelo que pude ver. Todos parecem discutir a respeito de um único assunto, mas não consigo compreender o que estão falando.

– E o que faremos agora? – perguntou Mark. – Continuamos? Este corredor não pode ir muito mais longe.

– Se formos agachados, podemos entrar engatinhando e nos esconder em um canto à direita. Acho

que precisamos ouvir o que estas pessoas estão dizendo.

Mark concordou. Não sabiam quem eram elas ou que pensavam fazer, mas aquela parecia ser a única maneira de descobrir. Pelo menos, a maneira mais segura.

– Certo. Vamos fazer isso.

Puseram-se de quatro e se prepararam, Mark atrás de Alec. O soldado se inclinou para frente para espiar pela beirada da porta, passando depois a engatinhar para dentro do grande auditório. Mark o seguiu, sentindo-se quase nu ao invadir aquele espaço. Mas ninguém estava sentado ali perto – todas as vozes vinham de lugares mais próximos do palco, bem distantes. E, a julgar pelo fato de todos falarem ao mesmo tempo, Mark teve a impressão de que não estavam em alerta para a chegada de intrusos.

Alec engatinhou ao longo da última fileira, a lateral do corpo pressionada contra o plástico preto que revestia as cadeiras, percorrendo todo o caminho até a extremidade direita do aposento, onde o canto que Alec sugerira se encontrava imerso em escuridão. Alec parou e se acomodou com as pernas cruzadas, o corpo entre a última cadeira e a parede. Mark se moveu para se sentar ao lado dele. Tentava arranjar uma posição que o ocultasse por completo.

Alec esticou o corpo e espiou por cima da cadeira à frente deles, depois recuou de novo com rapidez.

– Não consigo ver muita coisa. Parecem estar esperando que algo comece. Talvez estejam fazendo uma pausa. Não sei.

Mark fechou os olhos e recostou a cabeça na parede. Ficaram ali pelo que pareceu uma eternidade. Pelo menos dez torturantes minutos se passaram sem nada mudar. Apenas o burburinho de uma conversa ruidosa e sem sentido. Então, de repente, um som confuso de movimentação o fez prender a respiração. Um homem havia entrado no auditório pelo corredor, provocando considerável reação ao entrar, e passou a avançar pelo corredor rumo ao palco. Mark soltou um suspiro de alívio por não ter sido visto.

Os demais ficaram quietos e imóveis, o aposento caiu em um silêncio quase assustador. Mark agora conseguia ouvir até mesmo os passos do homem, que subia alguns degraus para chegar ao palco.

– A partir daqui eu assumo, Stanley – falou uma voz penetrante, que ecoou até o teto, embora tivesse falado baixo. Acústica.

– Obrigado, Bruce – foi a resposta de Stanley, um homem cuja voz era muito mais aguda. – Todos vão lhe dar o máximo de atenção.

Mark e Alec ouviram o som de alguém descendo a escada e depois o ruído até que se sentasse em uma das cadeiras. Quando o silêncio voltou a se instalar, o recém-chegado falou:

– Vamos começar logo, pessoal. Não quero estender a conversa; devemos ganhar tempo, antes que todos nós fiquemos loucos.

37

Como se o discurso de abertura do homem não tivesse sido suficientemente bizarro, o público bateu palmas e o aclamou após ter dito aquilo, fazendo Mark estremecer. Bruce esperou que o rumor cessasse antes de voltar a falar. Mark sentia-se ansioso para ouvir o que o sujeito diria a seguir.

– Frank e Marla voltaram de um voo sobre os arredores da Cidade das Cinzas. Como havíamos pensado, eles reforçaram bem aqueles muros. Humanidade e caridade, meus amigos? Esses dias já se foram há muito tempo. A CPC criou um exército de monstros, pessoas que antes costumavam estar dispostas a tirar a própria camisa em benefício de um vizinho carente. Não é mais assim. Aquelas pessoas desprezíveis no Alasca e na Carolina do Norte – na própria Cidade das Cinzas – voltaram definitivamente as costas para os assentamentos. E, pior ainda, voltaram as costas para nós. *Para nós!*

Aquilo provocou um coro de gritos furiosos, os pés batiam em compasso no chão e as mãos, nos braços das cadeiras. Os ruídos ecoaram pelo auditório, até Bruce recomeçar a falar.

– Elas nos mandaram para cá! – gritou ele. A voz agora estava mais alta. – Eles nos designaram para participar do pior fracasso dos direitos civis desde a Guerra de 2020. Um holocausto! Mas não hesitaram em dizer que era para a sobrevivência da raça humana. Disseram isso para economizar os escassos recursos que temos; para conseguir alimentar as pessoas quem elas consideraram *dignas* de viver. Mas quem são elas para decidir quem é digno? – Fez uma ligeira pausa antes de continuar. – Bem, senhoras e senhores, parece que não somos dignos. Eles nos enviaram aqui para fazer o trabalho sujo e agora decidiram nos descartar. Quem são *eles*, pergunto eu a todos vocês!

Praticamente gritou a última sentença e, mais uma vez, provocou um ataque quase histérico na plateia. As pessoas gritavam e batiam pés e mãos. O barulho fez as têmporas de Mark palpitarem e a cabeça doer. Ele pensou por um instante que aquilo jamais teria fim, mas teve, e de modo abrupto. Imaginou que Bruce tivesse feito algum gesto para silenciá-las.

– Eis em que pé estamos – falou o homem, muito mais calmo. – Dia a dia, os indivíduos submetidos ao teste ficam mais fanáticos em seu culto religioso fechado e estranho. Fizemos um trato com eles. Eles queriam a garotinha de volta. Parece que querem sacrificá-la para espíritos recém-descobertos. Acho que para eles não têm mais volta. Estão além de qualquer ajuda que pudéssemos lhes dar. Mal conseguem passar um dia sem brigar um com o outro, reorganizar facções, recomeçar, só para voltarem a lutar de novo. Mas fizemos um acordo com os poucos que ainda parecem operar de certo nível de sanidade. Estou doente, além de cansado em me preocupar com quem vai saltar de uma árvore e me atacar cada vez que saio lá fora.

Ele fez uma pausa, permitindo um longo e demorado momento de silêncio.

– Nós lhes demos a garotinha e as duas mulheres que encontramos com ela. Sei que foi um ato frio, mas nos dá um pouco de tempo sem nos preocuparmos com essas pessoas. Não quero desperdiçar a preciosa munição que nos resta para nos defender de um culto.

Mark de repente sentiu um som se precipitar em seus ouvidos. A garotinha. As duas mulheres. *Nós lhes demos*. As coisas que Anton havia dito lá no quarto dos beliches. Tudo aquilo lhe voltou à mente e o fez estremecer. Pensou em como pareciam insanas aquelas pessoas em volta da fogueira. Uma situação que considerava impossível de se tornar pior acabava de piorar. Haviam desperdiçado todo aquele tempo no quarto dos beliches, e as amigas nem estavam mais ali.

Bruce ainda falava, mas Mark não conseguia mais se concentrar nas palavras dele. Inclinou-se para sussurrar no ouvido de Alec:

– Como podem tê-las dado àquelas... *pessoas*? Temos de dar o fora daqui agora. Quem sabe o que aqueles malucos vão fazer com elas!

Alec levantou uma das mãos para lhe pedir calma.

– Eu sei. Vamos sair daqui o mais rápido possível. Mas lembre-se da razão pela qual viemos. Ouviremos até o fim o que o homem tem a dizer, depois partiremos. Eu prometo. Lana significa tanto para mim quanto Trina para você.

Mark concordou, tornando a se recostar na parede. Tentou ouvir o que Bruce dizia lá no palco.

–... o fogo acabou, graças à última tempestade que aconteceu algumas horas atrás. O céu está negro, mas as chamas foram vencidas. Teremos de lidar com deslizamentos por toda parte. Ao que parece, todos os indivíduos testados fugiram para suas casas chamuscadas na montanha. Espera-se que fiquem ali por um tempo até se desesperarem e marcharem para a Cidade das Cinzas em busca de comida. Mas acho que estamos em segurança para conduzir a cidade nos próximos dias. Imporemos nossa presença, exigiremos nossos direitos. Partiremos com a cara e a coragem e os surpreenderemos.

Houve um breve burburinho antes que pudesse continuar:

– Não há como negar agora que agimos em causa própria. Todos vimos os sintomas, bem aqui na nossa casa, considerada um lugar *seguro*. Não há como nossos superiores terem concordado em liberar este vírus sem ter algo que reverta os efeitos dele. E afirmo a vocês que ou eles nos darão o antídoto, ou morrerão. Mesmo que tenhamos de ir ao Alasca para fazer isso. Sabemos que eles têm um Transportal no quartel-general. Partiremos através dele e os obrigaremos a nos dar o que merecemos!

Mais aclamações e batidas de pés e mãos ressoaram pelo ar.

Mark balançou a cabeça em um gesto negativo. Aquelas pessoas eram muito instáveis. Havia uma energia selvagem na sala, como se fossem um ninho de víboras se preparando para atacar. Qualquer que fosse a razão para disseminar esse vírus, era evidente o que ele causava nas pessoas: ele as enlouquecia, e parecia demorar mais tempo para fazê-lo à medida que se disseminava. E se a Cidade das Cinzas, a maior cidade sobrevivente dentro de centenas de quilômetros, ergueu muralhas para se manter em segurança, as coisas deviam estar mesmo ruins. Então, a última coisa que qualquer um precisava era de um bando de soldados infectados correndo pelas ruas. E o Transportal...

A cabeça de Mark ainda martelava e palpitava, e era difícil ordenar os pensamentos. Ele sabia que deveria se concentrar em Trina, em resgatá-la. Mas e quanto a todas essas novas informações? Deu uma cotovelada em Alec e lançou um olhar que o informava de que sua paciência se esgotava.

– Já vamos, garoto – sussurrou o homem. – Jamais deixe passar uma chance de obter informações. Depois partiremos para procurar as garotas, eu juro.

Mark não estava disposto a sacrificar Trina em troca de informações. Não depois do que haviam passado para sobreviver por todo aquele tempo. Não conseguiria esperar muito mais.

O auditório caiu novamente em silêncio.

– Coalizão... Pós... Chamas. – Bruce pronunciou cada palavra com um tom de indignação exagerada. – Quem estas pessoas acham que são? Deuses? Acham que podem escolher acabar com metade do leste dos Estados Unidos? Por que o CCP, o Comitê de Controle da População, tem mais direito de viver do que qualquer outra pessoa?

Houve outra longa pausa depois disso. Mark não conseguiu mais se conter. Avançou engatinhando e lentamente espiou por sobre a cadeira. Bruce era um homem grande com uma cabeça calva que

brilhava à luz mortiça, o rosto pálido e sujo com uma barba de alguns dias por fazer. Os músculos dos braços e dos ombros destacavam-se sob uma camisa preta justa, enquanto o homem tinha as mãos unidas diante do rosto, os olhos voltados para o chão. Se Mark não tivesse ouvido todas as coisas que o homem havia acabado de dizer, pensaria que ele estava rezando.

– Não se sintam mal, amigos. Não poderíamos ter dito não ao que nos pediram para fazer – afirmou Bruce, vagarosamente erguendo o olhar para a audiência cativa. – Não tínhamos escolha. Eles usaram contra nós todos os recursos que tentam preservar. Nós também temos de comer, não temos? Não é culpa nossa se o vírus não foi exatamente o que esperavam. Tudo o que podemos fazer é o que temos feito desde que as chamas solares atacaram a Terra: lutar com unhas e dentes para *viver*. Darwin ensinou sobre a sobrevivência dos mais adaptados no mundo natural. Bem, a CPC está tentando enganar a natureza. Chegou o momento de cuidarmos de nós mesmos. Merecemos... *viver*!

Outra onda ruidosa de aclamações, assovios, palmas e pés batendo durou cerca de um ou dois minutos. Mark voltou a seu lugar e se sentou ao lado de Alec, sentindo mais forte que nunca a necessidade de se colocarem a caminho. Estava prestes a dizer alguma coisa quando a audiência caiu em silêncio e a voz de Bruce encheu a sala como o silvo de uma serpente:

– Mas primeiro, meus amigos, preciso que façam uma coisa por mim. Temos dois espiões no fundo deste auditório. Eles podem muito bem ser da CPC. Quero-os amarrados e amordaçados enquanto conto até trinta.

38

Mark se pôs em pé de um salto, quase antes de o homem ter terminado a sentença, Alec imitando-o.

Um rugido malévolo irrompeu da audiência como um grito de guerra, e Mark fez uma breve pausa para observar a atividade ao redor. O grupo já estava em movimento, saltando cadeiras e se acotovelando no caminho, todos querendo ser o primeiro a capturar os dois intrusos.

Mark correu para as portas duplas da saída, incapaz de desgrudar os olhos da cena, observando-a com uma mescla estranha de horror e curiosidade. Bruce berrava ordens e apontava o dedo para Mark e Alec, o rosto pálido agora vermelho de raiva. Havia algo de infantil em toda aquela movimentação, que tinha um ritmo quase de desenho animado. A insistência com que os perseguidores se debatiam para passar no corredor entre as cadeiras era um pouco exagerada, como se estivessem sob o efeito de alguma droga. Homens e mulheres gritavam e rosnavam como macacos em um ataque de fúria. Cada um deles desejava capturá-los, agindo como se a própria vida dependesse de ser o primeiro a fazê-lo.

Alec atingiu as portas primeiro e praticamente se arremessou corredor afora. Mark patinou um pouco ao mudar de rumo. Estava tão concentrado na audiência que se precipitava que quase perdera a saída. A curiosidade estranha e distante que sentia enfim teve fim, substituída por um choque terrível ao perceber que estava prestes a ser capturado pela segunda vez em poucos dias. Os gritos dos perseguidores rasgavam o ar e o apavoravam, e, com um rápido olhar de soslaio ao sair da sala, deparou com o primeiro deles, empolgadíssimo, avançando do corredor entre as cadeiras e tendo nos olhos uma ânsia de derramamento de sangue.

Tropeçou no piso do corredor mas recuperou o equilíbrio. Alec esticou o braço e fechou a porta depois que Mark saiu, talvez lhes dando alguns segundos a mais de vantagem. A luz se mantinha, embora fraca, mas Mark percebeu que Alec havia se esquecido de onde tinham vindo.

– É por aqui! – gritou Mark, já correndo. Ele ouviu os passos de Alec atrás dele, e em seguida o barulho alto da porta se escancarando, seguido pela horda de corpos e seus incessantes gritos de guerra.

Mark corria a toda velocidade, fazendo o possível para não se concentrar nos perseguidores ou no que fariam se o capturassem. Bruce havia dito para amarrá-los e amordaçá-los, mas o olhar que Mark vira no rosto deles lhe dizia que aquele seria apenas o começo. Olhou para trás a fim de se assegurar da presença de Alec atrás dele, avistando o velho soldado em movimento, braços e pernas em atividade acelerada. Depois se concentrou de novo no caminho à frente, disparando pela curva que o corredor fazia. Dirigia-se às escadas, porque não sabia mais para onde ir, senão para cima.

A adrenalina atingiu Mark e a fome corroeu seu estômago. Ele não conseguia se lembrar da última vez que havia comido. Só torcia para ter energia suficiente a fim de escapar mais uma vez para a floresta acima. A escada apareceu em seu campo de visão, e ele irrompeu à frente com velocidade renovada. Os gritos dos perseguidores ecoavam e atravessavam o estreito do corredor, lembrando a Mark aquele som estridente, quase abafado, que os trens do subtransporte faziam ao ganhar velocidade ao longo dos trilhos em seus túneis.

Mark atingiu as escadas e já saltava para o segundo degrau no momento em que Alec conseguiu alcançá-las. Ouviu a respiração pesada do homem misturada à sua, o ruído marcante dos pés contra

os degraus. Mark agarrava o corrimão a cada solavanco escada acima, lançando-se à frente na direção do próximo lance. Ele e Alec subiram os três níveis, atingindo o alto das escadas, justamente quando Mark ouviu os perseguidores atingirem o início dela. O eco abafado dos gritos frenéticos provocava calafrios na pele suada.

Correu para o corredor superior, que ainda se encontrava imerso em escuridão – ajuda pela qual só pôde agradecer mentalmente. Um momento repentino de indecisão o atingiu, causando-lhe um ataque de pânico.

– Para que lado? – gritou ele para Alec. Uma parte de Mark achava que deviam se esconder em algum lugar, talvez na sala dos geradores. Se arriscassem procurar uma saída, podiam ser bem-sucedidos ou acabar capturados; esconder-se, no entanto, só adiaria o momento de serem encontrados.

Em vez de responder, Alec começou a correr para a direita, voltando para a enorme plataforma de aterrissagem do Berg. Mark o seguiu, aliviado pelo amigo ter assumido de novo a liderança.

Correram pela escuridão a uma velocidade temerária. Mark deslizava a mão pela parede para manter o senso de orientação, mas sabia que, caso deparasse com algo no chão, estaria perdido. Passaram pela sala do gerador, a lâmpada avermelhada de luz fraca proporcionando-lhes uma breve interrupção da escuridão total, o ruído do maquinário parecendo ser o zumbido de abelhas. Tanto a luz quanto o ruído diminuíram quando passaram correndo. Foi nesse momento que Mark percebeu algo que quase o fez se deter.

O som de pessoas seguindo-os havia parado. Completamente. Como se não tivessem subido as escadas.

– Alec – sussurrou ele, mal ouvindo a própria voz em meio à respiração entrecortada e barulho dos passos contra o chão. Ele o chamou um pouco mais alto.

Seu amigo parou, e Mark o ultrapassou um pouco antes de também se deter. Inspirando profundamente, Mark se virou de frente para Alec, desejando com desespero um pouco de luz.

– Por que o barulho parou? – perguntou ele em voz alta.

– Não sei – respondeu Alec. – Mas precisamos continuar. – Mark ouviu o homem tateando o caminho ao longo das paredes do corredor. – Você vai para a direita e eu vou para a esquerda. Talvez haja outra saída que não conhecemos.

Mark começou a procurar; as paredes eram frias ao toque. Ele se lembrou da porta com o fraco contorno retangular de luz, mas não havia nem sinal dela agora. Era enlouquecedor ficar em tal escuridão, e não saber o que acontecera com as pessoas que os perseguiam o deixava tenso. Havia algo de estranho naquilo.

Atingiram a extremidade do corredor, onde a porta com a roda giratória parecendo a de um submarino os conduziria à câmara sob a plataforma de aterrissagem do Berg. Ouviu Alec avançar um pouco e depois voltar.

– Não consigo enxergar nada ali também.

– Não há mais lugar aonde ir – replicou Mark. – Vamos entrar ali e fechar a porta até conseguirmos descobrir alguma coisa. Talvez possamos mantê-la...

Alec cobriu a boca de Mark, cortando suas palavras.

– Ouviu isso? – sussurrou ele.

A simples pergunta fez Mark estremecer. Seu corpo se enrijeceu e ele segurou a respiração. De início não ouviu nada; depois, um som fraco, uma espécie de farfalhar, proveniente do corredor. Ele continuou e, estranhamente, era enganoso, num segundo parecendo estar próximo e no outro, bem distante. De repente, Mark foi assaltado pela sensação de que não estavam sozinhos.

O terror congelou seus nervos. Ele se moveu para agarrar Alec e empurrá-lo porta adentro, sabendo que era a única saída. Deveriam entrar ali e girar a roda para mantê-la fechada. Mas Mark só havia dado um passo à frente quando ouviu um clique, seguido pelo facho ofuscante de uma lanterna apontada diretamente para ele e Alec. Quem quer que a segurasse estava a apenas alguns passos de distância.

– Ainda não dissemos que podem partir – ouviram uma voz de mulher falar.

39

Houve uma onda repentina de movimento, o som de outras lanternas sendo acesas, os fachos de luz se entrecruzando e flutuando em uma dança caótica pelo ar. Os companheiros de Bruce avançavam, retomando seus berros e a sinfonia de ataque. Mark se voltou para Alec, que já lhe estendia a mão, agarrando sua camisa e puxando-o em direção ao portal aberto.

Alec estava na metade do percurso, o punho ainda agarrado com firmeza na camisa de Mark, quando a tempestade de luzes os atingiu. Os fachos eram ofuscantes. Alguém agarrou o pé de Mark e o ergueu no ar, fazendo-o cair ao chão, a parte de trás da cabeça colidindo com força contra a superfície. De repente Mark deslizava, arrastado pela perna, chocando-se contra outras pessoas ao se mover, enquanto tentava se desvencilhar.

Alec berrou seu nome, mas Mark mal conseguiu ouvi-lo em meio ao ruído da multidão furiosa. Cercaram Mark, e alguém o chutou nas costelas; uma mulher soltou um grito agudo e lhe deu um soco no estômago. Ele gemeu e tentou se encolher, desferindo um chute tão forte com o pé que essa manobra o livrou das mãos do captor. Tirando proveito do momento, virou de barriga para baixo e passou rastejar para perto da porta. Ele era um alvoroço de braços e pernas, tentando freneticamente ficar fora do alcance de qualquer um que se aproximasse.

Um estrondo interrompeu a luta: um rugido muito alto, que poderia ser o de uma ursa protegendo a cria. Era Alec. De repente, corpos voavam por toda parte. O homem se precipitou para frente e saltou para o centro da confusão, derrubando metade das pessoas que tentavam capturar Mark. Na confusão, alguém caiu sobre a perna de Mark, outro sobre suas costas. Ele se agitou para se livrar do ataque, e então surgiu alguém que caiu sentado sobre seu rosto. Houve um momento em que tudo pareceu absolutamente ridículo, como se Mark participasse de um número de palhaços em um circo, e ele quase soltou uma risada.

Alguém lhe deu um tapa no rosto, tirando de imediato essa imagem de sua mente. Mark cerrou o punho e devolveu o soco, mas não atingiu o alvo, então tentou mais uma e outra vez, sem sucesso. Os braços se movimentavam como se ele fosse um boxeador cego. Na quarta ou quinta tentativa, socou o queixo de alguém, que gritou. Captou um vislumbre de Alec lutando como um leão, empurrando pessoas, dando-lhes cotoveladas no rosto e atirando corpos ao chão. Ouviu-se o ruído de uma lanterna caindo e depois o pequeno rangido do objeto rolando, até que parou, encostado à parede. Sua luz brilhava no chão e iluminava a porta circular e o trajeto até a câmara, talvez a pouco mais de um metro de distância. Mark sabia que, de algum modo, tinham que se livrar dos oponentes e entrar ali, senão estariam perdidos.

Conseguiu engatinhar por um instante, mas alguém saltou sobre suas costas, derrubando-o de novo. Um braço o enrodilhou pelo pescoço e passou a apertá-lo. Mark engasgou, ofegando, enquanto sua traqueia se fechava. Os pulmões doíam. Conseguiu colocar as mãos sob o corpo e impulsioná-lo para longe do chão, desvencilhando-se assim do perseguidor. Ele chutou o rosto do oponente, percebendo no último segundo se tratar de uma mulher. O lado direito da cabeça dela soltou um estalo e do nariz passou a escorrer sangue.

Duas outras pessoas se aproximaram de Mark por trás e agarraram seus braços, empurrando-o para o chão. Ele tentou se livrar, mas a pressão era muito firme. Um homem se deteve diante dele, um sorriso maldoso cruzando-lhe o rosto. Posicionou o braço para trás e, em seguida, deu um soco no

estômago de Mark. O rapaz se dobrou para a frente diante da explosão de dor e náusea. Sentiu vontade de vomitar, mas não havia nada em seu estômago.

Ouviu outro rugido vindo de Alec, e então o homem investiu contra uma das pessoas que seguravam Mark. Assim que seu braço ficou livre, Mark tombou o corpo para trás e desferiu uma cotovelada contra o queixo da outra pessoa, desvencilhando-se dela. Precipitou-se para frente e atirou ao chão o homem que havia socado seu estômago, onde ele aterrissou com um gemido.

Mark não se importou mais com ele. Mergulhou em direção à lanterna perdida que tinha visto rolar e parar perto da parede. Deslizou pelo chão e a pegou, agarrando-a com firmeza. Depois se levantou e prescreveu um arco rápido com a extremidade de metal, antes mesmo de verificar quem poderia vir em sua direção. O gesto encontrou um alvo; ele atingiu um sujeito no ouvido, que gritou e foi ao chão. Alec, que havia roubado a lanterna de um oponente, recompunha-se de uma briga que tivera com outras três pessoas, agora deitadas e imóveis aos pés do homem. Mark correu na direção dele, e vagarosamente ambos giraram o corpo, encarando os perseguidores remanescentes, que ainda os superavam muito em número. Reunidos em dois grupos, um de cada lado do corredor, as pessoas pareciam estar prontas para um último ataque a fim de aniquilar Mark e Alec.

Mark acendeu sua lanterna e percebeu que o grupo entre eles e a porta com a roda giratória era o menor dos dois, talvez oito pessoas no total. Pelo menos a sorte lhes havia concedido isso. Como se ele e Alec houvessem se comunicado por telepatia, soltaram um grito e se precipitaram sobre o pequeno grupo ao mesmo tempo. Investiram contra eles, fazendo corpos voarem e trombarem uns contra os outros. Mark atacou como um míssil em um ato de desespero, chutando, dando joelhadas e brandindo o cabo da lanterna em qualquer coisa que se movesse. Arrastando-se, engatinhando e empurrando, desviando o corpo sempre que alguém tentava atingir seus membros ou roupas, foi avançando, movendo-se com rapidez entre o grupo de pessoas.

Sem saber ao certo como, Mark atingiu o outro lado. Alec também seguiu para a porta, indo ao chão por alguns instantes, mas rapidamente tornando a se levantar. Então ambos correram para a abertura circular, transpondo-a. Em segundos, Alec estava do outro lado, pronto para fechar a porta. Vários braços deslizaram pela passagem, impedindo-o de fechá-la.

– Venha me ajudar! – gritou ele.

Mark passou a bater em mãos e dedos com a extremidade da lanterna; depois, Alec empurrou a porta com força para frente, esmagando-a contra a porção de carne humana que tentava abrir caminho por ela. Houve protestos e gritos, e várias pessoas encolheram as mãos. Mas outra onda pressionou para frente e quase fez Alec desmoronar.

Mark abandonou a lanterna para ajudar Alec a fazer pressão. Juntos, empurraram a porta à frente com um safanão, contra aqueles que tentavam passar. Mais braços foram afastados, apenas para serem substituídos por outros, enquanto Mark e Alec se esforçavam para não ceder e empurravam a porta contra os oponentes. Mais gritos de angústia e menos braços restantes. Repetiram a manobra. Mais uma vez. Mais depressa, com mais força e um pouco mais de pressão a cada investida.

– Agora mais uma vez! – gritou Alec.

Mark afastou-se um pouco da porta e, em seguida, atirou todo o peso do corpo contra ela. A placa de metal quebrou ossos e esmagou dedos, e cada porção de carne humana desapareceu da vista deles.

Alec inclinou-se na direção da porta e a fechou com um estrondoso ruído metálico.

Mark girou a roda.

40

O silêncio ensurdecedor que invadiu o aposento foi rompido pelo rangido da roda, enquanto Mark a fechava com mais força. Alec o ajudou, pois a multidão do outro lado tentava girá-la ao contrário. Quanto mais pudessem virá-la, mais fácil seria impedir que os oponentes fizessem o contrário.

– Segure firme essa coisa – Alec pediu por fim, quando já não conseguiam girá-la mais. Ele deu um passo para trás e Mark agarrou a roda giratória com ambas as mãos, segurando-a com firmeza. A câmara que estava diante dele encontrava-se vazia e era imensa. A cabeça de Mark latejava de dor, além do resto do corpo, depois da luta no corredor da casamata.

Alec pegou a lanterna que havia deixado cair. O soldado dirigiu o facho de luz para a câmara à direita, encontrando o vulto maciço de um Berg ali aninhado. Partículas de poeira dançavam sob a iluminação, enquanto Alec conduzia o facho de um lado a outro, revelando o metal arranhado e uma série de extremidades e arestas proeminentes. Na relativa escuridão, a coisa toda parecia uma nave alienígena emergindo das profundezas do oceano.

– Parece muito maior aqui dentro – comentou Mark. Os músculos de seus braços estavam ficando cansados, mas ainda podia sentir certa pressão do lado de fora sobre a roda. – Alguma chance de sairmos daqui nessa coisa?

Alec caminhava devagar em torno da nave, procurando algo no Berg, provavelmente a rampa.

– Esta foi a melhor ideia que você teve o dia todo.

– Ainda bem que você é piloto. – Ouviram baques fracos e abafados contra a porta, e Mark imaginou metade daquelas pessoas enlouquecidas e comandadas por Bruce desejando entrar e batendo na porta, cheias de frustração.

– É... – concordou Alec distraidamente. Logo sua voz veio do outro lado do Berg, ecoando pelas paredes. – A rampa é deste lado!

Os perseguidores de repente detiveram os esforços, e tudo ficou quieto.

– Eles desistiram! – deduziu Mark, constrangido pelo traço de excitação infantil em sua voz.

– Significa que estão tramando algo – replicou Alec. – Precisamos entrar logo neste monstro e cair fora daqui. E também temos de descobrir como abrir essa plataforma de aterrissagem.

Mark olhou para a roda e lentamente a soltou, pronto para tornar a agarrá-la se a coisa se movesse. Manteve-se ali, os olhos grudados na roda.

Saltou quando um tinido alto cortou o ar, seguido pelo som lancinante de metal rangendo contra metal. Olhou ao redor para compreender o que havia acontecido, mas o Berg estava entre ele e a fonte do ruído. De algum modo, Alec conseguira abrir a rampa. Mark relanceou o olhar para a roda, satisfeito ao ver que estava tudo bem até o momento, e então foi se juntar a Alec. Do outro lado da nave, o homem estava de pé como um mecânico orgulhoso, a enorme rampa descendo lentamente em direção ao chão.

– Podemos subir a bordo, copiloto? – perguntou Alec com um sorriso irônico. – Estou certo de que podemos controlar esta plataforma de lançamento lá de dentro.

Mark podia ler isto nos olhos do velho soldado: ele estava ansioso para estar novamente nos controles de um Berg, voando veloz e livre pelo céu.

– Contanto que por "copiloto" você se refira ao cara que vai se sentar perto de você e apenas observá-lo fazer tudo.

Alec soltou uma risada forte e vociferante, como se não tivesse nenhuma outra preocupação no mundo. Isso soou como um bálsamo aos ouvidos de Mark, e por um segundo ou dois ele se esqueceu de como tudo aquilo era terrível. Mas logo em seguida pensou em Trina e, no mesmo momento, seu estômago protestou de fome. Como se adiantasse alguma coisa.

Alec saltou para cima da rampa e logo ela estacou com um ruído, totalmente aberta. Subiu por ela, desaparecendo na escuridão da nave. Mark correu de volta à câmara principal para checar a roda. Quando se certificou de que continuavam em segurança, voltou e seguiu o caminho tomado por Alec.

Fez uma pausa na parte superior da rampa, levando um segundo para acender a lanterna e observar ao redor. O Berg parecia fantasmagórico, todo escuro e empoeirado. Assemelhava-se muito com aquele em que ele e Alec haviam embarcado rumo ao assentamento, exceto pelo fato de este estar muito mais vazio. Alec perambulava de um lado para outro, investigando.

Mark entrou na nave, que emitiu um ruído metálico. Este ecoou por todo o aposento escuro, e o som desencadeou lembranças de um velho filme... algo sobre astronautas que embarcavam em uma nave alienígena abandonada, repleta de aliens que gostavam de devorar humanos. Esperava que ele e Alec tivessem destino melhor naquela coisa.

– Não vejo nenhum sinal das caixas de dardos que vimos no outro Berg – disse Alec, apontando a lanterna para uma série de prateleiras vazias.

Mark percebeu algo quase oculto em uma prateleira mais distante.

– Ei, o que é isso? – indagou ele. Andou até lá, iluminou o local com a lanterna e depois pegou uma pilha de três *workpads* que havia sido amarrada com tiras de elástico.

– Olhe para isto! – falou para Alec. – *Workpads!*

– Será que eles... hum... funcionam? – replicou o homem, sem parecer muito impressionado.

Mark enfiou a lanterna embaixo do braço e experimentou um dos dispositivos. Ele acendeu, exibindo uma tela de boas-vindas que requeria uma senha numérica para o acesso.

– Sim, eles funcionam. Tudo certo – respondeu Mark. – Mas precisamos de seu velho cérebro de soldado super-humano para acessá-lo.

– Pegue-os e... – As palavras de Alec foram cortadas quando todo o Berg balançou e sacudiu por um segundo. Mark quase deixou cair o *workpad* na tentativa de manter o equilíbrio. A lanterna deslizou de seu braço e caiu, retinindo no chão e se apagando.

– O que foi isso? – perguntou Mark, embora tivesse a sensação de saber o que acontecera.

As palavras mal saíram de sua boca, e um ruído de engrenagens girando e metal rangendo invadiu o ar, entrando pela rampa. Um dos homens de Bruce devia ter pressionado um botão em algum lugar. A plataforma de aterrissagem na câmara central girava, pronta para se abrir mais uma vez.

41

— Rápido, precisamos fechar a rampa! – gritou Alec para Mark. – Os controles estão próximos dela. Vou fazer este bebê decolar. E, se precisar, vamos arrebentar o chão que está acima de nós!

Alec se afastou de Mark, embrenhando-se ainda mais na nave. Infelizmente, a luz desaparecera com ele, deixando Mark totalmente sozinho naquela sinistra escuridão. Mas uma sutil insinuação de luz já aparecia por uma fenda, devido à abertura da plataforma de aterrissagem giratória, e Mark pôde localizar sua lanterna.

Ele a pegou, depois correu para o lugar onde havia encontrado os *workpads* e os amarrou de volta ali, esperando viver o suficiente para verificar quais informações continham. Acendeu a lanterna e vasculhou rapidamente o local com o facho brilhante. Ouviu vozes – gritos – por sobre o ruído da rotação da plataforma de aterrissagem, e sua mente voltou com rapidez à dura realidade.

Já tinham visitantes, provavelmente se preparando para descer lá de cima, como ele e Alec haviam feito anteriormente. Era preciso fechar a rampa antes que as pessoas tentassem subir a bordo.

Correu até ela e começou sua busca. Nas proximidades havia cabos, ganchos e placas que ligavam o rústico maquinário de hidráulica da porta aos revestimentos de melhor aparência do grande compartimento de carga. Estudou os controles do lado esquerdo, escolhendo o botão certo, e pressionou-o. O motor ligou e, com um rangido, a rampa começou a se fechar.

Ouviu mais vozes, agora mais próximas. Talvez precisasse lutar com os perseguidores até a rampa se fechar por completo. Saiu do campo de visão frontal deles e se encostou à parede, espreitando ao redor, como se alguma arma mágica pudesse se materializar diante dele. Mas logo aceitou a realidade: tudo o que possuía eram punhos e uma lanterna.

A rampa demorava uma eternidade para fechar. Estava pela metade agora. As dobradiças rangiam enquanto a grande porta de metal deslizava, fechando-se em ângulo como se quisesse capturar algo em câmera lenta. Mark abraçou a si mesmo, certo de que os intrusos conseguiriam chegar ali antes de aquela coisa terminar de se fechar por completo. Agarrou a lanterna, segurando-a como se fosse uma espada, pronto para a batalha. A sala lá fora estava muito mais iluminada que antes; significava que a plataforma de aterrissagem devia estar quase na posição vertical em sua rotação.

Duas pessoas saltaram na rampa de acesso ao Berg e iniciaram a subida a bordo. Um homem e uma mulher. Mark tensionou os músculos e desferiu um soco visando o homem, mas errou o alvo e o sujeito agarrou sua camisa, puxando-o de encontro a si. Mark perdeu o controle sobre a lanterna, que caiu rolando sem parar até cair lá fora. Um tinido e o ruído de vidro quebrado indicaram seu fim. O homem agora o jogava contra o metal da rampa, e Mark o encarou – ele não tinha absolutamente nenhuma expressão, nem mesmo um sinal de fadiga ou tensão pelos últimos movimentos que acabara de realizar.

– Você é um maldito espião – falou o estranho com calma, como se houvessem acabado de se sentar para tomar juntos uma xícara de café. – E, para piorar, está tentando roubar nosso Berg. Em terceiro lugar, você é um canalha nojento, não é?

– Ia dizer exatamente o mesmo sobre você – replicou Mark. A cena toda se tornara surreal.

O homem agiu como se não tivesse escutado.

– Já o detive – disse ele à mulher. – Agora faça a rampa parar.

Aquelas palavras fizeram Mark compreender quem eram aquelas duas pessoas. Os pilotos. Ele já

os havia escutado antes.

– Sinto muito, cara – disse Mark. A sensação de surrealismo havia se transformado em um tremor gelado no peito, fazendo-o se sentir quase fora do próprio corpo. A cabeça latejava. – Temo não poder deixá-los entrar sem a devida identificação.

O homem pareceu surpreso. Sua parceira estava um pouco mais afastada, tentando fazer a rampa parar. Algo rapidamente tomara forma dentro de Mark. Ele ainda não entendia o que era, mas algo parecia diferente, e não podia permitir que aquelas duas pessoas subissem a bordo.

Mark agarrou a camisa do homem e desferiu um chute violento com o pé esquerdo, atingindo a mulher bem no meio do tronco. Ela gritou e caiu para trás, tentando se agarrar no corpo do parceiro para se equilibrar. Mas era tarde demais. Ela patinou e tombou espaço afora. Mark ouviu o baque surdo de seu corpo aterrissando na superfície da câmara.

Agora a rampa estava quase fechada – a abertura tinha no máximo um metro e meio – e continuava a se mover com dolorosa lentidão. O homem havia se recomposto, inclinando-se para observar se a mulher estava bem. Agora se voltava para Mark de novo, o rosto transtornado de raiva. Mark exibia expressão semelhante. Jamais se sentira assim antes. Era como se uma tempestade irrompesse dentro dele.

Estendeu o braço e agarrou a camisa do inimigo, torcendo-a com o punho, e depois murmurou duas palavras que, de algum modo, acalmaram a tempestade dentro dele:

– Sua vez.

42

– Você vai morrer – replicou o homem, ofegando, em meio à respiração entrecortada. – Vai morrer agora.

– Não – respondeu Mark. – Não vou.

Ele cerrou o punho e o arremessou contra o rosto do piloto. O homem gritou, depois lançou as mãos para frente, agarrando-lhe os cabelos e o rosto. Por fim, pegou o ombro de Mark com a força de um boxeador e ambos tombaram, rolando pela rampa. Uma aresta de metal cortou as costas de Mark quando o piloto, sobre ele, inclinou-se para a frente, o antebraço enfiado no pescoço de Mark, apertando-lhe a traqueia.

– Hoje você mexeu com o homem errado – replicou o piloto em voz baixa e cruel. – Já tenho gente suficiente me incomodando sem você tentar roubar minha nave. Vou descontar a raiva em você, garoto. E vou fazer isso devagar. Entendeu?

Ele afrouxou um pouco o antebraço e Mark inspirou, enchendo os pulmões de ar. Então o piloto o agarrou pela camisa e se sentou, colocando todo o peso contra o estômago de Mark. O homem ergueu o braço e desferiu um soco, atingindo Mark diretamente na mandíbula. Algo pareceu se quebrar em seu rosto. O piloto o socou de novo e a dor duplicou. Mark fechou os olhos e tentou dominar a raiva que crescia dentro dele com potência nuclear. Quanto mais ele aguentaria em um só dia?

– É melhor não deixar essa porta se fechar – disse o homem, evidentemente confiante de que havia vencido a batalha. – Bem que teria sido divertido segurar sua cabeça lá fora e vê-la ser espremida como uma uva, mas quero que demore mais tempo.

Ele soltou o corpo de Mark e se levantou, depois andou até os controles e pressionou algo. Houve uma guinada brusca nas engrenagens, cuja vibração Mark sentiu nas costas, depois um chiado e, em seguida, o som lancinante, lento e contínuo, enquanto a porta começava a se abrir de novo. Pôde ver a câmara ficar mais clara do que nunca. A plataforma de aterrissagem devia ter girado totalmente e agora voltava a afundar no chão. Em alguns minutos, estariam à mercê de toda a horda de Bruce, prontos para subir a bordo e acabar com tudo que encontrassem pela frente.

Reunindo forças para se mover, Mark esperou, deixando a fúria dentro dele continuar a tomar forma.

O piloto se encaminhou para onde Mark estava e então se abaixou e agarrou os pés dele, erguendo-os com um resmungo.

– Agora, vamos. Vou colocar você em uma boa posição. – Passou a girar o corpo de Mark enquanto caminhava em direção ao compartimento de carga do Berg. – Vou me certificar de que fique bem e confortável antes de...

Mark ressurgiu para a vida, gritando e desferindo chutes enquanto torcia o corpo para se desvencilhar do piloto. O homem tropeçou e patinou para trás, até que as costas colidissem com a parede próxima à rampa, que agora tornava a se abrir. Mark se esforçou para se levantar e se precipitou para a frente, enfiando o ombro no estômago do homem. Este se dobrou para a frente e enrodilhou a cintura de Mark com os braços, ambos caindo no chão. Rolaram e se engalfinharam, braços se agitando e punhos socando. Mark tentou lhe dar uma joelhada na virilha, mas o homem bloqueou o movimento e depois impulsionou a cabeça para cima, acertando o queixo de Mark.

A cabeça de Mark pendeu para trás e ele se afastou do piloto, que saltou para cima dele, ganhando

mais uma vez a vantagem de ficar por sobre seu corpo. Mas Mark não parava de se mover, usando toda a força que tinha para se agitar e tentar expulsar o homem de sua posição. Ao conseguir seu intento, levantou-se com rapidez e se apressou em direção aos controles, percebendo com um choque de horror que a rampa já baixara mais de um metro. Pelo que podia imaginar, as pessoas encheriam a nave assim que a rampa estivesse totalmente aberta.

Rapidamente pressionou o botão de retração e a porta chiou, depois recomeçou a fechar. Voltava-se para o inimigo quando o homem se lançou sobre ele, os dois colidindo contra a grande placa da rampa. Deslizaram pouco menos de um metro, ambos quase na extremidade da rampa. Mark girou o corpo e agarrou a camisa do piloto com as duas mãos, tentando arremessá-lo para fora da nave, mas o oponente fincou os pés no chão e conseguiu alavancar o corpo contra Mark.

Lutaram um contra o outro, desferindo socos e pontapés. Mark sentia-se cansado, faminto e fraco, mas continuou resistindo, estimulado apenas pela adrenalina. Imaginou Trina em algum lugar lá fora perto de uma fogueira, prisioneira daquelas pessoas malucas, provavelmente ainda mais loucas, já que havia se passado mais um dia após o incêndio na floresta. Tinha de viver. Tinha de encontrá-la. Não podia permitir que aquele homem ficasse em seu caminho. Aquele vulcão de raiva – o acúmulo de calor, fogo e dor que vinham se acumulando em seu peito – enfim explodiu de uma só vez.

Investiu com uma força que não sabia possuir, arremessando o piloto para longe de seu corpo. Já estava sobre ele antes que pudesse se endireitar, pressionando-o contra o chão e socando-o. De maneira bruta. Viu muito sangue. E o som terrível de coisas se quebrando. Mark se sentia desconectado do próprio corpo – quase não enxergava direito. Minúsculas luzes brilhantes dançavam diante de seus olhos, o corpo tremia, e ele sentia o sangue ferver nas veias.

Quase de modo inconsciente, registrava que a rampa quase se fechara por completo e percebia também sons distantes de pessoas berrando, prontas para atacar o Berg. Mas Mark havia perdido todo o controle.

Olhou para baixo e ficou surpreso ao se ver arrastando o corpo do sujeito para a extremidade da rampa, empurrando a metade dele para fora da nave, de tal forma que a cabeça e os ombros do homem pendessem para fora, no espaço aberto. Ele tentou se desvencilhar de Mark, mas Mark não permitiu. Socou o homem de novo. O piloto gritou e se contorceu com violência, obviamente consciente do que Mark pretendia fazer. Talvez estivesse mais consciente do que o próprio Mark. Mas Mark o mantinha naquela mesma posição, metade do corpo dentro, metade fora. Algo havia se transformado no interior de Mark. Seus pensamentos agora concentravam-se apenas no homem que segurava e no pensamento de fazê-lo pagar por tudo que havia feito. A raiva era como uma névoa dentro de sua mente. E ele não podia se deter.

Um solavanco.

A rampa se fechara sobre o peito do piloto. Agora o esmagava, seguindo, implacável. Os gritos que o homem emitiu foram terríveis e penetraram até o âmago de Mark, tirando-o do torpor enfurecido em que havia mergulhado. Como se visse aquela cena pela primeira vez, apenas naquele instante se deu conta do que fazia. Torturava outro ser humano. O som dos ossos se quebrando, o rangido das dobradiças da rampa esmagando o obstáculo que mantinha a rampa aberta... Mark sentiu horror de si mesmo.

Tentou empurrar o corpo do piloto, mas ele estava preso no pequeno espaço que se estreitava a cada segundo. Os gritos pareciam fazer o metal do Berg vibrar, ecoando por toda a nave. Mark se ajeitou, ficando de costas e apoiando-se nos cotovelos. Com toda a sua força, passou a chutar o homem com os dois pés, tentando expulsá-lo dali. O corpo se moveu alguns centímetros. Mark berrava ao chutá-lo sem parar, desejando empurrar aquele corpo para longe dele, tentando dar um

fim ao sofrimento do piloto.

Com um último chute, Mark o libertou. O homem desapareceu vazio afora, e a rampa se fechou por completo.

43

Um silêncio profundo e enervante tomou o ambiente, acompanhado de uma quase completa escuridão. A quietude foi interrompida segundos mais tarde pelo ronco de um motor, e em seguida o Berg se movia nos trilhos, preparando-se para subir.

Os olhos de Mark se adaptaram à escuridão e ele ergueu o corpo, engatinhando até a lateral da nave e recostando-se nela. Sentiu algo dentro de si de que não gostou.

Passou os braços ao redor dos joelhos e enterrou a cabeça entre eles. Realmente não entendia o que acabara de acontecer com ele. Aquelas luzes dançando, o vulcão incandescente de raiva, a adrenalina pulsando em suas veias como pistões em um velho motor a gás. Havia sido consumido e ficara fora de controle, cada parte dele desejando acabar com aquele piloto. Quase se sentira feliz quando o homem fora esmagado na rampa. Só então voltara a si e empurrara o homem para fora.

Era como se Mark houvesse perdido a...

Olhou para cima e se deu conta da verdade. Ele *havia* perdido a sanidade por um momento. Completamente. E o fato de agora ter voltado ao normal não significava que aquilo não acontecera. Devagar, foi se erguendo, escorando-se na lateral do Berg, e cruzou os braços. Eles tremiam, e os esfregou com as mãos.

O vírus. A doença. A coisa que atacava o cérebro humano da maneira que o homem chamado Anton havia descrito na sala dos beliches. O que o fez recordar de outra coisa que tinha ouvido ali, ironicamente do próprio piloto que acabara de aniquilar, quando o ouvira falar antes. Uma única palavra.

Mark a havia contraído. Todos os seus instintos lhe diziam isso. Não espantava que a cabeça dele doesse tanto.

Ele tinha o Fulgor.

44

Uma calma surpreendente o invadiu.

Ele já não esperava por aquilo? Já não havia aceitado o fato de que a probabilidade de *não* ter contraído a doença era quase zero? Trina provavelmente a havia contraído também. Além de Lana e Alec. O fato de Didi ser imune à coisa – ela realmente havia sido atingida por um dardo *dois meses atrás* – era algo que estava além de sua compreensão. Mas o que fora mesmo que Bruce dissera? Fazia sentido: qualquer um que se arriscasse a liberar um vírus tinha de estar protegido contra ele. Deveria haver um tratamento, um antídoto em algum lugar. Do contrário, toda aquela situação não faria sentido.

Talvez, apenas talvez, houvesse uma centelha de esperança. Talvez.

Quantas vezes ele havia enfrentado a morte no último ano? Atualmente, já até se acostumara a isso. Tudo o que podia fazer era se concentrar no próximo passo: Trina. Tinha de encontrar Trina. Se não por outra razão, pelo menos para poder morrer a seu lado.

Mark ficou assustado quando o Berg de repente deu um solavanco e parou. Ouviu alguns chiados e rangidos de engrenagens e polias. A plataforma de aterrissagem enfim subia rumo ao céu. O Berg adquiria vida – suas luzes piscavam e os motores e o maquinário entraram em movimento.

Com uma inesperada explosão de excitação, Mark se pôs a caminho. Se Alec ia realmente pilotar aquela coisa, tinha de ver aquilo com os próprios olhos.

Alec parecia mais à vontade na cabine do que em qualquer outro lugar que Mark já o havia visto. Encontrava-se naquele momento em atividade frenética – pressionando botões, acionando interruptores e ajustando alavancas.

– Por que diabos você demorou tanto? – perguntou o homem, não fazendo sequer uma mínima pausa para relancear o olhar a Mark.

– Tive um pequeno problema. – A última coisa que Mark desejava era falar sobre aquilo. – Você vai mesmo conseguir nos tirar daqui nesta coisa?

– Vou, sim. Ele está com meio tanque de combustível e parece ser veloz e elegante. – Acenou com a cabeça para as janelas à frente, onde Mark pôde ver árvores entrando em seu campo de visão. – Mas é melhor nos apressarmos antes que aqueles loucos venham atrás de nós e deem um jeito de invadir o Berg.

Mark correu para frente a fim de observar melhor. Inclinando-se, percebeu que o pessoal de Bruce havia se reunido na parte exterior da estação de aterrissagem. Todos pareciam mal-humorados, apontando para um lado e para outro, obviamente sem saber o que fazer. Alguns estavam bem próximos da nave, ocupados com algo que Mark não tinha um bom ângulo para ver. Um pensamento alarmante lhe veio à mente.

– E quanto à rampa? – perguntou ele. – Eles não podem abri-la pelo lado de fora, podem?

– A primeira coisa que fiz foi anular essa função. Não se preocupe. – Ele ainda estava ocupado com os controles. – Vamos voar com este bebê em mais ou menos um minuto. Pode acomodar esse seu traseiro magro em uma cadeira e apertar o cinto.

– Tá bom. – Mas primeiro ele queria dar mais uma olhada lá fora. Passou por trás de Alec e dirigiu-se à outra extremidade das janelas para espiar. Daquele lado, dava para entrever uma parte

do cânion, e as rochas acinzentadas chamaram sua atenção antes que baixasse o olhar. Seus olhos percorriam o paredão de granito cinza, quando algo reluzente foi captado por sua visão periférica, e ele se sentiu paralisar. Um enorme martelo voava em direção ao vidro. Fez contato com um baque violento, enviando cacos por todas as direções. Alguém havia escalado a lateral do Berg.

Mark recuou, enquanto Alec soltava um grito de surpresa.

– Depressa, coloque-nos no ar! – gritou Mark.

– O que acha que estou tentando fazer? – Alec concentrou-se no painel central de controle, colocando o dedo sobre um botão verde e brilhante na tela.

Mark olhou de novo para a janela, a tempo de ver o martelo ser arremessado de novo e atravessar o vidro com um terrível estrondo, e uma chuva de estilhaços caiu sobre os controles – o próprio martelo foi junto, batendo no painel e caindo ao chão. Então o rosto de um homem se esgueirou no espaço agora aberto, seguido de mãos e braços, enquanto o sujeito se apoiava para entrar.

– Livre-se desse sujeito! – gritou Alec. Ao mesmo tempo, pressionou o botão verde, e o Berg deu uma guinada para cima, o som dos propulsores invadindo o ar como o rugido de leões furiosos.

Mark recuperou o equilíbrio e se abaixou para pegar o martelo. Quando os dedos se fecharam em torno do cabo, alguém agarrou um punhado de seu cabelo e o puxou. Um berro estranho saiu de sua boca diante da dor, e Mark deixou o martelo cair, socando a mão que o segurava. Mas o homem resistia com firmeza e rapidamente passou o outro braço em torno do pescoço de Mark, puxando-o para trás. Mark tombou com ele.

A cabeça de Mark bateu em cheio na extremidade superior da janela, que já não existia mais, e deslizou através dela, rumo ao ar quente da manhã. Metade de seu corpo já se encontrava fora da nave. Mark então se agarrou ao que sobrara da janela, para não cair. Tudo o que conseguia ver eram as copas das árvores e o céu azul além delas, e percebeu, com uma onda de horror, que o homem estava literalmente pendurado nele, ainda segurando-o pelos cabelos e pelo pescoço. Mais uma vez naquele dia, não conseguia respirar.

O Berg subia rumo ao céu, e Mark captou um rápido vislumbre de Alec mirando a janela, os olhos arregalados pelo espanto. Alec saiu de seu campo de visão, deixando o Berg pairar alguns metros acima do chão; então Mark sentiu o amigo puxá-lo pelas pernas, o que só fez piorar a dor em seu pescoço e na cabeça. Um grito estrangulado e gorgolejante – um som que deixou Mark mais apavorado que a dor – de algum modo escapou da própria garganta.

Alec o puxava para cima. O homem, pendurado nele, pressionava-o para baixo. Seu corpo parecia estar em um daqueles dispositivos de tortura medievais que esticava ossos e tendões. Ponderou se seria possível sua cabeça saltar para fora, como a rolha de uma garrafa. Percebeu que, como Alec o segurava, ele poderia libertar os braços, que até então agarravam a extremidade da janela. Deu com eles nos braços do captor, desferindo golpes e arranhando-os. O mundo ficou de cabeça para baixo, o chão do vale parecendo um céu de terra.

Mark deslizou vários centímetros para fora da janela – um raio de puro terror perpassou seu corpo como uma corrente elétrica. Algo escuro enevoou sua visão. Um bloco negro seguido de uma haste fina marrom-clara. O martelo. Percebeu uma pancada horrível, um estalo e um grito. Alec havia arremetido a arma contra a cabeça do homem.

O braço do oponente deslizou de seu pescoço, e ele se precipitou para o chão. Mark arfou, inspirando uma doce porção de ar.

Alec lentamente puxou seu corpo para cima, através da janela, e então Mark desabou no chão. Ainda lutava para normalizar a respiração, tocando o pescoço machucado.

O velho soldado o encarou com atenção. Depois, parecendo ter concluído que sobreviveria,

levantou-se, voltou aos controles e conduziu o Berg em direção ao céu.

45

O estômago de Mark não reagiu muito bem ao movimento repentino do Berg. Alec o levou direto para cima, até deixar de ver as paredes do cânion, e então o arremessou para frente como se houvesse sido lançado por um estilingue. As entranhas de Mark se reviraram com uma onda de náusea; ele engatinhou até encontrar um banheiro. Arrastou-se para dentro e vomitou. Nada além de bile e ácido. A garganta ardia como se tivesse engolido uma substância química corrosiva.

Ficou ali sentado durante algum tempo, até se sentir capaz de voltar para a cabine.

– Comida. Por favor, diga-me que tem comida aqui – grasnou ele.

– E água? – perguntou-lhe Alec. – Isso também lhe parece bom?

Mark aquiesceu com a cabeça, embora o velho não conseguisse vê-lo.

– Deixe-me primeiro aterrissar esta coisa em algum lugar. Não podemos nos permitir desperdiçar todo o combustível. Precisaremos dele. Mas aposto que há algo para se enfiar goela abaixo nesta porcaria de lugar. Depois, procuraremos nossos amigos da fogueira.

– Por favor – murmurou Mark. As pálpebras pesavam, e não era por estar cansado. Sabia que estava prestes a desmaiar devido à hipoglicemia. Parecia ter se passado uma semana desde sua última refeição. E sentia-se sedento. A boca era um balde de areia.

– Você passou por um mal pedaço – sussurrou Alec. – Dê-me apenas um ou dois minutos.

Mark sentou-se no chão novamente e fechou os olhos.

Nunca perdera totalmente a consciência.

Mas agora o mundo parecia desfocado, como se fosse um jogo que Mark assistisse da última fila, deitado no chão. Como se enxergasse tudo em meio a uma névoa espessa. Os sons eram abafados e o estômago torcia de fome.

Por fim, o Berg diminuiu a velocidade e houve um baque abrupto que sacudiu a nave, seguido por silêncio e imobilidade. Por um longo momento, Mark achou que o sono chegara e com ele as lembranças. Lutou contra isso; não sabia se conseguiria suportar reviver o passado. Ouviu passos a distância. Alec falava com ele.

– Aqui está, filho. É muito parecido com uma refeição militar padrão, mas é comida, e está repleta de nutrientes. Isso vai colocá-lo de pé. Estamos em um espaço vazio entre a casamata e o centro da Cidade das Cinzas. Todos os loucos parecem ter fugido do incêndio e se dirigido para o Sul.

Mark abriu os olhos, as pálpebras tão pesadas que sentiu vontade de usar os dedos para abri-las. A imagem de Alec de início estava nublada, mas depois entrou em foco. Ele lhe estendia um pedaço de papel laminado que continha alguma coisa em cima. Não importava. Não importava mesmo. Mark agarrou três e enfiou os deliciosos – maravilhosamente deliciosos – pedaços na boca. Salgados e suculentos. Mas, quando chegou o momento de engolir, mal conseguiu que descessem garganta abaixo.

– A... a... – protestou, mas teve um acesso de tosse e cuspiu a comida que restara na boca no rosto de Alec.

O amigo se limpou.

– Ótimo. Realmente ótimo.

– Água – resmungou Mark.

– Sim, eu sei. Está aqui. – Ele lhe estendeu um cantil, e Mark conseguiu ouvir o líquido se agitar dentro dele. Sentou-se, gemendo pelo choque de dor que perpassou o corpo devido ao movimento.

– Tome cuidado – disse Alec. – Não beba depressa demais. Ou vai passar mal.

– Está bem. – Mark pegou o cantil, fez uma pausa segurando-o entre as mãos, depois o levantou e colocou o bocal sobre o lábio inferior. Uma água fria entrou em sua boca e desceu maravilhosamente pela garganta. Ele resistiu à tosse, concentrado em engolir sem desperdiçar nenhuma gota. Então bebeu um pouco mais.

– Já chega – advertiu Alec. – Agora coma mais alguns pedaços desta maravilha que eu lhe trouxe do armário do refeitório.

Mark comeu, e desta vez tinha um gosto ainda melhor. Mais salgado e mais suculento. Com a boca e a garganta umedecidas, a comida desceu com mais facilidade, embora lhe causasse a pior dor de garganta de toda a sua vida. Sentiu um pouco de força fluir para os músculos. A dor de cabeça melhorou um pouco. A melhor notícia era o desaparecimento da náusea enervante.

Pelo menos, sentia-se suficientemente bem para querer dormir.

– Parece que algumas das lâmpadas do interior do seu cérebro voltaram a acender – falou Alec sentando-se. Ele recostou o corpo contra a parede e colocou uma porção na boca. – Esta porcaria não é tão ruim, é?

– Não se deve falar com a boca cheia – replicou Mark com um sorriso. – É falta de educação.

– Eu sei. – E Alec colocou mais comida dentro da boca e exagerou os movimentos para se certificar de que Mark prestasse atenção enquanto mastigava. – Que tipo de pessoa precisa escutar esse tipo de coisa? Quero dizer, acha que eu não tive mãe?

Mark riu. Riu de verdade, e isso fez seu peito e a garganta doerem. Além de lhe provocar outro acesso de tosse. Quando se recuperou, perguntou:

– E então, para onde vai nos levar? – Pegou mais uma porção da comida.

– Bem, a casamata do Berg ficava logo a oeste da Cidade das Cinzas. Eu vim um pouquinho para o leste. Há locais interessantes deste lado da montanha. Localizei muita atividade alguns quilômetros ao sul, e acho que pode ser o lugar para onde todas aquelas adoráveis pessoas que dançam ao redor de fogueiras fugiram depois que viram a floresta em chamas. Por aqui tudo parece bem quieto.

Ele fez uma pausa para comer mais um pouco.

– Estamos em uma rua sem saída. Um bairro bem elegante, se é que algum dia já vi um. Antes de ser assado em um forno como um frango, quero dizer. Costumava ser um lugar ocupado pelos ricos nos arredores da Cidade das Cinzas, sabe? A maior parte destas casas está semidestruída agora.

– Mas e quanto a...

Alec ergueu a mão para impedir a pergunta de Mark.

– Eu sei. Assim que recuperarmos um pouco as forças e dormirmos algumas horas, vamos procurar as garotas.

Mark não queria desperdiçar nem um segundo sequer, mas Alec tinha razão. Precisavam descansar.

– Algum sinal de... de alguma coisa?

– Pensei ter reconhecido algumas pessoas quando sobrevoamos o local ao sul daqui. Tenho quase certeza de que são as pessoas do assentamento de Didi. Vamos ter de ver se Lana e as outras estão lá também, como Bruce havia falado.

Mark fechou os olhos por um segundo, não muito seguro de aquela ser a informação que gostaria de ouvir.

Fizeram uma pausa para comer e beber um pouco mais. Mark estava curioso em vasculhar o

espaço lá fora, mas cansado demais para se levantar e ir até a janela. Além disso, já tinha visto sua parcela das construções queimadas que as pessoas antigamente chamavam de lar.

– Tem certeza de que podemos pousar aqui? No caso de ter se esquecido, um selvagem com um martelo quebrou uma de nossas janelas.

– Ninguém se aproximou ainda. Tudo o que podemos fazer é manter o olho aberto. E, quando sairmos para procurar Lana e as outras duas, só nos resta torcer para que as não percebam a entrada aberta a marteladas.

O pensamento do homem com o martelo fez o estômago de Mark dar um nó, lembrando-o do que o havia possuído quando matara aquele piloto na rampa da nave.

Alec percebeu que havia algo errado.

– Sei que não estava exatamente tomando chá e comendo bolinhos quando o deixei lá atrás, perto da rampa, por todo aquele tempo. Está pronto para me contar o que aconteceu?

Mark lançou um olhar constrangido, quase nervoso, para o amigo.

– Por alguns minutos foi como se eu tivesse perdido totalmente o controle. Comecei a agir de maneira estranha. Quase sádica.

– Filho, não significa que você seja Jack, o estripador. Já vi muitos homens bons perderem a cabeça no calor da batalha, e na época não havia vírus nenhum para ficar com a responsabilidade. Não quer dizer que você o contraiu. Os seres humanos fazem coisas malucas para sobreviver. Você não passou o último ano vendo isso todos os dias?

Mark não se sentiu nem um pouco melhor.

– Bem, foi... diferente. Por um segundo, pareceu uma festa assistir um cara ser esmagado até a morte.

– É mesmo? – Alec o fitou por um longo momento, e Mark não tinha ideia do que passava pela mente do homem. – Vai estar escuro daqui a algumas horas. Não é nada aconselhável vagar por aí à noite. Vamos nos permitir uma longa dose de sono.

Mark concordou, perturbado até o último fio de cabelo. Ponderou se talvez não tivesse sido melhor manter a boca fechada. Bocejando, tentou arranjar uma posição mais confortável, planejando processar tudo aquilo, pensar durante algum tempo naquelas coisas.

Mas um estômago cheio e uma semana exaustiva conduziram-no à inconsciência.

Naturalmente, em seguida vieram os sonhos.

46

Mark está em uma sala de conferências no Edifício Lincoln, o corpo encolhido em posição fetal, sob a imensa mesa ao redor da qual, ele supõe, homens e mulheres muito importantes costumavam se reunir e conversar sobre coisas importantes. Seu estômago dói devido à dieta atual, que já dura algumas semanas, à base de besteiras e refrigerantes recolhidos das máquinas automáticas espalhadas por todo o prédio. Deu um pouco de trabalho abri-las, mas uma dupla de ex-soldados como Alec e Lana estava treinada para abrir coisas à força, certo? Tanto pessoas quanto objetos.

O Edifício Lincoln é um lugar terrível. Mais quente que o próprio inferno. Permeado pelo odor nauseante e opressivo de corpos em decomposição, pessoas que morreram na explosão inicial que resultara em calor e radiação. Os corpos estão por toda parte. Mark e os novos amigos ocupam todo o décimo quinto andar, mas o fedor penetrante ainda permeia o ar, mesmo lá em cima. É algo que não se está acostumado a sentir. E, é claro, não há nada a fazer. O tédio se assenta como um tumor cancerígeno no prédio, pronto para devorar sua sanidade. Sem mencionar a ameaça de radiação lá fora, embora Alec acredite que ela está diminuindo. Mesmo assim, eles têm de se manter afastados da janela o máximo possível.

Em meio a tudo isso, há algo que, na opinião de Mark, alivia um pouco o cenário ruim: ele e Trina estão mais próximos do que nunca. Muito próximos. Ele sorri como um tolo e está contente por ninguém poder vê-lo.

A porta se abre e depois se fecha; em seguida, há passos. Uma lata rola pelo chão e alguém xinga.

– Ei – sussurra alguém. Mark acha que é Baxter. – Você está acordado aí embaixo?

– Sim – vem a resposta fraca de Mark. – E, se eu não estivesse, agora estaria. Você não é muito bom em ficar quieto.

– Desculpe, mas me mandaram encontrar você. Há um barco vindo da Broadway que se encaminha em nossa direção. Venha dar uma olhada.

Mark jamais pensou que ouviria essas palavras. Um barco vindo de uma das mais famosas ruas do mundo, onde os automóveis costumavam rodar. Mas Manhattan é agora um conjunto de rios e riachos, o som feroz constantemente refletindo nas águas em cenários espetaculares e ofuscantes. É como ter um céu em cima e outro abaixo deles.

– Está falando sério? – pergunta Mark, percebendo que está quieto durante alguns segundos, surpreso com a novidade. Tenta não se apegar à esperança de que talvez estão prestes a ser resgatados.

Baxter zomba dele.

– Não, eu inventei essa história. Vamos logo.

– Imagino que a radiação *realmente* acabou, a menos que algum louco esteja a bordo dele. – Mark esfrega os olhos, depois sai de sob a mesa. Levanta-se e se espreguiça, e torna a bocejar, provocando Baxter por fingir que não está com pressa. Mas a curiosidade o vence.

Dirigem-se ao corredor, no qual uma nova onda de calor e fedor toma de assalto os sentidos de Mark. Depois de semanas daquilo, ainda se sente nauseado e faz um esforço para não vomitar.

– Onde estão eles? – pergunta Mark, supondo que tenham sido Alec e Lana a localizar o barco que observam agora.

– Cinco andares abaixo. Lá cheira mil vezes pior do que aqui, mas é onde está o nível da água. É

como se houvesse peixes *e* humanos apodrecendo. Espero que você esteja há um tempinho sem comer.

Mark apenas dá de ombros, sem querer pensar em comida. Está cansado de barras de chocolate e batatas chips – algo que nunca imaginou ser possível.

Os dois se dirigem ao grupo central de escadas e começam a viagem de dez andares até o quinto andar. Tudo está quieto, exceto pelos ruídos e a movimentação dos passos, e Mark acredita que sua excitação sobre quem possa estar no barco supera o fedor crescente à medida que ambos descem. Há manchas de sangue nas escadas. Ele vê um chumaço de cabelo e uma porção de massa encefálica em um dos corrimãos. Nem quer imaginar o pânico que se desencadeou naquele lugar quando as chamas solares, e os horrores resultantes da catástrofe. Felizmente – pelo menos para eles – ninguém continuava vivo quando chegaram.

Atingem o patamar do quinto andar, e Trina espera na porta que dá para a escada.

– Vamos! – diz ela, fazendo um rápido movimento de cabeça para que a sigam. Ela começa a andar depressa e fala por sobre o ombro enquanto percorrem um longo corredor em direção à grande janela, mais afastada. – É um grande iate; parece ter sido bonito e luxuoso antes de as chamas atacarem. Agora tem a aparência de ter sido construído uns cem anos atrás. Não consigo acreditar que ainda possa flutuar, que dirá se mover.

– Já conseguiram ver as pessoas lá dentro? – pergunta Mark.

– Não. É claro que elas devem estar lá embaixo. Na cabine, no posto de comando, seja lá qual for o nome que deem ao lugar.

Parece que ela sabe tanto quanto Mark sobre barcos.

Viram em um canto do corredor e avistam Alec e Lana em uma parte em que as janelas foram destruídas, a água do mar batendo contra a parede a apenas uns trinta centímetros abaixo deles lá fora. Sapo e Sombria estão sentados no chão, olhando fixamente para o exterior do edifício. Mark escuta o barco mesmo antes de vê-lo, um som entrecortado e abafado de motores que já viram dias melhores. Então o barco avariado entra no campo de visão, após deslizar por um prédio pequeno, a parte de trás afundada na água enquanto o iate avança. Ele tem cerca de nove metros de comprimento, quatro metros e meio de largura, com vedações e tábuas de compensado cobrindo buracos espalhados e fendas abertas por todo canto. Uma janela decorada com teias de aranha de vidro trincado é como um olho sinistro, olhando para eles à medida que se aproxima.

– Eles sabem que estamos aqui? – pergunta Mark. Só se permite pensar que aquelas pessoas estão vindo para resgatá-los. Que trazem comida e água, pelo menos. – Vocês lhes deram algum sinal?

– Não – responde Alec sem se alongar. – Ao que parece, estão checando todos os prédios. Procuram comida, sem dúvida. Mas agora eles nos viram.

– Espero que sejam amigáveis – sussurra Trina, como se não quisesse que os estranhos a ouvissem.

– Faço um voo de ida e volta à lua se estes sujeitos forem legais – replica Alec em uma voz extremamente fria. – Fiquem em estado de alerta, meninos. Sigam meu comando.

O barco agora está muito perto, os ruídos enchendo o ar e trazendo junto o odor de gasolina. Mark consegue avistar a sombra fraca de duas pessoas atrás da janela sem muita visibilidade, e ambas parecem ser homens. Pelo menos, as duas silhuetas têm cabelo curto.

Os motores do iate param e a traseira começa a balançar, de modo que o barco possa encostar paralelamente ao prédio. Alec e Lana recuam, e Mark percebe que a certa altura Sapo e Sombria correm para outra parede mais distante. Trina, Baxter e Mark estão de pé, formando um grupo unido em sentimento, a tensão visível na fisionomia dos três.

Uma das pessoas da cabine aparece no deque, surgindo de baixo. É um homem, e ele segura um enorme revólver com as duas mãos, o cano já apontado para os espectadores dentro do Edifício Lincoln. É um sujeito feio, cabelos grisalhos e emaranhados, uma barba imunda – do tipo que parece um fungo selvagem impregnado ao pescoço – e óculos de sol pretos. A pele está suja e queimada do sol, e as roupas, em farrapos.

Outra pessoa aparece, e Mark fica surpreso em ver que é uma mulher de cabeça raspada. Ela mantém o barco seguro paralelamente ao prédio enquanto o parceiro se aproxima da janela quebrada onde Alec e Lana estão de pé.

– Mãos para cima – diz-lhes o homem, movimentando a arma de um lado para o outro e detendo-se por um breve momento em cada pessoa. – As duas mãos para cima. Vamos.

A maior parte deles faz o que ele ordena, exceto Alec. Mark espera que o homem não faça alguma loucura e todos acabem baleados.

– Você acha mesmo que estou blefando? – pergunta o estranho com uma voz áspera e estridente. – Faça isso agora, ou vai morrer.

Alec levanta as mãos lentamente em direção ao teto.

O homem com o revólver não parece satisfeito. Está com a respiração mais pesada do que deveria e olha para Alec através daqueles óculos de sol muito escuros. Então aponta a arma para Baxter e dá três tiros rápidos. As explosões de som invadem o ar, e Mark cambaleia para trás até colidir contra a parede. As balas rasgaram o peito de Baxter, espalhando uma névoa vermelha por toda parte e derrubando-o com um ruído forte. Ele sequer grita; a morte já o levou. Seu tronco é uma massa confusa de sangue e pele misturados.

O homem respira fundo.

– Agora, espero que façam o que eu mandar.

47

Mark se agitara no sono e quase acordara. Sempre havia gostado de Baxter, de seu jeito inteligente e da atitude meio indiferente. Ver uma coisa daquelas ser feita com ele...

Isso era algo que Mark provavelmente jamais superaria. De todas as lembranças que voltavam para assombrá-lo em sonhos, essa era a mais frequente. E Mark desejava acordar; desejava poder deixar aquilo para trás em vez de reviver as consequências do que testemunhara e a loucura que se seguira.

Mas seu corpo precisava descansar; não lhe era permitido acordar. O sono o arrastou para seus braços, sem nenhuma intenção de confortar sua mente perturbada.

É um daqueles momentos em que o cérebro demora um tempo para captar os eventos que passam diante de seus olhos; o choque bloqueia temporariamente o caminho. Mark está no chão, inclinado para trás em um ângulo de quarenta e cinco graus, a cabeça apoiada contra a parede. Trina está com as mãos cruzadas contra o peito e de repente grita – um som que parece o de um milhão de pessoas frenéticas saindo de um túnel. Sapo e Sombria se abraçam, os rostos transformados em máscaras de terror. Lana e Alec permanecem de pé, os braços ainda levantados. Mas Mark pode perceber a tensão no corpo de ambos.

– Calem-se! – grita o homem com o revólver, gotículas de saliva voando de sua boca. Trina grita de novo, o ruído tão cortante quanto uma lâmina. – Se eu ouvir mais um som desagradável como este, vou atirar em quem quer que o solte. Estão me entendendo?

Trina treme, as mãos cobrindo a boca. De algum modo, ela consegue fazer que sim com a cabeça, mas seus olhos ainda estão grudados no corpo ensanguentado e inerte de Baxter. Mark não se permite olhar para o garoto. Em vez disso, encara o homem que o matou, o ódio enevoando seus olhos.

– Tudo pronto, chefe – diz a mulher que está no barco. Ela se levanta e esfrega os dedos nas calças sujas. Amarrou o iate a algo no exterior do prédio – Mark consegue ver uma corda –, indiferente ou insensível ao assassinato que o parceiro acabou de cometer. Talvez esteja acostumada. – E agora?

– Pegue sua arma, idiota – responde o homem com um olhar de soslaio que não deixa dúvidas de como ele sempre tratou a mulher. – Preciso lhe explicar também como usar o banheiro?

Ainda mais triste do que a agressão verbal do sujeito, o objeto de seu desprezo simplesmente concorda e se desculpa. Depois desaparece barco adentro por um segundo, emergindo com um revólver similar ao dele, firmemente seguro entre as mãos. Toma posição ao lado do parceiro e aponta a arma para Mark e em seguida para cada um dos amigos.

– Agora vou lhes dizer como isto vai funcionar – esclarece o homem. – Se quiserem viver, tudo o que têm a fazer é obedecer. Simples assim. Estamos aqui em busca de combustível e comida. Suponho que tenham ambos, julgando pelo fato de que não são um bando de esqueletos ambulantes. E todo prédio grande assim tem geradores. Tragam-nos o que precisamos e vamos embora. Podem até guardar um pouco para vocês. Veja como somos amáveis. Tudo o que queremos é a nossa parte.

– Realmente generoso – diz Alec em voz baixa.

Mark se levanta de um salto quando o homem pega a arma e a aponta diretamente para o rosto do velho.

– Não! Pare!

O estranho a aponta para Mark, que ergue as mãos e gruda as costas na parede.

– Por favor, pare com isso! Vamos pegar o que o senhor quiser!

– Está certo; vou fazer sua vontade, garoto. Agora, mexam-se. Todos vocês. É hora de vasculharem por aí. – Ele balança a arma de um modo convincente, que coloca os demais em movimento.

– Tomem cuidado para não pisar no amigo morto – sugere a mulher.

– Cale-se! – corta o parceiro. – É sério. A cada dia você fica mais burra.

– Desculpe, chefe.

Ela de repente se transforma em um ratinho dócil, a cabeça baixa. O coração de Mark ainda bate mil vezes por minuto, mas ele não consegue deixar de ter pena da mulher.

O homem volta a atenção para os outros.

– Mostrem-nos onde estão as coisas. Não queremos ficar aqui o dia todo.

Mark chega a esperar que Alec faça alguma coisa maluca, mas ele apenas se põe em movimento e caminha rumo à escada. Quando passa por Mark, lança-lhe uma piscadela rápida. Mark não sabe se deve se sentir encorajado ou preocupado.

Avançam pelo corredor, deixando a silhueta ensanguentada de Baxter para trás, prisioneiros no que se tornara o castelo deles nas últimas semanas. Atingem a escada e começam a subir. O chefe – esse é o único nome no qual Mark pode pensar quando se lembra do homem com o revólver, repassando repetidamente na cabeça a maneira patética como a parceira o obedeceu – se reveza em cutucar as costas das pessoas à medida que sobem, certificando-se de que não esqueçam quem está armado.

– Lembrem-se do que fiz com o companheiro de vocês – sussurra o Chefe no ouvido de Mark quando chega sua vez de ser cutucado.

Mark continua em frente, passo a passo.

Passam as duas horas seguintes vasculhando o Edifício Lincoln, de alto a baixo, procurando alimentos e combustível. Cada centímetro da pele de Mark transpira, os músculos chegam a doer de tanto carregar os grandes contêineres de combustível do gerador da sala de suprimentos de emergência do trigésimo andar até o barco. Esquadrinham as máquinas automáticas, esvaziando mais da metade do estoque reduzido nas diversas salas destruídas e outras áreas comuns.

A cabine do iate é um forno, o que só torna pior o cheiro lá dentro. Quando Mark descarrega os suprimentos, pondera se o Chefe e a parceira tinham se dado o trabalho de mergulhar nas águas quentes que os cercavam. Literalmente viviam em uma banheira – por mais suja que fosse –, mas se recusavam a tomar banho. A cada viagem, Mark fica cada vez mais enojado daquele par. Ele também se pergunta sobre o que Alec deve estar pensando, diante de seu silêncio prolongado e do trabalho duro que executa, sem o menor sinal de rebeldia.

O espaço vazio do barco já está quase todo tomado quando o grupo avança para o décimo segundo andar – parte de uma última varredura na metade inferior do prédio. O Chefe lhes diz que podem ficar com o que sobrar acima disso.

O homem, ainda apontando o revólver para eles, está de pé próximo à janela. O brilho alaranjado do pôr do sol tinge o vidro quebrado atrás dele. A subordinada está bem perto, parecendo tão estúpida como quando chegara ali. Trina reúne os últimos sacos de salgadinhos e barras de chocolate da tampa quebrada de uma máquina automática. Sapo, Sombria, Lana, Alec e Darnell esperam por ela; não há muito o que fazer agora. O local está vazio, e cada um deles deve estar como Mark:

apenas contando os segundos para aquelas pessoas odiáveis irem embora. E esperando que mais ninguém morra.

Alec caminha até o Chefe, erguendo as mãos em atitude conciliatória.

– Cuidado – adverte o homem armado. – Agora que o seu trabalho já está feito, não me importaria de praticar um pouco mais minha mira. Mesmo a curta distância.

– Está feito mesmo – diz Alec em um tom que mais parece um rosnado. – Não somos idiotas. Queríamos o barco carregado primeiro, sabe, antes...

– Antes do quê? – O Chefe sente algum problema no ar, e os músculos de seu braço se retesam. Mark vê o dedo dele no gatilho da arma.

– Disto.

Alec de repente se põe em movimento. Sua mão voa para frente e arranca a arma das mãos do Chefe – o revólver dispara um tiro ao léu enquanto escapa, girando até bater no chão. A parceira do Chefe se vira e foge pelo corredor, mais rápido do que já havia feito qualquer coisa até o momento. Lana vai atrás dela, embora a outra mulher esteja armada. Mark mal tem tempo de perceber o que acontece, e Alec já está lançando o corpo para a frente e atacando o Chefe, os dois batendo contra a janela.

Tudo acontece muito depressa. Um som brutal de estilhaços enche o aposento enquanto cacos voam por toda parte. Então a janela estoura, estilhaçando-se em mil pedaços, justamente quando Alec tenta recuperar o equilíbrio e se livrar do corpo do Chefe. Os dois começam a cair, inclinando-se como em uma cena em câmera lenta, em direção à água lá embaixo. Mark corre até eles, deslizando pelo chão, a fim de apoiar os pés contra a beirada da janela enquanto estende a mão para agarrar o braço de Alec. Ele o faz, apertando seus dedos, e segura firme, mas os pés perdem o apoio e de repente estão no ar. Todo seu corpo está prestes a cair lá embaixo, assim como o de Alec e o do Chefe.

Alguém o agarra por trás, enrodilhando seu peito com os braços. Mark se segura em Alec com toda a força que tem e olhar para a rua, que também é agora um rio. O Chefe está caindo, agitando loucamente braços e pernas e gritando. Os braços de Mark parecem prontos para ser arrancados dos ombros, mas Alec recupera o bom-senso com rapidez, gira o corpo e apoia a mão livre no peitoril inferior da janela, passando a se içar para dentro enquanto quem quer que tenha segurado Mark também o possa puxar. É o Sapo.

Logo estão todos de pé novamente, em segurança. Lana está voltando do corredor.

– Ela desapareceu – diz a mulher. – Aposto que está escondida em algum armário.

– Vamos dar o fora daqui – diz Alec, já em movimento. Mark e os outros o seguem. – O plano funcionou perfeitamente. Conseguimos carregar o barco, e agora ele é nosso por direito. Vamos deixar a cidade.

Encontram a escada, descem rapidamente, dois degraus de cada vez. Mark está suando e exausto, ansioso com relação ao plano deles. Deixar o lugar que havia sido seu lar depois do desastre das chamas solares. Aventurar-se no completo desconhecido. Ele não sabe o que é mais forte: a animação ou o medo.

Conseguem chegar ao quinto andar, correm pelo corredor, passam pela janela quebrada e entram no barco.

– Vamos desancorar – grita Alec para Mark.

Alec e Lana vão para a cabine. Darnell, Sapo, Sombria e Trina encontram lugares para se sentar no alto, parecendo um tanto perdidos e muito inseguros. Mark começa a desamarrar a corda que a mulher usou para prender o iate anteriormente. Enfim, consegue desatar os nós e puxa a corda no

exato momento em que os motores adquirem vida e o barco começa a se afastar do Edifício Lincoln. Mark senta-se em um assento na extremidade traseira do barco e vira para trás a fim de mirar o enorme arranha-céu, onde a luz minguante do pôr do sol reflete um brilho âmbar.

O Chefe de repente salta da água como um golfinho enlouquecido, os braços batendo na traseira do barco. Ele passa a se agitar freneticamente, tentando subir a bordo. As pernas desferem chutes, enquanto as mãos buscam qualquer coisa em que se segurar. Ele agarra um gancho e os músculos incham, enquanto impulsiona o corpo para cima, a água escorrendo do corpo. Exibe um enorme ferimento roxo que cobre a metade de seu rosto; a outra metade está vermelha e furiosa, combinando com seus olhos.

– Vou matar vocês – grunhe o homem. – Cada um de vocês!

O barco ganha velocidade. Tudo explode ao mesmo tempo dentro de Mark – ele não vai deixar este ser humano desprezível arruinar sua chance de escapar. Agarrando uma cadeira, pega impulso e a lança para frente, atingindo o Chefe no ombro. O homem mal se move. Mark recua e o chuta de novo. E de novo. Todas as vezes, ele atinge o alvo. O Chefe começa a perder a força.

– Solta! – grita Mark enquanto chuta de novo o ombro do homem.

– Vou matar você – diz o Chefe, mas a voz não tem mais convicção.

Mark grita sob uma explosão de adrenalina, depois coloca todo o vigor em uma última investida, desta vez saltando e lançando os dois pés para frente. Eles se chocam contra o Chefe, atingindo seu nariz e pescoço, e o homem emite um grito estrangulado e se solta do barco, caindo na trilha de águas agitadas que o barco cria. O corpo desaparece em meio às bolhas brancas.

Mark está ofegante, a respiração entrecortada. Gira o corpo e se arrasta para o assento, olhando para fora. Não vê nada senão o rastro branco e a água negra atrás dele. Então localiza um movimento na janela aberta do Edifício Lincoln, onde o Chefe caiu. A silhueta se afasta agora, ficando cada vez menor, mas a mulher – a parceira do Chefe – está ali, segurando seu revólver. Mark se abaixa, esperando pela saraivada de balas. Mas, em vez disso, ele vê a mulher apontar a arma para si mesma, o cano pressionado contra o queixo.

Mark quer gritar, pedir-lhe que não faça isso. Mas é tarde demais.

A mulher puxa o gatilho.

O barco segue em frente.

48

Mark acordou suando frio, como se um jato da água do sonho houvesse se espalhado sobre seu corpo enquanto dormia. A cabeça doía muito novamente – algo parecia rolar em seu crânio toda vez que se mexia. Felizmente, embora Alec estivesse por perto, ele não falou muito enquanto ambos comiam e se fortaleciam para o dia que teriam pela frente. Para a busca das amigas.

Os dois estavam sentados na cabine, a luz do final da manhã entrando pelas janelas. Uma brisa quente assoviava ao soprar pela janela quebrada.

– Você estava morto demais para perceber – disse Alec, depois que já estavam há algum tempo sentados em silêncio –, mas eu subi com esta criança para um voo de reconhecimento enquanto você dormia. E confirmei o que suspeitava. A apenas alguns quilômetros daqui, os malucos da fogueira... estão com Lana, Trina e Didi. Eu as vi sendo conduzidas como carneiros.

Isso provocou um bolo nauseante no estômago de Mark.

– O que quer dizer com isso?

– Algumas pessoas as conduziam de uma casa para outra. Vi o cabelo negro de Lana e Trina com a menina no colo. Cheguei mais perto para ter certeza. – Alec respirou fundo antes de concluir. – Pelo menos sabemos que estão vivas e onde se encontram. Agora sabemos o que temos de fazer.

Mark deveria ter se sentido aliviado pelo fato de as amigas não estarem mortas. Mas, em vez disso, foi consumido pela percepção torturante de que teriam de tirá-las dali. Tinham de ir até lá e lutar. Dois contra... quantos?

– Esqueceu como se fala, garoto?

Mark fitava as costas da cadeira do piloto como se algo impressionante houvesse sido pintado ali.

– Não. Só estou apavorado. – Havia muito tinha desistido de fingir coragem para o velho veterano do exército.

– Apavorado. Isso é bom. Um bom soldado está sempre apavorado. Isso o faz se sentir normal. É o modo certo de reagir àquilo que constrói ou destrói você.

Mark sorriu.

– Você já me fez este discurso algumas vezes. Acho que já entendi.

– Então despeje um pouco de água goela abaixo e vamos trabalhar.

– Parece uma ótima ideia. – Mark bebeu bastante água do cantil, depois se levantou. A carga pesada dos seus sonhos enfim começou a diminuir um pouco. – E então, qual é o plano?

Alec limpava a boca. Fez um sinal com a cabeça indicando o Berg.

– Vamos resgatar as garotas. Mas, antes, daremos uma olhada no estoque de armas desta nave.

Mark não entendia nada de Bergs, mas Alec sabia mais que a maioria. Na área central da nave havia um almoxarifado trancado que requeria senhas e escaneamentos de retina para abrir. Como não tinham senhas nem globos oculares à mão, decidiram abri-lo à moda antiga: com um machado.

Felizmente o Berg era antigo e havia visto dias melhores muitos anos antes, por isso só foram necessários três golpes cada um e uma meia hora de suor para arrebentar as dobradiças e as trancas da porta de metal. Cavacos de aço se espalharam pelo corredor, e a grande porta se abriu, batendo contra a lateral da nave. O eco pareceu reverberar por todo o Berg por pelo menos um minuto.

Alec havia dado o último golpe com o machado.

– Vamos esperar que ainda haja alguma coisa dentro desta porcaria – anunciou.

O almoxarifado estava escuro e cheirava a poeira. O Berg tinha eletricidade, mas a maioria das luzes havia se quebrado, exceto uma pequena lâmpada vermelha de emergência a um canto, que fazia tudo parecer banhado em sangue. Alec começou a busca, mas Mark podia ver que a maioria das prateleiras estava vazia. Nada senão lixo e caixas descartadas e espalhadas por toda a sala. Alec praguejava diante da descoberta desapontadora, a respiração ainda entrecortada, e Mark também sentia-se da mesma maneira. Como poderiam ter a menor chance se tudo o que tivessem para ir atrás das amigas fossem punhos e pés?

– Há algo aqui – murmurou Alec, a voz tensa. Tentava abrir o que quer que tivesse encontrado.

Mark se aproximou dele e olhou por cima de seu ombro. O objeto estava na penumbra, mas parecia ser uma grande caixa com vários grampos de metal.

– Não consigo abrir – constatou Alec, quando suas mãos deslizaram pelos grampos pela terceira vez. – Vá pegar aquele machado.

Mark rapidamente o resgatou do corredor, onde Alec o havia deixado cair após ter arrombado a porta. Ele o ergueu nas mãos, pronto para dar um golpe e abrir a caixa.

– Vai *mesmo* fazer isso? – perguntou Alec, endireitando o corpo. – Tem certeza?

– Hã? O que quer dizer?

Alec apontou a caixa.

– Garoto, tem alguma ideia do que pode haver dentro dessa coisa? Explosivos. Maquinário de alta voltagem. Veneno. Quem sabe?

– E...? – insistiu Mark.

– Bem, eu não começaria desse jeito, ou poderíamos estar mortos antes do meio-dia. Precisamos ser cuidadosos. Dar golpes delicados e precisos nos grampos.

Mark quase riu.

– Como não há uma única célula delicada em todo o seu corpo, acho que sou eu quem deve agir.

– Bem apontado – replicou Alec, dando um passo para trás e afastando as mãos da caixa. – Tenha cuidado.

Mark agarrou com firmeza o cabo do machado e o investiu com cuidado, golpeando várias vezes os pequenos mas resistentes grampos. O suor vertia por seu rosto, e a ferramenta quase escapou de suas mãos algumas vezes, mas enfim ele abriu o primeiro grampo e passou para o seguinte. Dez minutos depois, os ombros ardiam como o diabo e os dedos estavam quase entorpecidos pelo esforço. Mas conseguiu abrir todos os grampos.

Levantou-se e alongou as costas, incapaz de impedir um estremecimento.

– Cara, isso não foi de modo algum tão fácil quanto parecia.

Os dois riram, o que fez Mark ponderar de onde havia vindo toda aquela repentina leveza. A tarefa que tinham pela frente era traiçoeira e apavorante, mas por alguma razão sua mente se recusava a se concentrar nisso.

– Parece que lhe faz bem realizar trabalhos pesados, não é? – perguntou Alec. – Agora, vamos ver o que temos esperando por nós. Pegue do outro lado.

Mark deslizou os dedos sob a extremidade da tampa e esperou o sinal de Alec. O homem contou até três e então ambos a levantaram – era pesada, mas conseguiram tirá-la e apoiá-la na lateral da nave, onde ela encostou com um estrondo. Tudo o que Mark conseguiu ver dentro da caixa foram formas brilhantes e alongadas que refletiam à luz avermelhada. As formas pareciam úmidas.

– O que é isso? – perguntou Mark. Lançou um olhar para Alec e o viu de olhos arregalados, uma expressão quase de loucura tomando seu rosto. – Pela sua cara, imagino que saiba exatamente o que

temos aqui.

– Oh, sim – disse Alec com um breve sussurro. – Sei. Sei mesmo.

– E...? – Mark estava prestes a explodir de curiosidade.

Em vez de responder, Alec se inclinou para baixo e agarrou um dos objetos da caixa. Levantou-o – a coisa tinha o tamanho e a forma de um rifle – e o examinou, girando-o nas mãos. Parecia ser feito basicamente de metal prateado e plástico, com pequenos tubos espiralados que avançavam do corpo principal da arma. Na outra extremidade, tinha uma coronha parecida com a de um revólver, com um gatilho. Havia uma correia para passá-la pelo ombro do atirador.

– Que diabos é isso? – perguntou Mark, ouvindo o traço de pavor na própria voz.

Alec apenas balançava a cabeça para frente e para trás, em um gesto de óbvia descrença, enquanto continuava a estudar o objeto que tinha nas mãos.

– Tem alguma ideia de quanto custam estas coisas? Eram caras demais para sequer chegarem ao atual mercado de armas. Não consigo acreditar que estou segurando um.

– Um o quê? – perguntou Mark, cheio de impaciência. – O que é isso?

Alec enfim olhou para cima e o fitou bem dentro dos olhos.

– Esta coisinha se chama Pulverizador.

– Pulverizador? – repetiu Mark. – E o que ele faz?

Alec ergueu a estranha arma como se fosse uma relíquia sagrada.

– Ele faz as pessoas se dissolverem no ar.

49

– Dissolver? – repetiu Mark, descrente. – Como assim?

– Bem, não importa muito se estas coisas não funcionarem. – Alec inspecionou a caixa durante um instante e depois tirou dela um objeto negro e volumoso com detalhes prateados. Reuniu os itens preciosos e passou por Mark, saindo do almoxarifado e seguindo pelo corredor. – Vamos, venha! – gritou ao desaparecer à frente.

Mark lançou um último olhar para os itens ameaçadores, quase mágicos, que brilhavam dentro da caixa, e depois saiu no encalço de Alec. Encontrou-o na cabine, sentado na cadeira do comandante, admirando a arma em suas mãos. Parecia uma criança com um brinquedo novo. O objeto negro que também havia trazido estava no chão. Parecia uma espécie de base para a arma, algum tipo de dispositivo de carregamento, talvez.

– Muito bem – disse Mark. Avançou e postou-se atrás de Alec. – Diga-me o que essa coisa faz.

– Espere um segundo – replicou Alec, inserindo seu brinquedo no objeto negro, na verdade um dispositivo de carga. Pressionou um botão na lateral do objeto. Algo zumbiu; depois, uma luz cinzenta emanou da arma toda.

– Vamos carregá-la e você vai *ver* o que ela faz – anunciou Alec com orgulho. Olhou para Mark. – Já ouviu falar do Transportal?

Mark revirou os olhos.

– É claro que já. Eu vivo no planeta Terra.

– Muito bem, garoto esperto. Contenha-se, que vou chegar lá. Você sabe como essas coisas são caras, certo? E como funcionam?

Mark deu de ombros e se sentou no chão, no mesmo lugar onde havia caído no sono, ao que parecia, um milhão de anos antes.

– Não que eu já tenha usado um. Ou mesmo visto. Mas sei que é um transportador molecular.

Alec soltou um risinho forçado.

– *Obviamente* você ainda não viu um, porque não tem um bilhão de dólares. Nem trabalha para o governo. Apenas um pequeno componente desses dispositivos custa mais do que você poderia economizar em um ano. Mas você está certo; é assim que funcionam. Fragmentam as estruturas moleculares e depois as reúnem no ponto receptor. Bem, esta beleza de arma faz a mesma coisa, exceto pelo fato de que só realiza metade do trabalho.

Mark olhou para a arma que estava sendo carregada e sentiu um calafrio.

– Quer dizer que isso fragmenta as moléculas das pessoas? Divide-as em pedacinhos minúsculos?

– É. Digamos que em resumo seja isso. A arma lança as partículas ao ar como as cinzas atiradas ao vento de um ente querido que morreu. Pelo que sei, elas voam por aí pelo resto da eternidade, gritando para alguém reuni-las novamente. Ou talvez seja algo apenas instantâneo, e então está acabado. Não há como afirmar. Quem sabe nem seja uma maneira ruim de morrer...

Mark balançou a cabeça. Tecnologia moderna. O mundo tinha umas coisas bem legais, mas não adiantaram muito quando o sol decidira acabar com a maior parte da civilização.

– Então é isso? – perguntou Mark. – Não parecia haver mais nada naquela caixa.

– Não. Bem, vamos esperar que estas belezinhas funcionem.

Mark fez um lembrete mental de se certificar de não atirar no próprio pé.

– Quanto tempo demora para ficar carregada?

– Não muito. Mas tempo suficiente para reunirmos alguns suprimentos para a missão de resgate. – Falando como um soldado, pensou Mark. – Depois vamos testá-la lá fora, enquanto carregamos uma para você. E talvez mais uma de reserva.

Mark não conseguiu desgrudar os olhos do dispositivo de carga, até que Alec o arrastou para se prepararem para a jornada.

Meia hora mais tarde, as mochilas estavam abastecidas com comida e água, e algumas roupas limpas que haviam encontrado escondidas no pequeno compartimento de barracas. O primeiro Pulverizador já estava totalmente carregado e firme nas mãos de Alec, a correia da arma atravessada em seu ombro, quando ele abriu a rampa do Berg. Deram uma busca rápida nos arredores e não avistaram ninguém; portanto, decidiram que era seguro testar a nova arma de luxo.

Mark piscou algumas vezes quando a rampa se abriu mais, olhando por sobre o ombro o orgulhoso parceiro.

– Está segurando esse negócio um pouquinho forte demais, não está não? – O Pulverizador cintilava e, agora carregado, emitia um fraco brilho alaranjado.

Alec lançou um olhar para Mark no qual se lia mensagem: *Dá um tempo!*

– Podem parecer frágeis, mas nem de longe são assim. Pode-se derrubá-los do alto do Edifício Lincoln, que não vão quebrar.

– Isso porque aterrissariam na água.

Alec girou o corpo e puxou o Pulverizador de forma que sua extremidade de ação – os tubos espiralados que saíam do corpo principal da arma – ficasse apontada diretamente para ele.

Mark se acovardou, mesmo sem querer.

– Não estou achando graça – comentou.

– Especialmente se eu puxasse o gatilho.

A rampa se abriu por completo no pavimento irregular da rua sem saída onde estavam estacionados. Um silêncio repentino e total caiu sobre o mundo, quebrado apenas pelo cantarolar distante de um passarinho. O ar quente e úmido os engolfou, tornando quase impossível respirar. Mark tossiu ao tentar inspirar profundamente.

– Vamos – falou Alec, já saindo da rampa. – Temos de encontrar um esquilo. – Ele balançava a arma para a frente e para trás ao andar, buscando algum visitante intrometido. – Ou, melhor ainda, um dos loucos que possa estar perdido por aqui. O único problema é que estas coisas têm de ser carregadas, do contrário nos livraríamos deste problema de vírus num instante. Acabaríamos para sempre com essa indesejável vizinhança.

Mark se aproximou mais dele, preocupado que alguém os observasse das casas destruídas que os cercavam ou da mata incinerada além delas.

– O valor que você dá à vida humana me emociona até as lágrimas – murmurou Mark.

– A longo prazo – replicou Alec. – Às vezes, é preciso pensar a longo prazo. Mas são só palavras, filho. Só palavras.

Estar naquela região realmente deixava Mark pouco à vontade. Ele havia crescido acostumado com a vida nas montanhas, nas florestas, vivendo em uma cabana. Aquele bairro abandonado o fazia se sentir estranho e desconfortável. Precisava dominar os nervos antes de partirem para executar o colossal trabalho que tinham pela frente.

– Vamos logo fazer esse teste.

Alec passou a se dirigir a uma caixa de correio feita de tijolos, mas semidestruída. Alguém

parecia ter colidido com ela, um carro ou um caminhão, durante uma tentativa de fuga frenética.

– Muito bem – disse ele. – Eu gostaria de testá-la em alguma coisa viva. Ela funciona muito melhor com material vivo, orgânico. Mas você está certo... Precisamos ser rápidos com isso. Vou tentar destruir esta pilha de tij...

A porta de uma das casas destruídas próximas deles se abriu com um ruído, e um homem saiu de lá correndo em direção aos dois, gritando a plenos pulmões. As palavras dele eram indecifráveis e os olhos estavam tomados por genuína loucura, os cabelos imundos e emaranhados; feridas lhe cobriam o rosto, como se o homem houvesse tentado arrancar a própria pele. E encontrava-se totalmente nu.

Mark recuou alguns passos, perplexo com a aparência do homem e apavorado com sua visível demência. Procurava algo para fazer ou dizer.

Mas Alec já havia erguido a arma, apontando o Pulverizador diretamente para o homem, que se aproximava com rapidez.

– Pare! – gritou o veterano. – Pare ou você vai... – Desistiu de continuar a frase, pois era evidente que o selvagem a caminho não o escutava. Berrava coisas sem sentido, tropeçando, mas sem reduzir a velocidade, aproximando-se cada vez mais de Alec.

Um silvo agudo soou, vindo de toda parte ao mesmo tempo, seguido de um som que lembrava algo giratório em movimento, como o zumbido do motor de um jato. Mark percebeu que a luz alaranjada do Pulverizador havia reluzido ainda mais, visível até mesmo ao pôr do sol. Então Alec de repente saltou para trás, um raio de luz branca, cristalina e fulgurante saiu da arma e atingiu o peito do homem, que gritava.

Os gritos cessaram de imediato, como se tivessem sido selados em uma tumba. O corpo do homem ganhou uma tonalidade cinzenta de cima a baixo, todas as partes desapareceram, restando apenas um cintilante recorte acinzentado em movimento. Em seguida, explodiu em uma névoa, evaporando no nada. Simples assim, sem deixar um único vestígio que Mark pudesse ver.

Ele se voltou para Alec, que baixara a arma e respirava pesadamente, os olhos ainda arregalados e fixos no lugar que o homem havia ocupado apenas alguns segundos antes.

O velho soldado enfim devolveu o olhar de espanto de Mark.

– Bem, acho que essa coisa funciona.

50

Mark estava mudo. O espetáculo do Pulverizador ao dissolver uma pessoa e transformá-la em uma nuvem de poeira que desaparece ao vento não era nem de longe o que mais o surpreendera. Um homem completamente maluco havia saído de uma casa, dirigindo-se a eles. O que estava pensando? Queria atacá-los ou pedir ajuda? Todos eles ficariam daquele jeito? Tão... loucos?

Isso o assombrava terrivelmente: testemunhar o que a doença causava nas pessoas. Aquilo estava mesmo acontecendo. E só piorava. O sujeito ficara totalmente *pirado*. E Mark já havia sentido algo assim – um vislumbre – iniciando-se dentro dele. Havia uma besta oculta em seu interior, e logo ela poderia vir à tona e torná-lo parecido com aquele maluco que Alec destruíra com o Pulverizador.

– Tudo bem com você?

Mark balançou a cabeça em negativa e voltou a si.

– Não, não estou nada bem. Você viu aquele sujeito?

– Sim, claro que vi! Por que você acha que eu o evaporei para sempre? – Alec repousava a arma contra a base, olhando a redor em busca de sinais de mais algum visitante. Até o momento, não havia aparecido mais nenhum.

Embora já viesse acontecendo há algum tempo, a realidade da situação enfim atingiu Mark como uma martelada no coração: Trina devia estar enfrentando um grave problema. Mantida prisioneira por lunáticos que podiam agora estar tão mal quanto aquele que ele acabara de ver. E Mark e Alec tinham arranjado tempo para dormir? Para comer? Para empacotar coisas? De repente, ele se odiou.

– Temos de resgatá-las já – disse ele.

– O que foi? – Alec se aproximava dele.

Mark ergueu os olhos e encarou o amigo:

– Temos de ir. Agora.

A hora seguinte foi um misto de pressa enlouquecedora e, depois, de espera igualmente enlouquecedora.

Fecharam a rampa, Alec de pé com o Pulverizador na mão, no caso de alguém tentar embarcar durante os minutos agonizantes que a entrada do Berg demorou para fechar. Em seguida, certificaram-se de que as mochilas estavam prontas, e Alec deu a Mark uma rápida aula de como segurar e atirar com o Pulverizador que lhe pareceu suficientemente clara. Por fim, o soldado deu partida, os propulsores do Berg impulsionando-os em direção ao céu.

Voavam baixo, Mark era o observador principal, para examinar a movimentação lá embaixo à medida que se deslocavam. Quando se aproximaram mais do local onde Alec havia visto Trina e as outras duas amigas, Mark pôde avistar, sem sombra de dúvida, mais sinais de vida. Pessoas corriam por entre as casas em pequenos grupos; havia incêndios em quintais e fumaça saindo de chaminés semidestruídas; carcaças de animais mortos jaziam à vista, despojados de sua carne. Chegou a ver alguns humanos mortos aqui e ali; por vezes, pilhas deles.

– Estamos nos arredores da Cidade das Cinzas – indicou Alec. Estavam no ponto principal de um grande vale, localizado aos pés das montanhas que haviam se incendiado recentemente. Construções elegantes e enormes pontilhavam as encostas desse vale. Várias casas haviam sido totalmente destruídas pelo fogo, restando nada além de amontoados de detritos negros e carbonizados.

Mark viu dezenas de pessoas perambulando em grupos pelas ruas. Algumas delas já tinham avistado o Berg; algumas apontavam para a nave no alto, outras corriam para buscar abrigo. Mas a maioria não parecia de modo algum ter tomado conhecimento dele, como se fossem surdas e cegas.

– Há um enorme grupo de pessoas naquela rua. – Mark apontou para elas.

Alec concordou com um aceno de cabeça.

– Foi onde vi colocarem Trina, Lana e a menina, em uma das casas.

Alec posicionou o Berg para descer, a fim de darem uma olhada mais de perto. Ficaram pairando a mais ou menos uns trezentos metros acima do local identificado e então Alec se juntou a Mark nas janelas. Os dois avistaram abaixo o que parecia ser um cenário de completo pesadelo.

Era como se um hospital psiquiátrico houvesse liberado todos os pacientes. Não havia método na loucura que Mark observava abaixo dele. De um lado, viu uma menina deitada de costas, gritando para o nada. De outro, três mulheres espancavam dois homens que haviam sido amarrados juntos, costas contra costas. Em outro ponto, pessoas dançavam e bebiam uma espécie de líquido escuro de uma panela que fervia sobre uma fogueira escavada no chão. Outras corriam em círculos e algumas cambaleavam por ali como se estivessem bêbadas.

Então, Mark viu a pior coisa de todas elas. Não tinha mais nenhuma dúvida de que as pessoas que se reuniam ali estavam além de qualquer tipo de ajuda. Um pequeno grupo de homens e mulheres brigavam por algo que parecia um dia ter sido uma pessoa, mãos e rostos cobertos de sangue.

Mark sentia-se ao mesmo tempo revoltado e aterrorizado com a ideia de que pudesse estar olhando, talvez, para os restos da única garota que havia amado. Todo o seu corpo de repente estremeceu, dos pés à cabeça.

– Desça – murmurou ele. – Desça daí, agora! Deixe-me sair!

Alec havia recuado das janelas, o rosto tomado por uma palidez que Mark jamais havia visto.

– Eu... não podemos fazer isso.

Um ataque furioso de raiva tomou conta de Mark.

– Não podemos desistir agora!

– Que besteira é essa que está dizendo, garoto? Precisamos aterrissar em um lugar seguro ou vão invadir esta coisa. Precisamos encontrar um lugar seguro. Não vamos nos afastar muito.

Mark se assustou com a própria respiração pesada.

– Está bem. Desculpe. Mas temos de nos apressar.

– Depois do que acabamos de ver? – Alec perguntou quando já se posicionava diante dos controles. – É, acho que foi um aviso de que temos mesmo de nos apressar...

Mark cambaleou, apoiando-se contra a parede. A raiva dentro dele fora substituída por uma esmagadora tristeza. Como Trina ainda poderia estar viva em meio a tanta loucura? O que era este vírus do Fulgor? Que tipo de besteira se passara na mente de alguém a ponto de se desejar disseminá-lo? Essas perguntas só aumentavam sua angústia. Porque não havia resposta para nenhuma delas.

O Berg readquiriu vida e adernou novamente, voltando ao local de onde tinham vindo. Mark imaginou quantas pessoas lá embaixo deviam ignorar o fato de que uma enorme nave, naquele momento, pairava bem acima da cabeça delas. Voaram por alguns minutos e, quando Alec pareceu satisfeito, aterrissou o Berg em uma rua cercada por lotes vazios, provavelmente um condomínio residencial que nunca chegara a existir.

– Aquela rua está lotada de gente – comentou Mark, enquanto ele e o amigo dirigiam-se ao almoxarifado da nave. Ambos pegaram um Pulverizador totalmente carregado e tinham mochilas atadas aos ombros. – E havia sinais de mais gente em todas as casas. É provável que aquela parte do

bairro esteja tomada por completo.

– Talvez tenham removido as garotas para outra casa de novo – disse Alec. – Seria bom checar cada casa daquela área. Mas lembre-se de que elas estavam vivas esta manhã. Eu as vi, sem sombra de dúvida. Não perca as esperanças ainda, filho.

– Você só me chama de filho quando está apavorado – retrucou Mark.

Alec lhe lançou um sorriso bondoso.

– Exatamente.

Saíra do almoxarifado, e Alec se encaminhou à plataforma de controle, pressionando os botões da rampa. Ela começou a abrir, anunciando seu movimento com um rangido de dobradiças.

– Acha que a nave vai ficar em segurança? – perguntou Mark, a janela quebrada ainda o preocupando.

– Estou com o controle remoto. Vamos trancá-la por fora. É o máximo que podemos fazer.

A rampa atingiu o chão e os ruídos cessaram. O ar quente e sufocante os envolveu ao descerem. Saindo dali, Alec pressionou um botão no controle remoto e a rampa passou a se fechar. Ao terminar de subir, o silêncio era completo.

Mark e Alec se entreolharam. Era difícil dizer em qual olhar havia mais determinação.

– Vamos resgatar as garotas – disse Mark.

Os dois começaram a se afastar do Berg, armas carregadas nos ombros, marchando rumo à loucura e ao caos que esperavam por eles logo adiante.

51

O ar estava empoeirado e seco.

A cada passo ele parecia ficar mais espesso, quase os sufocando. O suor já cobria cada centímetro do corpo de Mark, e a brisa que soprava de vez em quando parecia vir de uma fornalha, nada fazendo para refrescá-los. Avançaram, Mark esperando que a palma das mãos não ficasse escorregadia demais para manejar adequadamente a arma. O sol acima deles fustigava a terra como o olho de uma besta infernal que os espreitasse, incendiando o espaço ao redor.

– Já faz algum tempo desde que saí assim no meio do dia – comentou Mark, o esforço para falar deixando-o sedento. Sua língua parecia inchada. – Vamos ganhar um belo bronzeado. – Ele sabia o que estava fazendo. Tentava se convencer de que a situação não era tão ruim assim; de que não iria sucumbir àquela altura; de que a raiva e as dores de cabeça não influenciariam em sua capacidade de concentração e foco; de que tudo acabaria bem. Mas o esforço parecia ser inútil.

Atingiram o primeiro cruzamento de ruas, e Alec apontou para a direita.

– Muito bem, são apenas mais algumas quadras indo por aqui. Vamos nos aproximar das casas agora.

Mark seguiu no encalço de Alec, cruzando o gramado seco – não havia nada ali além de ervas daninhas e pedras – até a sombra de uma construção que um dia fora uma mansão. Agora era um amontoado de pedra e madeira escura, a maior parte ainda de pé, embora apresentasse um aspecto de desgaste e tristeza, como se a perda dos ex-moradores houvesse roubado sua alma.

Alec se encostou à parede, Mark imitando-o. Voltaram o olhar – e as armas – para trás, de onde haviam vindo, para ver se alguém os seguia. Ninguém à vista. Estranhamente, no entanto, a brisa tinha cessado, tornando o mundo tão sem vida quanto o próprio bairro. Mark mexeu o corpo, tentando desgrudar as roupas pegajosas de suor.

– Temos de permanecer hidratados – disse Alec, colocando a arma no chão. Tirou a mochila das costas e pegou um dos dois cantis. Após sorver um longo gole, entregou-o a Mark, que saboreou cada gota enquanto umedecia a boca e a garganta secas.

– Puxa, cara – respondeu ele ao terminar, devolvendo o cantil ao amigo. – Esse foi o melhor drinque que já tomei em toda a minha vida. Esse aí bem na sua mão.

– Que exagero – sussurrou Alec, enquanto pegava o cantil e o enfiava de novo dentro da mochila. – Considerando todas as vezes que estivemos sedentos neste último ano.

– Acho que aquele cara louco que você... pulverizou todo o meu estímulo. Mas agora estou pronto para ir em frente. – Sentia-se revigorado, como se o cantil contivesse adrenalina em vez de água.

Alec pegou a arma e passou a correia pelos ombros.

– Siga-me. Daqui em diante, manteremos casas entre nós e as ruas.

– Parece uma boa ideia.

Alec se esgueirou para o quintal, encaminhando-se para o fundo. Mark o seguiu.

Mantiveram o mesmo procedimento pela próxima dezena de casas. Uma corrida rápida para atravessar os quintais desertos, o máximo possível que pudessem pela sombra; depois, dirigiam-se aos fundos da casa, e Alec espreitava o espaço, buscando algum sinal de companhia. Se estivesse tudo certo, avançavam para a casa seguinte e recomeçavam.

Fizeram isso até o final da rua seguinte, onde se poderia escolher virar à esquerda ou à direita.

– Muito bem – sussurrou Alec. – Precisamos seguir por esta rua e pegar a segunda à esquerda. Ela vai até a rua principal, onde vimos toda aquela festa acontecendo.

– Festa? – repetiu Mark.

– É. Aquilo me fez lembrar dos Cranks, uns viciados que prendemos nos anos vinte, quando foi declarada a lei marcial. Aquelas pessoas eram tão loucas quanto estas... doidos sanguinários. Vamos.

Cranks. Mark havia conhecido alguns viciados na vida, mas os Cranks eram os piores. A droga fora se tornando cada vez mais forte com o passar das décadas. Nos últimos tempos, tornara-se algo do qual o viciado não conseguia se livrar. Nunca. Por alguma razão desconhecida, aquela palavra ficara gravada na mente de Mark.

– Ei! – Alec estava a meio caminho da próxima casa e se voltara para Mark. – Boa hora para sonhar acordado!

Mark espantou as divagações para longe e se apressou para onde Alec estava. Alcançou-o, e os dois se dirigiram para a lateral de uma mansão de três andares, a sombra se constituindo, como sempre, um alívio. Mesmo que não durasse muito. Esgueiraram-se encostados à parede até os fundos. Alec deu uma espiada; então avançaram, encaminhando-se para o outro lado. Mark só havia dado três ou quatro passos quando ouviu um som cacarejante acima dele. Olhou para cima, talvez esperando ver algum tipo de animal exótico, tal era a estranheza que o ruído suscitava.

Tratava-se de uma mulher empoleirada no telhado, tão esfarrapada e imunda quanto qualquer um dos outros infectados que Mark havia visto recentemente. O cabelo se projetava em todas as direções e seu rosto estava sujo de lama, aquele parecendo ser um padrão quase ritualístico.

Ela produziu aquele mesmo som cacarejante outra vez – algo entre um riso e um acesso violento de tosse. E sorriu, revelando um conjunto de dentes perfeitamente brancos, mas depois os lábios se transformaram em um esgar. Após outra série de cacarejos, ela rolou para trás, desaparecendo calha abaixo – aquela era uma das poucas casas que ainda possuíam um telhado.

Mark deu de ombros. Esperava ser capaz de afastar a imagem daquela mulher da mente. Voltou-se para trás e viu que Alec estava de pé a pouco mais de um metro da casa, mirando a arma para o telhado, mas sem atirar.

– Para onde ela foi? – perguntou ele.

– Vamos dar o fora daqui. Talvez ela esteja sozinha.

– Bem improvável.

Foram se afastando até alcançarem a extremidade mais distante dos fundos da casa. Alec se inclinou para dar uma olhada rápida.

– Tudo limpo. Estamos perto, portanto, apresse-se e mantenha-se vivo.

Mark fez que sim com a cabeça.

Alec foi em direção à casa seguinte, e Mark já se movimentava para fazer o mesmo quando um guincho horrível o deixou paralisado. Olhou para cima bem a tempo de ver a mulher saltar do telhado, voando no ar com os braços esticados, como se fossem asas. Um brilho de loucura iluminou seu rosto quando ela berrou, mergulhando sobre Mark, que não podia acreditar nos próprios olhos.

Fez menção de correr, mas era tarde demais. O corpo dela o atingiu nos ombros, e ambos caíram no chão.

52

Ela procurou os olhos dele como se o impacto da queda não houvesse lhe causado nada. Uivos saíam de sua boca como se estivesse sendo torturada. Mark estava sem fôlego e os joelhos doíam devido ao choque contra o chão duro. Ele rolou, ofegando em busca de ar, enquanto agarrava as mãos dela, tentando afastá-las de seu rosto. A mulher conseguiu se desvencilhar e cravou-lhe as unhas nas orelhas, no nariz e nas bochechas, arranhando e socando. Ele continuava tentando afastá-la.

– Socorro! – gritou ele para Alec.

– Afaste-a de você para que eu possa dar um tiro certeiro! – gritou o homem.

Mark girou o corpo e relanceou o olhar para Alec. Ele acompanhava o movimento de ambos no chão, tentando mirar a arma, mas aguardando o momento certo de arriscar o disparo do Pulverizador na mulher.

– Ande logo com isso... – Mark gritou, mas foi interrompido por dedos que penetraram de repente sua boca, puxando-lhe os lábios. Um dos dedos se fincou no interior de sua bochecha, a mulher fazendo pressão como se tentasse furar seu rosto. A um movimento de Mark, o dedo dela escapou. Sua mão então voou no ar, mas depois voltou ao ataque, atingindo o rosto dele com um punho fechado. A dor e a raiva explodiram dentro dele como uma série de fogos de artifício.

Agora já capaz de respirar, ele colocou as mãos sob o corpo dela, projetou os cotovelos para fora e depois a empurrou com força. Ela saiu voando de cima dele, caindo de costas no chão com um ruído tão forte, que por um momento ela ficou em silêncio. Depois, passou a se arrastar apoiada nas mãos e nos joelhos, engatinhando. Mark, no entanto, havia se levantado e avançava para ela. Apoiando o peso sobre o pé esquerdo, com o direito desferiu um chute que a acertou na cabeça. Ela gritou e voltou a cair, encolhendo-se como uma bola e segurando o rosto entre as mãos. Rolava de um lado para o outro, choramingando.

Mark rapidamente se afastou.

– Vamos, atire!

Mas Alec não atirou. Andou calmamente até ficar ao lado de Mark, a ponta da arma apontada para a mulher em sofrimento.

– Seria um desperdício. Vamos economizar munição para uma presa maior.

– E se ela nos seguir? E se for buscar os amigos? E se destruir nossa chance de surpreendê-los lá na frente?

Alec olhou demoradamente para a mulher e depois levantou os olhos para Mark.

– Se fizer você se sentir melhor, pode atirar. – Ele se virou e passou a se encaminhar para a próxima casa, examinando a área em busca de prováveis inimigos.

Mark se dirigiu para onde havia deixado cair o Pulverizador e a mochila em meio à confusão da luta com a mulher enlouquecida. Não desgrudou os olhos dela enquanto juntava suas coisas, pendurando a mochila nas costas e ajeitando as tiras nos ombros, depois erguendo a arma com as duas mãos quando estas ficaram livres. Apontou-a para a mulher e se aproximou dela até ficar a mais ou menos um metro de distância. Ela ainda estava encolhida, choramingando e gemendo, balançando-se de um lado para o outro. Mark descobriu que não sentia pena nenhuma dela. Aquele ser não era mais humano; tinha perdido o mínimo resquício de sanidade, e aquilo não era culpa dele. E, pelo que sabia, ela devia ter amigos nas proximidades, ou talvez até se fingisse de fraca para que partisse logo

e a deixasse em paz.

Não. Não havia mais tempo para piedade.

Recuou um passo, apoiou com firmeza a arma contra o peito, mirou com precisão e puxou o gatilho. Um zumbido encheu o ar; então o Pulverizador disparou seu facho de luz branca, que penetrou o corpo da mulher. Ela não teve tempo sequer de gritar antes de o corpo se transformar em um recorte cinzento e explodir em uma névoa fina, desaparecendo em um instante.

Mark chegou a tropeçar na pressa de se afastar mais, mas ficou satisfeito por não ter caído. Olhou para o espaço vazio no chão, onde a mulher estivera deitada, depois seus olhos encontraram os de Alec, que se detivera e o encarava, fitando-o com uma expressão indecifrável no rosto. Porém, dele parecia emanar um misto de espanto e inegável orgulho.

– Nossas amigas – disse Mark, certo de que nunca havia ouvido uma voz mais amarga escapar de seus lábios antes. – É tudo em que podemos pensar.

Ergueu a arma, equilibrando-a entre o pescoço e o ombro, e deixou a outra mão pender ao longo do corpo. Então, calma e tranquilamente, caminhou em direção a Alec.

O velho soldado esperava por ele sem dizer nenhuma palavra sequer. Avançaram para a casa seguinte.

53

Mark começou a ouvir o ruído do caos duas casas adiante. Gritos, risos e algo que soava como metal rangendo contra metal. Os gritos eram de arrepiar, e não sabia se estava preparado ou não para descobrir a fonte. Tentou não pensar no fato de que poderia terminar tão doente quanto as pessoas que escutava naquele momento. Podia até mesmo já ter iniciado essa jornada sem volta.

Depois de se esgueirarem e se locomoverem por várias outras casas, ele e Alec, enfim, chegaram à rua que haviam visto do céu.

Alec levantou a mão para deter Mark atrás da última casa do quarteirão. Ela dava de frente para a rua, mas ainda proporcionava certa proteção. Mantiveram-se à sombra de um toldo semidestruído.

– Muito bem – disse Alec, tirando a mochila dos ombros. – É isso aí. Vamos nos alimentar e nos hidratar. Depois, seguiremos para o inferno.

Mark ficou surpreso diante do pouco medo que sentia, pelo menos naquele momento. Talvez fosse porque fariam uma breve pausa e a situação ainda não parecesse real. Mas, fosse como fosse, guardava essa expectativa há tanto tempo que estava ansioso para sair dali e deixar acontecer o que tivesse de acontecer. Sua cabeça latejava muito de novo, e, de alguma maneira, Mark tinha certeza de que aquilo só iria piorar. Não podia se permitir perder tempo.

Sentaram-se e comeram um pouco da comida que haviam pegado no Berg. Mark desfrutou de cada gole de água do cantil. Teve a sensação fugaz de que poderia ser a última vez que bebia aquilo. Sacudiu a cabeça. Ficava cada vez mais difícil expulsar os pensamentos mórbidos. Colocou os últimos bocados de comida na boca e se levantou.

– Não consigo suportar mais isso – falou. Abaixou-se, pegou a mochila e a pendurou nos ombros. – Vamos sair daqui e buscar logo as garotas.

Alec lançou-lhe um olhar penetrante.

– Só quero dizer que já esperamos demais. Não consigo suportar mais isso. – A cabeça doía, mas esforçava-se ao máximo para ignorá-la. – Vamos, vamos acabar logo com isso.

Alec se levantou e também se preparou para partir. Os dois ajeitaram as armas nos ombros, prontos para seguir em frente.

– Lembre-se – avisou Alec – de que não haverá defesa contra estes Pulverizadores. Mas isso muda de figura se estas malditas armas forem tomadas de nós. Não permita, repito, não permita que *ninguém* se aproxime de você o bastante para tirá-lo de suas mãos. E mantenha a correia da arma nos ombros. Essa é nossa prioridade: manter estas criancinhas conosco.

Mark agarrou seu Pulverizador com firmeza, como se alguém fosse tentar tirá-lo dele naquele exato momento, e concordou com um gesto de cabeça.

– Não se preocupe. Não vou deixar ninguém se aproximar.

Alec estendeu a mão.

– Vamos conseguir vencer mais essa, mas, só por precaução...

Mark pegou a mão do homem, apertando-a.

– Obrigado pelo bilhão de vezes em que salvou minha vida.

– Tem sido uma honra estar a seu lado, garoto. Talvez hoje você venha a salvar a minha algumas vezes.

– Farei o melhor possível.

Armas a postos, contornaram a casa. Alec trocou um olhar com Mark e acenou com a cabeça, depois passaram a correr a toda velocidade. Alec ia na dianteira, Mark em seu encalço pela rua.

O principal grupo de infectados estava um pouco distante, mas havia um número suficiente de pessoas nas proximidades para os dois se manterem cautelosos. Uma mulher estava sentada no meio da rua, batendo palmas em um ritmo criado por ela. Mais ou menos um metro à frente dela, dois homens disputavam o que parecia ser um rato morto. Outro sujeito estava de pé na esquina, cantando a plenos pulmões.

Mark e Alec atravessaram a rua e se dirigiram a uma das casas. Assim como a maior parte dos destroços daquele bairro abastado, ela era enorme e estava semidestruída. O que restara dela parecia prestes a ruir a qualquer momento. Mark seguia Alec de perto, ambos se detendo em uma das laterais da casa. Avançaram rente à parede e prenderam a respiração. Ninguém parecia ainda tê-los percebido. Não era de surpreender, já que muitos sequer os haviam notado quando o Berg estava bem em cima da cabeça deles, os propulsores rugindo mais forte do que qualquer outra coisa que Mark pudesse imaginar.

– Muito bem – disse Alec. – Quando eu as vi, Lana e as outras duas estavam sendo conduzidas para uma casa lá embaixo. – Ele fez um aceno apontando para a rua à direita. – Mas acho que, por via das dúvidas, devemos dar uma busca em cada uma delas. Se foram transferidas de lugar, gostaria de saber com antecedência. Se pudermos evitar o grupo principal de pirados lá na frente, tanto melhor.

– Então é melhor começarmos a busca – replicou Mark. – Com esta aqui.

Alec acenou com a cabeça em concordância.

– Vamos.

Saíram da proteção da parede e se encaminharam para a porta da frente, apenas para se aproximar de um homem que estava diante da entrada. Usava roupas esfarrapadas e tinha o rosto imundo, um corte profundo tomando a maior parte de seu rosto.

– Saia da frente – gritou Alec. – Afaste-se da porta e vá para a rua, ou vai morrer em cinco segundos.

O homem lançou-lhes um olhar vazio. Depois arqueou uma das sobrancelhas e fez o que lhe fora ordenado, afastando-se com calma da entrada – bem devagar – e encaminhando-se para a calçada, recoberta de ervas daninhas e pedras. Continuou andando, sem um olhar sequer para trás, até que ganhou a rua, virando à esquerda e se dirigindo à atividade caótica mais à frente.

Alec sacudiu a cabeça.

– Esteja preparado no caso de alguém saltar em nossa direção.

Mark plantou os pés no chão e apontou a arma para frente.

Alec segurava o Pulverizador com uma das mãos e estendia a outra para abrir a porta. Recuou um passo enquanto ela se abria por completo, dando a Mark uma visão clara para atirar caso fosse necessário. Mas o lugar estava vazio.

– Você entra primeiro, para que eu possa proteger a retaguarda – instruiu Alec, balançando o braço e sinalizando para Mark entrar.

– Ou me observar ser devorado antes disso.

– Confie em mim quanto a isso, garoto. É melhor para você se eu ficar na retaguarda agora. Portanto, vá em frente.

Uma onda de excitação percorreu todo o corpo de Mark. O medo não o detinha mais; sentia-se ávido para entrar em ação. Fez um breve aceno para Alec, subiu as escadas da varanda e entrou na casa, movimentando a arma da esquerda para a direita ao examinar o aposento. Tudo estava quente,

empoeirado e escuro, a luz do sol visível apenas através dos orifícios nas paredes. No entanto, os andares de cima pareciam muito mais iluminados.

O chão rangia a cada passo que dava.

– Pare para escutarmos por um segundo – disse Alec atrás dele.

Mark retesou o corpo e apurou os ouvidos. Além dos sons distantes do caos que havia na rua, não conseguia escutar mais nada. A casa estava em silêncio.

– Vamos examinar de cabo a rabo – sugeriu Alec.

A escada estava muito deteriorada. Mark desistiu de subi-la após seu pé ter afundado por completo no terceiro degrau.

Alec fez um gesto mostrando uma porta que, ao que tudo indicava, conduzia ao porão.

– Deixe a ideia de subir a escada para depois. Não escuto nada lá em cima. Vamos checar aqui embaixo, depois veremos o que fazer.

Mark desceu os poucos degraus que escalara com cuidado e se dirigiu à porta que aparentava dar num porão. Lançou um olhar de confirmação para Alec, agarrou a maçaneta e abriu a porta. Alec dirigiu a arma para o espaço aberto, no caso de alguém atacar, mas nada aconteceu. Uma onda de ar mofado e fétido se abateu sobre Mark, quase o sufocando. Teve de tossir e engolir em seco várias vezes para não vomitar.

Alec decidiu ir na frente desta vez, transpondo a porta e se dirigindo ao patamar de uma escada. Lá chegando, apanhou a lanterna da mochila, acendeu-a e iluminou os degraus. Mark se inclinou e viu partículas de poeira dançando sob o facho brilhante. Alec acabava de colocar o pé para iniciar a descida quando uma voz soou:

– Aproxime-se mais e acenderei o fósforo.

Era uma voz de homem, fraca e trêmula. Alec se voltou para Mark com uma expressão interrogativa.

Pelo canto do olho, Mark captou um movimento no fim dos degraus e apontou para o local com sua arma. Alec direcionou a luz lá para baixo a fim de revelar quem havia falado, uma pessoa que estivera praticamente oculta na penumbra. Ele tremia dos pés à cabeça e estava ensopado de suor, o cabelo escuro grudado na cabeça e as roupas respingando. Pequenas poças já se formavam no chão perto dele. O rosto do homem estava impressionantemente pálido, como se há anos não saísse daquele porão. Os olhos se estreitaram ao entrar em contato com a luz da lanterna.

De início, Mark ponderou se o homem tinha algum problema de transpiração. Depois, achou que o sujeito talvez tivesse algum tipo de cano estourado ou poço lá embaixo. Mas então registrou um odor de gasolina ou querosene – algum tipo de combustível. E percebeu que o sujeito segurava objetos nas mãos. Em uma delas, tinha uma caixinha retangular. Na outra, um único fósforo.

– Se derem mais um passo, vou acender – disse o homem.

54

Mark queria se virar e correr, mas Alec ainda não havia se movido. Apenas ficara ali, a arma apontada escada abaixo para o homem com o fósforo.

– Não viemos aqui para machucá-lo – explicou Alec com cautela. – Só procuramos nossas amigas desaparecidas. Há alguém além de você aí embaixo?

O homem não parecia ter ouvido nada do que Alec havia dito. Só continuava ali, tremendo e respingando combustível.

– Eles têm medo do fogo, você sabe. Todos têm medo do fogo, não importa o quanto tenham enlouquecido. Eles não mexem comigo aqui embaixo. Não com meus fósforos e a gasolina.

– Trina! – chamou Mark. – Lana! Vocês estão aí?

Ninguém respondeu, e o homem com os fósforos não se intimidou com os gritos.

– Vocês é que decidem, meus novos amigos. Se derem mais um passo, acendo as chamas que me levarão de uma vez por todas com elas. Ou podem continuar a jornada e me deixar viver mais um dia.

Alec balançou lentamente a cabeça. Por fim, começou a recuar, pressionando o corpo contra Mark, até ambos se encontrarem de novo no corredor. Sem uma palavra, Alec estendeu o braço e fechou a porta devagar, até que fizesse seu clique característico. Em seguida, voltou-se para Mark.

– Que tipo de mundo isso aqui se tornou?

– Um mundo realmente doente. – Mark compartilhava do sentimento de Alec. Ver aquele sujeito respingando combustível, o fósforo na mão... Por alguma razão, ele parecia resumir toda a loucura atual. – E duvido de que o fim disso seja feliz para nós. Só podemos torcer para que a gente encontre as garotas e possa morrer com um pouco de tranquilidade.

– Sábias palavras, filho. Sábias palavras.

Mark e Alec saíram em silêncio da primeira casa e se encaminharam para a segunda.

Os sons estavam muito mais altos agora. Correndo meio agachados, Alec e Mark haviam conseguido chegar à casa do outro lado da rua, planejando prescrever uma rota em zigue-zague. Algumas pessoas pela rua perceberam a presença deles e os apontaram, mas ambos se moviam muito depressa. Mark esperava que a sorte deles permanecesse e que ninguém lhes desse muita atenção. Embora as armas brilhantes pudessem arruinar aquele plano.

Haviam acabado de entrar na varanda da próxima casa quando duas crianças pequenas chegaram correndo. O dedo de Mark estava trêmulo no gatilho, mas o alívio o inundou ao perceber que as figuras que vislumbrara eram apenas crianças. Estavam imundas e tinham aquele olhar distante e estranho. Deram risadinhas contidas e se afastaram, mas, assim que desapareceram, uma mulher imensa apareceu pisando forte, gritando algo sobre os garotos e ameaçando incendiar o esconderijo deles.

Ela não pareceu perceber a presença dos dois estranhos enquanto gritava por alguns segundos. Só então lhes lançou um olhar, este repleto de desaprovação.

– Não estamos loucos nesta casa – disse ela, o rosto de repente vermelho de raiva. – Pelo menos, não ainda. Não há necessidade de levarem minhas crianças. Elas são as únicas coisas que afastam aqueles monstros daqui. – Havia um vazio em seus olhos que congelou Mark até os ossos.

Alec respondeu, visivelmente aborrecido:

– Olhe, senhora, não vamos fazer nada com as crianças e certamente não estamos aqui para levá-las a lugar nenhum. Tudo o que queremos é dar uma olhada rápida em sua casa para nos certificarmos de que nossas amigas não estão aí.

– Amigas? – repetiu a mulher. – Aqueles monstros são as amigas de vocês? Aquelas que querem devorar minhas criancinhas? – O vazio foi de repente substituído por um absoluto terror, que lhe escureceu os olhos. – Por favor... por favor, não me machuquem. Posso dar um deles a vocês. Apenas um. Por favor.

Alec suspirou.

– Não temos conhecimento de nenhum monstro. Só queremos dar uma olhada na sua casa e ir embora. Não temos muito tempo.

Ele foi em frente, os músculos tensos, pronto para usar a força se necessário, mas ela se afastou, quase tropeçando nas ervas daninhas mortas do quintal. Mark a encarou com tristeza. Imaginara que os "monstros" fossem os infectados lá na rua, mas percebeu que havia se enganado. Aquela mulher não estava mais certa da cabeça do que o último sujeito com o qual tinham deparado, e não se surpreenderia se ela realmente achasse que os monstros viviam sob a cama dela.

Mark deixou a mulher no jardim e seguiu Alec casa adentro, ficando impressionado com o que viu. O interior parecia mais um dos piores becos da cidade de Nova York do que uma casa de um bairro antes abastado. Quadros haviam sido desenhados – com o que parecia ter sido lápis preto e giz – em todas as paredes. Eram quadros escuros, aterrorizantes. De monstros. Coisas com garras, dentes afiados e olhos maldosos. Uma profusão de imagens, como se tudo houvesse sido feito às pressas, embora alguns tivessem detalhes bem realistas. O suficiente para eriçar os pelos dos braços de Mark.

Ele lançou um olhar amargo para Alec e seguiu o velho em direção à escada que dava para o porão, armas a postos.

Encontraram mais crianças lá embaixo – pelo menos quinze, talvez mais. E todas vivendo naquela imundície. A maioria formara grupos, acuadas como se esperassem por alguma punição terrível por parte dos recém-chegados. Todas estavam sujas e vestiam farrapos, além de parecerem famintas. Mark não chegou a registrar o fato de que as garotas que procurava não estavam ali.

– Não... não podemos deixá-las aqui – falou Mark. Largou a arma, e ela pendeu, a correia apoiada no ombro. Estava perplexo. – Não há como deixá-las aqui.

Aparentemente, Alec compreendeu que não conseguiria fazer Mark mudar de opinião com facilidade. O soldado se aproximou e ficou diante dele, falando com seriedade:

– Entendo o que está dizendo, filho. E aonde quer chegar. Mas escute-me: o que realmente podemos fazer por estas crianças? Todos neste lugar esquecido por Deus estão doentes, e não temos recursos humanos para resgatá-las. Pelo menos elas estão... nem sei mais o que dizer.

– Sobrevivendo – completou Mark com um sussurro. – Pensei que sobreviver fosse o mais importante, mas estava errado. Não podemos deixar estas crianças aqui.

Alec suspirou.

– Olhe pra mim. – Mark não olhou, e Alec estalou os dedos, gritando: – Olhe pra mim!

Mark se voltou para o amigo.

– Vamos encontrar as garotas. Depois, podemos voltar aqui. Mas, se as levarmos agora, não teremos nenhuma chance. Está me ouvindo? Absolutamente nenhuma.

Mark concordou. Sabia que o velho tinha razão. Mas algo havia se dilacerado em seu coração diante da visão daquelas crianças; aquilo lhe doía fisicamente. E não achou que um dia essa dor teria

reparação.

Virou-se para recuperar a concentração. Tudo o que podia fazer era se concentrar em Trina. Tinha de salvar Trina. E Didi.

– Muito bem – respondeu após alguns instantes. – Vamos embora.

Mark e Alec foram se movendo de casa em casa, vasculhando-as de cima a baixo.

Toda aquela movimentação havia se tornado uma grande mancha difusa na mente de Mark. Quanto mais coisas via, mais entorpecido ficava diante da estranheza do novo mundo. Aquela doença fora disseminada propositalmente. Em cada casa, em cada quarteirão, deparava com coisas que continuavam superando o que imaginava ser insuperável. Vira uma mulher saltar de um telhado e aterrissar, os ossos quebrados, a seus pés. Vira três homens desenhando círculos no chão imundo e saltando dentro e fora deles, como se brincassem de amarelinha – exceto pelo fato de se tornarem cada vez mais irritados a cada salto e finalmente irromperem em um berro enlouquecido. Havia um lugar em uma das casas em que vinte ou trinta pessoas estavam deitadas, todas amontoadas, em completo silêncio. Definitivamente vivas, mas imóveis.

Vira uma mulher comendo um gato. Um homem mastigava o capacho de sua casa. Duas crianças atiravam pedras uma na outra com o máximo de força que tinham, ensanguentadas e feridas dos pés à cabeça. E riam o tempo todo. Pessoas continuavam de pé nos quintais, apenas mirando o céu. Outras estavam deitadas, a cara no chão imundo, falando sozinhas. Mark vira um homem se atirar contra uma árvore, batendo-se repetidas vezes contra o tronco como se se achasse prestes a vencer uma batalha ao derrubar aquela coisa.

Mas eles continuavam, dando uma busca rápida em cada uma das casas, enquanto se aproximavam do que Alec havia chamado de *festa*. No entanto, a coisa mais estranha era que até então ninguém os havia atacado. Ao contrário, a maior parte das pessoas parecia estar mortalmente apavorada com a presença deles.

Aproximavam-se da casa seguinte quando de súbito um grito irrompeu pelo ar, um pouco mais alto que todos os demais sons combinados. Era algo penetrante e primitivo, abrindo caminho pela rua como se fosse algo vivo.

Alec deu um salto, assim como Mark, ambos se voltando para o lugar de onde o ruído viera.

Cerca de cinco casas depois, dois homens arrastavam uma mulher de cabelos negros pelos pés, transpondo a porta da frente rumo à rua. A cabeça dela vinha arrastando no chão a cada passo, enquanto seguiam em frente.

– Minha nossa... – sussurrou Alec. – É Lana.

55

Alec não esperou pela resposta de Mark.

Saiu correndo a toda velocidade, irrompendo rua afora, os pés golpeando o chão ao se encaminhar com pressa em direção a Lana e aos estranhos que agora a arrastavam pelo quintal repleto de pedras da casa. Ele reagiu com tanta rapidez, que Mark fora praticamente largado para trás. Tentou ao máximo alcançá-lo, a mochila pendurada nos ombros e a arma ameaçando escorregar das mãos suadas.

Alec berrava para os homens pararem de arrastá-la. Ergueu o Pulverizador, mas os brutamontes não entendiam a ameaça, ou não se importavam. Continuavam arrastando Lana pelo quintal da casa, até chegarem à calçada, onde largaram as pernas dela com violência. Ela havia parado de gritar, e Mark ponderava se ainda estava consciente. Ou viva.

Alec parou cerca de quatro metros de onde Lana estava, ainda imóvel. Apontava a arma, gritando para que ninguém se mexesse, quando Mark o alcançou. Levou alguns instantes para recuperar o fôlego, antes de poder apontar o próprio Pulverizador.

No total, havia três homens, o trio formava um círculo em torno do corpo de Lana, todos olhando para ela. Pareciam completamente alheios ao fato de haver pessoas apontando armas para eles.

– Afastem-se dela! – gritou Alec.

Agora que estavam mais perto, Mark pôde observar melhor a amiga. E o que viu fez seu estômago revirar. Ela havia sido espancada; estava toda ensanguentada e coberta de ferimentos. Grande parte do cabelo havia sido arrancada, o couro cabeludo avermelhado pelo sangue denunciava esse horror. A última coisa que Mark percebeu foram as orelhas: alguém parecia ter tentado arrancar uma delas. O terror daquela situação atingiu Mark como uma bigorna no peito, e a raiva se transformou em algo com que já se sentia muito familiarizado nos últimos tempos, aquele ódio que voltava a fervilhar dentro dele. Aquelas pessoas eram monstros. E se houvessem feito a mesma coisa com Trina?

Deu um passo na direção do trio, mas Alec estendeu a mão para detê-lo.

– Só um segundo – disse ele, e depois voltou a atenção para os captores de Lana. – Não vou repetir. Afastem-se dela ou vou começar a atirar.

Mas, em vez de responder, os três homens se ajoelharam no chão, os joelhos tocando o corpo de Lana enquanto continuavam a cercá-la. Freneticamente, ela olhava de um para o outro.

– Atire – falou Mark. – O que está esperando?

– Não tenho um alvo certo! – gritou Alec em resposta. – Não quero pulverizá-la!

As palavras de Alec deixaram Mark ainda mais furioso. Ele ia ficar de pé ali, sem fazer nada, durante mais quanto tempo?

– Já estou farto desta loucura – sussurrou ele, e foi em frente, afastando a mão de Alec quando ele tentou mais uma vez detê-lo.

Os homens não fizeram muita coisa além de se entreolharem enquanto Mark se aproximava. Todos vasculhavam os bolsos em busca de algo, os corpos em movimento bloqueando a maior parte da visão de Mark.

– Ei! – gritou ele, a arma a postos. – Afastem-se dela ou vou atirar. Vocês não sabem o que é isso aqui, acreditem em mim!

Eles não o ouviram, ou fingiram não fazê-lo. O que se desenrolou a seguir foi tão rápido e

surpreendente que o fez tropeçar e quase cair. Em meio a um frenesi de movimentos, um dos homens sacou um canivete e cortou Lana. Os gritos dela provocaram uma corrente de horror pelos ossos de Mark. Não demorou muito e já se precipitava à frente, empurrando a arma para as costas. Lançou-se sobre o homem mais próximo dele, ambos caindo longe de Lana.

Ouviu Alec berrar seu nome, mas o ignorou. Seu único pensamento era que deveria desarmar aquele sujeito rapidamente para cuidar logo dos outros. Tinha de conseguir, pelo menos, afastá-los o suficiente de Lana para que Alec atirasse no trio. O homem que atacou era forte, mas Mark o surpreendeu, conseguindo atirá-lo ao chão e arrebatar o canivete de suas mãos. Sem pensar, enfiou o canivete em seu peito e pôs fim àquilo.

Mark então foi ao chão, arrastando-se para longe dali. Olhou com horror para o que acabara de fazer. Mas, com a mesma rapidez, o mundo que o cercava voltou a entrar em foco e ele se levantou. Alec havia se aproximado dos outros dois homens e baixara a coronha da arma com os dois braços contra a cabeça de um deles. O homem dobrou o corpo e desmoronou no chão.

Havia um grupo de oponentes do outro lado da rua. Mark não tinha ideia de onde tinham vindo, mas havia pelo menos sete ou oito deles. Todos homens. E todos com facas, martelos ou canivetes, o rosto inflamado pela raiva.

– Veja isso! – gritou Mark para Alec.

Mas os homens não estavam interessados neles. Em vez disso, foram atrás de Lana, que ainda estava sob o ataque do último homem que restara do trio. Alec se deteve a alguns passos de distância da amiga, Mark atrás dele. Pelo que viam, estavam impotentes para combater aquela loucura, a menos que começassem a usar os Pulverizadores. Mark, no entanto, foi assaltado por uma maldita e repentina onda de insegurança.

Alec pareceu de repente endurecer, uma mudança visível que se disseminou por todo o corpo. O rosto ganhou uma expressão impassível, rígida como uma rocha. Empertigou-se e, em seguida, sem dirigir uma palavra sequer a Mark, ergueu a arma e a apontou para o grupo de pessoas que já atacava Lana.

Deu apenas um tiro. O rápido feixe de luz branca precipitou-se para frente e atingiu o homem mais próximo, que havia acabado de aprontar o machado ensanguentado para um golpe, o braço para trás. Ele se transformou rapidamente naquele recorte cinzento de gente, para em seguida explodir em uma névoa que não demorou a se dissolver no ar. Alec já atirava de novo contra o homem ao lado dele. Mark sabia que não conseguiriam vencer aquela batalha, embora Lana houvesse sido corajosa, leal e forte desde o dia em que a conhecera nos túneis do subtransporte.

Mark ergueu a própria arma e começou a atirar. Ele e Alec destruíram os oponentes um por um: era só apertar o gatilho. E partir para o seguinte.

Logo os monstros haviam desaparecido e só a forma patética e miserável da amiga continuava no chão. Alec não hesitou um momento sequer. Apontou o Pulverizador para ela e deu mais um tiro.

O sofrimento de Lana acabou em um borrifo de névoa cinzenta.

56

Os olhos de Mark se desviaram da mancha ensanguentada no chão e se fixaram em Alec. O homem exibia uma expressão que lhe contava milhares de coisas. Mas, junto a todas essas coisas, havia uma profunda tristeza. Embora Mark nunca tivesse entendido plenamente que tipo de relacionamento havia entre os dois veteranos, sabia que tinha sido profundo e repleto de histórias.

E agora ela não estava mais ali.

A expressão de Alec se desanuviou um pouco em alguns segundos, mas para Mark aquilo pareceu uma eternidade. Jamais vira o amigo tão triste antes.

De repente, Alec recuperou a capacidade de ação. Apontou para a casa diante deles.

– Foi de lá que a arrastaram. Deve ser onde a movimentação acontece por aqui. Tenho certeza de que Trina e a menina estão lá neste exato momento.

Mark se voltou para observar melhor. Uma mansão absolutamente elegante, com três andares, aquelas cumeeiras e janelas enormes – muitas delas já quebradas –, além da alvenaria luxuosa. Mas com um telhado em ruínas, paredes imundas e um jardim com vegetação ressecada e tomado por ervas daninhas. Mark sentiu-se aterrorizado diante do que poderiam encontrar lá dentro.

E as pessoas já se amontoavam ao redor deles.

Havia se passado menos de um minuto desde que tinham pulverizado a amiga e os brutamontes que a atacavam, mas o número de pessoas ali por perto parecia ter duplicado. Homens, mulheres, crianças. A maioria marcada com ferimentos e arranhões, algumas com machucados piores. Um homem com uma grande porção do ombro amputada caminhava devagar em meio aos demais; alguém parecia lhe ter atirado um machado em um acesso de raiva. Havia uma mulher sem um dos braços, a articulação do ombro transformada em uma massa sangrenta. Mas o mais perturbador de tudo eram alguns garotos com ferimentos brutais que não pareciam sequer ter consciência de que estavam feridos.

Todas essas pessoas, sem exceção, começaram aos poucos a se aproximar, cercando Mark e Alec. Roupas esfarrapadas e sujas, cabelos imundos, olhar vazio – a atenção estava inteiramente concentrada nos dois recém-chegados.

Alec começou a se encaminhar lentamente para a porta de entrada da grande casa. Mark seguiu os movimentos cautelosos do amigo, como se qualquer ação repentina fosse desencadear a insanidade que germinava naqueles que os encaravam sem praticamente piscar. Aproximaram mais da entrada, segurando as armas com firmeza. Mark não relevaria nada; se alguém se aproximasse, ele atiraria.

As pessoas se acotovelavam cada vez mais em torno de Mark e Alec, como espectadores assistindo a um evento. Agora havia dezenas delas, talvez mais de cem. Então vários homens avançaram, saindo do grupo e se encaminhando para a porta de entrada da mansão. Assim que o fizeram, outros os seguiram. O cerco se fechava ao redor de Mark e Alec.

– Não sei se podem me entender – berrou Alec. – Mas esta é uma oferta única. Saiam do caminho ou começaremos a atirar.

– Nossas amigas estão nesta casa – acrescentou Mark. – E não sairemos daqui sem elas. – Ele levantou o Pulverizador para ratificar as palavras.

A expressão no rosto das pessoas começou a mudar. A total indiferença que exibiam antes desapareceu para dar lugar a olhos estreitos, testas franzidas, lábios retorcidos em caretas

horripilantes. Algumas mulheres chegaram a vaiá-los, e um garoto arreganhou os dentes como um animal selvagem.

– Saiam do caminho! – gritou Alec.

Ele apontou o Pulverizador para o homem mais próximo entre ele e a porta de entrada e puxou o gatilho. Um feixe ofuscante de luz branca saiu da arma e entrou no peito do homem, rapidamente transformando-o em uma massa cinza que depois explodiu em partículas. Mark não hesitou. Imediatamente apontou para o homem seguinte, puxou o gatilho e o assistiu se pulverizar. Próximo dele havia uma mulher. Três segundos mais tarde, ela não estava mais ali.

Mark pensou que Alec fosse detê-lo, mas o ex-soldado não perdeu tempo. Mal a mulher havia se desintegrado, Alec próprio já disparava seu Pulverizador. Concentraram-se em abrir caminho para a casa, lentamente apontando as armas para frente e para trás ao atingir a multidão, uma pessoa de cada vez. Flashes de luz invadiam o ar enquanto os Pulverizadores disparavam, espalhando uma onda de destruição. Tudo sem uma gota de sangue.

Haviam eliminado cerca de doze pessoas, cortando pela metade o número de gente à frente deles, quando o resto dos infectados pareceu enfim se dar conta do que acontecia. Um grito violento tomou o ar, um som penetrante, horrível, e de repente todas as pessoas avançavam em direção aos dois homens com suas armas mortais.

Mark movia a arma da direita para a esquerda, puxando o gatilho em tiros sucessivos, sequer se dando o trabalho de mirar. Fachos brancos atingiram algumas das mulheres. Outro tiro atingiu um garoto, fazendo-o se desvanecer no ar. Mas as pessoas ainda corriam na direção deles a toda velocidade. Mark se virou para as que estavam atrás. Tornou a disparar e depois agarrou o Pulverizador e o lançou contra o rosto de um homem, arremessando-o longe, ele se encolhendo de dor ao cair no chão.

Mark tropeçou, mas conseguiu recuperar o equilíbrio. Havia várias pessoas ao redor deles, vaiando, arreganhando os dentes, dançando, todos com um olhar selvagem e soltando risinhos histéricos. Mark agarrou com firmeza o Pulverizador, apoiando-o contra o corpo, e atirou ao acaso, prescrevendo com ele um lento círculo, enquanto pulverizava quem estivesse mais perto. Passou a prescrever um giro para o outro lado, só tomando o cuidado de evitar o local onde Alec estava.

Os momentos seguintes foram de completa loucura. Mark sentiu uma pontada de pânico. Continuou atirando, a arma indo para a direita e para a esquerda. Ele desferia cotoveladas, empurrava, atirava, e começava tudo de novo, sempre abrindo o caminho rumo à mansão. Aniquilou pelo menos mais umas dez pessoas antes de se ver, de repente, tropeçando nos degraus da varanda.

Caiu, mas ainda assim conseguiu disparar o Pulverizador no peito de um homem que se arremessou em sua direção. A névoa cinzenta surgiu diante do rosto de Mark e desapareceu. Ele localizou Alec a mais ou menos um metro de distância, projetando a coronha da arma contra o rosto de uma mulher. Então o amigo correu e passou por Mark, dirigindo-se à porta.

Mark disparou mais um tiro antes de começar a se arrastar degraus acima. No alto da escada, levantou-se e atingiu a porta no momento em que Alec já a transpunha. Assim que Mark entrou, o amigo bateu a porta. Alec mal havia virado o trinco quando o ruído de corpos batendo contra ela soou do outro lado. Mark duvidava de que aquela barreira fosse durar muito tempo.

Passaram a correr. Avançaram por um corredor, virando à direita, para encontrar outro corredor. Duas pessoas vieram na direção deles – guardavam uma das portas. Alec atirou em ambos com seu Pulverizador. Mark passou por ele e abriu a porta com rapidez – havia degraus à frente. Um homem estava lá embaixo, olhando para cima, o olhar fervilhante de ódio em um rosto arranhado. Mark o pulverizou.

Desceu a escada, dois degraus de cada vez. Um homem e uma mulher se precipitaram sobre ele com facas, atacando-o antes que pudesse erguer a arma. Mark desferiu socos, afastando-os, e mergulhou no chão no exato momento em que Alec apareceu e disparou o seu Pulverizador. Então tudo ficou quieto, com exceção dos sons distantes das pessoas do lado de fora, que logo conseguiriam alcançá-los, com certeza.

Encontravam-se em um porão. Um facho de luz solar brilhava através de uma janela estreita no alto da parede, à direita de Mark. Partículas de poeira dançavam no ar. E duas pessoas se aninhavam a um canto do aposento, parecendo mais apavoradas do que qualquer um que Mark já vira até aquele instante.

Trina e Didi, as duas agarradas, os braços enlaçando os corpos feridos uma da outra. Mark se apressou até elas, ajoelhando-se e colocando a arma no chão.

Didi, que chorava, foi quem falou primeiro:

– Ela está doente – disse ela em sua voz trêmula de garotinha. E apertou Trina mais forte, ainda chorando.

Mark estendeu o braço, segurou a mão de Trina e a apertou.

– Está tudo bem. Encontramos vocês. Vamos tirá-las daqui.

Trina, que estivera o tempo todo olhando para o chão, levantou a cabeça devagar e fitou Mark. Seu olhar era vazio.

– Quem é você? – perguntou ela.

57

Aquelas palavras o atingiram como uma série de facadas no peito. Tentou se convencer de que havia um milhão de razões para ela ter dito o que dissera. Talvez o aposento não tivesse luz suficiente; talvez houvesse levado um golpe na cabeça; talvez sua visão estivesse embaçada. Mas a realidade daquelas palavras estava no olhar dela. Trina não fazia a mínima ideia de quem ele era. Nenhuma.

– Trina... – Ele buscou palavras. – Trina, sou eu. Mark.

Houve um ruído lá em cima, algo se quebrando. Depois baques surdos. O ruído de passos soou lá em cima.

– Temos que sair daqui. – disse Alec. – Agora.

Trina não parava de encarar Mark, o rosto tomado pela confusão. A cabeça se inclinara para o lado, como se refletisse nas inúmeras possibilidades sobre a identidade daquele rapaz diante dela. Mas havia ali também um traço de medo e pânico, algo perturbador.

– Talvez haja um tratamento – Mark se viu sussurrando, em algum tipo de transe. A única pessoa no mundo que desejara que estivesse a seu lado, em segurança e saudável... – Talvez...

– Mark! – gritou Alec. – Pegue as garotas. Agora!

Ele olhou para trás e viu o amigo ao pé da escada, a arma preparada para atirar em quem quer que se atrevesse a descer primeiro. Agora havia mais ruído acima deles; pessoas correndo e gritando. Coisas se quebrando. Então Mark captou um vislumbre de movimento do lado de fora da janela, um par de pés que estivera ali por um instante e depois desaparecera.

– Vamos resolver tudo isso – disse Mark, voltando a atenção para as duas garotas. – Venham, precisamos sair daqui.

O volume crescente de ruídos ameaçava conduzir seu pânico ao limite, e ele sabia que agora pisava em terreno frágil com Trina. Não tinha a menor ideia de como ela reagiria se tentasse apressá-la.

– Didi? – disse ele da maneira mais gentil possível. Levantou o Pulverizador e colocou a correia da arma no ombro. – Venha cá, Didi. Segure minha mão; você tem que se levantar.

Uma pancada forte soou no ar, vinda da escada. Alguém havia acabado de escancarar uma porta, que batera na parede. Os gritos haviam atingido a histeria completa. Mark ouviu o som poderoso do Pulverizador de Alec sendo disparado e escutou os suspiros profundos lá de cima quando as pessoas viram seu companheiro desaparecer em um flash de névoa cinzenta. Mark imaginou a cena, enquanto estendia a mão e tentava parecer calmo para conduzir Didi.

A menina apenas olhou fixamente para ele durante alguns segundos; mil pensamentos pareceram passar por aquela cabecinha. Mark não se moveu; continuou sorrindo e lhe estendeu a mão. Por fim, Didi também estendeu a sua e segurou a dele, permitindo que a levantasse. Sem soltá-la, ele se inclinou e colocou o outro braço em torno da cintura de Trina, agarrando-a com firmeza. Usou toda a força que lhe restava para erguê-la do chão e colocá-la em pé.

Trina não ofereceu resistência, mas Mark se preocupava com que pudesse tombar ao chão se a soltasse.

– Quem é você? – repetiu ela. – Você está aqui para nos salvar?

– Sou seu eterno e melhor amigo – respondeu ele, tentando não deixar que as palavras a

perturbassem. – Estas pessoas a roubaram de mim, mas agora vou levá-la para um lugar seguro. Lar, doce lar, aquelas coisas...

– Por favor – disse ela. – Por favor, não deixe que eles me machuquem de novo.

Um abismo se abriu no peito dele, ameaçando engolir seu coração.

– É para isso que estou aqui. Só preciso que você caminhe, está bem? Caminhe e fique perto de mim.

Mais sons vieram lá de cima: um grito, uma janela batendo. Depois passos na escada. Alec disparou outro tiro.

Trina se movimentou, equilibrando-se, os pés fincados no chão.

– Certo. Estou bem. Farei qualquer coisa para sair daqui.

– Essa é minha garota. – E, com relutância, Mark soltou os braços das costas dela e se concentrou em Didi, inclinando-se para fitar atentamente a menina. – Isto vai ser realmente assustador, está bem? Mas logo vai ter acabado. Fique perto de mim e...

– Vou ficar bem – disse ela, interrompendo as palavras dele. Uma chama repentina ardeu em seu olhar, fazendo-a parecer dez anos mais velha. – Vamos.

Mark sentiu um pequeno sorriso despontar em seus lábios.

– Perfeito. Vamos lá.

Ele segurou a mão dela e a colocou sobre a de Trina, apertando ambas. Então agarrou o Pulverizador e o posicionou com firmeza contra o peito, pronto para atirar.

– Fiquem bem atrás de mim – disse ele, olhando para cada uma delas a fim de obter a confirmação de seu pedido. Trina parecia um pouco mais lúcida agora, uma certa clareza voltando a seu olhar. – Bem atrás de mim.

Ele agarrou a arma, colocou o dedo no gatilho e depois se voltou para examinar lá em cima, onde Alec mantinha sua posição ao fim da escada.

Mark avançara dois passos na direção de Alec, Didi e Trina em seu encalço, quando a janela de repente explodiu, um amontoado de tijolos caindo ao chão acompanhado de uma chuva de vidro. Didi gritou, e Trina deu um pulo, chocando-se contra as costas de Mark. Mark foi projetado para a frente, mas conseguiu recuperar o equilíbrio antes mesmo de cair. Apontou o Pulverizador para a janela quebrada, onde o braço de um homem se esgueirava pelo buraco estreito e tateava ao longo da parede.

Mark disparou. O primeiro tiro falhou, abrindo outro buraco nos tijolos que provocou uma estranha nuvem de poeira. Tentou de novo, desta vez atingindo o alvo. O braço se dissolveu em uma névoa cinzenta, depois desapareceu. Mais duas pessoas apareceram onde o homem estivera, mas Mark se deu conta de que a passagem era muito pequena para alguém conseguir entrar. Virou-se e tornou a se aproximar da escada de Alec, que mantinha sua posição. Ele disparou um tiro em alguém lá em cima enquanto Mark se aproximava.

– Não temos outra escolha senão subir – murmurou o ex-soldado, os olhos cravados no espaço acima deles. – É provável que mais destes loucos cheguem daqui a pouco.

– Estamos prontos – replicou Mark, embora não fizesse a mínima ideia de como conseguiriam que um grupo de quatro pessoas transpusesse a horda de maníacos infectados pelo Fulgor. – Talvez seja melhor posicionar as garotas entre nós dois.

– Exatamente. Vou primeiro, e você fica atrás por enquanto. Vai ser feio abrir caminho entre esses lunáticos.

Mark fez que sim com a cabeça e recuou um passo. Trina parecia cada vez mais lúcida, embora ainda não tivesse dado nenhum sinal de se lembrar dele. Agarrou a mão de Didi e a guiou para ficar

bem ao lado de Alec. O homem piscou para a garotinha, depois começou a escalar os degraus. Trina o seguiu com Didi perto dela. Mark subiu de costas, para o caso de alguém descobrir outra maneira de entrar no porão.

Passo a passo, chegaram ao caos que os aguardava lá em cima.

– Saiam do caminho! – gritou Alec. – Vou começar a atirar daqui a três segundos.

O ruído da atividade aumentou, uma cacofonia de gritos, assovios, resmungos e risinhos histéricos. Mark desistiu da ideia de guardar a retaguarda. Olhou para cima e viu cinco ou seis rostos despontando à porta, aguardando por eles, os olhos selvagens parecendo famintos por violência. Sentiu tamanho medo invadir seu peito, que até mesmo o ato de respirar se tornou difícil. Mas sabia que, se de algum modo conseguissem chegar lá fora, teriam uma chance de escapar.

– Agora! – gritou Alec. Então disparou três vezes o Pulverizador. Duas mulheres e um homem partiram para a Terra do Nunca.

De repente, uma onda de pessoas invadiu a casa, gritando e berrando, irrompendo porta adentro em uma massa de corpos. Alec disparou mais alguns tiros, mas era gente demais. Não demorou para que houvesse dez pessoas em cima dele, saltando, chutando e arranhando.

Alec tombou para trás, em cima de Trina e Didi, que caíram sobre Mark. Todo o grupo desceu a escada em um emaranhado de braços e pernas. E os infectados se preparam para atacá-los.

58

A cabeça de Mark bateu contra um degrau, depois na parede, depois no chão. Enquanto isso, pés o chutavam, mãos lhe estapeavam e cotovelos o golpeavam. O mundo havia se transformado em uma loucura repleta de dor. Quando tudo se tranquilizou, Trina e Alec estavam sobre o peito dele e Didi sobre suas pernas, todos se esforçando para levantar. Alec tentou desajeitadamente erguer o Pulverizador para dar um tiro, mas foi impedido de súbito por um homem que saltou do quarto degrau e caiu sobre ele, fazendo a arma voar para longe de Mark.

Trina se aproximou de Didi; agarrou a mão dela e a atraiu para si em um abraço brusco, afastando-a da confusão assim que mais pessoas surgiram lá de cima. Logo estavam sobre Mark, doze ou mais, distribuindo-lhe socos e pontapés e aparentemente tentando retalhá-lo em pedaços. Mark sentiu-se invadir pela confusão e pelo desespero, seus planos indo por água abaixo. Girou o corpo e tentou se desvencilhar da massa de corpos, agarrando o Pulverizador com as duas mãos para direcioná-lo à esquerda e à direita, a fim de tirar aquelas pessoas de cima dele.

Trina gritou em voz alta e penetrante:

– Parem! Todos vocês, parem e me escutem!

Suas palavras cortaram o ar, e os gritos, berros e uivos que emanavam daquela massa apinhada de corpos que forrava a escada de cima a baixo silenciaram. Toda espécie de movimento cessou. Mark ficou impressionado diante da abrupta mudança – conseguira se desvencilhar das pessoas sobre ele, que agora olhavam fixamente para Trina, quase em êxtase. As costas dele encontraram a parede próxima dos degraus. Trina estava à esquerda, ainda agarrada a Didi. À sua direita, Alec se recompunha.

Todos os olhares estavam sobre Trina, como se ela detivesse algum poder mágico, hipnótico. O silêncio no porão só era rompido pela respiração dos espectadores.

– Vocês precisam me ouvir – disse ela em um tom de voz um pouco mais baixo. Havia um brilho de selvageria em seus olhos. – Sou uma de vocês agora. Estes homens vieram para nos ajudar. Mas vocês precisam nos deixar passar, para que eles possam nos prestar auxílio.

Isso provocou um coro de murmúrios e protestos por parte de toda aquela gente. Mark assistia em um fascínio doentio enquanto eles se levantavam, cochichando freneticamente uns com os outros, parecendo considerar as palavras de Trina. Aquelas pessoas, ensanguentadas e imundas, passaram a agir de maneira organizada. Logo estavam alinhadas dos dois lados da escada, tendo aberto uma evidente passagem para eles. Mark pôde ver que alguns lá em cima se comunicavam com outros dentro da casa, espalhando o que havia sido dito. Tudo aquilo fora feito em uma atitude que beirava a reverência.

Trina se virou para Mark.

– Conduza-nos lá para cima.

Ela ainda não mostrava nenhum sinal de reconhecimento no olhar, e aquilo mais uma vez provocou-lhe uma pontada no coração. Ele não tinha ideia do que estava acontecendo ou como ela havia conseguido que aquele monte de maníacos obedecesse a seu comando, mas não ia desperdiçar a oportunidade. Levantou-se de um salto e pendurou o Pulverizador no ombro, sem apontá-lo ostensivamente para ninguém. Olhou para Alec, que parecia mais confuso do que Mark já o vira ficar, a desconfiança nublando sua visão. Ele fez um gesto de cabeça indicando para Mark ir na

frente.

Mark dirigiu-se às escadas e se virou para Trina e Didi.

– Vamos subir, então. Tudo vai acabar bem. – Nunca na vida ele havia dito algo em que acreditasse menos.

Elas se aproximaram, prontas para segui-lo. Trina havia colocado Didi à frente, e agarrava os ombros da garotinha. Alec se postou atrás delas.

– Vamos – resmungou o homem. Seus olhos se moviam sem parar ao longo da fileira de pessoas de ambos os lados da escada. E a maneira como as encarava dizia tudo – ele acreditava com certeza que aquilo era alguma espécie de armadilha. A maneira como colocou as mãos no Pulverizador foi um pouco mais incisiva que o gesto de Mark.

Suspirando profundamente, algo que o deixou consciente dos odores terríveis das pessoas que o cercavam, Mark se virou e encarou a escada. Subiu o primeiro degrau. Cada olhar acima dele concentrava-se em seu rosto. À direita havia uma mulher de cabelo grudento e rosto machucado, observando-o com um sorriso sutil. À esquerda estava um adolescente de roupas esfarrapadas, arranhado e sujo da cabeça aos pés. Ele também parecia prestes a abrir um sorriso. Mais pessoas aguardavam com fisionomias similares, os olhos fixos nele. Tudo era silêncio e quietude.

– Você pode andar logo com isso? – sussurrou Alec atrás dele.

Mark subiu outro degrau. Estava com receio de correr escada acima, como se Trina houvesse colocado aquelas pessoas infectadas em algum tipo de transe e qualquer movimento apressado pudesse quebrar o encanto. Ergueu o pé devagar e subiu mais um degrau. Depois outro. Uma olhada rápida para trás mostrou Trina e Didi bem atrás dele, e Alec atrás delas. O velho lhe lançou um olhar de reprimenda, claramente insatisfeito com a lentidão com que Mark se movia.

Mark deu mais um passo e outro em seguida, o olhar dos estranhos causando-lhe um formigamento gélido que atravessava sua pele e lhe descia pela espinha. Os sorrisos tornavam-se cada vez mais amplos e desagradáveis.

Já haviam subido dois terços dos degraus quando ouviu a voz de uma mulher bem próxima dele:

– Bonita. Muito bonita.

Ele se virou e viu a mulher passando a mão pela cabeça de Didi, quase acariciando-a como se fosse um animal no zoológico. O rosto da garotinha foi tomado por um genuíno horror.

– Que criança bonita – tornou a mulher. – Eu poderia comê-la. Como se fosse um delicioso peru. Sim. Muito saboroso.

Mark tornou a olhar para frente, enojado. Havia uma sensação crescente em seu peito, como se algo dentro dele tentasse escapar por ali. Tinha acabado de dar o próximo passo quando um homem estendeu a mão e cutucou seu ombro.

– Como você é forte, meu jovem – disse o estranho. – Aposto que sua mãe tem orgulho de você, hein?

Mark o ignorou e subiu mais um degrau. Desta vez, as pessoas de ambos os lados puseram as mãos em seu braço – não de maneira ameaçadora, apenas para tocá-lo. Mais um degrau. Uma mulher se afastou da parede e o enrodilhou pelo pescoço, apertando-o em um rápido e feroz abraço. Então o soltou e voltou para onde estava antes. Um sorriso maléfico distorcia sua fisionomia.

A repugnância inundava Mark a cada passo. Não poderia suportar nem mais um minuto naquela casa. Jogou a cautela para o espaço e estendeu a mão para trás, agarrando a mão de Didi. Passou a subir os degraus com velocidade crescente. Conseguia ouvir os passos de Alec soando atrás dele; ele continuava na retaguarda.

De início os infectados pareceram não tomar conhecimento, apenas surpresos pela repentina

aceleração dos passos. Mark chegou ao topo da escada, atravessou a sala e passou por rostos assombrados que o olhavam da esquerda e da direita. Logo estava no corredor. A casa estava repleta de gente, pessoas por toda parte, algumas segurando pedaços de madeira, bastões e facas. Mas havia uma evidente passagem aberta, conduzindo à porta da frente. Mark não hesitou. Acelerou os passos até começar a correr, puxando Didi atrás dele.

Estavam a meio caminho da porta da entrada quando a ordem desmoronou. Todos os ocupantes da casa começaram a gritar ao mesmo tempo, o corpo deles se tornando um bloco compacto pressionando Mark e os demais. Mark perdeu o contato com a mão de Didi e a viu desaparecer em meio à multidão, o choro baixo da garota parecendo o som de um anjo entre demônios.

59

Mark se lançou em direção à menina, mas perdeu o equilíbrio, escorregando e indo ao chão. Corpos estavam em cima dele em um instante, arranhando-o e lhe rasgando as roupas. Ele se contorcia e dava cotoveladas, acertando pessoas a esmo, que gritavam. Mãos agarravam sua arma, e eram tantas, que não conseguia se livrar delas. Ele desferia chutes e tentava ganhar impulso para se levantar. Algo duro o atingiu na cabeça e ele desmoronou, o rosto indo de encontro ao piso resistente. Então sentiu algo repuxar dolorosamente no pescoço, percebendo com horror que era a correia de sua arma. Tentava agarrá-la quando a viu deslizar por sobre a própria cabeça. Houve assovios e aplausos.

Haviam-lhe tirado o Pulverizador.

Todo o foco da casa se deslocou para a arma roubada, deixando que Mark se esforçasse sozinho por alguns segundos para ficar em pé. O homem que a havia tomado a erguia para o ar com as duas mãos, dançando com ela e prescrevendo com o próprio corpo um círculo lento. Aqueles que estavam ao redor saltavam, os braços esticados tentando tocar a superfície brilhante. Moviam-se devagar para longe de Mark, e cada vez mais pessoas se acotovelavam para admirar a nova aquisição. A massa se dirigia à outra extremidade do corredor, ao lugar que parecia ser a cozinha.

Mark sabia que jamais conseguiria recuperar o Pulverizador. Observava freneticamente o local em busca de um sinal dos amigos. Didi fora contida por três ou quatro pessoas. Ela se contorcia e gritava enquanto tentavam arrastá-la por outra escada acima. Trina estava no encalço deles, tentando alcançar a menina. Alec lutava contra pelo menos seis oponentes que pareciam inclinados a conquistar o próprio prêmio reluzente. Enquanto Mark os olhava, o amigo detonou o Pulverizador no rosto de um sujeito e disparou a luz branca em outro, pulverizando-os. Mas então alguém se lançou contra o velho e ele foi ao chão, outras pessoas saltando sobre o ex-soldado.

Mark não tinha outra escolha senão sair primeiro em busca de Trina e Didi.

Correu, empurrando pessoas que não pareciam sequer saber o que faziam ali, e subiu no corrimão da escada. Sabia que a única chance de alcançá-las era escalar o corrimão.

Um homem tentou lhe dar um soco, mas errou. Uma mulher lançou o corpo à frente dele, inconsciente da possibilidade de ela própria se machucar. Mark conseguiu ir em frente e abrir caminho. Outros tentaram empurrá-lo; alguns sob ele o golpeavam e lhe agarravam as pernas, tentando puxá-lo para a massa efervescente de corpos. Ele lutou contra todos eles, de algum modo conseguindo pelo menos manter uma das mãos no corrimão de madeira enquanto se esquivava, golpeava e chutava, esquivando-se das tentativas de detê-lo.

Enfim, conseguiu alcançar um homem e uma mulher que seguravam Didi. Mark agarrou o corrimão com as duas mãos e se impulsionou para a frente, aterrissando sobre um dos degraus quase no alto da escada. As pessoas não paravam; continuavam a persegui-lo. Sem ter muita alternativa, Mark envolveu Didi em seus braços, pressionando-a com força contra a multidão, deixando assim que o peso de seu próprio corpo a libertasse dos captores.

Ambos rolaram escada abaixo, colidindo com pessoas de um lado e de outro, até passarem pelo último degrau e caírem no chão. Ele olhou para o alto da escada e viu Trina se movimentando com rapidez em direção a ambos, empurrando as pessoas próximas dela, os olhos concentrados em Didi.

Gemendo devido à dor que torturava seu corpo, conseguiu se levantar e já se recompunha quando

Trina os alcançou. A garotinha chorava. No entanto, o breve momento de alívio já acabara, pois pessoas se aproximavam, provenientes de todas as direções.

Mark deu uma rápida olhada ao redor e percebeu que as perspectivas eram para lá de ruins. A casa era um caos completo.

Alec se encontrava na sala de jantar, ainda lutando contra uma dezena de oponentes, atirando com o Pulverizador quando possível. Várias pessoas em meio à multidão haviam se afastado dele ao verem Mark, passando então a investir contra ele. Uma horda surgiu de outra direção – do corredor que conduzia à cozinha –, e vinham depressa, como se fugissem de algo que as ameaçava. Cada uma delas parecia pronta para matar ou morrer.

Mark levantou os braços para proteger Trina e Didi; recuou e as pressionou contra a parede próxima à escada. A primeira pessoa a atingi-los foi um velho mutilado com arranhões e ferimentos cobrindo todo o couro cabeludo, onde deveria haver fios de cabelo. Ele saltou no ar, indo para cima de Mark, quando então se ouviu um barulho assustador vindo da cozinha. O corpo do homem se transformou em uma massa cinzenta e desapareceu em uma nuvem que sumiu acima de Mark.

Todo o corpo de Mark se retesou. O som não viera de onde Alec estava; alguém tinha descoberto como usar o Pulverizador.

O pensamento mal havia se formado em sua mente, e um raio de luz branca passou por ele e atingiu o peito de uma mulher que fazia parte de um grupo ao lado da porta de entrada.

– Alec! – gritou Mark. – Alguém está atirando com o outro Pulverizador!

O medo que percorreu até o último fio de cabelo de Mark era algo que jamais sentira antes, mesmo após as coisas infernais que havia experimentado desde aquele dia em que tinham enfrentado as trevas no metrô. Um louco corria por ali com uma arma que poderia pulverizar um ser humano em um instante. A qualquer segundo, a vida de Mark poderia desaparecer antes sequer de ele ter percebido o que ocorrera.

Tinha de sair dali.

Mesmo com a mente perturbada como estavam, aquelas pessoas da casa sabiam que algo extraordinário acontecia. O pânico percorreu o grupo e até mesmo quem estava nos fundos da casa se apressou para a porta da frente. Berros e gritos histéricos de socorro irromperam no ar. O corredor era um rio avassalador de braços, pernas e rostos aterrorizados, todos aglomerados, lutando para sair da mansão. Mais tiros soaram do monstro chamado Pulverizador, e mais pessoas desintegraram em alguns segundos.

Mark sentia a própria sanidade ameaçada. Girou o corpo e ergueu Didi nos braços, depois agarrou o ombro de Trina e as desencostou da parede, empurrando-as para longe da multidão e guiando-as à sala de jantar, onde Alec lutava infinitamente, agora com outros oponentes. Ele se encontrava cercado por uma massa de pessoas – gente demais para atingir com o Pulverizador.

Mark empurrou Trina, desta vez na direção de grandes janelas que havia na casa – as poucas que ainda estavam intactas. Pegou uma luminária e a arremessou contra o vidro, transformando-o em um milhão de estilhaços. Agarrando Didi com firmeza no braço direito, foi em frente. Sem se deter, apressou-se e se precipitou janela afora, girando o corpo no último segundo a fim de que as próprias costas servissem de escudo ao caírem no chão. Agarrou com força a menina, tentando ao máximo protegê-la enquanto caía contra o chão duro que um dia fora um canteiro de flores. A violência da queda e a relativa altura, equivalente à dos degraus da varanda, deixou-o sem ar.

Tentando retomar o fôlego, olhou para cima e deu com a cabeça de Alec despontando para fora da janela.

– Você realmente enlouqueceu – disse o homem, mas não demorou muito e o viu ajudar Trina a

saltar da janela, antes que Mark pudesse lhe dar uma resposta.

E ele próprio saltou, assim que viu Trina aterrissar em relativa segurança. Ambos ajudaram Mark a se recompor e Trina logo pegou Didi nos braços. Alguns dos infectados já haviam se dado conta do plano de fuga e os perseguiam; outros berravam na porta da frente. Gritos e uivos tomavam o ar. As pessoas se engalfinhavam sem nenhum motivo lá fora.

– Pra mim, já chega – resmungou Alec.

Marc recuperara o fôlego e os quatro passaram a correr pelo quintal em ruínas, esgueirando-se para a rua que os conduziria ao Berg. Alec tentou tirar Didi de Trina, mas ela recusou, seguindo adiante, o rosto marcado pelo esforço de carregar aquele doce fardo. Quanto à garotinha, o choro a certa altura fora substituído pelo absoluto silêncio. Não havia sequer uma lágrima em seu rosto.

Mark olhou para trás. Um homem estava à porta de entrada da mansão, apontando aleatoriamente o Pulverizador e enviando pessoas para sua morte imaterial. Por fim, ele se deu conta do grupo que corria para a rua e disparou alguns tiros a esmo. Nenhum atingiu o alvo, os feixes de luz branca morrendo no chão, enviando ao ar explosões de poeira. O sujeito desistiu e voltou a aniquilar quem estivesse mais próximo dele.

Mark e seus amigos continuaram correndo. Quando passaram pela casa onde vira as crianças antes, Mark pensou em Trina, em Didi e no futuro. Ele não parou.

60

Enfim, viram o Berg mais uma vez. Erguia-se à distância, mais bonito do que Mark imaginara que uma velharia daquelas pudesse parecer. Embora todos respirassem como se a próxima inspiração fosse a última gota de fôlego, não se detiveram. Logo aquela nave desgastada subiria e ganharia os céus.

Mark não imaginava como Trina havia chegado até ali com Didi nos braços o tempo todo. Mas ela se recusava a deixar qualquer um deles ajudá-la.

– Tudo bem? – ele lhe perguntou, a respiração ainda entrecortada.

Ela desmoronou no chão, olhando para a garotinha próxima a ela com a maior delicadeza possível. Em seguida, levantou os olhos e o encarou, ainda sem nenhum sinal de reconhecimento no olhar. – Estou bem. Obrigada por ter nos resgatado.

Mark ajoelhou-se ao lado dela, a dor penetrando seu coração profundamente agora que a loucura da fuga havia terminado.

– Trina, você realmente não se lembra de mim?

– Você me parece familiar. Mas há muita coisa dentro da minha cabeça. No momento, só quero salvar a menina. Ela é imune ao vírus, disso eu tenho certeza. Precisamos entregá-la a pessoas que cuidem bem dela. Antes que fiquemos totalmente enlouquecidos para conseguir fazer isso.

Mark sentiu um nó no estômago e se inclinou para trás, distanciando-se de Trina; do calafrio que ela lhe provocara com suas últimas palavras.

Algo estava errado com ela. E será que não poderia dizer o mesmo em relação a si próprio? Quanto tempo teria até que não se importasse com mais nada? Um dia? Talvez dois?

A enorme rampa do Berg passou a se mover com um rangido, dando a Mark uma desculpa para não responder. Só observou enquanto ela se abria.

Alec falou alto, acima do som das engrenagens:

– Vamos embarcar e nos alimentar. Depois descobriremos o que fazer. Há uma grande chance de nos tornarmos tão loucos quanto aqueles malucos dos quais acabamos de fugir.

– Não a menina – respondeu Mark, tão baixinho que ponderou se o amigo o havia escutado.

– O que quer dizer? – replicou o homem.

– A cicatriz no braço dela. Ela foi atingida por um dardo meses atrás. Pense nisso. Trina tem razão. Por alguma razão, ela é imune ao vírus. Isso deve significar alguma coisa.

Trina pareceu despertar ao ouvir essa afirmação, balançando vigorosamente a cabeça. Vigorosamente *demais*. O coração de Mark se apertou. Aquela não era ela.

Alec soltou um daqueles resmungos habituais.

– Bem, a menos que queira trocar de corpo com ela, imagino que essa informação não vá melhorar em nada as coisas, não é?

– Mas talvez possa ajudar outras pessoas. Caso não exista mesmo nenhum outro tratamento.

Alec lhe lançou um olhar hesitante.

– Vamos embarcar antes que alguns desses pirados resolvam vir atrás de nós.

E nos dissolvam no ar com o meu Pulverizador, pensou Mark amargamente. Sentia-se agradecido por Alec não ter mencionado esse detalhe.

Alec se aproximou da rampa, agora quase totalmente abaixada, deixando a Mark a

responsabilidade de conduzir as garotas. Mark estendeu a mão para Trina.

– Vamos. Aqui estamos seguros. Temos comida e um lugar onde descansar. Não se preocupe. Pode confiar em mim. – O simples fato de ter de dizer uma coisa dessas a Trina já o fazia sofrer.

Didi se levantou, o rosto parecendo ser lavrado em pedra, tal a seriedade, e pegou a mão de Mark antes de Trina poder alcançá-la. A menina o encarou e, embora sua expressão não houvesse se modificado, algo em seus olhos de alguma maneira o fez pensar que ela tinha um sorriso oculto em algum lugar. Trina se aproximou dela.

– Só espero que o bicho-papão não esteja dentro dessa coisa – ela falou, na voz um traço de assombro. Em seguida, passou a subir a rampa.

Mark suspirou e a seguiu, puxando Didi pelas mãos.

As próximas horas passaram devagar, até que o sol se pôs no horizonte e a escuridão invadiu o ambiente ao redor do Berg. Alec conduziu a nave aos arredores, onde haviam estacionado antes – o local ainda parecia deserto. Então comeram e prepararam beliches para Trina e Didi dormirem. Trina resmungou muito, e Mark chegou a perceber um fio de baba escorrendo-lhe pelo queixo a certo momento. Enquanto o limpava, mais uma vez a tristeza tomou conta de seu coração.

Quanto a ele, dormir parecia algo totalmente impossível.

Planejava conversar com Alec, descobrir exatamente qual seria o próximo passo deles, mas, toda vez que se aproximava, encontrava o velho soldado ressonando na cadeira do piloto, a cabeça pendendo para o lado. Mark se sentiu tentado a enfiar uma porção de comida em sua boca, e riu só de pensar em como ele reagiria.

Um risinho histérico e incontrolável.

Estou começando a escorregar para o lado de lá, pensou. E seu humor afundou em um poço escuro. Precisava com urgência fazer algo para distrair a mente.

De repente, lembrou-se dos *workpads* que havia visto no Berg; aqueles que havia devolvido à prateleira e amarrado com as tiras de elástico. Seu humor melhorou um pouquinho diante da esperança de que algo dentro daqueles dispositivos lançasse alguma luz sobre o que deveria fazer. Talvez, só talvez, houvesse alguma maneira de se livrar do vírus. Talvez existisse uma chance.

Bateu uma vez em cada joelho – e uma vez na cabeça –, apressando-se em meio à iluminação fraca do Berg até a prateleira. A meio caminho dali, lembrou-se de que precisaria de uma lanterna e voltou para pegá-la na mochila. Após alguns instantes, estava diante da prateleira. Retirou dali os *workpads* e se sentou para vasculhar o que havia neles.

Eram três. O primeiro não deu sinal de vida. Uma senha o impedia de abrir o segundo, mas não importava: ele apagou e voltou a acender, indicando que não demoraria a apagar por completo. A excitação de Mark quase desmoronou. Mas o terceiro ligou, a tela tão brilhante que Mark desligou a lanterna. O proprietário – um sujeito chamado Randall Spilker, pelo que podia perceber –, evidentemente, não havia sentido necessidade de uma senha, e o dispositivo se conectara de imediato.

Passou a meia hora seguinte examinando informações inúteis. O senhor Spilker adorava jogos e sites de bate-papo. Mark estava quase desistindo, achando que Randall havia trazido o dispositivo à nave apenas como distração, quando enfim descobriu alguns arquivos suspeitos.

Um após outro, nada revelaram de importante. Mas então Mark tirou a sorte grande ao procurar informações onde a maioria jamais teria paciência de chegar. Encontrou uma pasta de arquivos parecida com as demais, praticamente perdida em meio a uma lista de centenas outras pastas vazias.

Seu título era *ORDEM DE EXTERMÍNIO*.

61

Havia tantos documentos que Mark não sabia por onde começar. Cada arquivo possuía um número, designado a ele, aparentemente, de modo aleatório. Mark sabia que não teria tempo suficiente para ler todos, então escolheu alguns e passou a abri-los para ver o que encontrava.

Havia correspondências, memorandos e anúncios oficiais. A maioria era de conversas pessoais – transcritas para o arquivo – entre o senhor Spilker e seus amigos, em particular uma chamada Ladena Lichliter. Ambos trabalhavam para a Coalizão Pós-Chamas, entidade da qual as pessoas nos assentamentos já haviam ouvido falar, mas a respeito da qual não sabiam praticamente nada. Pelo que Mark conseguira compreender, o grupo havia reunido o máximo de agências governamentais mundo afora. A sede era no Alasca – um local que, segundo rumores, havia sido apenas ligeiramente afetado pelas chamas solares –, e eles tentavam dar um rumo ao mundo novamente.

Tudo parecia muito nobre – e frustrante para os envolvidos – até que Mark deparou com uma troca de correspondência entre o senhor Spilker e Ladena Lichliter – mais uma confidente que companheira de trabalho, ao que parecia – que fez um arrepio gélido percorrer seus braços. Ele havia passado os olhos rapidamente por vários textos, mas este teve de ler duas vezes:

Para: Randall Spilker
De: Ladena Lichliter
Assunto:

Ainda me sinto mal pela reunião de hoje. Não consigo acreditar nisso. Não consigo aceitar que a CCP realmente tenha nos olhado no olho e apresentado aquela proposta. Estou falando sério. Fiquei de cabelo em pé.

E mais da metade das pessoas presentes CONCORDOU COM ELES. Deu apoio a eles! Que diabos está acontecendo? Randall, diga-me que PORCARIA está acontecendo por aqui! Como podemos sequer PENSAR em fazer algo desse tipo? Como?

Passei a tarde tentando compreender o sentido disso tudo. Não posso aceitar. Não posso.

Como chegamos a esse ponto?

Venha me ver esta noite. Por favor.

LL

Que diabos...?, pensou Mark. CCP... Aquele homem chamado Bruce mencionara esse nome. Tinha algo a ver com as pessoas que haviam espalhado o vírus. Ou tinha sido CPC – a Coalizão Pós-Chamas? Talvez a primeira fosse uma divisão da segunda. Com sede em algum lugar do Alasca. Continuou a vasculhar.

Alguns minutos mais tarde, encontrou uma série de correspondências reunidas em um arquivo que quase fez seu coração parar de bater. Os arrepios gélidos agora se transformavam em suor frio.

Memorando da Coalizão Pós-Chamas, data 217.11.28, hora 21h46
PARA: Todos os membros do Conselho
DE: Chanceler John Michael
REF.: PREOCUPAÇÕES DA POPULAÇÃO

O relatório que nos foi apresentado hoje, cujas cópias foram enviadas a todos os membros da Coalizão, certamente não deixou margem a dúvidas quanto aos problemas que este mundo já debilitado vem enfrentando. Estou certo de que todos vocês, assim como eu, saíram da reunião em um silêncio estupefato. Minha esperança é de que a dura realidade descrita no relatório tenha deixado agora suficientemente claro que podemos começar a conversar sobre uma solução.

O problema é simples: o mundo tem pessoas demais e não possui recursos suficientes.

Marcamos o próximo encontro para daqui a uma semana. Espero que todos os membros venham preparados para apresentar uma solução, não importa o quanto possa parecer extraordinária. Pensem fora da Caixa, ou seja, não deixem que as convenções limitem a criatividade de vocês. Acredito ser o momento de agirmos exatamente assim.

Anseio por novas ideias.

Para: John Michael
De: Katie McVoy
Assunto: Solução

John,

Examinei a questão que discutimos durante o jantar a noite passada. O órgão responsável quase não sobreviveu às chamas, mas estão confiantes de que o sistema de contenção secreto para vírus, bactérias e armas biológicas mais perigosos não falhou.

Foi preciso alguma insistência, mas consegui as informações de que precisamos. Eu as examinei em detalhes e lhe apresento agora uma recomendação. As possíveis soluções são muito instáveis para serem utilizadas. Exceto uma.

Trata-se de um vírus. Ele ataca o cérebro e bloqueia seu funcionamento. Age de maneira rápida e decisiva. O vírus foi projetado para enfraquecer lentamente à medida que for disseminado de hospedeiro para hospedeiro. Será perfeito para as nossas necessidades, em particular se considerarmos como as viagens se tornaram severamente limitadas. Pode funcionar, John. E, por mais terrível que pareça, acredito que pode funcionar com eficiência.

Vou lhe enviar os detalhes. Diga-me o que acha.

Katie

Para: Katie McVoy
De: John Michael
Assunto: RE: Solução

Katie,

Preciso de sua ajuda para preparar a proposta de apresentação sobre a liberação do vírus. Precisamos nos concentrar em convencê-los de que o extermínio controlado é a única maneira que temos de salvar vidas. Embora isso só possibilite a sobrevivência de uma parte da população, a menos que tomemos esse tipo de medida extrema, vamos nos defrontar com a total extinção da raça humana.

Você e eu sabemos como essa solução é hipotética. Mas realizamos mil simulações e não consigo enxergar outra alternativa. Se não tomarmos essa ação, o mundo ficará desprovido de recursos. Acredito firmemente que esta é a decisão mais ética – o risco de extinção plena da raça humana justifica a eliminação de alguns. Estou convencido disso. Agora só resta convencer os demais membros do Conselho.

Vamos nos encontrar em meus aposentos, 1700. Tudo tem de ser perfeitamente formulado; portanto, prepare-se para uma longa noite.

Até lá,
John

Memorando da Coalizão Pós-Chamas,
Data 219.2.12, hora 19h32
PARA: Todos os membros do Conselho
DE: Chanceler John Michael
REF.: MINUTA DA ORDEM EXECUTIVA

Por favor, enviem-me a opinião de vocês sobre a minuta que segue. A ordem final será expedida amanhã.

> Ordem Executiva n. 13 da Coalizão Pós-Chamas, por recomendação do Comitê de Controle da População (CCP), a ser considerada SUPERSECRETA, da mais alta prioridade, sob pena de punição capital.
>
> Por meio desta, nós, da Coalizão, concedemos ao CCP permissão expressa para implementar por completo sua Iniciativa n. 1, como vem apresentada em sua totalidade e anexada a seguir. Nós, a Coalizão, assumimos plena responsabilidade por esta ação e vamos monitorar seu progresso bem como oferecer assistência em toda a extensão de nossos recursos. O vírus será disseminado nos locais recomendados pelo CCP, com a anuência da Coalizão. As Forças Armadas estarão de prontidão para assegurar que o processo ocorra da maneira mais organizada possível.
>
> A OE n. 13, Iniciativa n. 1, está, por meio desta, ratificada. Deverá ter início imediatamente.

Mark teve de fechar por um minuto o dispositivo. Um zumbido passou pelos ouvidos e a face ardeu com o calor. A cabeça latejava.

Tudo o que Mark havia testemunhado na última semana tinha sido sancionado pelo governo

interino que representava o mundo todo afetado pelas chamas solares. Não era obra de terroristas ou uma iniciativa de pessoas loucas. A ação havia sido aprovada e executada com a intenção de controlar a população; de exterminar áreas inteiras, deixando mais recursos para os que sobrevivessem.

Todo o corpo de Mark estremeceu de raiva, intensificada pela loucura que germinava dentro dele. Sentou-se na mais completa escuridão, olhando fixamente para um vazio negro, manchas flutuando diante de seus olhos. Manchas que se transformavam em formas. Linhas de fogo que o fizeram recordar as chamas solares. Rostos de pessoas clamando por ajuda. Dardos infectados com vírus riscando o ar, atingindo pescoços, braços e ombros. Começou a se preocupar com aquelas imagens flutuantes à frente e pensou se aquela revelação talvez não houvesse sido o golpe de misericórdia a lançá-lo enfim no abismo da insanidade.

Não parava de tremer, e o suor cobria sua pele. Começou a chorar; depois gritou o mais alto que pôde. Uma avalanche de raiva contida como jamais havia experimentado antes se abatia sobre ele. Ouviu um ruído alto. Tinha vindo de seu colo.

Olhou para baixo, mas não conseguiu ver nada. Tentou procurar o *workpad* para abri-lo de novo, mas não estava mais ali. Tateou ao redor até encontrar uma lanterna, então a ligou. A tela do *workpad* havia sido destruída, todo o painel do dispositivo retorcido em um ângulo estranho. Na raiva, quebrara aquela coisa estúpida. Jamais imaginara ter tanta força.

De algum modo, conseguiu formular um pensamento coerente em meio ao latejar torturante no crânio. Sabia o que deveriam fazer, e aquela era a última chance para eles. Se as pessoas na casamata estavam a caminho da Cidade das Cinzas para enfrentar quem quer que lhes tivesse dado ordens, Mark e os amigos também iriam para lá. Em sua opinião, invadir a cidade murada era a única maneira de encontrar as pessoas que haviam dado a ordem de extermínio. Sua única esperança era que tivessem uma maneira de deter aquele vírus. Desejava fazer algo de bom, qualquer coisa.

Cidade das Cinzas. Era para lá que iriam. Tal como o brutamontes do Bruce havia sugerido em seu discurso no auditório. Com a diferença de que Mark queria se antecipar a eles.

Levantou-se, sentindo-se um pouco confuso devido às imagens que haviam flutuado diante de seus olhos. A raiva pulsava dentro dele como se, em vez de sangue, fosse ela que corresse em suas veias. Contudo, ao se levantar, percebeu que se acalmava um pouco. Acendeu mais uma vez a lanterna sobre o *workpad* destruído, depois atirou o dispositivo longe. Ele aterrissou com um ruído. Mark esperava que algum dia tivesse chance de dizer a essa CCP o que achava da brilhante decisão dela.

A dor lhe perfurava o cérebro, e uma repentina onda de exaustão o envolveu, pesada e invasiva como um cobertor de duas toneladas sobre os ombros. Caiu de joelhos, depois tombou de lado, a cabeça apoiada no chão frio. Tinha muito a fazer pela frente. Não havia tempo para dormir. Mas estava tão, tão cansado...

Pelo menos uma vez, sonhou com algo agradável.

62

O estrondo de um trovão faz Trina pular nos braços de Mark.

Chove fora da caverna, algo que não veem acontecer há pelo menos três meses, desde o desastre das chamas solares. Mark estremece, o arrepio na pele proporcionando um alívio refrescante do calor infernal que se tornara parte da existência deles. Haviam tido sorte de encontrar aquele abrigo na encosta da montanha, e Mark percebe que não se importa de maneira nenhuma se passarem o resto da vida naquele lugar escuro e frio. Alec e os outros estão mais ao fundo da caverna, dormindo.

Ele inclina a cabeça contra a de Trina. Respira o aroma que vem dela; é salgado e doce ao mesmo tempo. É a primeira vez desde que deixaram o barco que Mark se sente calmo. Quase contente.

– Adoro o som dela – sussurra Trina, como se falar alto demais pudesse interromper o padrão contínuo da chuva lá fora. – Me dá vontade de dormir. De me aninhar sob seus braços e desmaiar por uns três dias.

– *Sob* os meus braços? – repete Mark. – Foi bom a gente ter se ensopado com a tempestade desta manhã. Minha axila está com aroma de rosas. Vá em frente e se aconchegue.

Ela se mexe, muda de posição e em seguida se aconchega de novo.

– Realmente não consigo acreditar que ainda estejamos vivos, Mark. Não consigo acreditar. Mas quem sabe? Podemos estar mortos daqui a seis meses. Ou amanhã, talvez.

– Esse é o espírito da coisa – Mark responde, impassível. – Mas não desanime. As coisas não podem piorar diante do que já vimos. Ficaremos aqui durante algum tempo, depois vamos procurar os assentamentos nas montanhas do Sul.

– Boatos – ela sussurra.

– Hein?

– Existem apenas boatos de que há assentamentos.

Mark suspira.

– Eles existem. Você vai ver.

Ele inclina a cabeça contra a parede e pensa no que ela falou. Que não acredita que estejam vivos. Nunca palavras tão verdadeiras haviam sido proferidas.

Tinham sobrevivido às semanas de radiação solar escondendo-se dentro do Edifício Lincoln. Sobrevivido ao calor e à seca implacáveis. À caminhada por inúmeros quilômetros de terra devastada e ruas assoladas por criminosos. À resignação de que a família deles havia morrido. Tinham viajado à noite, escondendo-se de dia, comendo quando encontravam alimento, às vezes passando dias sem comer. Mark tem consciência de que, não fossem as habilidades militares de Alec e Lana, jamais teria sido possível chegar ali. Jamais.

Mas haviam conseguido. Estavam vivos e ativos. Ele sorri, quase em desafio a qualquer força do universo que tenha lançado tais obstáculos em seu caminho. Começa a pensar que, talvez, dali a alguns anos, tudo pode ficar bem de novo.

Relâmpagos iluminam algum lugar à distância, o trovão surgindo alguns segundos depois. Parece mais alto, mais próximo que antes. E a chuva se acumula, cobrindo a superfície à entrada da caverna. Pela milionésima vez, ele pensa em como são afortunados por terem deparado com aquele refúgio oculto nas montanhas.

Trina se mexe de novo e o encara.

– Alec havia dito que, quando as tempestades começassem, elas poderiam ser realmente fortes. Que o clima no mundo ficaria desordenado durante muito tempo.

– É. Mas tudo bem. Encaro a chuva, o vento e os relâmpagos em qualquer dia, comparado ao que aconteceu. Tudo que precisamos fazer é ficar aqui nesta caverna. O que acha disso?

– Não podemos ficar aqui para sempre.

– Muito bem. Então, só uma semana, um mês... Mas pare de *pensar*. Shhh.

Ela estica o pescoço para cima e o beija no rosto.

– O que eu faria sem você? Morreria de estresse e depressão antes que a natureza me matasse.

– Provavelmente é verdade... – Ele sorri e espera que ela desfrute de paz durante algum tempo.

Depois de voltar a ficar em uma posição confortável, ela o abraça um pouco mais apertado.

– Falo sério. Estou muito contente por ter você. Pra mim, você significa o mundo.

– Digo o mesmo em relação a você – replica ele. E depois se cala, sem ousar dizer mais nada. Não quer correr o risco de dizer algo inadequado e estragar o clima. Fecha os olhos.

Um relâmpago corta o céu, seguido com rapidez pelo ruído do trovão. Uma tempestade definitivamente se aproxima.

Mark acordou e, por alguns segundos, lembrou-se da sensação de olhar para Trina quando as coisas começaram a melhorar e ele pudera ver a esperança – o mais leve vestígio dela – surgir em seus olhos. Quer ela a admitisse ou não. Pela primeira vez em meses, desejava mergulhar em seus sonhos. As lembranças eram quase dolorosas. Mas então a realidade o invadia, aliada à escuridão do ambiente. As tempestades haviam sido ruins, pensou. Realmente ruins. Mas tinham sobrevivido a elas também, enfim encontrando o caminho para os assentamentos.

Onde poderiam ter vivido em paz, não fosse um comitê chamado CCP.

Suspirou e esfregou os olhos, soltou um longo bocejo e depois se levantou. E lembrou-se de todas as decisões que havia tomado antes de sucumbir ao sono.

A Cidade das Cinzas.

Inclinou-se, pegou a lanterna e a acendeu. Depois se encaminhou para a porta e ficou espantado ao ver Alec ali de pé, preenchendo a moldura da porta como se houvesse crescido vários centímetros. Com a luz fraca da nave atrás dele, seu rosto ficara oculto na penumbra, o reflexo luminoso dando-lhe um aspecto sinistro. Era algo inquietante, como se estivesse ali por quem sabe quanto tempo sem se anunciar. E continuava sem dizer nada.

– Alec? – falou Mark. – Você está bem, grandão?

O homem cambaleou para frente, quase caindo. Mas endireitou o corpo e voltou a ficar ereto de novo. Mark não desejava apontar o facho de luz para o seu rosto, mas não teve escolha. Ergueu a lanterna e o iluminou. Alec transpirava, as faces coradas, e os olhos arregalados oscilando de um lado para o outro, como se aguardasse um monstro saltar das sombras a qualquer momento.

– Ei, o que há de errado? – perguntou Mark.

Alec deu outro passo cambaleante para frente.

– Estou doente, Mark. Estou realmente doente. Preciso morrer. Preciso morrer, mas não quero morrer em vão.

63

Mark não conseguia se lembrar de já ter experimentado tal ausência de palavras.

Alec curvou o corpo para frente, caindo sobre um dos joelhos.

– Estou mal, garoto. Tenho me sentido esquisito; a mente tem me pregado peças. Estou vendo coisas, sentindo coisas. Agora estou um pouco melhor, neste exato momento, mas não quero ficar como aquelas pessoas. Preciso morrer, e não quero esperar até amanhã.

– O quê... Por quê... – Mark procurava as palavras certas para dizer. Era inevitável que isso acontecesse, mas ainda assim ficou chocado até o âmago. – O que quer que eu faça?

O homem o encarou.

– Pensei em...

Então teve um espasmo, de repente se contorcendo de modo grotesco, a cabeça pendendo para trás e o rosto retorcido pela dor. Um grito estrangulado escapou-lhe da garganta.

– Alec! – gritou Mark, correndo até ele. Teve de desviar quando o ex-soldado de súbito lhe lançou um punho fechado. Alec caiu ao chão. – O que há de errado?

O corpo do velho pareceu relaxar, e ele se apoiou em mãos e joelhos, como se fosse engatinhar. Esforçava-se muito para recuperar o fôlego.

– Eu... não... não sei. Coisas estranhas estão martelando no meu cérebro.

Mark passou as mãos pelo cabelo, olhando ao redor, angustiado, como se alguma resposta mágica para todos os seus problemas pudessem emergir da penumbra do Berg. Quando voltou a olhar para Alec, o homem havia se levantado e erguia as mãos como se se rendesse.

– Escute-me – disse Alec. – Tenho tido algumas ideias. As coisas estão sombrias, sem dúvida. Mas... – Ele apontou para na direção dos beliches onde Trina e Didi dormiam. – Temos uma garotinha preciosa ali que pode ser salva. Pelo menos ela. Precisamos levá-la para a Cidade das Cinzas, tirá-la daqui. Depois...

Ele deu de ombros, um gesto melancólico que dizia tudo. Estava acabado para o restante deles.

– Um tratamento, uma cura – replicou Mark, ouvindo o tom de desafio na própria voz. – Aquele sujeito, Bruce, achou que poderia existir uma cura, um antídoto. Precisamos ir até lá para isso também e...

– Ora, isso é uma besteira – respondeu Alec, interrompendo a frase dele. – Escute-me antes que eu não consiga mais falar com coerência. Sou o único que pode pilotar esta coisa. Quero que você vá para a cabine e me observe, registre o máximo que sua mente puder captar. Só por precaução. Você está certo. Levaremos aquela garota para a Cidade das Cinzas, ainda que seja a última coisa que eu faça.

Uma sensação opressiva e sombria envolveu Mark. Logo ele próprio estaria louco ou morto. No entanto, os planos de Alec eram muito parecidos com o seu, e aquela era a única atitude que achava correta tomar.

– Vamos, então – concordou Mark, resistindo às lágrimas que teimavam em aparecer. – Não podemos desperdiçar nem mais um segundo.

O corpo de Alec se contorceu e os braços se agitaram num espasmo incontrolável, mas ele cerrou os punhos e forçou os braços a se manterem ao longo do corpo, o rosto tão tenso que parecia lutar contra um inimigo apenas com o poder da vontade. Uma clareza súbita invadiu o olhar do ex-

soldado, e ele fitou Mark por um longo momento. Foi como se todo o último ano – lembranças, horrores e até mesmo risos – houvesse passado com rapidez na cabeça de ambos, e Mark ponderou se algum deles teria outro momento de lucidez como aquele. A loucura os espreitava.

O soldado fez um aceno rápido e os dois se encaminharam para a porta.

*

Chegaram à cabine sem ver nenhum sinal de Trina ou Didi. Mark esperava que estivessem acordadas – talvez por algum milagre Trina houvesse melhorado e ele a encontraria rindo, lembrando-se das coisas. Um pensamento tolo, com certeza.

Quando Alec passou a trabalhar nos controles, Mark olhou para fora. Um vislumbre de luminosidade havia reluzido no céu a leste, a escuridão se desvanecendo em uma luz púrpura sobre as casas e as árvores a distância. A maior parte das estrelas havia desaparecido; dentro de uma hora o sol faria sua majestosa aparição. Teve uma sensação opressiva de que o dia terminaria com mudanças irreversíveis.

– Acho que por um tempinho ainda ficarei bem – disse Alec, tornando a se levantar para examinar os instrumentos e as telas do painel de controle. – Por que não vai checar como estão as garotas? Estaremos lá em cima em um instante. Faremos um voo de reconhecimento para ver o que encontramos.

Mark concordou com um gesto de cabeça, dando um tapinha nas costas do amigo – um gesto ridículo, obviamente, porém o único no qual conseguira pensar. Estava preocupado com Alec. Acendeu a lanterna e saiu da cabine, adentrando o breve corredor que conduzia ao dormitório onde havia deixado Trina e Didi descansando pacificamente em um beliche.

Estava quase à porta do dormitório quando ouviu um estranho ruído agudo acima dele, como se ratos arranhassem o teto da aeronave. Depois ouviu o som de um homem rindo poucos metros acima de sua cabeça. Um estremecimento de horror lhe percorreu o corpo. Voltou pelo corredor e girou o corpo, as costas contra a parede. Iluminou o teto, onde havia painéis, mas não viu nada fora do comum.

Prendeu a respiração e escutou.

Algo estava lá em cima, movendo-se de um lado para o outro, quase de modo cadenciado.

– Ei! – gritou Mark. – Quem... – A pergunta se dissolveu no ar ao perceber que ainda não havia verificado como estava Trina. Se alguém, ou *algo*, houvesse conseguido entrar no Berg...

Apressou-se de novo pelo corredor, até a porta do dormitório, abrindo-a por completo e tentando iluminar com um movimento brusco o beliche em que ambas dormiam. Por um segundo, seu coração parou: o beliche estava vazio. Nele havia apenas lençóis amarfanhados e um cobertor. Então, pelo canto do olho, avistou Trina encolhida no chão. Didi se encontrava ao lado dela. As duas estavam de mãos dadas e exibiam uma expressão do mais puro terror.

– O que foi? – perguntou Mark. – O que aconteceu?

Didi apontou um dedo trêmulo para o teto.

– O bicho-papão está lá em cima. – Fez uma pausa, estremecendo visivelmente, imagem que dilacerou o coração de Mark. – E trouxe os amigos dele.

64

Mal ela havia dito a última palavra, o Berg criou vida e se ergueu do chão. A superfície da aeronave se inclinou, e Mark cambaleou e colidiu contra o beliche, recompondo-se depois.

– Fiquem aqui – pediu ele. – Já volto.

Não hesitaria daquela vez.

Saiu correndo do dormitório e avançou pelo corredor, iluminando-o com a lanterna enquanto se dirigia à cabine. Pensou ter ouvido outra risada proveniente do mesmo local no teto da nave, e pensamentos terríveis povoaram sua mente: homens e mulheres sedentos de sangue, infectados e insanos, entrando pelos painéis no teto do Berg e atacando as garotas que havia deixado para trás assim que ele desaparecesse pelo corredor. Mas não tinha escolha, e era preciso agir rápido. Além disso, se *houvesse* pessoas lá em cima, era provável que aguardassem um tempo antes de fazer alguma outra coisa. Com certeza, teria tempo suficiente.

Entrou como um raio na cabine, onde Alec operava os controles. Ele estava suado, o rosto vermelho, concentrando-se muito no que fazia.

– Onde está o Pulverizador? – gritou Mark.

Alec girou o corpo para encará-lo, o medo cruzando seu rosto. Mas Mark não perdeu tempo com explicações – a arma do homem estava apoiada contra a parede, próxima a ele. Mark a agarrou correndo e passou a correia pelo ombro, certificando-se de que estava preparada, e apressou-se para o dormitório de novo, em busca de Trina e Didi.

– Acenda algumas luzes lá fora! – gritou para Alec ao deixar a cabine. Havia deixado a lanterna cair em algum momento, e o mundo dentro do Berg se tornara negro como piche. Economizar energia e combustível não era mais prioridade. Havia avançado apenas pouco mais de um metro pelo corredor antes de as luzes fracas se acenderem e iluminarem o caminho, embora ainda houvesse certa penumbra no local.

O suor lhe escorria da testa para os olhos ao correr pelo corredor. O calor dentro do Berg parecia ter aumentado vertiginosamente para mil graus. O ar abafado aliado aos nervos abalados – o traço de loucura que penetrava sua psique – colocava-o à beira de perder a razão. Tudo que precisava se conter, só um pouquinho mais. Com todo o esforço que conseguiu reunir, concentrou-se apenas nos próximos segundos de vida.

Cruzou o local exatamente sob o qual ouvira sons de risada. Ao fazê-lo, ouviu também um guincho. Era baixo e gutural, um dos sons mais sinistros que já ouvira. Mas os painéis no teto pareciam intactos. Transpôs a porta do dormitório e viu com alívio que Trina e Didi ainda se encontravam abraçadas no chão.

Movia-se na direção delas quando três partes do teto despencaram, fragmentando-se em um amontoado de gesso e metal. Vários corpos caíram em meio aos destroços, bem em cima das garotas. Didi soltou um grito.

Mark ergueu a arma e se adiantou, sem se atrever a atirar, mas pronto para o confronto.

Três pessoas tentavam se levantar, empurrando Didi e Trina como fossem apenas objetos no caminho. Um homem e duas mulheres. Riam de modo histérico, saltando em um pé e depois no outro e agitando os braços como se fossem macacos selvagens. Mark se aproximou do homem e bateu a coronha do Pulverizador contra a lateral de sua cabeça. O homem gritou e foi ao chão. Mark

aproveitou o momento para girar o corpo e desferir um chute em uma das mulheres, afastando-a de Trina e Didi. Ela se encolheu e subiu no beliche mais próximo; ele lhe apontou o Pulverizador e apertou o gatilho. Um dardo de luz branca a atingiu, transformando-a em uma poeira cinzenta que se dissipou no ar.

Mal ela havia desaparecido quando a outra mulher o atacou pela lateral – ambos caíram ao chão e, pelo que pareceu a centésima vez na última semana, o ar sumiu de seus pulmões. Mark tentou se desvencilhar, afastando-a de si, enquanto a mulher lutava para tirar o Pulverizador de suas mãos.

Viu Trina e Didi se levantarem, as costas grudadas à parede, observando a cena, indefesas. A antiga Trina, Mark sabia, teria se juntado a ele e de algum modo ajudado. Teria atacado a mulher e provavelmente a espancaria até deixá-la desmaiada. Mas esta nova Trina, esta Trina doente, apenas ficou ali, imóvel, como uma garotinha apavorada, agarrando Didi entre os braços.

Mark grunhiu e continuou a lutar com a mulher. Ao ouvir um resmungo, voltou-se e observou o homem que havia derrubado engatinhando em sua direção. Os olhos do sujeito estavam cravados em Mark, repletos de ódio e loucura. Ele arreganhou os dentes e soltou um uivo.

O homem o enfrentou assim, apoiado em mãos e joelhos, como se houvesse se transformado em uma espécie de animal raivoso. Impulsionou o corpo e saltou para cima de Mark e da mulher, esta ainda como um leão atacando a presa. Atingiu-a, e os dois de repente se engalfinharam em um abraço violento. Saíram de cima de Mark, rolando pelo chão como se disputassem algum tipo de jogo. Mark ainda ofegava, tentando recuperar o fôlego, mas conseguiu se virar de lado e, após alguns instantes, apoiou-se em joelhos e cotovelos, tentando se levantar. Escorado em uma das beliches, por fim conseguiu ficar em pé.

Calmamente, apontou o Pulverizador para o homem, depois para a mulher, disparando dois tiros certeiros. O ruído atravessou o ar como um trovão, e as pessoas logo deixaram de existir.

Mark ouvia a própria respiração pesada, entrecortada. Lançou um olhar cansado para Trina e Didi, ambas ainda encostadas à parede. Tudo acontecera perto o bastante das duas para ficarem completamente aterrorizadas.

– Sinto muito que tivessem de ver isso – murmurou Mark, incapaz de encontrar outra coisa para dizer. – Vamos; precisamos ir à cabine. Levaremos... – Quase dissera *Levaremos Didi*..., mas se contivera a tempo. Não sabia como Trina reagiria. – Vamos para um lugar seguro agora – concluiu ele.

Um acesso de riso pareceu vir de toda parte, o mesmo guincho horrível de antes. A risada foi seguida de um ataque de tosse que logo voltou a se transformar no acesso de riso assustador. Para Mark, nenhuma outra cena se assemelhava mais à de um hospício, e arrepios percorreram seu corpo, apesar do calor. Trina olhava fixo para o chão, um olhar tão vazio que Mark sentiu mais um golpe no coração. Aproximou-se mais das garotas e estendeu a mão. A risada oculta prosseguia.

– Vai dar tudo certo – disse ele. – Tudo o que vocês têm de fazer é pegar minha mão e caminhar comigo. Não demora muito e todos estaremos... em segurança. – Não pretendia ter vacilado na última palavra.

Didi ergueu o braço com a cicatriz causada pelo dardo e apertou o dedo médio de Mark. O gesto pareceu desencadear uma reação em Trina, e ela se afastou da parede e se recompôs. Os olhos ainda não desviavam daquele ponto fixo no chão, mas ela mantinha as duas mãos nos ombros de Didi e parecia prestes a segui-los.

– Bom – sussurrou Mark. – Vamos ignorar esse sujeito aí em cima e caminhar com calma até a cabine. Vamos lá.

Virou-se e passou a se mover antes que algo mudasse no semblante de Trina. Agarrando a mão de

Didi, ele caminhou com rapidez em direção à porta do dormitório. Um olhar para trás lhe mostrou Trina ainda agarrada à garota, como se estivessem coladas. Ouviu o som de passos acima deles, o que quase o fez se deter, mas Mark conseguiu controlar o nervosismo e continuou andando.

Transpuseram a porta e avançaram pelo corredor – não havia caminho alternativo. Estava ainda mais escuro na nave, as luzes de emergência sendo apenas uma pálida linha brilhante ao longo dos cantos superiores nas paredes.

Depois de um rápido olhar para a esquerda e a direita, Mark se encaminhou para a cabine. Mal havia dado o primeiro passo quando ouviu uma explosão de sons e movimentos.

Em seguida, um sujeito bem em cima dele. Um acesso de riso. Rosto e braços de um homem surgiram, movimentando-se diante dele. Um grito escapou dos lábios de Mark antes que pudesse evitar, o choque o paralisando.

Em seu estupor, não conseguiu reagir a tempo; o homem estendeu a mão e arrancou o Pulverizador de suas mãos, rompendo a correia com um movimento brusco. Mark tentou agarrá-la, mas a ação daquele estranho foi tão rápida quanto o bote de uma cobra.

Em seguida, o homem desapareceu espaço acima, rindo o tempo todo. O som de passos e os acessos de riso foram se tornando distantes enquanto ele corria para outra parte da nave.

65

Mark não achou uma boa ideia seguir o homem ao teto da nave; ele poderia estar em qualquer lugar, com a morte instantânea e certa apontada para quem surgisse em seu caminho.

– Não posso acreditar nisso – sussurrou ele. Como permitira que o sujeito o arrebatasse daquela maneira, tirando a arma de suas mãos? Era a segunda vez que isso acontecia em um só dia. E agora havia um louco em algum lugar da nave tendo em mãos a mais poderosa arma já inventada.

– Vamos – chamou, a voz firme, conduzindo Didi e Trina pelo corredor. Olhava para cima a todo instante, imaginando que o homem de repente apareceria, pendendo do teto da nave, pronto para atirar. Também apurou os ouvidos e ficou atento a qualquer outro som além do dos próprios passos.

Quando chegaram à cabine, a primeira coisa que Mark percebeu foi Alec tombado sobre os controles, a cabeça enterrada nos braços.

– Alec! – Mark soltou a mão de Didi e correu até ele. Mas o ex-soldado endireitou o corpo pouco antes de Mark se aproximar, assustando-o tanto que chegou a derrapar no chão. – Ei! Você está bem?

Ele *não* parecia nada bem. Os olhos estavam inchados e vermelhos, a pele pálida e o rosto banhado em suor.

– Estou... tentando...

– Você é o único que sabe como fazer esta coisa voar. – Mark se sentiu horrível ao dizer aquilo, o próprio retrato do egoísmo. Mas, ao olhar para paisagem fora da janela, avistou os muros da Cidade das Cinzas lentamente se movendo sob eles. – Quero dizer... não quis dizer...

– Poupe sua respiração, garoto. Sei o que está em jogo aqui. Estou tentando descobrir onde é a sede da CPC na cidade. Só precisava de um descanso.

Mark lhe contou a novidade:

– Há um louco em cima da nave. Ele roubou o Pulverizador.

Alec não disse nada. O rosto, no entanto, que havia se tornado alarmantemente corado, se retorceu em uma careta. Parecia prestes a explodir a qualquer minuto.

– Calma – respondeu Mark devagar. – Vou recuperá-lo. Você só precisa encontrar o lugar.

– Certo – respondeu o velho entredentes. – Preciso lhe mostrar logo alguns dos controles.

– Estou apavorada – falou Didi ali de pé, de mãos dadas com Trina.

Mark viu que os olhos da menina não desgrudavam da janela. A pobrezinha provavelmente nunca estivera antes em um Berg. Esperava que Trina confortasse a garotinha, mas ela não expressou nenhuma reação. Só continuava com seu olhar cravado no chão, o rosto impassível.

– Olhe, tudo vai ficar bem – disse Mark, abaixando-se até ficar da altura de Didi. Mal falara isso, e a nave deu um solavanco. Didi gritou, e desta vez desvencilhou-se da mão de Trina e correu, disparando para fora da cabine antes que qualquer um pudesse contê-la.

– Ei! – gritou Mark, já em movimento. Um flash de Didi sendo vaporizada quase fez seu coração congelar. Disparou atrás da menina, captando um vislumbre dela entrando no corredor. – Volte aqui!

Mas ela já havia sumido. Mark correu em busca da garota, porém só havia dado uns poucos passos apressados quando tornou a vê-la, completamente paralisada, o olhar fixo em algo à frente dela. Não se deteve até estar ao lado de Didi.

O homem infectado que havia roubado o Pulverizador estava a alguns passos dela, a arma nas mãos. A mira estava na menina.

– Por favor – sussurrou Mark, sentindo o coração quase saindo pela boca. – Por favor, não faça isso. – Estendeu uma das mãos para o homem e colocou a outra no ombro de Didi. – Estou imploro. Ela é apenas...

– Sei quem ela é! – gritou o estranho, um fio de saliva escorrendo pelo queixo. Os braços e os joelhos do homem tremiam. O cabelo escuro e emaranhado pendia da cabeça imunda, emoldurando um rosto pálido e arranhado que reluzia de suor. Apoiou-se na parede como se precisasse daquilo para se manter em pé. – Uma doce garotinha? É o que você acha que ela é?

– Do que está falando? – Mark imaginou como poderia argumentar com alguém tão fora de seu estado de juízo perfeito.

O homem obviamente não tinha mais nenhuma esperança. Os olhos dele diziam tudo.

– Foi ela quem trouxe os demônios. – Ele apontou o Pulverizador para o ar para enfatizar o que dizia. – Eu estava no povoado com ela. Eles desceram sobre nós como as próprias chamas, lançando raios e uma chuva de veneno. Deixaram-nos lá para morrer ou coisa pior, e olhe para ela agora! Embora tenha sido atingida, está totalmente bem. Rindo de nós por seu grande feito.

– Ela não teve nada a ver com aquilo – retrucou Mark. Podia sentir Didi estremecer sob sua mão. – Absolutamente nada. Como poderia? Ela tem no máximo cinco anos! – A raiva fervilhava dentro de Mark, um sentimento que não conseguia disfarçar.

– Nada a ver com aquilo? É por isso que foi atingida e não mostrou nenhum sinal de ter sido afetada? Ela deve ser algum tipo de redentora para aqueles demônios, e pretendo enviá-la de volta pra eles!

O homem avançou. Deu dois longos passos, quase perdeu o equilíbrio, mas de algum modo conseguiu se manter em pé. O Pulverizador balançava em suas mãos, mas ainda estava apontado para Didi.

A raiva de Mark se dissolveu, sendo substituída por uma enorme sensação de medo que lhe causou um nó na garganta. Lágrimas ferroavam seus olhos; ele se sentia totalmente desamparado.

– Por favor... não sei o que dizer para convencê-lo. Mas juro que ela é inocente. Fomos à casamata de onde vieram os Bergs. Descobrimos quem está por trás dessa doença. Não são demônios. São pessoas. E achamos que ela é imune à doença; *por isso* não ficou doente.

– Cale a boca – disse o homem, dando alguns passos vagarosos para frente. Ergueu o Pulverizador e o mirou no rosto de Mark. – Você já está com os sinais da doença. Está ficando patético. Estúpido. Com joelhos fracos. Os demônios não perderiam um segundo sequer com você. Uma total ruína em forma de carne. – Sorriu, abrindo os lábios muito mais do que parecia ser possível. Não tinha a metade dos dentes.

Algo se agitou nas entranhas de Mark. Sabia o que era, ainda que não ousasse admitir: aquela bolha de loucura, pronta para explodir irreversivelmente. Uma onda de ódio e adrenalina o inundou.

A ira que se formou em seu peito e passou rasgando sua garganta se libertou em um grito tão alto, que jamais pensou possuir força suficiente para gerá-lo. Avançou para o homem antes que o sujeito pudesse começasse a processar o que se daria. Mark viu o dedo dele se mover, próximo do gatilho, mas, de certa maneira, era como se sua loucura nascente houvesse aprimorado todos os sentidos de uma vez. Mark conseguiu agir antes dele. Mergulhou e, com a mão, mudou a mira da arma enquanto ela disparava um raio de luz branca. Ouviu a onda de calor atingir a parede atrás deles.

Em seguida, seu ombro atingiu o corpo do homem, lançando-o ao chão. Mark caiu em cima dele, mas logo já endireitava o corpo, totalmente recomposto. Agarrou a camisa do homem e o puxou para cima, arrancando o Pulverizador de sua mão e o atirando ao chão. Aquela seria uma morte doce demais para aquele lunático.

Mark o arrastou pelo corredor, de certo modo consciente de que ele próprio havia cruzado uma fronteira da qual não tinha certeza se haveria volta.

66

O homem gritava e tentava arranhar Mark, desferindo chutes a esmo e se esforçando para se desvencilhar. Mas Mark não deixou que nada daquilo o afetasse. Um universo de fúria parecia germinar dentro dele, uma sensação arrebatadora que, ele sabia, não poderia ser contida. Sua sanidade estava por um fio.

Continuou arrastando o homem. Corredor afora. Atravessou a porta da cabine. Dirigiu-se à janela quebrada. Alec sequer percebeu o que ocorria à sua volta, sentado na cadeira do piloto, as mãos apertadas no colo, observando sem expressão os controles.

Mark também não perdeu tempo com palavras; temia que algo explodisse dentro dele se ousasse abrir a boca. Deteve-se perto da janela, inclinou-se para frente e agarrou o homem pelo tronco, levantando-o do chão. Tentou arremessá-lo janela afora, mas a cabeça do sujeito bateu na parede e o homem foi ao chão. Nova tentativa. O mesmo resultado: a cabeça do homem colidiu com a parede, emitindo um ruído alto.

Mark tornou a levantá-lo e o arremessou pela janela quebrada. Desta vez, o sujeito passou por ela – cabeça, depois ombros, em seguida a barriga –, até que ficou ali emperrado. Mark não desistiu e continuou empurrando-o, usando toda a força possível para pôr fim à vida daquele homem.

A nave deu uma guinada para o lado justamente quando Mark forçava os quadris do sujeito, os músculos tensos devido ao esforço. O mundo todo se inclinou, e a cabeça de Mark pareceu flutuar. A gravidade também aparentemente havia desaparecido, pois ele saía pela janela com seu oponente. Onde antes o céu azul e pequenas nuvens haviam preenchido a visão de Mark, agora era o solo que via bem diante dele. Estava prestes a se precipitar rumo à morte.

Mark retesou as pernas e as pressionou contra a janela, antes que caísse completamente. O resto de seu corpo pendia do Berg, e o homem não o largava. Ele agarrava os ombros de Mark, segurando sua camisa para evitar a própria queda. Mark se esforçou para se desvencilhar do sujeito, mas ele reagia de modo desesperado e selvagem, escalando o corpo de Mark como se fosse uma corda, bem-sucedido o suficiente para agora as pernas dele estarem ao redor da cabeça de Mark. O vento castigava ambos.

Como era possível que aquilo estivesse acontecendo de novo?, perguntava-se Mark. Voltava a pender do Berg pela segunda vez!

A nave deu um solavanco e, de súbito, endireitou de novo. Mark e o homem balançaram no espaço, o corpo de ambos colidindo contra a lateral do Berg. As pernas de Mark doíam terrivelmente por suportar o peso de duas pessoas. Ele agitava os braços, tentando encontrar algo em que se segurar. A parte externa do Berg era repleta de saliências e alças para os trabalhos de manutenção. Deslizou a mão pela nave, mas não conseguia ficar imóvel tempo suficiente para conseguir agarrar nenhuma delas.

Os dedos de Mark enfim encontraram uma longa barra e ele a agarrou com força. Ainda bem, pois as pernas não tinham mais forças. Os pés escorregaram pela janela, e os dois corpos voaram no espaço, colidindo de novo contra a lateral do Berg. Mark sentiu o corpo todo reagir ao golpe e deslizou o antebraço pela alça, a fim de suportar o peso. Com o estômago e o rosto pressionados contra o metal quente do Berg, o sujeito enlouquecido ainda o escalava, buscando algum tipo de sustentação apoiado em suas costas. O homem berrava no ouvido de Mark.

A mente de Mark oscilava entre lucidez e raiva incontrolável. O que Alec estaria fazendo? O que estava acontecendo lá dentro? A nave havia voltado à posição normal e seguia seu rumo – embora a uma velocidade mais lenta –, mas ninguém aparecia na janela para oferecer nenhum tipo de ajuda. Olhou para baixo e arrependeu-se de imediato por tê-lo feito, pois uma onda de horror o percorreu quando viu como o solo estava distante da nave.

Tinha de se livrar daquele homem ou jamais conseguiria entrar de novo no Berg.

O vento soprava forte, lançando os cabelos do lunático ao rosto de Mark e fazendo suas roupas se ondularem. Os sons eram todos muito altos – o vento, os gritos, o ruído do Berg. A chama azul dos propulsores estava bem abaixo deles, talvez a uns três metros, ardente como o sopro de um dragão.

Mark se impulsionou com os pés contra o Berg, fazendo o corpo voar no espaço e bater de volta contra a nave. Ainda assim, o homem continuava agarrado a ele. Arranhava-lhe o pescoço, os braços e o rosto, deixando ferimentos profundos e dolorosos por toda parte. Cada centímetro do corpo de Mark protestava com pontadas de dor. Um exame rápido pela superfície do Berg lhe mostrou que havia diversos lugares onde poderia apoiar os pés. Escalar a nave parecia impossível, levando em conta o peso extra do sujeito às suas costas. Decidiu então descer, uma ideia assustadora se formando em sua mente.

A gama de opções havia se esgotado. Suas forças estavam prestes a se exaurir.

Ele abaixou uma das mãos, agarrando outra barra, depois segurou-a com a outra mão, deixando o corpo deslizar, enquanto apoiava os pés em uma saliência de metal que localizara antes. O homem perdeu o equilíbrio e quase se soltou de Mark, mas conseguiu escorregar junto a seu corpo e agarrá-lo de novo, passando os dois braços ao redor do pescoço de Mark e apertando-o o suficiente para fazê-lo engasgar.

Sufocando um acesso de tosse, Mark esquadrinhou a nave em busca de outro lugar para as mãos e os pés, deixando-se escorregar mais um metro. Depois mais outro. O homem havia parado de se agitar contra seu corpo. Ficara em silêncio. Mark nunca sentira tamanho ódio por ninguém, e em uma parte débil de sua psique tinha consciência de que aquele sentimento não era racional. Mas ele *odiava* aquele homem e o desejava morto. Esse era o único objetivo em sua mente.

Continuou descendo. O vento os fustigava, tentando arrancá-los dali. A chama dos propulsores agora estava bem próxima, à sua esquerda, o ruído deles era a coisa mais alta que Mark já havia ouvido. Desceu um pouco mais e, de repente, seus pés pendiam livremente no ar – não havia mais lugar onde apoiá-los. Outra barra percorria a extensão inferior do Berg, o espaço suficiente para que Mark passasse o braço por ela. Deslizou o antebraço direito pela barra, deixando mais uma vez o peso de seu corpo e o do estranho apoiado naquela articulação. A pressão era terrível – o braço parecia prestes a se partir em dois a qualquer momento. Mas só precisava de alguns instantes. Apenas alguns instantes.

Girou o corpo, olhando por sobre o ombro o homem agarrado às suas costas. Ele abraçava Mark com força, um braço acima de seu ombro e o outro ao redor de seu peito. De algum modo, Mark conseguiu levantar a mão livre, erguendo-a até o pescoço do inimigo. Achou a traqueia do homem e começou a apertá-la.

O sujeito começou a sufocar, a língua arroxeada saindo para fora dos lábios secos e rachados. O antebraço de Mark, apoiado na barra, estremecia de dor, como se tendões, ossos e tecidos estivessem se rompendo. Ele comprimiu com mais força os dedos em torno da garganta do homem. O sujeito tossia e cuspia, os olhos esbugalhados. A pressão sobre o corpo de Mark se tornou mais frouxa. Assim que isso aconteceu, Mark entrou em ação com a parte seguinte do plano.

Com um grito de raiva, empurrou o corpo do homem, usando o braço livre para arremessá-lo

direto à chama azul dos propulsores, observando a cabeça e os ombros do homem serem consumidos pelo fogo, a pele se desintegrar antes que ele pudesse gritar. O que restou de seu corpo foi lançado na cidade lá embaixo, saindo do campo de visão de Mark à medida que o Berg avançava.

A loucura percorria os músculos de Mark. Luzes dançavam diante de seus olhos. A raiva uivava dentro dele. Sabia que sua vida estava por um fio. Mas havia uma última coisa a fazer.

Passou a escalar a parte externa do monstruoso Berg.

67

Ninguém o ajudou a subir. Cada pedacinho de seu corpo doía e os músculos pareciam de borracha, mas, de alguma maneira, conseguiu passar pela janela sozinho, caindo no chão da cabine com um salto. Alec estava sentado, arqueado sobre os controles, o rosto inexpressivo e o olhar vazio. Trina estava sentada a um canto, Didi aninhada em seu colo. Ambas se voltaram para ele, a expressão das duas indecifrável.

– O Transportal – Mark falou. *Flashes* de luz continuavam a cruzar seu campo de visão, e mal conseguia conter as instáveis emoções que borbulhavam dentro dele. – Bruce disse que a CPC tinha um Transportal na Cidade das Cinzas. Temos de encontrá-lo.

A cabeça de Alec se projetou para cima e ele fitou Mark. De súbito, seu olhar se suavizou.

– Acho que sei onde encontrá-lo. – Nunca uma frase tão sem vida havia saído de sua boca.

Mark sentiu o Berg descer. Recostou a cabeça na parede e fechou os olhos, por um momento não desejando mais nada a não ser dormir e nunca mais acordar, ou então se ajoelhar e bater a cabeça contra o chão até tudo estar acabado. Mas ainda havia aquele pequeno resquício de lucidez em sua mente. Agarrou-se a ele como alguém se agarraria a uma raiz na encosta de um penhasco.

Os olhos voltaram a se abrir. Com um gemido, obrigou-se a se levantar, apoiando-se na janela. A Cidade das Cinzas estava diante deles. Os muros haviam sido construídos com madeira, restos de metal, automóveis, qualquer coisa grande e forte o bastante para proteger o que estivesse lá dentro: um centro urbano quase completamente destruído pelo fogo. Viu um amontoado de pessoas diante de uma fenda no muro. Escalando-o. Desejando entrar na cidade.

Um homem acenava para eles com uma bandeira vermelha amarrada a um pedaço de pau. Era Bruce, o homem que havia feito o discurso na casamata. Também tinham vindo em busca do Transportal, como ele havia prometido aos colegas. E, ao que parecia, inúmeros outros infectados tinham se juntado a ele: havia centenas deles subindo pela fenda no muro.

O Berg passou por eles, sobrevoando rua após rua vazia. Então apareceu uma pequena construção com portas duplas totalmente escancaradas. Uma tabuleta pintada à mão dizia APENAS FUNCIONÁRIOS DA CPC. Algumas pessoas estavam em fila para entrar. Pareciam calmas e controladas. Mark as odiou por isso, e houve um momento fugaz em que desejou ardentemente encontrar o Pulverizador e começar a disparar.

– Ali está – murmurou Alec.

E Mark soube o que ele queria dizer. Se existisse mesmo aquele tal Transportal, estaria ali. As poucas pessoas que entravam no prédio tinham de ser os últimos trabalhadores da CPC, fugindo daquele lugar de uma vez por todas. Abandonando-o para ser invadido pela loucura e pela morte. Fitaram o Berg lá em cima com certo terror no olhar; em seguida, todos juntos desapareceram porta adentro.

Mark vasculhou um armário até encontrar papel e lápis, objetos antigos armazenados ali para emergências no caso de falta de energia. Rabiscou uma mensagem na qual vinha pensando, depois pediu a Alec:

– Aterrisse. – A palavra saiu de um só fôlego. Os pulmões pareciam cheios de fogo em vez de ar. – Depressa. – Dobrou o bilhete e o enfiou no bolso traseiro da calça.

Cada movimento de Alec era custoso, os músculos tensos, as veias como cordas tensionadas de

um instrumento sob a pele. Estava corado e transpirava. Tremia. Mesmo assim, alguns instantes depois o Berg aterrissava com um baque surpreendentemente suave, bem na entrada do prédio da CPC.

– Abra a rampa. – Mark já estava em movimento, o mundo envolto em névoa a seu redor. Arrancou Didi do colo de Trina mais bruscamente do que pretendia, ignorando os gritos de protesto da garotinha. Segurando-a nos braços, encaminhou-se para a saída. Trina seguia atrás dele. Ela não havia dito uma palavra nem movido um dedo sequer para detê-lo.

Na porta da cabine, Mark parou.

– Sabe... o que fazer... quando eu tiver terminado – disse ele a Alec, as palavras saindo com grande esforço agora. – O Transportal estando lá ou não, você sabe o que fazer. – Sem esperar pela resposta, voltou a andar.

Didi se acalmou enquanto avançavam para a rampa. Tinha os braços enrodilhados em seu pescoço com firmeza, a cabeça enterrada no ombro dele. Como se a compreensão de que aquele era o final da jornada houvesse chegado, mesmo para ela. Manchas flutuavam diante dos olhos de Mark, luzes brilhantes. O coração batia acelerado e órgão parecia bombear ácido através de suas veias. Trina, em silêncio, o seguia.

Desceram a rampa, rumo à claridade do dia. Mal deixaram a rampa e os rangidos invadiram o ar, a placa de metal começando a se fechar. Alec fez o Berg subir, os propulsores azuis rugindo. Mark não conseguia mais raciocinar direito, mas sentia uma repentina e insuportável tristeza. Nunca mais veria o velho soldado.

O sol brilhava intensamente no céu. Havia um burburinho crescente de gritos, assovios e vaias de uma multidão. Grupos de infectados se aproximavam, vindo de todas as direções. Ao longe, através das luzes que brilhavam diante de seus olhos, Mark pensou ter visto Bruce e sua bandeira vermelha conduzindo um dos grupos. Se aquelas pessoas chegassem ao Transportal antes de alguém trancá-lo ou destruí-lo...

– Vamos – praticamente rosnou para Trina.

O vento provocado pelo Berg soprou enquanto Mark se apressava para a entrada do prédio, as portas ainda abertas. Didi se agarrava a ele e Trina seguia no encalço de ambos. Entraram, a porta dava para um amplo aposento sem nenhuma mobília. Apenas um estranho objeto bem no centro: uma espécie de parede acinzentada brilhante, que parecia oscilar e cintilar, embora, ao mesmo tempo, parecesse serena e fluida. A luminosidade feriu os olhos de Mark.

Um homem e uma mulher se encontravam próximos dela, o olhar deles para os recém-chegados carregado de medo. Moveram-se em direção à parede acinzentada.

– Esperem! – gritou Mark.

Ambos não responderam nem se detiveram. Os dois estranhos caminharam para o nada cinzento e desapareceram do campo de visão. Por puro instinto, Mark contornou aquela parede fluida e inspecionou o que havia do outro lado. Não existia nada ali.

Um Transportal. Pela primeira vez na vida, via alguém viajar através de um Transportal. O ruído da multidão se aproximando lá fora pareceu soar como um alarme, e Mark se deu conta de que o tempo estava acabando. De muitas maneiras.

Voltou e se posicionou de novo à frente do Transportal. Ajoelhou-se e depositou Didi no chão com delicadeza. Precisou reunir todo seu esforço para permanecer calmo e controlado em meio ao turbilhão de emoções que o engolfavam, a raiva e a loucura invadindo-o. Trina também se ajoelhou, mas não disse nada.

– Escute – Mark falou para a garotinha. Deteve-se e fechou os olhos por um segundo, combatendo

a escuridão que tentava consumi-lo. *Só mais um pouquinho*, disse a si mesmo. – Preciso... que seja realmente corajosa agora, está bem? Há pessoas do outro lado desta parede mágica que vão ajudá-la. E você também poderá ajudá-las. Você vai ajudá-las a fazer algo realmente importante. Há algo... muito especial em você.

Ele não sabia ao certo que reação esperava. Talvez que Didi protestasse, gritasse ou saísse correndo. Mas, em vez disso, ela o encarou sem piscar e fez que sim com a cabeça. A mente de Mark não estava lúcida o bastante para compreender como aquela menina podia ser tão corajosa. Ela *era* especial.

Quase se esqueceu do bilhete que havia rabiscado. Tirou-o do bolso da calça e o leu mais uma vez, a mão trêmula:

Ela é imune ao Fulgor.
Ela pode ajudá-los.
Façam isso antes que a loucura invada o mundo.

Estendeu a mão com suavidade para Didi e depositou o papel na palma da mão dela. A garota fechou os dedos ao redor dele. Então Mark apertou a mão dela com as suas. Os gritos e clamores vindos de fora chegavam num crescendo. Mark localizou Bruce, que se aproximava da porta, uma massa de pessoas atrás dele. Todo o corpo de Mark foi tomado pela tristeza. Fez um aceno de cabeça em direção ao Transportal. Didi retribuiu com outro aceno.

Então ela e Trina se abraçaram com força. As duas choravam. Mark havia se levantado. Ouviu o som inconfundível dos propulsores do Berg que retornava. Percebeu o vento lá fora. Havia chegado o momento.

– Agora, vá – ele disse, controlando todas as emoções que o invadiam.

Didi se afastou de Trina e se virou, correndo para dentro da parede acinzentada do Transportal. Ela a engoliu por inteiro, e a garota desapareceu.

O rugido do Berg invadiu o ar. O prédio vibrou. Bruce chegou à porta, berrando algo incompreensível.

Então Trina foi até onde Mark estava. Enrodilhou-o pelo pescoço e o beijou. Milhares de pensamentos passaram pela cabeça dele, e Trina estava em todos eles. Os dois se engalfinhando no jardim na frente da casa dela, antes de terem idade suficiente para compreender o que quer que fosse; cumprimentando-se pelos corredores da escola; passeando no subtransporte; sentindo a mão dela na escuridão após o desastre das chamas solares; o terror dos túneis, a invasão das águas, o Edifício Lincoln; esperando a radiação passar, roubando o barco, as caminhadas sem fim por terras destruídas e ressecadas. Ela estivera com ele o tempo todo. E também com Alec. Lana. Com Darnell e os outros.

E ali, no fim da luta, Trina estava em seus braços.

Um ruído e um tremor monstruosos assolaram o mundo ao redor, mas tudo o que ouvia era Trina sussurrar em seu ouvido, antes de o Berg descer e destruir o prédio:

– Mark...

EPÍLOGO

DOIS ANOS DEPOIS

Uma única lâmpada pendia do teto sombrio do apartamento, zumbindo mais ou menos a cada dez segundos. Ela parecia representar o que o mundo havia se tornado. Solitário, barulhento, agonizante. Prestes a ruir.

A mulher sentada na cadeira tentava desesperadamente não chorar.

Pressentiu a batida à porta bem antes de ela soar. Esperava conseguir ser forte o suficiente, pelo filho. Queria transmitir ao menino que a nova vida que o aguardava era algo bom. Algo esperançoso. Tinha de ser forte. Quando o garoto – seu único filho – se fosse, aí sim ela desmoronaria. Derramaria um rio de lágrimas, até a loucura fazê-la esquecer.

O menino estava sentado perto dela, em silêncio. Imóvel. Era apenas uma criança, e no entanto parecia já ter compreendido que sua vida jamais seria a mesma. Tinha uma pequena mala pronta, embora a mulher supusesse que seu conteúdo seria descartado antes de o filho atingir seu destino final. Esperavam.

Os visitantes bateram três vezes à porta. Não havia raiva nem força naquelas batidas. Era apenas um *toc*, *toc*, *toc*, como as bicadas suaves de um pássaro.

– Entrem – disse ela, tão alto que ela própria se assustou. Eram os nervos. Estava no limite.

A porta se abriu. Dois homens e uma mulher entraram no pequeno apartamento, vestidos com trajes negros, máscaras de proteção cobrindo a boca e o nariz.

A mulher parecia estar no comando.

– Vejo que estão prontos – disse ela com a voz abafada, enquanto caminhava até a mulher e se detinha à frente dela e do menino. – Apreciamos sua disposição em fazer este sacrifício. Não preciso lhe dizer o quanto este gesto significa para as gerações futuras. Falamos de algo muito grande aqui. *Vamos* encontrar a cura, senhora. Eu lhe dou minha palavra.

A mulher só conseguiu acenar com a cabeça. Se tentasse falar, tudo viria à tona: dor, medo. Raiva. Lágrimas. Mas nesse caso os esforços para se mostrar forte pelo bem do filho teriam sido totalmente arruinados. Por isso, manteve-se calada, uma represa contra um rio furioso.

A atitude da mulher de negro era muito profissional.

– Venha – disse ela, estendendo a mão.

O menino olhou para a mãe. Ele não tinha por que segurar as lágrimas, por isso as deixou cair livremente. Elas fluíam por todo o seu rosto. Ficou de pé e a abraçou, causando milhões de alfinetadas de dor em seu coração. Ela retribuiu o abraço, apertando-o também.

– Você vai fazer uma grande coisa pelo mundo – sussurrou ela, inexplicavelmente se mantendo sob controle. – Vai me deixar muito orgulhosa. Eu o amo, meu doce menino. Eu o amo demais, nunca se esqueça disso.

A única reação dele foi soluçar no ombro dela. E isso lhe disse tudo.

Era hora de a despedida acabar.

– Sinto muito – falou a mulher de traje negro e máscara. – Mas nosso horário é apertado. Realmente, sinto muito.

– Vá agora – disse a mãe a seu filho. – Vá e seja corajoso.

Ele se afastou, o rosto molhado e os olhos vermelhos. Uma força pareceu inundá-lo, e ele fez um

movimento de anuência com a cabeça, ajudando-a a acreditar que, no fim, ele ficaria bem. Como era forte aquele menino.

Virou-se e caminhou em direção à porta, transpondo-a sem nenhuma hesitação. Nenhum olhar para trás, nenhuma queixa.

– Mais uma vez, obrigada – disse a mulher, depois seguindo o menino.

Um dos homens olhou para a lâmpada que zumbia, depois se virou para o parceiro.

– Você sabe quem inventou essa coisa, não sabe? Talvez devêssemos chamar este aqui de Thomas. – Então, ambos partiram.

Quando a porta se fechou, a mulher se encolheu toda e por fim deixou as lágrimas caírem.

AGRADECIMENTOS

Todos aqueles que ajudaram esta série a se tornar realidade já são atualmente bem conhecidos, pois os tenho mencionado em todos os livros até agora. Especialmente Krista e Michael.

Por isso, quero dedicar este espaço a todos os meus leitores. Minha vida mudou drasticamente desde que comecei a escrever sobre Thomas e os outros Clareanos, e devo muito disso a vocês. Agradeço por terem desfrutado desta história. Agradeço por terem gasto com meus livros o dinheiro de vocês, conseguido com esforço. Agradeço por terem divulgado meus livros a amigos e familiares. Agradeço pelos elogios entusiasmados que me enviaram via Twitter, Facebook, blog etc. E agradeço por me permitirem ganhar a vida fazendo algo que tanto adoro.

Tenho muitos livros na cabeça, por isso espero que possamos ser amigos durante um longo tempo. Com todo o meu coração, mente, corpo e alma: obrigado!

Sua opinião é muito importante!
Mande um e-mail para opiniao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo "Assunto".

Conheça-nos melhor em:
www.vreditoras.com.br
www.facebook.com/vreditorasbr